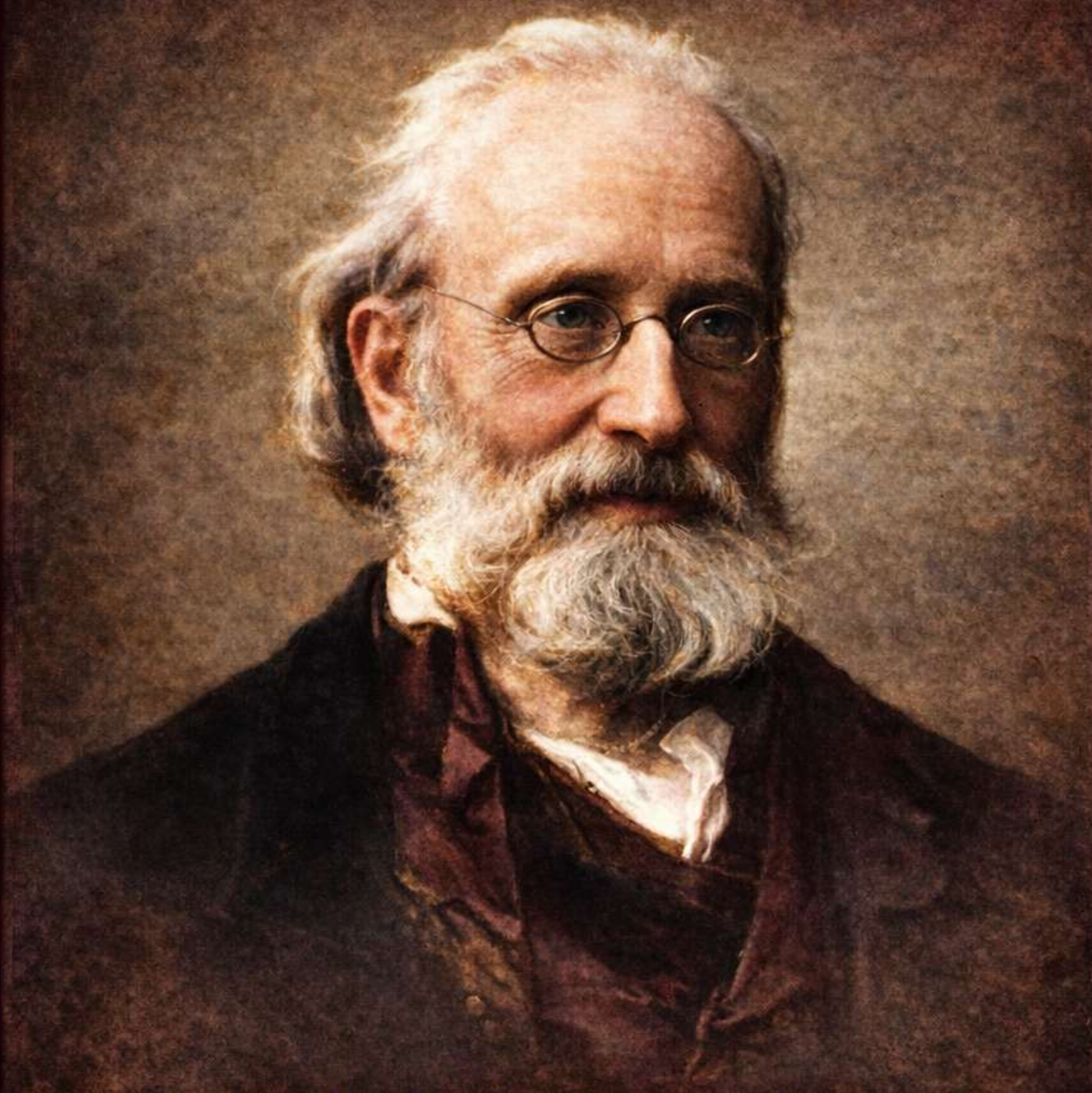


ALÉM DO VALE

SEQUELA DA AUTOBIOGRAFIA DE
ANDREW JACKSON DAVIS



Tradução: Amadeu António

SEQUELA DA AUTOBIOGRAFIA DE ANDREW JACKSON DAVIS

PREFÁCIO

O autor deste volume vem ao encontro de uma necessidade natural — o desejo universal de compreender o funcionamento dos princípios psicológicos tal como se manifestam na vida de um Vidente.

No volume anterior, intitulado *The Magic Staff*, o Sr. Davis, no estilo familiar da narrativa, transmite uma história clara e compreensível da sua infância e de todos os passos subsequentes através dos quais as suas experiências extraordinárias foram sucessivamente desenvolvidas. Foi amplamente lido e é hoje considerado um dos mais populares dos seus numerosos escritos. Na Europa é tido na mais alta estima e foi traduzido e amplamente difundido por todo o mundo civilizado.

Este volume, *Beyond the Valley*, é escrito no mesmo estilo de narrativa racional e acessível, e está repleto desses extraordinários acontecimentos psicológicos que não podem deixar de atrair e instruir leitores de todas as classes. Está destinado a alcançar e interessar milhares que têm sido estranhos à vida privada e aos serviços públicos do Sr. Davis em prol da humanidade.

Os capítulos seguintes contêm relatos de muitas cenas espirituais maravilhosas, entrelaçadas com provações e mudanças na vida pessoal do Sr. Davis, que são inteiramente autênticas e irrefutáveis, e que podem ser lidas com o mais elevado proveito moral e intelectual por pais e filhos, bem como por filósofos e cientistas de qualquer parte do mundo.

O volume constitui o “último testamento” do autor — no qual, não deixando de prover para os do presente, legou uma grande fortuna de experiências espirituais ao património comum da posteridade.

Não temos razão para crer que este volume seja o “último” saído da sua pena. Ele está demasiado intensamente vivo para os factos e verdades que tendem a esclarecer e a desenvolver a humanidade para permanecer inativo, quer como escritor quer como orador; e o mundo tem necessidade premente de toda a mente que possa transmitir ideias e pensamentos provenientes de fontes celestiais.

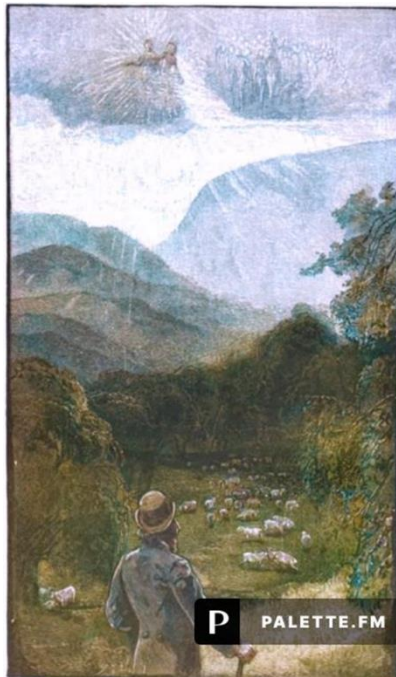
O autor reside atualmente no Estado de Massachusetts, e o seu endereço permanente é 63 Warren Avenue, Boston, Massachusetts.

Boston, Massachusetts, Abril de 1890.

ÍNDICE

ENTRE DUAS BELAS MONTANHAS
VIDA NO VALE
UM CAMINHO SECRETO ASSOLADO DE TERROR
UMA VIDA DE AMOR E DEVER DESINTERESSADOS
ALGUNS HABITANTES DO VALE
CONVENÇÕES E CONVERSAS NO VALE
UM HOMEM ENTERRADO VIVO
BÊBADOS E JOGADORES NO VALE
SIMPÓSIO DE TOLOS E FILÓSOFOS
ACUSADO E DEFENDIDO POR ESTRANHOS
MORTE ENTRE AS MONTANHAS
UMA COMBINAÇÃO ESTELAR NO CAMPO
CUMPRIMENTO DE UMA PROFECIA PRIVADA
FAZENDO JORNALISMO AO DESCER O MONTE ASPIRAÇÃO
UM FENÓMENO NO PÚLPITO
UM CASAMENTO DE TEMPERAMENTOS CENTRAIS
UM TESTEMUNHO DE ANIVERSÁRIO
TREVAS E LUZ NO VALE
A ASCENSÃO DO MONTE ASPIRAÇÃO
EFEITO DAS PALAVRAS PROFERIDAS NUM ANIVERSÁRIO
AFASTAMENTOS E CONFLITOS NO VERÃO
CONFLITOS E UMA CRISE NA NOSSA CASA
MOVIMENTOS HARMONIAIS E ENSINAMENTOS PSICOLÓGICOS
CENAS DE MORTE NUM HOSPITAL DE NOVA IORQUE
DIAKKA NO VALE
MENSAGEM DE UM FILÓSOFO
O PODER MÍSTICO COMO FORÇA REMEDIAL
DESCIDA AO HOSPITAL DA AMIZADE
VOZES DA TERRA DOS ESPÍRITOS
ABERTURA E USO DOS SENTIDOS ESPIRITUAIS
IMPRESSÕES E CONCLUSÕES AO RECEBER O MEU DIPLOMA
UM AMIGO EM TEMPO DE NECESSIDADE
DEBULHAR E PENEIRAR
UM CAMINHO ESTREITO ENTRE MONTANHAS
PROVIDÊNCIAS ESPECIAIS CONCEDIDAS À HUMANIDADE
MORALIDADE ANTIGA E MODERNA EM CONTRASTE
VISITAS DE FÉRIAS AO CAMPO
QUESTÕES DE TEMPO E ETERNIDADE
OS FUNDAMENTOS DO CÉU E DO INFERNO
NASCIMENTO DE UM VERDADEIRO SALVADOR
DEPRESSÕES E ELEVAÇÕES
COMEÇANDO UM NOVO ANO NA NOVA INGLATERRA
ACONTECIMENTOS NA CÂMARA DO PROFETA
COVARDES MORAIS ENTRE OS DE CORAÇÃO DE LEÃO
MALES SOCIAIS ENTRE ALTOS E BAIXOS
MARCHANDO EM DIRECÇÃO AO MONTE HARMONIA
A MÃE NATUREZA À PROCURA DOS SEUS FILHOS
UMA REPÚBLICA ESPIRITUAL ALÉM DO VALE
TODAS AS VICISSITUDES DO VALE VENCIDAS
CRIANÇAS AGRUPANDO-SE ENTRE BELAS MONTANHAS
DOENÇAS PROVENIENTES DE TRANSGRESSÕES CONJUGAIS
ACERCA DO CRIME E DA CURA DOS CRIMINOSOS
A BÍBLIA E OUTROS LIVROS INSPIRADOS

O CRISTIANISMO E O ESPIRITUALISMO MODERNO
HARMONIA ALÉM DO VALE
BELAS MANHÃS ENTRE AS MONTANHAS



ALÉM DO VALE

“Ó homens e mulheres, entristecidos na vida;
Sorrisos nos lábios e tristeza no coração;
Abri mais plenamente as vossas almas para receber, —
Aceitai a vossa parte.”

Uma longa procissão de anos cheios de acontecimentos, repletos de ensinamento para todos os homens, passou para sempre, caro leitor, desde que nos separámos agradavelmente no vale encantado entre o Monte Beleza e o Monte Aspiração.*

É verdade que, talvez antes de vós, no cumprimento da minha missão inata de abrir caminho para o futuro, permaneci por breve tempo no cume elevado do Monte Aspiração, de cuja solidão celeste, com as suas maravilhosas perspectivas inundadas de luz celestial descendo através de milhões de léguas, e erguendo-me no meio da indescritível grandeza das forças perpétuas da Natureza em operação, contemplei em solene silêncio as Harmonias ilimitadas e eternas.

Mas, embora os meus poderes interiores tenham sido maravilhosamente despertados e fortalecidos por essa visão abrangente, não me foi possível continuar por muito tempo a habitar — como um montanhês espiritual desejaria edificar e ocupar a sua casa — em meio a uma beleza tão etereamente transparente e tão ofuscantemente fria para a vida humana útil e quotidiana que eu previa ser chamado a viver praticamente entre os meus semelhantes.

De facto, amigo leitor, a vossa própria sabedoria intuitiva diz-vos que aquilo que agora transmito é verdadeiro. O homem, no seu estado rudimentar, na sua vida terrestre exterior, não possui ainda amplitude e equidade de espírito suficientes para associar-se familiarmente com o infinitamente vasto e o divinamente belo.

A maioria das mentes, devido ao seu subdesenvolvimento nos belos caminhos da sabedoria, é quase inacessível à riqueza e variedade inerentes a qualquer grande verdade natural. Para elas, a Verdade é considerada apenas como a enunciação verbal de um facto, e não como um Princípio omni-central inexprimível da Harmonia universal; e a Beleza, dizem, é aquilo que é agradavelmente visível e praticamente útil, em vez de ser, como realmente é, uma revelação do quarto atributo da sabedoria infalível de Deus.

Assim, a maioria das mentes, estando ainda na sua infância espiritual e intelectual, está cheia da ostentação e presunção da inexperiência egoísta, e compraz-se em proclamar as audaciosas vaidades da ignorância.

Mas aquele que, com empenho e nobreza, aspira alcançar e ensinar a humanidade não deve desejar sequestrar-se e exaltar-se num qualquer monte

distante e inacessível; não deve tentar, egoisticamente, ocultar os seus tesouros interiores e inverter as ternas e afetuosas tendências da sua vida pessoal — antes deve evitar os sussurros traiçoeiros e os impulsos insidiosos do egoísmo; deve procurar “tornar-se parte daquilo que o rodeia” — dando aos seus semelhantes livre e alegremente, assim como ele próprio recebe a cada momento a sua própria existência da Fonte Infinita de tudo.

Compensações e grandes benefícios virão, mais cedo ou mais tarde, de fontes nem sempre visíveis; mas a ingratidão e a amarga perseguição virão seguramente dos ignorantes e obstinados do mundo.

O Monte Aspiração, com o seu sublime afastamento e maravilhosa beleza, atraía-me com uma atração constante, tal como a Terra é atraída pelo sol magnético; contudo, como a Terra, resisti ao impulso dessa força dominante e estabeleci-me no meu centro individualizado de vida e revolução; porque, também como a Terra, sentia o comando inato de cumprir a missão apropriada, consistente com a minha posição, poderes e tendências.

Assim, continuei a apoiar-me no meu Cajado Mágico e iniciei uma jornada de planalto em planalto, de altitudes majestosas a falésias banhadas de sol e retiros recatados, de solidões primevas a jardins verdejantes com as suas fontes e cascatas fantásticas — obedecendo, entretanto, às doces vozes dos filhos da luz, que desciam ao ouvido espiritual pelas linhas aéreas do pensamento — até que um lugar de repouso foi novamente encontrado no vale entre os montes Beleza e Aspiração.

CAPÍTULO II

VIDA NO VALE

“Sei que a minha alma tem poder para conhecer todas as coisas,
E, contudo, é cega e ignorante em todas;
Sei que sou um dos pequenos reis da Natureza,
E, ainda assim, sou escravo da coisa mais vil e insignificante.”

Nem todos são escaladores neste vale de esforço indefinido. As grandes multidões povoam as terras baixas da vida. O homem procura associação ao nível dos seus semelhantes e tende, como correntes individuais que descem das terras altas, a acumular-se e a misturar-se num vasto mar do ser mútuo. Isto é fraternidade espontânea.

Agitação e irritação, atrito e refinamento, centrifugação e progresso, desenvolvimento individualizado — são concomitantes inevitáveis e consequências perfeitas; pois onde há tanto movimento e vida, tanta sensação e inteligência, aí se desenvolverão todas as carências e necessidades, bem como todas as invenções, descobertas e aplicações, destinadas essencialmente a educar e desenvolver o homem animal até que ele seja apenas “um pouco inferior” ao anjo humano.

Embora as minhas aspirações — para não dizer todas as minhas inclinações constitucionais — me impelisses a ocultar-me e viver apartado nas montanhas, o meu instrutor superior disse-me um dia:

“Os montes desaparecerão, e as colinas serão removidas; mas a minha bondade não se afastará de ti, nem a promessa da minha paz será removida.”

Assim, aceitei o trabalho apropriado ao vale e, muito em breve, organizei-me para viajar e proferir discursos.

E, contudo, não posso dizer que não me sentisse saudosos do lar. A instabilidade e a incerteza das “coisas” exteriores impressionavam-me como uma advertência — para procurar aquilo que é “invisível e eterno.”

Estar no mundo, trabalhar pelo progresso do mundo e, ainda assim, não fazer parte dele — viver, ao mesmo tempo, em ambos os mundos — fiel a cada um, com uma vida exterior e uma vida interior em harmonia — constituía uma exigência incessante aos meus recursos naturais e adquiridos.

Mas a presença elevadora das influências espirituais era uma experiência frequente. Imerso no materialismo, não é fácil preservar o equilíbrio físico e mental, de modo que os pensamentos e afetos privados possam atrair os visitantes celestiais. O uso constante do Cajado Mágico é indispensável. Nunca me faltou na minha vida no vale.

Durante a parte inicial da minha vida neste Vale, sobreveio-me uma profunda consciência — que me pareceu compreender mais perfeitamente do que nunca — de que aquilo a que os homens chamam o “Espírito de Deus” está presente em toda a parte e é a causa de todos os acontecimentos. O universo é um sistema, parte ligada a parte, como elos de uma cadeia interminável de causa e efeito; todas as circunferências respondendo a todos os centros; sistemas além de sistemas, universos dentro de universos; e, ainda assim, todos operando harmoniosamente como “um estupendo todo”. De modo que nada acontece!

Na Mente Divina — que o homem conhece apenas como os princípios eternos da Natureza — todo o Sistema é perfeito.*

Uma organização, pequena ou grande, é possuidora de todas as causas potenciais e de todas as capacidades inatas necessárias ao cumprimento perfeito e completo de todos os usos e fins da sua existência.

Assim, caro leitor, tendes o direito de existir. Não sois um erro. A vossa vida, com as suas dores e prazeres, foi concebida desde as profundezas infinitas dos fundamentos eternos. Devíeis vir à Terra exatamente como e quando viestes, e partíreis exatamente quando a trombeta da ressurreição soar para vós desde a Terra de Verão; e entrareis, com conhecimento ou ignorância, no universo espiritual — e no aposento apropriado na casa do Pai — com a precisão matemática com que cada sol e cada planeta obedecem na sua peregrinação através dos insondáveis abismos da imensidão.

As minhas experiências espirituais trazem-me as mais incontroversas provas da realidade desta inteligência inata, que precede e desenvolve os acontecimentos. O antigo salmista disse sabiamente:

“Ensinar-te-ei e instruir-te-ei no caminho que deves seguir;
guiar-te-ei com os meus olhos.”*

Um escritor moderno, movido pela mesma verdade inerente, dá outra interpretação:

“As nossas vidas são canções; Deus escreve as palavras,
E nós damos-lhes música conforme nos apraz;
E as canções tornam-se alegres, ou doces, ou tristes,
Conforme escolhemos moldar o compasso.

Temos de escrever a música, seja qual for a canção,
Seja qual for a rima ou o metro;
E, se for triste, podemos torná-la alegre,
Ou, se for doce, podemos torná-la ainda mais doce.”

Os anjos vêm a nós, e nós, após a morte, vamos habitar com eles, em conformidade com as leis do desígnio. Esta verdade universal encheu toda a minha vida de uma estranha iluminação. Inundou o vasto vale entre os montes Beleza e Aspiração. Uma serenidade tranquila permeava as dissonâncias do mundo. Era visível, em todos os acontecimentos, a mão da Providência. Havia um espírito de bem nas coisas más; ele triunfava sobre o mal; transformava o erro em verdade; vencia a injustiça; convertia pecadores em agentes de misericórdia; e fazia emergir a harmonia eterna do seio do caos e do esquecimento.

CAPÍTULO III

UM CAMINHO SECRETO ASSOLADO DE TERROR

“E a minha alma, dessa sombra
Que paira flutuando no chão,
Será erguida — nunca mais!”

O tempo, com os acontecimentos acerca dos quais agora escrevo, antecede a publicação do primeiro volume da minha autobiografia e abrange um período de dois anos subsequentes ao casamento ali registado.*

No capítulo precedente chamei a atenção do leitor ponderado para a extrema dificuldade de viver leal e eficazmente em espírito e em corpo ao mesmo tempo. Noutro lugar expliquei filosoficamente como, pelo menos no meu próprio caso, esta alternância diurna — do terrestre e do celestial — pode ser e é realizada de forma prática e saudável:

- (1) Pela cautela e estrita regularidade na alimentação e nas bebidas.
- (2) Pela dedicação sistemática e resoluta ao espírito apenas das horas positivas que decorrem entre o nascer do sol e o meio-dia.
- (3) Pela descida aos sentimentos sociais e físicos, vivendo neles com verdade e temperança, do meio-dia até ao alvorecer do novo dia.

E assim sucessivamente, dia após dia, sem excluir os domingos, até que o assunto seja plenamente investigado e o volume esteja pronto para os tipógrafos.

Emerson afirma erroneamente: “O segredo do céu é guardado de era em era. Nenhum anjo imprudente ou sociável jamais deixou cair uma sílaba antecipada para responder aos anseios dos santos, aos temores dos mortais.”

Isto é afirmado teoricamente. Milhões de factos se alinham em oposição. Tal como o carvão na Terra veio, nos seus elementos, dos recursos do sol, assim a história humana veio do céu e é uma tutela espiritual encerrada. Aquilo que não entrou na sua consciência ótica ou auditiva ele duvidou, de modo agnóstico;

contudo, nos seus momentos de sabedoria, aceitou a experiência total de todo o verdadeiro vidente.

Destas vales e montanhas psíquicos o Sábio de Concord pouco sabia. A clarividência ele explica como recordações da alma eterna. Mas a visão profética não pode derivar da memória. Ninguém pode recordar o que ainda não aconteceu.

Dos perigos da mediunidade autoinduzida — dos perigos desconhecidos e dos pântanos lúgubres deste vasto abismo — Emerson procura guardar a humanidade erguendo marcos orientadores e exibindo sinais de perigo. Ele admite a realidade psíquica e diz:

“Este caminho é difícil, secreto e assolado de terror. Os antigos chamavam-lhe êxtase, ou ausência — um sair do corpo para pensar. Toda a história religiosa contém traços do transe dos santos — uma beatitude, mas sem qualquer sinal de alegria, séria, solitária, até triste; ‘a fuga’, como Plotino lhe chamou, ‘do só para o só’; o fechar dos olhos; daí a nossa palavra místico...”

Mas o que prontamente ocorre ao pensamento é o acompanhamento da doença. Esta beatitude vem com terror e com choques à mente daquele que a recebe. ‘Ultrapassa a habitação de barro’ e enlouquece o homem; ou imprime um certo viés violento que mancha o seu juízo. Nos principais exemplos de iluminação religiosa, algo de mórbido se misturou, apesar do inquestionável aumento do poder mental.”

Assim escreve o homem poético, forte e sábio — não como um vidente e possuidor desta experiência, mas como um espectador que apenas descreve e prescreve segundo o que lhe parece. O seu diagnóstico é teórico; os seus raciocínios são superficiais; as suas conclusões, lógicas mas erróneas.

Enquanto estava neste vale, precisamente no limiar da nossa associação conjugal,* uma nuvem escura (cujo significado não me fora antes permitido penetrar pela clarividência) rasgou-se no ar e derramou sobre mim o seu conteúdo deprimente. Essa nuvem envolvera e obscurecera uma parte inicial deste período. Oprimiu e submergiu o meu entendimento como as vagas do oceano varrem o convés e enchem os porões de um navio que luta numa tempestade.

“A tua companheira”, disse uma voz, “é o ser da nossa escolha.”

Respondi: “Sim; e, examinando, verifiquei que ela está adaptada a esta vida comigo, e que não vos enganáreis.”

Seguiu-se um prolongado silêncio. Eu estava sentado sozinho sob uma grande faia, num pequeno parque a algumas centenas de metros da residência. Aguardava, sem respirar, novas revelações.

“Tens a palavra dela, Jackson”, disse a voz (que agora reconheci).

“Que palavra?”, perguntei.

“Ela prometeu-te ser uma colaboradora contigo — ajudar na missão de ensino e redenção — com base num verdadeiro casamento.”

Esperei mais.

“Ela será fiel à sua promessa”, disse. “Quanto à base, nenhum de vós pode verdadeiramente saber ou prometer coisa alguma.”

Durante os trinta minutos seguintes fui deixado à minha própria análise meditativa interior.

Senti-me atingido no coração. À angústia sucedeu uma consternação indescritível. Sentia-me como alguém que vagueia num deserto, sem saber que caminho o conduzirá para fora.

“Os espíritos enganaram-me”, disse em voz alta. “Afastai-vos de mim! Nada mais quero dizer ou fazer com enganadores.”

A resposta veio em breve: “Amado!”, disse com simpatia (uso o artigo indefinido porque nenhuma pessoa era visível), “recusas praticar aquilo que ensinas aos outros?”

“Não recuso nada que me pareça fundado na razão pura”, respondi.

“Tu ensinas séries e graus, não é assim?

Tu ensinas que todas as coisas e pessoas estão ligadas e relacionadas, não é assim?
Tu ensinas que as atrações são profecias e provas de destinos, não é assim?”

A voz calou-se e, pouco depois, respondi afirmativamente.

“Há muitos anos que ensinas, como lei imutável, que dois corações humanos, ainda que verdadeiramente e sinceramente atraídos um pelo outro, possuem o poder de edificar ou destruir a sua união. Ensinas que o transitório e o permanente no casamento são determináveis pela vontade e pela vida relativa dos que se associam conjugalmente. Aceitando isto como regra de ação, como poderia qualquer de vós prometer ao outro um casamento eterno?”*

Imaginaí o meu estado mental, gentil leitor; eu estava certo apenas disto — que estava casado com alguém perfeitamente adaptado a estar comigo como “cooperadora”, “companheira”, e que poderia, possivelmente, tornar-se “minha parceira para a eternidade”.

Determinei não dizer nada disto a quem quer que fosse. Explicava plenamente por que motivo eu não sentira um repouso satisfeito no coração desde os primeiros meses da nossa correspondência pré-nupcial. E, no entanto, segundo o meu próprio

ensino — no qual acreditava profundamente — a possibilidade da consumação de uma “união perfeita” estava ao nosso alcance!

Por isso, antes de regressar à hospitaleira residência, resolvi que esta nuvem não deveria ser permitida manchar a beleza e o encanto da nossa companhia ordenada pelo Céu. Com efeito, e em suma, não era o objetivo principal e mais elevado do nosso casamento honesto e afetuoso promover o progresso e uma melhor cultura da humanidade comum?

* O leitor é remetido para o *Reformer* para confirmação; e também para o *Magic Staff*, p. 529.

CAPÍTULO IV

UMA VIDA DE AMOR E DEVER DESINTERESSADOS

“É grande sabedoria conversar com as nossas horas passadas
E perguntar-lhes que relatório levaram ao céu,
E como poderiam ter levado notícias mais bem-vindas.”

Tudo o que é superficial é turbulento. O profundo — o muito profundo — é tranquilo.

Se quereis ser miseravelmente desiludidos na vida, começai por governar a vossa conduta pelo que Bentham chamou os dois soberanos senhores — Dor e Prazer — mas que um escritor mais profundo, Carlyle, designou por “a filosofia do lucro e da perda, que torna a alma sinónima do estômago”.

Ou, se quereis sondar as profundezas do mal e da miséria, treinai simplesmente a mente e o corpo para fazer da “felicidade” o único objeto do fim e do propósito do vosso ser.

O amor-próprio, estimulado pelos fogos de paixões poderosas, é Satanás; e ele acrescenta perpetuamente (pela porta do forno da sua pomposa ignorância) combustível ao seu próprio fogo. Ele (ou isso) é o “demónio” encarnado; e, onde quer que vá, acende as chamas do “inferno”. A auto-aprovação mistura-se para sempre com um sentido, enfraquecedor do coração, de auto-humilhação; de modo que, quando uma alma egoísta está prestes a cometer um crime, subitamente pára e é provável que diga: —

“Não tenho espora
Que espicaçe os flancos do meu intento, mas apenas
A ambição que salta em excesso e a si mesma se ultrapassa.”*

* *Macbeth*, Ato I, em que o mestre-poeta despe a alma do egoísmo.

Espero que o meu leitor sincero me acompanhe, passo a passo, por este vale.

Diante de mim estavam o Dever e o Trabalho, não a procura de gozos. Não hesitei; e imediatamente

“Senti dentro de mim
Uma paz acima de todas as dignidades terrenas;
Uma consciência calma e tranquila.”

Prazer, felicidade, alegria, bem-aventurança, deleite, êxtase — estas sensações espirituais virão como compensações pelo dever cumprido, pelo trabalho realizado, pela lealdade ao espírito onnipresente da sempre sábia, sempre amorosa Arabula!

No vale, ou no cimo da montanha, ela está lá — a Mãe Universal de todos. Esta absolutamente santa “Mãe de Deus” não é um ser sem paixão. Ela é sábia no seu amor; é amor absoluto no coração de Deus. Ela é o coração de Deus.

Ó meu leitor indulgente, apercebeis-vos de quão incomensuravelmente diferente desta Mãe infinita e abarcadora é a conceção teológica dessa existência impossível a que os homens chamam “Deus”?

Ele é referido na Bíblia como destituído de — ou superior a — impulso ou paixão; e, contudo, diz-se que é frequentemente irado e ciumento, bem como amoroso e misericordioso. Dizem que ele nada deve ao homem; e, ainda assim, o homem, ignorante e fraco como é, deve-lhe tudo.

É descrito e adorado como estando acima de todo o sentido de obrigações decorrentes da sua relação com o homem; e, no entanto, diz-se que exige do homem individual o rígido e completo cumprimento de deveres que se desenvolvem da esfera de relações inevitáveis, das quais ele (Deus) praticamente nada sabe, exceto como criador e espectador.

Caro leitor, imaginais que eu me engane quanto a esta doutrina monstruosa de um Deus pessoal? Permiti que vos cite uma passagem.*

“Como a Divindade é essencialmente independente de todas as suas criaturas, e como nos criou do nada, e como criou também todas as circunstâncias sob as quais existimos, Ele não pode estar sob qualquer espécie de obrigação para conosco, nem a nossa relação com Ele pode jamais ser de outro tipo senão a do recipiente de favores, que de modo algum podemos merecer.”

O leitor ponderado poderá conceber que mesmo o meu limitado conhecimento e convívio com os universos exteriores e interiores tornavam tal conceção uma impossibilidade.

A Mãe universalmente amorosa havia muitas vezes encarregado alguns dos seus confiados filhos angélicos de me trazer notícias das suas moradas celestes e divinas.

Os meus motivos, sob a esfera dos anjos, para viver e trabalhar, não eram egoístas.

“Que couraça mais forte do que um coração sem mancha?”

Embora o prazer não fosse o meu fim, a minha vida era prazerosa. O misterioso, o invisível, o obscuro, o subtil, o estranho — estas coisas, mais ou menos realizadas, cercavam e inundavam a minha vida todos os dias e todas as noites; e, ainda assim, porque eu ligava perpetuamente o meu mais alto trabalho (ou dever) à minha mais alta felicidade, havia sempre em mim um deleitoso sentimento de grande e bela alegria!

A ambição de riqueza ou de fama, a paixão por cargos públicos e emolumentos, o desejo de poder sobre os homens ou de gratificação de apetites sensuais — nada disso perturbava qualquer atributo da minha constituição. E, no entanto, a admoestação do Cardeal Wolsey a Cromwell* parecia imprimir-se em mim: “Ordeno-te que deites fora a ambição.” (Isto é, devo avançar sem temer nem ódio nem censura, e sem procurar distinção.)

“Ama-te por último.

Acarinha os corações que te odeiam!

Sê justo e não temas.

Que todos os fins a que aspiras sejam os da tua pátria, do teu Deus e da verdade.

Então, se caíres, cairás um mártir abençoado.”

* *Henry VIII*, Acto III.

* *Elements of Moral Science*, de Francis Wayland, D.D., p. 160.

CAPÍTULO V

ALGUNS HABITANTES DO VALE

“Chegará o dia, e de asa veloz,
Ainda que o julgues tardio,
Em que, na lista dos sorrisos da fortuna,
Entrarás nos cenhos da desgraça.”

Os campos férteis e as belas florestas, “onde o Verão espalha profusão em redor”, ou as atrações e solidões profundas das grandes cidades, não nos afastaram dos visitantes ansiosos e dos autores de cartas cuja missão auto-atribuída era “informar-nos, em cansativo detalhe, dos nossos erros sociais e das desgraças que aí vinham”.*

O meu nobre amigo Green, imediatamente após a publicação da autobiografia, fez imprimir nos jornais diários um desafio a quem quer que fosse que demonstrasse que qualquer declaração de facto no *Magic Staff* era infundada ou falsa em algum ponto.†

Nunca teve ocasião de passar um cheque para cumprir essa oferta livre e incondicional.

Quase todas as pessoas importantes mencionadas naquele volume estavam então vivas em corpo, quer em Poughkeepsie, quer em Bridgeport, quer em Hartford, quer em Rochester, quer em Buffalo, quer em Brooklyn, quer na cidade de Nova Iorque. Não podiam refutar, nem invalidar, nem diminuir a força de, nem deturpar com êxito, qualquer afirmação de factos ali feita. E, por isso, não tentaram.

E, contudo, os ultrajantemente virtuosos, e os bodes e maçadores “cultivados”, não “cessavam de importunar”. A dispensação espiritual estava vergonhosamente comprometida; talvez, por nossa instrumentalidade, viesse a tornar-se “a causa perdida”!

Em vão eu lhes citava, para os consolar, a segurança do poeta —

“Deixai a verdade uma vez proferida,
E é como uma estrela, recém-nascida,
Que, uma vez girando nas suas rondas plácidas,
Nem todo o tumulto da Terra pode abalar.”

Falando de alguns dos peculiares habitantes do vale — pessoas que não desejam tornar-se distintas como montanheseiros espirituais — a classe que mais me cansava, e que não deixava de repreender severamente Mary por “desertar os seus dois filhinhos”* — uma classe, em suma, que (conhecendo o nosso trabalho e dever, e o seu também!) se assemelha ao pássaro de mau agouro —

“Poisado sobre um busto de Palas
Mesmo acima da porta do meu quarto,”

chamado “um maçador” — apenas este melancólico sussurro: “e nada mais”!

Sobre este ramo da família humana muito poderia ser escrito com proveito. São, em geral, amigos do peito auto-nomeados e auto-designados. O Deão Swift disse: —

“Alguma desgraça terrível pressagia:
Nenhum inimigo iguala um amigo!”

Aventurei-me a um breve diagnóstico.

O vulgarismo popular “maçador” é uma figura de estilo aplicável a certos tipos infelizes de carácter (por vezes também chamados “chatos”), de duas variedades — o agudo e o obtuso.

O maçador agudo significa uma pessoa enraizada e firmada em si mesma. Impõe-se, sem convite, à vossa atenção e companhia; fica convosco o tempo que lhe apetece; fala-vos incessantemente, não permitindo conversa; está encantado e totalmente absorvido pela sua própria lógica, ou música, ou anedota, ou história, ou religião, ou plano, ou dogma, ou ideia fixa; e por fim retira-se da vossa presença (por vezes deixando-vos meio morto) quando a sua vaidade e o seu egotismo, talvez, se combinam para lhe lembrar que, noutro lugar, tem “um compromisso inadiável”.

Notas:

* Estes assuntos são mencionados no *Magic Staff*, pp. 549, 550.

† Na Primavera de 1857, o Sr. Green ofereceu uma recompensa de quinhentos dólares para este fim e, posteriormente, aumentou a soma para 1000 dólares.

* Na p. 548 do *Magic Staff*, o leitor encontrará uma explicação verdadeira, bem como uma justificação justa, para esta chamada “deserção”. Os meus inimigos imputaram-me toda a rutura e desastre da família dela em Randolph, N. Y.; e, como prova aparentemente evidente de tudo isso, apontavam para o nosso “casamento” como confirmação forte.

O maçador obtuso, pelo contrário, prende-se ao vosso tempo e à vossa presença como um saco de areia. Pode ser louco o suficiente para imaginar que vós gostais dele! Profere meias-verdades, conta histórias e faz moralismos num estilo de meio-tolo; sorri continuamente e aplaude os próprios discursos com o sorriso confiante de uma sabedoria arrogante; e, ainda assim, a grosseria de tal pessoa, por mais difícil que seja suportá-la hora após hora, é preferível às pompas e à ostentação intelectual do mero erudito, porque chega a hora em que o maçador

obtusos segue o seu caminho, mas nenhum homem sabe o ano ou o mês em que o representante da “ignorância erudita” deixará as habitações dos homens de mente racional.

A pobre, prostrada e sobrecarregada Sr.^a Martineau, já perto do fim dos seus dias terrestres, foi assediada por uma quadrilha destes egotistas das terras baixas. O seu ceticismo quanto à origem divina do Cristianismo era bem conhecido em Inglaterra. O seu biógrafo explica como ela era frequentemente atacada por cartas, tanto anónimas como assinadas, que a admoestavam, apelavam, ameaçavam com retribuição futura, etc. “Sabendo”, diz o narrador, “que ela fora durante muito tempo uma professora à frente da massa da sociedade em conhecimento e poder de pensamento, eis uma multidão de pessoas a falar-lhe em tons que poderiam adotar perante uma ignorante reclusa de uma prisão! (...) Interpelada de súbito por uma multidão que ela não podia deixar de saber ser mental e moralmente incapaz de a julgar, como pecadora merecedora da sua pena e reprovação!”

Além dos maçadores, há, porém, também no vale, as virgens agourentas, as ultrajantemente virtuosas, que foram competentemente descritas por um historiador inglês, nestas palavras: —

“Como a castidade é tão altamente valorizada em quase todas as nações do nosso continente (europeu), encontramos muitas vezes mulheres suficientemente tolas para se persuadirem a si mesmas, e para procurarem persuadir o mundo, de que a posse dela pode expiar a falta de tudo o resto que é amável e virtuoso; e, se alguém for bastante ousado para aludir às suas faltas, respondem, com não pequena severidade, na frase feita do moralismo: ‘Eu sou uma mulher HONESTA, pelo menos.’

“Há entre nós outra personagem feminina, não incomum, a que chamamos a ultrajantemente virtuosa! As mulheres deste tipo nunca deixam de aproveitar todas as oportunidades para exclamar, da forma mais amarga, contra todos aqueles sobre quem tenha recaído a mais leve suspeita de indiscrição ou de falta de castidade; cuidando, ao longo do caminho, de transformar cada montículo numa montanha e cada liberdade irrefletida no mais negro dos crimes. (...)

“O vosso sexo é, em geral, suspeito (pelos homens) de estar demasiado inclinado à maledicência e à difamação; suspeita que não surgiu nos últimos anos, pois encontramos nas antigas leis de Inglaterra um castigo conhecido pelo nome de *ducking-stool*, associado ao ralhar e à difamação: (...)

“Mas há ainda outro crime, que é: esse aspeto duro e repelente que vós (mulheres) assumis, e esse mau trato que sem dúvida julgais necessário para a ilustração da vossa própria virtude, e que deveis infligir a toda a mulher do vosso sexo que se tenha desviado do caminho da retidão (...) — um comportamento que

infalivelmente fecha a porta do arrependimento a uma irmã desgraçada, talvez disposta a abandonar os vícios em que uma inadvertência leviana a lançou, e dos quais nenhuma de vós pode prometer a si mesma segurança absoluta.”*

De todos esses, e semelhantes habitantes do vale, “bom Senhor, livrai-nos” — era a nossa oração sincera. Das mexeriqueiras das antigas sociedades de costura nada de superior poderia vir. Mas não tínhamos nós toda a razão para esperar conceções mais elevadas, caridade mais doce e expressões mais nobres da parte de progressistas ensinados por anjos? Ai de nós! o “vinho novo” cheirava a “odres velhos” bolorentos. Os homens e as mulheres recém-espiritualizados na sociedade traziam consigo “do Egito” a maior parte dos hábitos sociais e intelectuais que tinham adquirido enquanto viviam em servidão afetiva ao Antigo.

* *Alexander’s History of Women*, Vol. I, p. 307.

CAPÍTULO VI

CONVENÇÕES E CONVERSAS NO VALE

“Deixando descer do alto a corrente de ouro,
Puxou o seu auditório para o céu.”

Entre as verdes montanhas de Rutland, Vermont, realizou-se, no belo tempo de Verão, a primeira grande Convenção Cosmopolita Livre, semelhante, em muitos dos seus traços, à Convenção Bíblica de Hartford,* à Convocatória Anti-Eslavagista de Garrison, e a uma reunião para discutir os “Direitos e Agravos da Mulher”.

Entre os oradores homens, destacavam-se o orador natural, Sr. Parker Pillsbury, e o sempre cativante Prof. Brittan. Entre as oradoras mulheres que foram bem recebidas contavam-se a Sr.^a Julia Branch e a Sr.^a Mary F. Davis.†

Mas, durante a sessão da tarde, subiu à tribuna uma rapariga de rosto espiritual, com a testa a irradiar, de modo preternatural, uma claridade celeste. Parecia inspirada por um espírito de rara doçura e de profunda simpatia pela humanidade. Os seus grandes olhos azuis não estavam ocupados com os semblantes diante dela; o cabelo caía-lhe em anéis graciosos ao redor do pescoço e dos ombros; e o vestido era perfeitamente juvenil e agradava pela sua simplicidade.

Pouco depois, parecia estar em transe e começou a falar num tom poético e singularmente enlevado, cujo conteúdo não recordo.* Ela ilustrava, na mente e na pessoa, a condição de mediunidade que, naquele tempo, raramente se manifestava em assembleias públicas.

Uma figura de relevo nesta convenção era a autora de ar melancólico e aspeto intelectual de *Woman and Her Era*, a Sr.^a Eliza W. Farnham.

Enquanto ali estava, e quando me encontrava na congregação, o meu ouvido interior captou estas palavras pronunciadas por lábios celestiais: “Jackson, deixa que o povo se reúna para considerar a causa e a cura do crime — uma convenção filantrópica — para aprender como vencer o mal com o bem.”

Meses depois, em obediência a este mandato celeste, houve uma convenção com este título e para estes objetivos, instituída por mim e largamente concorrida na cidade de Utica, Nova Iorque. Produziu uma profunda impressão no espírito público. Oradores anti-esclavagistas de relevo, e vários professores espirituais iluminados e médiuns participaram nos trabalhos. Mary proferiu um discurso sábio sobre “O Sagrado Ofício da Maternidade”.†† A cena foi memorável. Os rostos luminosos e afáveis, a troca fraterna de nobres sentimentos reformadores, as refrescantes saudações de amizade após tantos meses de experiências “amargas e doces”, tornaram a ocasião rica em consolações e uma que por muito tempo seria lembrada.

Sentíamos todos que —

“Há em cada vida algum tempo ou lugar —
Alguma hora ou momento, de noite ou de dia —
Que nunca perde o brilho e nunca é esquecido,
Como uma folha que não murcha num ramo seco.

Alguma rara estação, por mais breve que seja,
Que fica para sempre e sempre igual;
Um doce quadro luminoso em baixo-relevo,
Pendurado diante de nós na moldura da memória.”

Havia também presentes escarnecedores, trocistas e proponentes de adivinhas.

Um pioneiro robusto e destemido na galeria, enquanto escutava uma apresentação eloquente e espiritual do sempre lúcido e desbocado Sr. Giles B. Stebbins, gritou: “Basta disso! Quero ouvir um homem falar como se o jantar tivesse alguma coisa a ver com isso!”

Isto, na verdade, era um elogio ao orador; era como dizer que “aquele homem tem mais cérebro do que corpo”, ou que “é mais homem do que a maioria dos comedores de carne”.

Os repórteres do *Utica Press* e do *New York Herald* naturalmente aproveitaram ao máximo cada palavra e troçaram de cada ouvinte de cabelo longo e encaracolado. Um ex-padre, Andrew Smolnikier, anteriormente, quando na Europa, influente dignitário católico romano, estava presente e fulminou os seus sentimentos antagonistas contra o autor, criticando-o livremente em convenção

aberta.* Insistiu que “o Sr. Davis era o Dom Quixote do Espiritualismo — que tinha mais juízo no bolso do que na cabeça”, etc.

Os repórteres apanharam de imediato o trocadilho sério e, em poucos momentos, a diversão tornou-se contagiosa. Houve depois, na sessão da noite, indícios de perturbação tumultuosa. Isto levou-me a pedir a palavra, para tentar acalmar as águas com um breve discurso.

Apanhei de imediato o trocadilho — *sense vs. cents* — e, em substância, foi isto o que eu disse: —

“Uma das penalidades de ser filósofo da escola criticista e caçadora de defeitos é a probabilidade alarmante de se tornar insensato (isto é, um tolo) por perceber e descrever com demasiada facilidade a tolice e a falta de bom senso dos outros.

Os amáveis, ternos e benevolentes sentimentos de um filósofo contrastam — como flores encontradas num deserto estéril — com as opiniões frias, cruéis e calculistas do homem próspero do mundo.

Quão claramente, por exemplo, vê o filósofo a tolice e o miserável destino do velho avarento agarrado! A mente refletida contempla o comerciante fazedor de dinheiro como alguém que voluntariamente enfrenta todos os riscos e trabalhos do seu ofício — negligenciando o bem-estar da sua família e o seu próprio bem-estar pessoal — apenas para sobrecarregar os seus cofres com riqueza perecível e, por fim, desfalecer e descer, sem amor nem luto, para a sepultura — para a terra, terrena.

Parece quase impossível desenvolver a humanidade de modo tão nobre e tão grandioso que o homem dos *cêntimos* seja também um homem de *senso*. ‘Depois dos hipócritas’, diz alguém, ‘os maiores ludibriados são os que esgotam uma existência ansiosa nas deceções e vexações dos negócios, e vivem miserável e mesquinamente, apenas para morrer magníficos e ricos...’”

Notas:

* Mencionada no *Magic Staff*, p. 455.

† A aptidão de Mary para este serviço público era inconfundível. Tinha sido professora, possuía finas sensibilidades poéticas e podia falar facilmente com simpatia e razão.

* Tratava-se da Sr.^a Nellie Temple, então com dezasseis anos, hoje conhecida como Sr.^a T. J. Brigham, que durante muitos anos desempenhou de forma apreciada o cargo de pastora na Primeira Sociedade Espiritualista de Nova Iorque.

†† Por alguma razão inexplicável, esta conferência não agradou ao Rev. Uriah Clark, que ali a criticou pública e injustamente.

** Este homem semi-inspirado, frequentemente alvo de troça por Diakka, parecia por vezes seguir-me como um detetive.*

Aquele que passa todos os dias da sua vida atrás de um balcão, até cair dele para a sepultura, pode negociar muitas transações lucrativas; mas fez uma única transação má, tão má, na verdade, que contrabalança todas as restantes; pela vã loucura de morrer rico, pagou em troca a sua saúde, a sua felicidade e a sua integridade.

“Mas um filósofo harmonial pode ver toda esta loucura a acontecer e a multiplicar-se à sua volta e, ainda assim, pode ser paciente e até grato para com aqueles que seguem os caminhos árduos do egoísmo inteligente. É o método masculino e enérgico inseparável das naturezas comuns — um destino de temperamento a que têm de obedecer e de sofrer as consequências.

“O homem rico e egoísta não é amado neste mundo e sente-se pobre demais para ter um lar no próximo. Vai avançando, delirando de cobiça sobre a riqueza antes da morte e agonizando perante o espetáculo de a ver dispersa por advogados e herdeiros gananciosos depois da morte, sem conhecer nada de desinteressado e sem fruir nada de celestial. Está só (ainda que rodeado de milhares e milhões de semelhantes bondosos e amorosos) e atravessa uma experiência calamitosamente miserável. Nunca procura tornar-se elevado de espírito, magnânimo e purificado, de modo a poder realizar que

‘Há uma terra onde os que amaram na Terra
Se hão de encontrar para voltar a amar.’”

“A mistura e o equilíbrio dos cêntimos com o senso é um milagre raramente testemunhado. Espero que o nosso ex-padre católico seja uma ilustração. Se assim for, que gloriosa manifestação espiritual! Que maravilhoso matrimónio — de pecador e anjo num só seio! Como as causas da miséria e da mesquinhez se encontrariam e dançariam com as causas da felicidade e do progresso, numa tal natureza! Mas este encontro de extremos tão afastados — esta unidade universal dos cêntimos com o senso — é um fim demasiado pouco filosófico para sequer ser pedido em oração; sobretudo não “enquanto o vento continuar a soprar do quadrante presente”. Todos os pensadores harmoniais percebem e aceitam a sabedoria do facto de ser a diversidade, misturando-se com a unidade e a infinitude, que faz toda a harmonia e glória do universo.”

O padre pugilista parecia ainda muito perturbado e agarrou-se à palavra “vento” como se fosse a minha opinião privada acerca da sua denúncia; mas depressa foi conduzido a uma quietude decorosa.* O Espiritualismo foi um tema principal em algumas das sessões. Eu ofereci então, e ofereço agora, o seguinte resumo dos nossos ensinamentos: —

1. Deus, tanto Mãe como Pai, é a Causa — manifestada como leis imutáveis.
2. A Matéria, contendo todas as formas e forças, é o Efeito — manifestado e conhecido como o universo.
3. O Espírito, coberto por corpo e alma, é o derradeiro — o homem, espiritualmente individualizado para sempre.
4. O espírito humano é individualizado — retirado do oceano espiritual infinito — cerca de duzentos dias após a concepção, ou dez semanas antes do nascimento.
5. Uma mente humana perfeitamente organizada é coroada por uma cúpula de poderes morais e espirituais — uma pedra angular para dois lados do arco frenológico, conhecido como cérebro e cerebelo combinados.
6. A Terra é um planeta portador de homens — uma fábrica, por assim dizer, em que peixes, répteis, aves, marsupiais, mamíferos, quadrúmanos, bímamos, etc., operam como linhas de via larga e via estreita, a partir dos recursos elementares, minerais e vegetais, até ao seu grandioso destino final — a evolução da raça humana.
7. O homem, tendo a forma perfeita e final, é um “herdeiro aparente” da imortalidade; mas, quando coroado com espírito, é um herdeiro absoluto de todas as riquezas da vida eterna. A “sobrevivência do mais apto” é uma lei imutável. O primeiro sinal da existência do espírito no homem é a superstição. A prova superior seguinte é a autoconsciência e a vontade determinante; também a compreensão da verdade, justiça e amor, e um viver voluntário para os outros; e, por fim, uma concepção de princípios eternos, que significa e garante uma correspondente carreira pessoal eterna.
8. A morte é um processo de filtragem — uma purificação química como pelo fogo — removendo as causas dos apetites e hábitos, mas fazendo recair os seus efeitos sobre e dentro do corpo espiritual, o que pode ser vencido pelos desejos e esforços do indivíduo após a morte; de modo que cada homem é, em certa medida, responsável pela duração futura das suas dores e punições.
9. A morte, falando fisicamente, é um movimento para trás e para baixo, pelo qual o espírito é habilitado a saltar para a Terra de Verão.
10. A vida no outro mundo é substancialmente a mesma que a vida na nossa existência presente.

CAPÍTULO VII

UM HOMEM ENTERRADO VIVO

“Ah, pois! para todos nós jaz alguma doce esperança
Profundamente enterrada aos olhos humanos;
E, no além, os anjos talvez
Rolem a pedra e a afastem do túmulo.”

Diz-se que para oeste segue a estrela do império. As naturezas progressivas movem-se com a órbita do sol. Imediatamente após os acontecimentos registrados no capítulo precedente, a grande cidade do grande lago, Chicago, exerceu sobre nós, poderosamente, a sua influência convidativa. Havia ali algo — ou alguém — a precisar de nós.

Um dia, pouco depois da nossa chegada, enquanto eu saía para caminhar, ouvi de súbito alguém chamar-me pelo nome. Virei-me na direção da voz e fui logo abordado e cordialmente cumprimentado por um perfeito desconhecido. Ao primeiro olhar, percebi que os seus motivos eram honrosos. Era um cavalheiro para lá da meia-idade, de estrutura larga, rosto vivo, inteligente, de maneiras fáceis. Pareceu-me, julguei, um pouco nervoso. A expressão plétora do seu rosto — a ruborização apoplética nas faces — chamou-me a atenção. Desejava, disse, exprimir os seus sentimentos de gratidão pelo prazer intelectual que lhe adviera da leitura das revelações. Então, mudando subitamente de assunto, pediu-me, com um olhar suplicante, que lhe descrevesse, em particular, tudo o que acontece a um homem imediatamente após a morte — isto é, como sai do corpo. Qual é a primeira aparência? e qual a experiência seguinte?*

O meu relato descritivo pareceu dar-lhe grande conforto. Agradeceu-me repetidas vezes, apertou e sacudiu a minha mão com afeto, expressou reiteradamente a sua gratidão, e em linguagem elevada, como um advogado de finíssima sensibilidade e como se estivesse acostumado a falar em público — mas, estranhamente, afastou-se de súbito pela rua apinhada, sem sequer me dizer algo sobre si próprio, nem mesmo o seu nome.

Caminhando devagar em direção à elegante residência do Hon. J. C. Haines, onde então nos encontrávamos como hóspedes bem-vindos, estas impressões fizeram-se pensamento: o corpo cansado e as faculdades extenuadas procuram repouso. O doce descanso é o paraíso dos sonhos; sonha-se nos sonhos dos fiéis. “Primeiro puro, depois pacífico”, poderia traduzir-se por “primeiro tranquilo, depois confortável”. O espírito da época é luminoso, penetrante, inquieto. Quanto pode um homem fazer antes de morrer? — e não quanto pode um homem viver enquanto vive? — é a pergunta posta por toda a língua expedita do país. Assim, viver confortavelmente, tal como morrer santamente, é na prática impossível.

Como encher e comprimir a vida pessoal com uma plenitude de excitamentos de moda e fugazes — eis o problema. “Pronunciar o maior número possível de palavras no menor espaço possível de tempo” era o esforço de um orador popular. Andar com passo elástico; olhar acima das cabeças dos semelhantes; assumir um ar de importância; avançar praticamente para a realização dos próprios interesses “esclarecidos”; levar desafio e superioridade no andar e na voz na presença de criados; observar todas as regras aprovadas da melhor sociedade do vosso bairro; manter a cabeça leve e orgulhosa sobre os ombros; assistir a uma igreja evangélica pelo menos uma vez em cada domingo — estes são “os novos mandamentos”.

Numa luminosa manhã de Inverno, cerca de dez dias após a entrevista e meditação precedentes, dei por mim a caminhar rapidamente nas imediações de um cemitério. Instantaneamente, quase como se alguém o dissesse, irromperam-me na mente alguns versos de Montgomery: —

“Noite é o tempo da morte,
Quando tudo em redor é paz;
Ceder, calmamente, o fôlego cansado,
E cessar de pecado e sofrimento.
Pensar na bem-aventurança do céu e fazer o sinal
Aos amigos que ficam — tal morte é a minha.”

De tudo isto nada disse ao regressar ao grupo familiar. Mas os meus pensamentos estavam ocupados com as meditações, e o tempo todo a poesia continuava a cantar na minha memória.

Imediatamente depois do chá, nessa noite, saí para o ar livre para a minha habitual caminhada higiénica. Obediente aos meus sentimentos predominantes, dirigi-me de imediato para um bairro da cidade que julgava não ter antes visitado. Chegado a um local retirado, senti o desejo de parar. A noite estava escura. Algumas lâmpadas de rua, muito espaçadas, mal iluminavam o caminho. Passava um polícia. Em resposta à minha pergunta, disse que aquilo (o terreno do outro lado) era o “campo santo”. Então reconheci-o: o mesmo para o qual caminhara de manhã.

Nem luzes artificiais nem raios solares são necessários para “ver” com o olho interior. Entrei no estado de visão. Uma iluminação maravilhosa atraiu a minha Visão. Vi uma massa elíptica de névoa palpitante! Era tão grande e tão brilhante — mesmo sobre uma sepultura recente — que me pareceu que os cidadãos a veriam e correriam ao local.

As palavras parecem agora falhar em poder e profundidade de significado.*
Leitor, vê por ti mesmo!

Uma luz celeste e brilhante entre túmulos solitários. Vê por ti mesmo —
pairando, incubando, tremulando, pulsando — ali fora na escuridão exterior, entre

as árvores, erguendo-se como uma nuvem sensível de fogos que se acendem, mas contidos, obliquamente desde a terra sob a qual um corpo humano fora, havia pouco, tão ternamente e tão tristemente depositado.

Uma voz envia agora os seus sons lá de cima: “Tem bom ânimo, amado — é obra da Onnipotência — não temas.”

É aqui necessária uma digressão para introduzir um relato ilustrativo publicado recentemente. Num jornal de Boston lemos: “Uma aparição fantasmagórica que tem aparecido frequentemente nesta vizinhança nos últimos meses é associada pelos mexeriqueiros ao assassinio de um jovem chamado Richard Lewis, há alguns anos, por James Harbush, pai de uma rapariga que Lewis amava, diz um despacho de West Salem, Pensilvânia, para o *Pittsburg Dispatch*. Harbush confessou o homicídio no leito de morte, depois de o remorso o ter levado à bebida e a uma doença prematura. Tinha escolhido para a filha Mary um pretendente rico e enfureceu-se com os encontros secretos dela com Lewis.

Numa noite de luar seguiu-a e viu a saudação amorosa dos dois enamorados. Pegou num pesado bastão e, golpeando Richard na cabeça, matou-o instantaneamente. A criança agonizada contemplou a obra ensanguentada do progenitor e, com um grito que repercutiu por todo o vale e ecoou entre as silenciosas lápides, caiu sem sentidos junto do corpo do seu amante morto. Obtendo apressadamente ferramentas, o assassino enterrou o corpo do pobre Dick e levou a filha inconsciente para casa nos braços.

De manhã, o cabelo dela — um belo castanho lustroso na noite anterior — foi encontrado branco como a neve. Guardou o segredo do crime do pai no seu seio e foi definhando lentamente. Numa noite, cerca de três meses após a tragédia, morreu, e o segredo foi enterrado com ela no Cemitério de Rock Ridge. Era perto do local do encontro, que era um prado situado numa encosta. Um dos lados era ladeado por uma mata densa; o sopé da colina era pantanoso e cortado por um pequeno ribeiro; e, do outro lado do curso de água, na colina oposta, erguia-se o cemitério.”

* O leitor é remetido para os volumes do autor, *Death and the After Life* e *Views of Our Heavenly Home*, para relatos detalhados, que não seriam apropriados nesta obra.

“Há já vários meses que as pessoas daquela vizinhança têm estado muito intrigadas com o aparecimento de uma luz estranha e brilhante. Tem cerca do dobro do tamanho da chama de uma lanterna e muda de tonalidade. Ora é de um bonito tom azul, ora de um vermelho vivo, e por vezes de um amarelo pálido. Parece erguer-se no cemitério, desliza ou flutua suavemente por uma encosta abaixo — sempre a uma distância uniforme de cerca de seis pés do chão — sobe a

outra encosta e fica a pairar por alguns minutos na zona do suposto túmulo do homem assassinado. Regressa sempre, contudo, e desaparece no velho Cemitério de Rock Ridge.”

Voltemos agora.

Através do longo horizonte dos anos, recordo-me de que, ao penetrar clarividamente até ao caixão dispendioso sob a terra fria, senti-me interiormente tranquilo. Sem me comover nem pela emoção da surpresa nem pela da admiração, observei a acumulação e o entrelaçamento daquelas emanções vivas. Testemunhei a fidelidade e a ternura carinhosa da Mãe Natureza. Nas suas mãos amorosas e salvadoras, todos os elementos psíquicos trabalhavam harmoniosamente para cumprir um fim triunfante — o desabrochar e a organização do corpo espiritual imortal.

“Fora enterrado vivo!”

Foi esse o facto que de imediato compreendi. No meu estado natural, o conhecimento deste horrível facto, sabendo eu da minha incapacidade de prestar qualquer serviço, teria lançado terror na minha alma. Mas, estando no espírito, encontrava-me no mais profundo acordo com as obras do Deus da Natureza.

“Um espírito em prisão!”

Sim — mas apenas por breve tempo. O direito do homem e o poder do homem vinham rapidamente e gloriosamente ao de cima. Esta bela ressurreição natural — esta apoteose progressiva do espírito interior e eterno, com o seu corpo imperecível — era uma lei imutável. Literal e substancialmente, em espírito e em verdade, o espírito enterrado e aprisionado quebrara os seus grilhões e, ali mesmo, estava a ser “nascido de novo”, para uma nova vida nos céus, todos belos.

Ao regressar à hospitaleira residência dos nossos amigos, disseram: “Parece cansado, irmão Davis; e o seu rosto está de uma palidez doentia.” Na sua bondade, ofereceram-me alguns estimulantes. Recusei-os e assegurei à amável anfitriã que precisava apenas do remédio puro do silêncio e do sono. Esse remédio soberano, felizmente, em breve me foi permitido desfrutar.

Tempestuosa e extremamente sombria foi a manhã seguinte. Um vento persistente soprava sobre a grande pradaria; a chuva caía, cheia de frieza gelada; e todos os sinais exteriores eram contra eu sair. Ainda assim, logo que possível após o pequeno-almoço, sem explicar a ninguém o objetivo da minha saída, parti na tempestade — para quê? Para observar e aprender algo mais sobre o maravilhoso erguer-se do “incorruptível” a partir daquele corpo subterrâneo aprisionado, tão recentemente “semeado na desonra”.

Pela clarividência, tornei-me então ciente de que o mesmo homem com quem eu conversara na rua morreria num ataque de apoplexia. O médico assistente, supondo-o absolutamente morto, autorizara a inumação precoce. Quando encontrei o cavalheiro — ou quando ele me abordou — a sua intuição deve ter dado à razão um pressentimento da morte próxima. Isto explica a sua notável seriedade e a insistência quase desesperada com que colocou as suas solenes perguntas.

A tempestade de vento rugia no mundo exterior. Pensei então: a mais selvagem tempestade no mar não aterroriza a ave de aviso. O petrel destemido — rápido e leve, como a espuma das ondas sobre as quais, rindo, desliza — não teme a Natureza! Se uma ave não fica retida pela tempestade, por que razão deveria eu — um espírito — fugir aos terrores do vendaval que açoita? Senti-me chamado. Por isso, fui sem hesitar para o lugar silencioso.

As ruas de Chicago, naquele tempo, eram cheias de irregularidades. Desci e subi, subi e descí, e subi de novo, pelos passeios entre a residência do nosso amigo e o cemitério. Entrei pelo portão aberto, caminhei até junto de uma árvore algo distante, em frente da sepultura recente, e induzi de imediato o estado de iluminação.*

A observação do primeiro instante encheu-me de um espanto incontável. Esta agitação quase me privou da capacidade de exercer uma visão correta. Mas, apoiando-me imediatamente no meu Cajado Mágico, tornei-me absolutamente tranquilo.

Vi que o processo de ressurreição não estava concluído. Oh, a solidão de um cemitério durante aquela longa noite tempestuosa e sombria. Por alguma razão, ainda por mim não percebida nem conhecida, o homem (espírito) não alcançara as suas preparações finais para a nova existência. Felizmente, estava como que aniquilado e em obliúvio — profundamente em transe — e como alguém perdido num mar sem margem de inconsciência.

Na vossa imaginação mais profunda, leitor ponderado, pintai agora para vós isto: um homem que sabe que está enterrado vivo!* Para o próprio indivíduo aprisionado, quando uma vez desperto plenamente para a realização da terrível realidade, é como a aniquilação do universo. Fica inexprimivelmente horrorizado. Nenhum poder humano o pode alcançar. Ele sabe-o! O seu desespero é agonia concentrada! Sente-se perdido!

Os extensos vales da Terra, as grandes montanhas, as magníficas cidades humanas, os céus suspensos, as terras celestes onde inúmeros anjos habitam — sim, as grandes moradas do incompreensível Deus, entronizado eternamente em tudo e através de tudo — que são todas estas coisas, caro leitor, e quanto valem

para um espírito que sabe (ainda que só pelo breve período de cinco minutos) que os entes queridos, lá longe acima do solo, na sua dolorosa ignorância das leis da vida e da morte, fizeram com que os coveiros, robustos e indiferentes, lhe atirassem areia e pedras para cima?

“Ponde-vos no lugar dele”! Apenas cinco minutos. Isso é tudo, talvez, em tempo; mas esses cinco minutos são compostos de trezentos segundos! E cada segundo, para uma mente pensante que sabe estar a seis pés de profundidade, é uma hora de duração! Admira-vos, então, que, fechado naquela negra caverna, manietado por uma bela mortalha — doces violetas e miosótis a encherem as mãos frias, um ramalhete de botões de rosa preso à garganta, sob o queixo outrora com covinhas, com a sua coroa de lábios sorridentes por cima — admira-vos que o “querido defunto”, despertando subitamente naquele horrível confinamento e percebendo-o de imediato, solte um grito longo e prolongado, seja sacudido por convulsões paroxísticas da cabeça aos pés, rasgue as vestes que o envolvem em farrapos, lacere o rosto e o peito com mãos violentas, enlouquecidas pela força terrível que nasce da Agonia universal e, ao mesmo tempo, concentrada — tudo, tudo, tudo, durando trezentas horas! Pois cada instante que entra nos possíveis cinco minutos de consciência subterrânea equivale a sessenta minutos pelo vosso relógio.*

E lembrai-vos de que, se houver ar respirável suficiente no belo caixão de paurosa para prolongar o esforço gigantesco de escapar, a agonia de ser “enterrado vivo” estende-se proporcionalmente e diversifica-se de modo inenarrável!

Mas voltemos ao maravilhoso nascimento do espírito.

Em transe e enlevado, observei o processo. Lentamente — oh, tão lentamente — prosseguia o florescimento da árvore da vida eterna. Não havia então, para aquele que se erguia, qualquer consciência subjetiva ou exterior de estar em existência. Sem dor, portanto, se desenrolava a beleza com precisão progressiva. No desabrochar desta flor imortal, vi a evolução e formação do corpo último, glorificado, de incorruptibilidade. Assim se desenrolava — como um lírio branco imortal que emergisse do lodo escuro abaixo — um ser humano angélico!

O artista ajudou-me muito ao dar um esboço pitoresco daquilo que testemunhei. Um pouco obliquamente em relação à sepultura recente, e elevado acima dela, a cerca de trinta pés na atmosfera, as partes superiores da forma angélica tornaram-se distintamente visíveis. Já era exteriormente bela e muitíssimo formosa de contemplar — o homem interior daquele homem exterior com quem eu, não havia muito, conversara acerca deste mesmo processo! Oh, era indizivelmente maravilhoso e sublime. Imaginai-o, meu leitor amável — vede! e nunca mais vos permitais duvidar da existência de Deus, nem questionar a imortalidade da alma humana.

As rajadas ferozes de vento, que balançavam os fortes ramos das muitas árvores sem folhas, e a ondulação tempestuosa de potências elétricas que amontoavam as nuvens suspensas em maciços montes de violência ameaçadora, não exerciam qualquer influência sobre os suaves, indolores e progressivos processos de nascimento do espírito que vinha — lentamente — sendo vestido com o seu futuro organismo glorioso.

Os acidentes e o acaso caprichoso parecem regular os assuntos humanos. Regulam? As harmonias subterrâneas de uma voz infinita podem ser ouvidas pelo ouvido que sabe ouvir. Nada é nada. Tudo o que é, é real. A matéria é a ilusão; o espiritual é a substância. O espírito solidificado é matéria; a matéria eterizada é espírito.*

E vós, leitor ponderado, que dizeis? O moribundo solitário — o ressuscitado solitário — não tem ele amigo? Não tem doce consolador? “Do só para o só”! Será esse o seu destino iminente e irresistível? A vossa tristeza — não será transformada em alegria? Após dias de prisão e de aniquilamento, não haverá manhã de libertação e contentamento?

Sim: o novo dia, brilhante e cintilante, rompe e transborda sobre o universo redondo. Olhai para o alto, leitor ansioso! Contemplai comigo o fulgurante caminho triunfal. Vede (o que eu vi) uma mulher celeste descendo em direção ao espírito já erguido. Com a velocidade da luz, com a beleza do amor perfeito, com a graça de uma deusa, aproxima-se do homem ainda não consciente, que permanece sobre a sepultura, a qual rapidamente entrega todos os seus elementos imortais. Ela vem! parecendo uma embaixadora investida por alguma irmandade celeste de harmonia e amor. Vede! ela desliza graciosamente para junto do seu lado direito. Lança-lhe, de modo protetor, o braço esquerdo em redor do seu belo pescoço.

Vendo tudo isto, como eu vi naquela manhã memorável, como podeis reprimir emoções de alegria e admiração? Como podeis, cercados e inspirados por estas múltiplas evidências da sabedoria do Infinito, deixar alguma vez de crer em Deus e na imortalidade?

** Embora o vento continuasse a soprar, a chuva cessara; por isso, a hora não era desfavorável às minhas investigações. Nem as rajadas súbitas, nem a corrente persistente tiveram qualquer efeito perturbador sobre a apoteose.*

** Insisto, uma vez mais — talvez pela vigésima vez — em que ninguém deve ser enterrado antes de haver provas certas de decomposição física.*

** Em vez desta possibilidade, acenda-se o crematório seguro, para tornar a dissolução súbita e completa.*

** O leitor encontrará explicações mais desenvolvidas no livro do autor intitulado Stellar Key to the Summer-Land.**

CAPÍTULO VIII

BÊBEDOS E JOGADORES NO VALE

«Vede-me, antes de metade cumprido o meu distante curso, lançado errante num ermo desconhecido; vede-me, negligenciado na rude costa do mundo, cada querido companheiro da minha viagem perdido; e não pergunteis por que nuvens de dor sombreiam o meu semblante, e lágrimas prontas aguardam apenas licença para correr; por que tudo o que suaviza um coração livre de angústia, tudo o que deleita o feliz, sobre mim cai!»

Nessa ocasião, num luminoso dia de inverno, frio e ventoso, em Illinois, a minha atenção (psicometricamente) foi chamada para um cavalheiro dissipado, mas de boa aparência e aparentemente bem instruído que, com um ar despreocupado e profissional — meio alegre e aparentemente de todo indiferente — entrou numa farmácia de Chicago precisamente no momento em que eu passava pela porta. Por alguma razão extraordinária — mais bem conhecida pelos vigilantes protetores e amorosos do Paraíso — os meus pensamentos fixaram-se de imediato no melancólico poeta inglês William Cowper, falecido havia cerca de setenta e cinco anos. Os meus mais profundos sentimentos fraternos fluíram livremente em direção ao estranho. Segui-o para dentro da loja. Afastei-me um pouco e ouvi-o pedir seis dracmas de tintura de ópio. Obteve-as (uma grande quantidade de láudano) e saiu. Eu segui-o.

Entre parêntesis, bom leitor, peço a vossa atenção por um momento. Por que não continuei o meu passeio, tratando de promover o meu próprio conforto pessoal? Por que foi necessário interpor-me e dirigir-me a esse «irmão desolado e naufrago»? Talvez fosse um homem perigoso em cuja vida me estava a intrometer! Cowper, de quem já citei versos, disse: «Misteriosos são os Seus caminhos, cujo poder traz à luz aquela hora inesperada em que mentes que nunca antes se encontraram se hão de encontrar, saudar e nunca mais se separar.»

Por que não me senti tímido, sendo eu de constituição leve e frágil? Em vez disso, refleti, ainda seguindo-o, que uma pessoa indiferente à dor física é muitas vezes chamada corajosa. Mas eu não era indiferente à dor física; temia ser «ferido» em qualquer grau e iria longe para o evitar. Concluí então que a verdadeira bravura é algo superior à simples resistência e à mera ousadia. Uma paixão poderosa por conquistar a estima de pessoas honradas leva alguns a ousar e a realizar quase o impossível. Mas a verdadeira coragem nasce de um profundo sentido do que é justo e intrinsecamente nobre. O mundo está sempre pronto a reconhecer e a

recompensar o verdadeiro herói e a verdadeira heroína, em troca das manifestações de nobreza e dignidade que os seus feitos bravos e galantes conferem ao mundo. É também honroso para a natureza humana que os atos mais corajosos sejam realizados espontaneamente, sem pensamento de aplauso, reconhecimento ou expectativa de recompensa. Mulheres e homens são igualmente corajosos e igualmente aventureiros sob a combinação adequada de circunstâncias.

Agora, mantendo ainda o estranho à vista entre os peões apressados, senti que talvez pudesse «consolá-lo». Mas refleti que afagar, agasalhar e cuidar de um bêbedo é uma bondade fraca e ingrata. O conforto, tal como a palavra é geralmente usada, representa uma condição negativa — a ausência de dor, talvez — um estado de alívio de sofrimento e aflição positivos. Como não estar desconfortável é um problema para muitas pessoas. «Comodidade corporal e tranquilidade mental» é uma definição popular; mas tal condição é ainda desconhecida para a maioria da humanidade. «Procurei consoladores», disse David, «mas não encontrei nenhum.»

Jó disse que os seus amigos vieram «para se condoerem com ele e para o consolarem». Escritores espirituais deram ao Espírito Divino o nome de «Consolador», que «ensinaria todas as coisas» aos seus fiéis recetores. Mas a verdade é que, enquanto a humanidade for animada por um só sangue e pelos mesmos elementos afetivos e espirituais, será impossível a qualquer pessoa ser positivamente feliz enquanto existirem, em qualquer parte, injustiça, doença, crime e miséria. Se quiseses estar confortável, disse para comigo, começa por levar e conceder conforto àqueles que choram e vergam sob um fardo imerecido de erro e transgressão.

Fortalecido por esta última conclusão, apressei-me a alcançar o cavalheiro e disse: «Senhor, sou visitante em Chicago e não me oriento facilmente. Reside na cidade?» «Oh, bom dia, Sr. Davis», respondeu ele imediatamente. «Ouvi a sua última conferência e lembro-me de si. Onde está hospedado?» «Numa residência privada», respondi. «Tenciono partir para Waukegan esta semana.» «Daria tudo para ter meia hora de conversa consigo.» «Então venha», disse eu. «Entremos no Richmond House.»

Aqui, sobre este homem desolado e miserável, faço cair o pano. Não me vanglorio; não exagero. Digo simplesmente que, com um elevado sentido de dignidade masculina, uma mente enriquecida por educação universitária e uma história pessoal repleta de agradáveis recordações de riqueza, amigos, esperança, lar e luxos, ele era então um ladrão, um falsificador, um jogador e, naquele dia, estava decidido a tornar-se suicida. Capacitado por amigos angélicos que o amavam, e auxiliado pela minha própria iluminação a seu respeito, pude felizmente apresentá-lo (sob nome fictício) a um comerciante, negociante de pianos, órgãos e música. O que se seguiu não preciso de relatar. [...]

Doze anos depois, enquanto passeava entre os cenários e visitantes no Capitólio nacional, um cavalheiro militar estendeu-me subitamente a mão e disse, em tom confidencial: «Tudo se cumpriu!» «Robert G—!», exclamei. «Como me alegra revê-lo.» (O frasco de láudano e a nossa conversa no Richmond House passaram-me pela memória.) «Aqui estou, como novo», disse ele. «Disse-me que eu era um soldado por natureza. O destino acaba por se impor. Entrei no exército da União como soldado raso. Em seis meses fui promovido a capitão. Fui prisioneiro de guerra duas vezes. Cinco meses nas casas de matança dos rebeldes. Fui ferido duas vezes; alvejado uma vez, golpeado outra; três meses no hospital. Bem, irmão Davis, Deus o abençoe a si e aos anjos! Agora estou bem; um homem novo de alto a baixo. Sem rum, sem tabaco, sem jogo, e casei-me com uma jovem extraordinária.»

Separámo-nos de novo, como tantos anos antes em Chicago, os melhores amigos. Recordo as poucas palavras de bondade e conselho que lhe transmiti. Em substância, disse: «Não precisa de desesperar, meu irmão. Nas mais profundas dores — na mais ardente fornalha da aflição — há algum bem redentor que pode fazer surgir. O doce e o amargo estão no mesmo cálice. Em nenhuma alma humana existe o absolutamente bom ou o absolutamente mau. Contempla o crime do suicídio como remédio para outros crimes que o oprimem com as suas consequências legais e outras, mais internas. Mas sabe que Shakespeare diz que

“Entre a execução de uma coisa terrível
E o primeiro impulso, todo o intervalo
É como um fantasma, ou um sonho horrendo;
[...] E o estado do homem,
Como um pequeno reino, sofre então
A natureza de uma insurreição.”

Agora, por que razão, sendo um estranho na cidade, há de deixar de obter emprego temporário? Não tema fazer o chamado “trabalho de porteiro”. Deve trabalhar arduamente. Seja muito ou pouco o pagamento pelo seu labor, trabalhe! Porque, meu irmão, é o peso opressivo da ociosidade indigna para um homem das suas nobres capacidades, combinada com a dissipação, que prostrou a sua vontade e feriu o seu amor-próprio. Os seus hábitos não só destruíram a sua utilidade, como também o seu desejo de ser útil. Convoque hoje a sua força de vontade. Trabalhe! Empenhe-se imediatamente num labor útil. Faça adormecer o seu orgulho insensato. Coloque todos os seus antigos hábitos debaixo dos seus pés. Endireite-se. Em frente, marche!»

Estas palavras sinceras, depois de lhe falar profeticamente do seu futuro próximo, conduziram à sua reforma. Mas eu tinha também a certeza de que, por meu intermédio, ele fora alcançado pelos seus protetores celestiais.

Um homem de espírito amplo é, na maioria das vezes, um homem de juízo equilibrado. Uma natureza estreita de entendimento, espiritualmente mesquinha, é invariavelmente injusta, invejosa e socialmente perigosa. A verdadeira filosofia e a verdadeira religião quanto ao tratamento redentor dos criminosos encontram-se simplesmente expostas na seguinte história: o Sr. Merrill, o principal interveniente e salvador, era então gerente da Milwaukee and St. Paul Railway; mas reside agora na Summer-Land. O jornal *Sentinel*, publicado em Milwaukee, é a fonte desta narrativa. O gestor magnânimo, como o leitor observará, possuía um conhecimento intuitivo das qualidades inatas daquele jovem mal orientado.

«Há cerca de dez ou doze anos encontrava-se empregado no escritório do Sr. Merrill um escriturário em quem se depositava inteira confiança. Estavam-lhe confiados muitos dos segredos da corporação e a gestão de quantias avultadas de dinheiro. Infelizmente, o jovem começou a “semear as suas aveias bravas”, achou o seu salário insuficiente para sustentar a sua extravagância e passou a retirar frequentemente pequenas quantias dos fundos da companhia para suprir a diferença. Essas quantias foram gradualmente aumentando até que, percebendo a situação em que se encontrava, o jovem realizou um grande desfalque e partiu para parte incerta.

A sua partida conduziu à descoberta de todas as suas apropriações indevidas. A informação foi comunicada ao Sr. Merrill que, após um momento de reflexão, mandou chamar o agente especial da companhia e ordenou-lhe que iniciasse uma busca pelo escriturário ausente.»

«Sigam-no», disse o Sr. Merrill, «até à China, se for necessário, e tragam-no de volta. Mantenham este assunto em sigilo e não poupem despesas para trazer o jovem novamente a este escritório.»

As poucas outras pessoas que tinham conhecimento do desfalque foram instadas a guardar absoluto segredo, e muito poucos chegaram a saber dos factos. Qualquer pergunta que fosse feita acerca da ausência do jovem era respondida com a explicação de que ele se encontrava de férias de verão, não se sabendo ao certo onde.

Entretanto, decorria uma busca diligente. Foi localizado em Detroit e, daí, seguido através do Canadá até à costa atlântica, onde embarcou para a Europa apenas doze horas antes da chegada do agente especial. As autoridades do outro lado do Atlântico foram notificadas por cabo e ordenada a detenção do jovem. Esta foi efetuada com êxito; o escriturário foi reconduzido à América e entregue à custódia do agente da companhia ferroviária. Perante este, fez uma confissão completa e, percebendo-se inteiramente nas mãos da empresa, contemplou calmamente o seu destino, esperando nada menos do que uma sentença de prisão estatal.

Foi conduzido discretamente à presença do Sr. Merrill que, para sua total surpresa, se aproximou dele com afabilidade, apertou-lhe calorosamente a mão e disse: «Então, está de volta. Lamento que tenha estado ausente tanto tempo, pois precisávamos de si. Espero, contudo, que se tenha divertido. Ora bem, G——, a sua secretária está exatamente como a deixou. Ninguém tocou em um único papel, e pode retomar o trabalho imediatamente. Veja aqui estas contas e confirme se estão devidamente verificadas.»

O jovem, atónito com tal receção — como, aliás, também o agente especial — desatou em lágrimas e não conseguiu compreender plenamente a situação até que o Sr. Merrill voltou a intervir: «Vamos, que está aí a fazer? Sente-se nessa cadeira o mais depressa possível e verifique essas contas. E, já agora, não quero voltar a ouvir uma única palavra acerca de certos acontecimentos recentes, de que talvez tenha conhecimento.»

O jovem regressou ao trabalho, iniciou uma nova vida, cumpriu os seus deveres como nunca antes, progrediu na hierarquia da empresa ferroviária, restituiu à companhia a quantia que havia desviado e, alguns anos mais tarde, deixou a empresa munido de uma carta de recomendação tão elogiosa como qualquer homem poderia desejar. Hoje ocupa um cargo de destaque numa das principais companhias ferroviárias do país e por isso agradece ao seu antigo empregador.

CAPÍTULO IX

SIMPÓSIO DE TOLOS E FILÓSOFOS

«Da próxima vez que falares do que vês,
Lembra-te de que outros também veem;
E não te admires se descobrires que ninguém
Prefere a tua visão à sua própria.»

Quanto menos espiritual é um homem, mais está ele submetido à tirania das «coisas». Sente-se como um animal refinado, com uma sensação constante e aflitiva de prazer e dor alternados, atrelado pela necessidade, como um cavalo, ao carro do «destino». Citam por vezes Burns:

«Os melhores planos de ratos e homens
Frequentemente falham;
E nada nos deixam senão dor e desgosto
Em vez da alegria prometida!»

Por outro lado, o homem mais espiritual é aquele que mais vive no que é eterno — nas intuições, nos princípios e nas ideias imperecíveis — e é também o que mais intensamente sofre no meio de associados materialistas e ambientes circunstanciais. É muitas vezes vencido, irritado e desgostoso com as pessoas. Estas, por sua vez, chamam-lhe sensível em excesso, impulsivo, desequilibrado. Talvez o seja, a menos que possua e dependa, com a devida reverência para com auxiliares superiores, do Bastão Mágico. Sem esse apoio superno, ainda que dotado dos talentos de um Cagliostro e do génio de um Platão, tropeçaria, tremeria e vacilaria através desta esfera subordinada.

«Olá! Para onde vai?» gritou um homem com uma inflexão sombria na voz.

As ruas de Chicago, àquela hora, fervilhavam de Barnums empenhados em ganhar dinheiro. O dia estava extraordinariamente luminoso e frio. Os magnatas das minas de ouro da Califórnia e os grandes milionários do trigo e da criação de ovelhas apressavam-se de modo característico. Olhei para o homem que me interpelara de forma intrusiva. Parecia combativo, gregário, autossuficiente e antipático.

«Saí para o meu habitual passeio matinal», respondi calmamente.

«Pois bem», continuou ele com algum ardor, «tenho ouvido muita coisa a seu respeito — que desagrega famílias e foge com as mulheres dos outros; — e», inchando ainda mais a sua montanha abdominal, sobre a qual balançava uma pesada corrente de ouro do relógio, «achei que devia dar-lhe uma boa olhadela.»

«Está certamente enganado», disse eu. «Toda essa denúncia ortodoxa deve-se ao facto de eu não ensinar as doutrinas religiosas populares do dia. Sou vilipendiado e caluniado porque sou um reformador.»

Ele retirou então um jornal do bolso lateral e apontou para um editorial onde eu era acusado precisamente dos atos maldosos que mencionara. Ao devolver-lhe o jornal, perguntou: «Não é a Sra. Davis a mesma mulher que há pouco tempo era a Sra. Love?»

Respondi afirmativamente e acrescentei: «Houve uma separação legal e, portanto, ela, tal como eu, estava em posição de contrair um novo e mais desejável casamento.»

«Mesmo que estivesse», replicou ele com ênfase mordaz, «foi um tolo por casar com ela, pelo menos tão cedo depois do alvoroço e da confusão da separação. Devia ter sabido que a ortodoxia iria aproveitar-se disso para o condenar como homem e arruinar a sua utilidade pública por dez gerações.»

Encheu o peito num estilo grandioso, quase congressista, e declarou: «Não sou meio-termo. Sou franco e direto; não sou seu inimigo; acredito na maior parte do que diz! Mas digo-lhe: para um filósofo espiritual, é o maior tolo em certas coisas que encontrei em muitos domingos.»

«Hipocrisia e falta de franqueza não são, certamente, os seus pecados dominantes», respondi bem-humorado. E acrescentei: «Sabe, estranho, que fiz exatamente o que o grande Shakespeare teria feito?»

«O quê?!» exclamou, com uma nuvem de espanto indignado a atravessar-lhe o rosto.

«Certamente», repliquei, «isto é, se Shakespeare tivesse nascido no meu lugar; se tivesse sido enviado com as instruções íntimas para viver a minha vida; e se tivesse sido, por constituição e iluminação, incumbido de desempenhar o meu papel pessoal no palco universal.»

Ficou em silêncio, pareceu contrariado, murmurou algo de modo pouco edificante, voltou-se lentamente e seguiu o seu caminho.

Menos de dez minutos depois, para meu grande contentamento, encontrei o distinto e bastante polido advogado, o juiz Ennis, que se dirigia ao hotel para jantar. Caminhámos juntos, conversando cordialmente até chegarmos ao destino. (Sussurro ao leitor que, antes de sair para o passeio, colocara o meu chapéu novo, de aba muito larga, de seda preta, feito segundo o meu próprio modelo e enviado por expresso de Nova Iorque. Achava-me particularmente bem trajado nessa manhã.) O juiz parou e observou-me da cabeça aos pés — crítica e friamente, mas com um leve brilho simpático nos olhos — e disse:

«Davis — perdoe-me — onde arranjou esse chapéu?»

Com franqueza, e talvez com um ligeiro orgulho, respondi: «É modelo meu e foi enviado por expresso da metrópole.»

Estendeu a mão, fez um gesto peculiar e disse simplesmente: «Davis...» (hesitou um instante) «... parece um tolo!»

As coisas começaram a parecer algo confusas na minha mente. Ser declarado «tolo» duas vezes no mesmo dia por homens inteligentes, experientes e distintos era motivo sério de reflexão.

Antes de me deitar, anotei as seguintes considerações:

É felizmente impossível que todos os graus de sabedoria ou de loucura existam e estejam representados numa única mente humana. «Sem monopólio» é a lei da natureza; que todos os aspirantes a monopolistas tomem nota. O campo é livre e ilimitado, e a corrida está aberta a todos os concorrentes.

É difícil determinar, com precisão matemática, onde termina o tolo e começa o filósofo em qualquer indivíduo, pois ambos se encontram delicadamente entrelaçados nos pensamentos, sentimentos e ações — tão intimamente misturados que tentar separá-los poderia ser tão perigoso como separar os gémeos siameses.

Conheço um comerciante brilhante e enérgico que vive de forma mesquinha e miserável para se tornar milionário e morrer magnificante e rico.

Conheço um diplomado por um colégio e por duas universidades — homem plenamente instruído e apto a exercer duas profissões — que é tão ignorante e negligente quanto às regras elementares de saúde que se tornou um dos inválidos mais desamparados e miseráveis, e ainda assim não compreende «porquê».

É comum encontrar estes extremos amplamente separados — não só na sociedade em geral, mas também na mesma pessoa: o casamento do pecador e do anjo num só peito; o egoísmo insano e a generosidade impulsiva no mesmo carácter.

Ouvi um eloquente defensor da liberdade humana que, simultaneamente, é um tirano feroz na própria família. Um grande advogado da virtude feminina — que guarda a esposa e as filhas com a espada cintilante da retidão — frequenta habitualmente casas de dança e mantém em segredo uma bela mulher entregue à sensualidade.

Estes são tipos infelizes de duplicidade. A pessoa enraizada no «egoísmo esclarecido» procura simultaneamente agradar ao mundo e a si própria. Ganha o mundo pela sua loucura, é rica por um dia e chama-se filósofo. Mas chega a hora em

que verá que calcou aos pés todos os elementos da sabedoria e da felicidade celestes. Então, para ele, o «Dia do Juízo» terá amanhecido.

Há dois tipos de tolos e de filósofos: (1) o natural e (2) o artificial.

O natural é espontâneo e elástico; o artificial é sistemático e duro.

Se as opiniões de um homem diferirem das suas, chame-lhe «tolo» e encerre assim a controvérsia.

Tomar as próprias convicções como padrão de bom senso — pelo qual todos os amigos deveriam reger-se — é um exemplo de superficialidade egotista que o habilita a ser chamado «filósofo»!

Deseja ser considerado «tolo» por outro ser humano? Então deixe-o saber que, em privado, o considera exemplar dessa condição. Um tolo deliberado, supremo e natural é, certamente, um grande filósofo não adulterado. São as duas extremidades do mesmo bastão.

O tolo sistemático, que também é filósofo, pesa-lhe como uma mó. Impõe-se à sua companhia sem convite e permanece enquanto lhe apraz. Encanta-se facilmente com o próprio espírito e está demasiado absorvido nos seus pensamentos e sentimentos para prestar grande atenção aos seus. O seu bom humor consigo mesmo é ilimitado e irresistível.

Se ele o maça — isto é, se o permitir, ou se pacientemente o tolerar — em qualquer dos casos é simultaneamente um tolo e um filósofo; e não é impossível que ele e você venham a tornar-se pares e amigos firmes.

Se tiver a convicção íntima, independentemente do que os seus vizinhos pensem de si, de que possui mais do que a média de sabedoria, então é, muito provavelmente, um tolo de profundidade e perspicácia acima do comum. Na verdade, com uma consciência honesta e persistente da sua superior capacidade intelectual, poderá ser um filósofo autossuficiente em processo de evolução rumo ao extremo oposto. A humildade, não a arrogância, é o antídoto.

A delicada mistura de tolo e filósofo num só clérigo foi ilustrada no ano passado. Um reverendo Sr. Thompson, de Peoria, apresentou ruidosa queixa contra *The Call*, dessa cidade, por se ter recusado a publicar um artigo por ele escrito em resposta a uma recente oratória do coronel Ingersoll. O Sr. Thompson acusou o jornal de ter suprimido a resposta a pedido do coronel. Este, por sua vez, escreveu ao editor declarando: «A ideia de que eu me oporia à publicação de algo tão perfeitamente irrelevante e inofensivo é simplesmente absurda. Se a crença na inspiração do Antigo Testamento, unida à confortável esperança de que a grande maioria do mundo será eternamente condenada, constitui fonte de consolação para

o Rev. C. J. Thompson, que conserve a crença e acalente a esperança. Não desejaria, por nada deste mundo, privá-lo de algo tão consolador.»

«Responder ao tolo segundo a sua estultícia» envolve grande risco. Responder a um tolo como tolo é tornar-se tolo. Ao perceber e descrever a insensatez alheia, corre-se o perigo de se tornar árido, frio, cruel e imprudente. Um célebre comediante, lúcido e jovial, por representar durante demasiado tempo o simplório encarnado chamado «Humpty Dumpty», perdeu a saúde, a alegria, o uso das faculdades racionais e, por fim, sacrificou a própria vida corporal no altar de esgares idiotas e pantomimas.

O professor Christlieb, o capaz clérigo alemão que visitou Nova Iorque há alguns anos para participar na Aliança Evangélica para a qual fora nomeado, queixou-se livremente de que, nos Estados Unidos, temia existir uma falta fatal do «espírito de Cristo». Deu provas de que, nesse momento, era um tolo de ordem muito superior. Declarou com toda a seriedade que, em mais de uma ocasião, ouvira uma mulher americana dizer ao marido: «Querido, traz-me o xale», e o marido trazia-o! Pior ainda: vira um marido regressar a casa ao entardecer, entrar no salão onde a esposa estava sentada — talvez na melhor cadeira da sala — e a esposa não só não se levantara para lhe ir buscar os chinelos e o roupão, como permanecera sentada, deixando-o procurar cadeira por si mesmo! Num caso assim, parecia que as proporções exatas de tolo e filósofo só poderiam ser determinadas submetendo o problema a outra reunião da Aliança Evangélica.

O hipócrita prático não engana nem ilude ninguém durante muito tempo senão a si próprio. Começa a carreira na fase de tolo furtivo. Pela evolução, termina «mais sábio e mais triste». Ninguém se torna permanentemente infeliz senão ele mesmo. E, no entanto, tão incompreensivelmente cego é o possuidor da loucura natural que se imagina muito mais brilhante e espirituoso do que os seus companheiros!

O tolo cínico é um filósofo persistente, empedernido e sem seiva. Nunca vê qualidade virtuosa alguma em homem nenhum e jamais deixa de detetar tudo quanto é mau. O mal ostensivo e o mal secreto — eis as suas duas categorias de ação humana. A sua filosofia da vida é o fundamento da mais profunda insensatez.

O homem é um espírito, e no entanto o seu intelecto recusa-se a acreditar em algo que não seja materialismo! Há mentes que adotam o mais fecundo espiritualismo nos pensamentos, enquanto na vida quotidiana praticam o mais estéril materialismo.

Disse o tolo no seu coração: «Não há Deus.» Mas, num certo sentido teológico, todos os filósofos afirmaram a mesma negação. Os que disseram positivamente «Há Deus» possuem a doce consciência de serem mais sábios do que os outros; o que,

por contraste, gera imensa dúvida quanto à sua capacidade de decidir «o que é a verdade». Assim, o cético alimenta-se do crente.

O tolo é aquele que imagina poder cometer uma injustiça e, recorrendo a artifícios astutos, escapar à penalidade. Sai para o jardim confiante de que, sendo mais astuto do que os outros, poderá «colher figos de cardos». Já encontrei filósofos que supõem poder promover o progresso da Verdade por meio da mentira, da impostura e da chicana!

O filósofo egoísta, na perseguição da felicidade, é o maior tolo do seu tempo. Se quer ser feliz, nunca a procure. Cumpra fielmente o seu trabalho; a verdadeira compensação virá.

CAPÍTULO X

ACUSADO E DEFENDIDO POR ESTRANHOS

«Três vezes armado está aquele cuja causa é justa;
E nu, ainda que encerrado em aço,
Aquele cuja consciência está corrompida pela injustiça.»

Atos, acontecimentos, estatísticas, almanaques, relvas e flores, moscas e aves vêm e vão; são apropriados pelo homem e pela natureza como alimentos, bebidas e ventos variáveis, de dia para dia, e muito em breve deixam de ser lembrados. Mas grandes pensamentos, sentimentos verdadeiros, elevadas verdades, ideias inatas, princípios imortais — estes vêm e permanecem; multiplicam e elevam todas as existências e levam-nos no seu seio, ou tomam-nos pela mão, e seguem para sempre.

Mentes cheias de «coisas» são úteis e populares; mentes cheias de «princípios» são poéticas e solitárias. O efeito da supremacia da intuição vê-se ilustrado nas vidas das grandes naturezas, nas quais o sentimento de fazer o que é justo, pelo próprio amor do justo, prevalece sobre todas as outras considerações. Tais almas divinas colocam-se acima dos ditames da conveniência e não temem a opinião pública. O chamado pouco virtuoso Burns exprimiu toda esta verdade em quatro simples versos. Falando da voz inata, disse:

«O seu mais leve toque faz cessar de pronto
As falsas pretensões;
E resolutamente guarda as suas leis,
Sem cuidar das consequências.»

Mas a que preço? Coloca-se na dianteira, obedece ou desobedece ao sentimento público conforme a consciência o ordena, e pode ser enviado para a prisão ou para a forca, acompanhado e ladeado por dois ladrões.

A natureza humana, ainda que mergulhada no crime, ama e adora a integridade, a bondade e a virtude.

O que é a virtude? Obediência à vontade de Deus — isto é, à mais elevada e profunda advertência da sua intuição. Mas as definições populares de «virtude» restringem o significado à castidade física em homens e mulheres. O antigo celibatário Xenócrates era estimado pelos libertinos de Júpiter, e a impudica Vénus era idolatrada pelas virtuosas freiras da Grécia e de Roma. A virtude da obediência a um princípio supremo é pouco conhecida e menos ainda praticada. Por isso é impopular, e os seus devotos são implacavelmente denunciados.

A aplicabilidade destas reflexões, caro leitor, tornar-se-á evidente nos minutos seguintes.

Prosseguimos viagem — a minha companheira e eu — de Illinois para Wisconsin. No nosso percurso sinuoso passámos por Waukegan, encontrámos congregações em Oshkosh e Kenosha — cumprindo deveres em cada cidade — e seguimos para realizar missão semelhante em Milwaukee. À chegada, fomos recebidos por um amigo de coração aberto, que nos saudou com ambas as mãos — gesto não raro entre os melhores conhecidos do entusiástico Oeste.

Após uma estada de duas ou três semanas, a convite do destemido Dr. Holbrook, estimado residente de Waukesha, dirigimo-nos ali para proferir uma ou mais conferências no tribunal, segundo anúncio público, sobre os «Factos, Leis e Filosofia da Intercomunicação Espiritual».

À hora marcada, a sala estava repleta de cidadãos de rosto vivo e elevada inteligência. As mulheres pareciam algo sobrecarregadas, mas reflexivas e atentas; os homens, ansiosos, mas confiantes e compostos.

Eu teria falado talvez cinco minutos em observações introdutórias e preparava-me para iniciar a exposição propriamente dita quando, para meu espanto, sem a mínima cortesia que até um cocheiro observaria, um senhor da assistência levantou-se e declarou:

«Tenho uma declaração a fazer a esta respeitável assembleia de meus concidadãos.»

Não me pediu autorização, como deveria ter feito — pois a reunião era minha, não dele — mas prosseguiu de imediato, num tom dominador:

«Tenho no bolso uma carta de um clérigo — o irmão do marido daquela mulher» (apontando para Mary, que estava sentada perto de mim) «— e ele declara que o orador ali» (agora apontando para mim) «destruiu o lar em Randolph e vive atualmente de forma ilícita com essa mulher, que abandonou o marido e os dois filhos pequenos.»

Enquanto falava, tomado de surpresa mas sem a menor agitação, voltei a sentar-me. Disse para comigo: «Eis um espécime de virtude ortodoxa — herdada, sem dúvida, de quatro gerações de fariseus autossatisfeitos.» Exteriormente, porém, mantive-me em silêncio. Lancei um olhar a Mary e senti a mortificação que a sua natureza sensível experimentava ao ser assim publicamente apontada e atacada, embora plenamente consciente da injustiça e falsidade da acusação.

Mal o difamador terminou, outro senhor levantou-se e disse com firmeza:

«Oponho-me a esta interrupção injustificada e inadmissível. Os cidadãos de Waukesha não vieram aqui para ouvir acusações contra o orador da noite. Se alguém se considera lesado pela conduta do Sr. ou da Sra. Davis, o tribunal é o local apropriado para intentar ação por danos. Senhoras e senhores, proponho que o Sr. Davis seja convidado a prosseguir com o assunto pelo qual nos reunimos.»

Uma vaga de genuíno entusiasmo ocidental percorreu a assembleia excitada. Todos, exceto o difamador, pareceram votar a favor, e retomei o discurso sem nova interrupção.

Foi uma situação penosa para nós e para os nossos poucos amigos. A melhor das mentes, ainda que repleta de simpatia e confiança, não resiste à tentação de pensar: «Talvez... talvez seja mesmo assim!»

«Gostava mesmo de saber qual é, afinal, a verdade acerca de todas estas acusações», etc. Nem o mais digno de confiança dos amigos fica imune à intrusão destas suspeitas inquietantes. Por isso, no final do meu discurso, pedi a indulgência do auditório por alguns momentos, para tratar de assuntos pessoais e importantes.

«Prometo-vos», disse eu, «que antes de deixar Wisconsin — e talvez antes mesmo de deixarmos Waukesha — vos apresentarei prova documental legal de que as acusações feitas contra nós são absolutamente falsas em todos os pormenores.» Depois, voltando-me para o senhor desconhecido* que tão valorosamente nos defendera no momento próprio, disse: «Em nome da liberdade pessoal — em nome da justiça sagrada — em nome da liberdade de expressão, do amor fraternal e da boa vontade — apresentamos-lhe, senhor, a nossa mais sincera gratidão.»

Imediatamente, nessa mesma noite, escrevi cartas a pessoas importantes no oeste do Estado de Nova Iorque, solicitando sem demora declarações juramentadas (afidávites) relativas ao seu próprio conhecimento da história de Mary antes de eu a conhecer, bem como aos factos respeitantes à obtenção do divórcio de Indiana após eu ter tomado conhecimento de ambas as partes nele envolvidas. Não tivemos de esperar muito pela prova. Citarei apenas algumas frases.†

«ESTADO DE NOVA IORQUE,
Condado de MONROE,

«Eu, Charles M. Plumb, da vila de Holley, no condado de Orleans, Estado de Nova Iorque, juro solenemente que conheço pessoalmente a Sra. Mary F. Davis; conheço-a a ela e ao seu anterior marido, o Sr. Samuel G. Love, desde o ano de 1848. (...) Até ao ano de 1851 considerei o Sr. e a Sra. Love felizes e satisfeitos nas suas relações conjugais.»

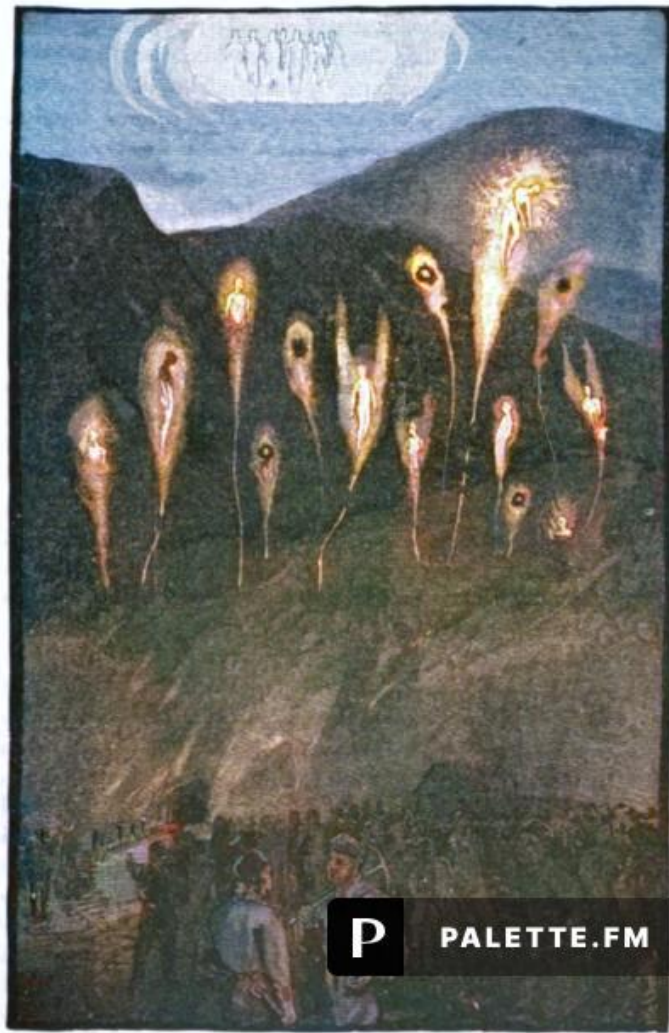
[Aqui o Sr. Plumb inicia e conclui uma longa narrativa das causas que, entre os anos de 1851 e 1854, resultaram no desejo mútuo de se separarem como marido e mulher.] Prossegue depois: «Na primavera seguinte (1854) visitaram Rochester, N. Iorque, e ouviram uma conferência de Andrew Jackson Davis, que sei ter sido o primeiro encontro deles com o Sr. Davis. (...)» [Após mais páginas de biografia do Sr. e da Sra. Love na busca da dissolução legal dos laços matrimoniais, ele atesta:] «Sei que o Sr. Andrew Jackson Davis nada teve, absolutamente, a ver com a obtenção do divórcio em questão.»

O Sr. Plumb apresenta, na sua declaração juramentada, em pormenor, os diversos passos que conduziram ao divórcio do Sr. e da Sra. Love e explica assim por que motivo os factos reais do caso não tinham sido antes dados a conhecer ao público — o que, se tivesse sido verdadeira e plenamente sabido, me teria poupado a uma condenação universal, contra a qual eu (e também Mary) trabalhávamos constantemente na causa do Espiritualismo e da Filosofia Harmonial. Diz ele:

«A razão que a Sra. Davis me indicou para não desejar fazer qualquer declaração pública foi a de que isso poderia pôr em risco o seu contacto frequente com os filhos e poderia interferir com a felicidade doméstica do Sr. Love.»*

Imagine, leitor ponderado, quão satisfeitos ficaram os nossos amigos em Waukesha ao disporem de prova legal de que as acusações ministeriais eram infundadas. Nós tínhamos um conhecimento interior, confortável, da retidão da nossa história privada. Mas o mundo é cego a tudo o que não seja aquilo que é palpável e inquestionavelmente exibido aos cinco sentidos corporais. Daí o provérbio: «Evita até a aparência do mal.» Se a humanidade se deixasse guiar por um temor tão doentio (de ser mal julgada e caluniada), haveria inúmeros atos filantrópicos, importantes para o bem-estar temporal e espiritual de mulheres e homens desgraçados, que nunca seriam praticados.

- Esta declaração juramentada foi assinada e prestada pelo Sr. C. M. Plumb em 26 de dezembro de 1857, perante o Comissário de Atos, Wm. J. McPherson, Rochester, N. Iorque.



CAPÍTULO XI

MORTE ENTRE AS MONTANHAS

«Mais servos atendem o homem
Do que ele repara. Em cada senda
Que pisa, calca aquilo que o ampara
Quando a doença o torna pálido e exausto.
Ó amor poderoso! O homem é um mundo e tem
Outro para o servir.»

Num capítulo anterior apresentei observações e conclusões clarividentes acerca de pessoas que foram sepultadas vivas.

Conta-se, pelo nobre Paulo, que a sua constituição naturalmente frágil e defeituosa — que resistira a tantas viagens perigosas e sobrevivera a tantos labores arriscados — foi sustentada por uma força que lhe descia do alto.* Esta é uma forma antiga, herdada do judaísmo monoteísta, de dizer aquilo a que, nestes dias mais literais e exatos, chamamos «ministrações angélicas».*

Não há país como o grande país que se estende a oeste dos Alleghanies. A terra é fértil, o céu é azul, os habitantes são industriais. A tonalidade amarelada do rosto vai desaparecendo com o aumento da riqueza verde e dourada. A boa saúde prevalece e, em cada rosto interessante, podem ler-se as escrituras da satisfação.

Os esplendores e a vastidão da Natureza, não as atrações das grandes cidades, dão as primeiras impressões aos viajantes bem-dispostos. Assim, os novos Estados ocidentais dos Estados Unidos da América levam observadores inteligentes a acreditar que existe uma REPÚBLICA DO ESPÍRITO, aninhada e em gestação no organismo político dominante. Muitos anos atrás tive uma visão profética de uma nova classificação e administração de Estados; de novos centros de (...)

Algumas semanas após os acontecimentos em Waukesha visitámos os nossos estimados amigos no Missouri. Enquanto ali estávamos, ainda de maneira perfeitamente privada, investiguei por clarividência algumas das grandes montanhas minerais desse Estado. Um dia, olhando para leste, observei subitamente (creio que na Pensilvânia) grande comoção à boca de uma imensa mina de carvão. O depósito de carvão era largamente carbono, exigindo uma forte corrente de ar para se tornar destrutivamente combustível, comumente conhecido como antracite. As suas atividades particuladas, quando a corrente é forte, produzem o calor mais intenso. Lento na combustão, mas rápido nos efeitos.

Mas, nesta mina em particular, observei estratificações de composição vegetal fibrosa e carbonífera, de estrutura celular. Daí resultava a evolução e acumulação de certos gases voláteis, que arderiam quase espontaneamente. Predominavam

hidrocarbonetos numa direção particular, que se misturavam livremente com o ar respirável nas diversas galerias, onde um grande número de mineiros trabalhava.

Nesse exato momento, quando as minhas percepções estavam sobre este campo subterrâneo de vidas humanas e imensa riqueza, ocorreu uma explosão!*

Tentei, mas então não consegui, continuar as minhas observações. Não pude evitar os pensamentos sobre o sucedido: ravinas e abismos horríveis sob a grande montanha de riqueza mineral; homens laboriosos, impelidos pelas necessidades diárias, herdeiros indefesos da pobreza, lá em baixo — no submundo em chamas da morte! Para eles, foi «o fim do mundo». O próprio grande sol parecia morto no céu. Os céus transformaram-se em infernos flamejantes de agonia muda. O fogo e a morte caminhavam de mãos dadas no subterrâneo. Exclamações e súplicas ao céu. Nenhum Deus a responder à oração. Corações de esposas a partir-se à porta da perdição ardente. Pais lá em baixo a desejar ouvir mais uma vez as vozes dos filhos. Amantes no forno da morte a anelar por uma última palavra de despedida. Oh, o horror destas reflexões!

Quanto tempo levei a recuperar o firme domínio do meu Bastão Mágico! Só vinte e quatro horas depois. A minha língua não conseguiu dizer palavra alguma a ninguém sobre o que eu testemunhara.

Na manhã seguinte, porém, sozinho e em silêncio no meu quarto, completamente recolhido e interior, ordenei de novo uma visão da grande mina de carvão — de riqueza e morte.

Que foi o que me fez sentir uma felicidade tão leve? Uma estranha frescura perfumada de flores parecia carregar a bela atmosfera. Já não estava na escuridão. Uma cena extraordinária desenrolava-se tanto dentro como acima da montanha. Lugar esplêndido; a selva a florescer em rosado; obra celeste do Pai Deus e da Mãe Natureza! Parecia absolutamente indescritível; e, no entanto, devo descrever o que contemplei. A morte trabalhava honestamente entre os mineiros. Tocavam-se trombetas, repicavam sinos, e havia iluminações por toda a parte.

Não no mundo exterior: aí tudo parecia treva e desespero. Os lares desolados ressoavam de lamentações. Crianças choravam até adoecer gravemente. E, contudo, eis que todo o flanco daquela grande montanha era belo e luminoso de emanções espirituais. Materiais dos depósitos minerais, os próprios gases, cooperavam com os elementos psíquicos que se elevavam.* As propriedades e essências mais íntimas dos mineiros, superiores em refinamento molecular ao hidrogénio, ao oxigénio e ao carbono, abriam asas como aves-do-paraíso. Ascendiam através das rochas sólidas, com centenas de pés de espessura, e reuniam-se e misturavam-se no ar acima, como gotas de orvalho a fundirem-se no mais fino vapor sob o sol magnético.

Se fosse compatível com o fim e a natureza deste volume, nada me daria maior satisfação do que detalhar os variados e quase incontáveis fenómenos manifestados. Nos primeiros vinte minutos ou mais, as minhas investigações foram tentativas. Gradualmente, pude analisar e classificar os pormenores das manifestações sobre a montanha. Mas não consumirei, neste trabalho, espaço em descrições filosóficas. Alguns itens, contudo, parecem demasiado vitais para uma correta compreensão dos fenómenos para não os registar.

O primeiro facto que me interessou profundamente foi o maravilhoso arcano envolvido na grande diversidade de posições e estádios de desenvolvimento assumidos pelo organismo psíquico em formação. Alguns corpos espirituais pareciam estar apenas a iniciar, por assim dizer, a sua parturição a partir dos corpos mortos; enquanto outros, embora emanando de formas físicas que morreram quando aqueles morreram, estavam então quase perfeitos na sua construção final e prestes a partir para o alto; e havia ainda outros, envoltos num vapor psíquico nebuloso e com um núcleo quase negro, que pareciam ancorados firmemente à gravitação terrena.

Sobre estas almas de centro escuro poderia escrever-se algo de grande utilidade pública. As influências da Terra predominavam nelas sobre todas as atrações celestes. Outros, porém, pareciam elevar-se rapidamente e alcançar a emancipação dos seus corpos materiais. O entusiasmo iluminava-lhes os novos rostos; os olhos abriam-se para o grupo angélico acima, e a nova vida parecia um êxtase divino.*

O segundo facto que atraiu a minha atenção foi o perfeito paralelismo entre o nascimento de um bebé do organismo formativo da mãe e o nascimento do corpo espiritual a partir dos múltiplos departamentos do corpo material que o contém por baixo.

• O leitor agradecerá ao artista a vívida delineação da cena. A partir dos meus esboços originais a lápis e das minhas descrições orais, ele conseguiu retratar com êxito as realidades.

Um cordão extraordinariamente delgado, em forma de fio, mas coeso e cheio de potencial (como o cordão umbilical), ligava o organismo inferior ao transcendente. Esse filamento de força era, na verdade, a grande aorta — ou, antes, o ducto torácico, ou grande canal central — por onde e através do qual todos os genuínos elementos psíquicos fluíam do corpo rejeitado para os seus lugares apropriados no novo corpo imortal que assim se construía. Que tenuidade requintada! Que fio dourado de seda umbilical, e, no entanto, um tubo vivo e um condutor primordial, era o belo liame existente entre o corpo celeste e o corpo terrestre!

Esta cadeia viva de ligação — este cordão primariamente indispensável — é cortado assim que o corpo espiritual fica perfeito. Não há emancipação até que chegue esse momento auspicioso. Então, num abrir e fechar de olhos, o velho passa e a nova vida começa. E, contudo, na consciência interior e na memória perpétua, não há «passagem» do passado. O indivíduo indestrutível, em pessoa própria, está acima da mina de carvão, como espírito, exatamente aquilo que era social, moral e intelectualmente antes de a combustão destrutiva ter ocorrido e ter posto termo à sua carreira terrena.

As minhas investigações prolongaram-se por cerca de uma hora. Os processos maravilhosos não estavam concluídos quando regressei ao meu estado normal. A ilustração descreve a última cena. Acima das montanhas da Terra — longe, por sobre os corações enlutados da vila — erguia-se uma companhia de residentes do Paraíso. Correntes douradas de magnetismo emanavam deles e dançavam, como notas de música hínica, em torno dos mineiros ressuscitados. «Havia alegria no Céu!» A Mãe Natureza ajuda o Pai Deus em cada átomo e em cada momento. Os feixes resplendentes de um sol matinal milenar inundavam o firmamento superior.

Os ricos proprietários da montanha mineral, com os seus escriturários e associados ávidos de dinheiro, iam e vinham ao redor do local do desastre. Lamentavam e choravam a grande perda financeira que o «acidente» acarretaria para os seus dividendos de ações. Alguns deles sentiam, de facto, «pena» das viúvas e dos órfãos. Mas lá em cima — bem acima, na própria orla do horizonte superno — estava um grupo de anjos sábios que, ao mesmo tempo que se compadeciam dos corações em tristeza passageira cá em baixo, abriam os seus jardins celestes e lares amorosos aos pobres emigrantes da Terra, que assim herdavam riquezas imperecíveis.

CAPÍTULO XII

UMA COMBINAÇÃO ESTELAR NO CAMPO

«É difícil sorrir quando se devia chorar;
Falar quando se devia estar calado;
Acordar quando se desejava dormir,
E acordar para a agonia.»

Antes de deixarmos Waukesha, no Wisconsin, e enquanto aperfeiçoávamos os preparativos para uma digressão de conferências, sistemática, de vários meses, concluímos negociações para termos uma cantora na pessoa da Sra. Libbie Higgins Brown. Havia muito que sentíamos necessidade de música para ajudar a humanizar e harmonizar as nossas reuniões públicas.

Os clérigos, de início, têm toda a vantagem sobre o pobre reformador solitário. Não só se acham protegidos pela Muralha da China de um sentimento público favorável e simpático, como dispõem de inumeráveis atrativos sensoriais: belos edifícios arquitetónicos, soalhos alcatifados, bancos estofados, um púlpito encantador adornado de flores, um grande órgão e o melhor organista disponível, rodeado por um coro bem pago das mais irresistíveis vozes humanas (que o dinheiro pode comprar) para cantar louvores reverentes ao Altíssimo, ou entoar invocações piedosas em consonância com os harpistas celestes que tocam em torno do Trono resplandecente da Graça, ou fazer soar, em cadências que comovem a alma (em uníssono com a música das estrelas da manhã), os mais grandiosos hinos de «glória excelsa» (gloria in excelsis), ou ainda exalar a gratidão dos corações terrenos, cujos pecados podem ser como escarlata e cujos pensamentos de mal, como faíscas, sobem continuamente.

Tivemos tudo isso em conta. Pelo que dirigi assim a palavra à Sra. Brown, assinando Mary a carta:

«WAUKESHA, Wis., 21 de dezembro de 1857.

«Minha querida irmã, escrevo-lhe esta manhã para apurar, com toda a clareza, junto de si e dos seus amigos, se entendemos do mesmo modo o resultado da nossa recente conversa.

«Até agora não encontramos pessoa que pudesse fornecer a música de que há muito sentimos necessidade e que, ao mesmo tempo, fosse amiga dos nossos ensinamentos e se encontrasse em situação de nos acompanhar em condições razoáveis e benevolentes. (...) O entendimento é que viajará connosco e cantará nas

nossas reuniões por um período de tempo inteiramente sujeito às suas próprias inclinações, consideradas em conjunto com a Reforma que todos sentimos ser aquilo por que vivemos e que amamos proclamar.»

(Aqui foram enunciados e fixados os termos financeiros.)

«Se concluir associar-se a nós neste trabalho, prometemos que será mantida tão confortável fisicamente e tão feliz mentalmente quanto as circunstâncias de tais jornadas entre estranhos e os nossos recursos limitados o permitirem; e será em todo o tempo tratada com terna cortesia e fraterna consideração como nossa companheira.»

Uma resposta favorável ratificou a proposta. Estávamos, assim, em certa medida, prontos para o campo aberto, onde ainda nenhuma semente chegara à atratividade da colheita.

Mas havia ainda outro cooperador necessário para fortalecer o nosso movimento. Esta necessidade foi em breve suprida na presença pessoal e na eloquência influente do nosso estimado amigo, o Sr. Giles B. Stebbins. Diplomado na Academia Garrisoniana — de antagonismo incondicional e eterno a todas as formas de erro e opressão — a sua alma estava sempre em fogo, e a sua língua nunca carecia de palavras apropriadas para prestar qualquer nobre serviço necessário à causa da verdade e da humanidade.

Aceitou a nossa proposta financeira e, assim, de imediato, se tornou «um conosco» na doença e na saúde, com bom ou mau juízo público, «para amar, honrar e» — viver a sua própria vida honesta! Dirigia-se aos nossos auditórios, quer no início quer no final das sessões, que passaram então a consistir em música no melódeo, acompanhada pela voz, a imprimir uma influência agradável, e discursos dos principais intervenientes.

Nesta combinação estelar, a parte mais eficaz de Mary era a apresentação de casos reais de «ministrações angélicas» do ponto de vista sentimental e afetivo. O seu espírito era sempre reverente e sensível, ou religioso no tom, e a sua voz bem treinada, tocada ternamente de compaixão por sofrimentos e perdas pessoais, infalivelmente «trazia lágrimas aos olhos». Nunca deixava de despertar profundo interesse pelo lado afetivo e religioso do Espiritualismo. Por isso, estava eminentemente talhada para falar em «funerais» e também em todas as ocasiões em que era necessário o lado verdadeiramente poético e espiritual da verdade; e eu quase nunca deixava de me retirar da frente nessas ocasiões — chamando

invariavelmente primeiro «Mary» para, por gentileza, proferir a alocução para a qual eu sempre me sentia inadequado.

A minha própria função de tribuna pública parecia ser — bem, para ser franco e confidente, até hoje me é totalmente impossível defini-la. Os nossos auditórios incluíam invariavelmente homens e mulheres de acentuada capacidade intelectual; adultos de vasta experiência; muitas vezes altamente cultivados em ciência, literatura e arte; caracteres sérios e dignos, de toda a imaginável fase e tonalidade de opiniões, e adeptos em todas as possíveis questões. Creio que nunca falhei em desenvolver num auditório um profundo interesse na direção de «mais luz!»

Produzi, sem qualquer dom de oratória, nos meus ouvintes vários efeitos bem marcados — «curiosidade», «indagação», «obscuridade», «irritação», «oposição», «aspiração», «riso», «admiração», «encorajamento», «amor fraternal» e uma acrescida e dolorosa «fome» de mais alimento das árvores da vida eterna.

Em suma, neste volume biográfico, resumirei tudo assim: o Sr. Giles B. Stebbins era o nosso reformador-estrela; a Sra. L. H. Brown era a nossa musicista-estrela; a Sra. Mary F. Davis era a nossa poeta religiosa-estrela; e eu cintilava como o nosso filósofo-estrela.

Imediatamente após iniciarmos esta peregrinação reformadora, o desenho do Monte Aspiração impregnou e impregnou todo o meu interior. Senti que, em breve, escreveria outro volume da Harmonia — quatro da série já estavam diante do mundo. Senti a atração da elevação espiritual de cujo cume, iluminado pelo céu, eu vira as altas verdades incorporadas no Penetralia. Os pontos germinais dos capítulos que mais tarde entraram no Thinker (Vol. V da Grande Harmonia) começaram a mover-se dentro de mim.

Nós, três reformadores (quatro, parte do tempo), viajámos pelas cidades do Wisconsin, Illinois, Indiana, Missouri, Michigan, Ohio e Nova Iorque. O fiel Sr. Stebbins permaneceu connosco por algum tempo, depois de a nossa senhora musicista, ao encontrar outra ocupação menos laboriosa para empregar os seus poderes vocais, se ter retirado de nós com a melhor boa vontade.

CAPÍTULO XIII

CUMPRIMENTO DE UMA PROFECIA PRIVADA

«Por cada período da minha vida
A Tua bondade seguirei;
E após a morte, em mundos distantes,
O glorioso tema retomarei.»

Embora eu tenha tido, em diferentes momentos da minha vida, uma habitação local por breves períodos e tenha usufruído da ilimitada hospitalidade de alguns amigos pessoais, nunca senti ainda que estivesse a viver «em casa». Era a casa de outros, ou por mim administrada para outros, e não como lugar de repouso para mim próprio. Por isso, um sentimento de saudade de casa, por vezes, invadia a minha alma. Desde a juventude, o sonho de desfrutar «um lar» nunca me abandonou.

O lar é a fonte do corpo e da alma. Um lar injusto e tirânico resulta com certeza no mal, tal como um lar doce, amoroso e justo resulta com certeza no bem. É nos lares — como os homens lhes chamam — que as crianças nascem e são criadas para o bem ou para o mal. O coração, ainda mais do que o corpo, precisa de abrigo.

Profeticamente, eu tinha o conhecimento interior de que, em anos futuros, Mary viria a ter plena posse e gozo dos seus dois filhos.* Muitas vezes animava o coração solitário de mãe com: «Eles virão para junto de ti para ficar! Sei, por um conhecimento intuitivo antecipado, que os terás contigo!»

Os leitores do Vol. I, *Magic Staff*, recordarão os factos do caso. (Ver p. 548.) Naquele tempo parecia que ela jamais os poderia ter consigo.

Durante vários anos, a mãe saudosa (com a alegria de apenas muito breves visitas) foi consolada na ausência deles pela minha profecia persistente. Por fim, a luz começou a entrar na escuridão. Embora fosse verdade — e plenamente admitido — que o Sr. e a Sra. Love faziam fielmente o que acreditavam ser o melhor para o bem-estar físico, mental e moral das crianças, era natural que os corações jovens ansiassem pela mãe ausente e que o poderoso afeto maternal dela as chamasse incessantemente.

As glórias da colheita de outubro de 1858 tornaram-se um dia ainda mais gloriosas por uma carta da companheira do pai das crianças.

Foi o primeiro raio luminoso que pareceu o cumprimento da profecia. O conteúdo da carta pode inferir-se pela resposta de Mary, como segue: —

«HOLLEY, N. IORQUE, 25 de outubro de 1858.

«AO SR. E À SRA. S. G. LOVE:

«Recebi uma carta vossa, por intermédio de Fannie e Charlie, assinada por Louise M. Love, na qual vinha a seguinte frase: “O Sr. Love pede-me que diga que, se quiser um ou ambos os filhos, pode tê-los, desde que sejam feitos arranjos satisfatórios para o seu bom cuidado e sustento.”

«Sr. e Sra. Love, devo declarar-vos com franqueza o que sinto nesta matéria, a saber: que desejo muito sinceramente ambos os filhos; e, se consentirem em que os tenha comigo, desejaria recebê-los nos mesmos termos em que agora estão convosco. Isto é, eu desejaria —

«Primeiro: assumir toda a responsabilidade pelo seu cuidado e sustento.

«Segundo: ver transferido para mim o seu inteiro controlo, de modo que, em tudo o que respeita à sua localidade, situação e desenvolvimento, eu pudesse fazer os arranjos que o meu melhor juízo ditasse.

«Terceiro: que não lhes façais exigência maior sobre o seu tempo e pensamentos, nem ofereçais mais sugestões para o seu tratamento e educação, durante a sua menoridade futura, do que eu tenho feito no passado.

«Quarto: desejaria que o Sr. Love mandasse preparar e me entregasse um documento autêntico e legal que mostrasse que a transferência da sua tutela para mim fora efetuada.

«Sinto vontade de vos importunar para que cumprais as condições acima e ponhais as crianças à minha guarda. No próximo sábado, 30 de outubro, chegarei à casa do Sr. C. O. Poole, em Buffalo. Nesse dia, ou à noite, peço-vos que me informeis, por carta ou de outro modo, se consentis ou não no acordo que propus.

«Sei que é para o maior bem de Fannie e Charlie que tenham um só lugar de permanência — um só lar; e não deve exercer-se sobre eles influência alguma que interfira com o seu inteiro contentamento e a sua obediente alegria nesse lar. Tenho procurado, com cuidado, regular a minha conduta para com eles de acordo com este conhecimento. (...) Nunca me esqueço do que devo a si, Sra. Love, como

cumpridora de uma missão de mãe para com estas queridas crianças, nem do auxílio prestado pelo seu pai (seu marido) nesta obra bondosa, abençoada e nobre. O Céu sabe que estou sempre grata por todo o amor, trabalho e constante vigilância que ambos tão livremente lhes dispensaram.

«Esperando ter notícias vossas em breve e de forma definitiva, subscrevo-me,

«Vossa, com estima,

«Mary F. Davis.»

Por que motivo introduzir o que precede? Primeiro, porque explica os passos iniciais que conduziram ao cumprimento da minha profecia constante a Mary; e, segundo, porque explica o motivo principal (na minha mente) que levou à compra e apetrechamento de uma residência em Orange, Nova Jérсия.* Antes de poder tomar a seu cargo e assumir a responsabilidade pelas crianças, era necessário estabelecer primeiro um lar adequado, para que ela pudesse, de forma satisfatória, cumprir para com elas os termos do acordo, quando estes viessem a ser aceites.

Num dia luminoso, durante o auge e a ruína da grande rebelião, quando o destino da União parecia quase selado para a destruição (e enquanto nos ocupávamos da publicação do Herald of Progress), a paz reinava no nosso «lar», quando a há muito ausente Fannie e o Charlie chegaram para nunca mais voltar à casa do pai. As horas rolaram lentamente entre o acontecimento registado na página 548 do Vol. I, Magic Staff, e a chegada destes queridos aos braços que os esperavam em Orange. Eu não podia sentir-me tão feliz quanto Mary, pois não estava ligado por sangue a criança alguma; mas alegrei-me imensamente.

CAPÍTULO XIV

DIARIZAR ENQUANTO DESÇO DO MONTE ASPIRAÇÃO

«Tudo como Deus quer, que sabiamente atende
A dar ou a reter,
E sabe melhor de todas as minhas necessidades
Do que todas as minhas preces disseram.»

Anos de maravilhosas ocorrências psicológicas foram passando. Do Monte Aspiração, cujas alturas celestes viram nascer o Thinker e os volumes imediatamente subsequentes, comecei gradualmente a descer em direção ao gloriosíssimo Monte Harmonia. Foi durante esta viagem — do monte ao belo vale de um futuro melhor (no qual agora me encontro) — que fui levado (ou seduzido) a embarcar num jornalismo reformador de tom elevado! No Arabdula, bem como em Events in the Life of a Seer, podem encontrar-se os registos destes anos de provação. Passamo-los adiante.

Atenção, bondoso leitor: peço-a agora para outra fase psíquica.

Os indivíduos, depois da morte, se estiveram profundamente mergulhados em erros mentais e morais e enredados em infortúnios circunstanciais e sociais próprios desta esfera, passam muitas vezes por extraordinárias transformações de carácter — sobretudo nas perceções morais e nas valorações intelectuais.

Enquanto estas desintegrações interiores radicais e as subsequentes reconstruções progressivas decorrem, o indivíduo apresenta-se e atua, não raro, como um doente sob tratamento hospitalar celeste. Caminha com aparente fraqueza. Pensa debilmente, em vez de com o vigor terrestre que lhe era atribuído, e, ao falar, usa as palavras mais simples, em vez do fluxo encantador de eloquência majestosa e magnética pelo qual poderia ter sido célebre antes da dissolução física. De novo: após a morte, muitos outros tornam-se indiferentes e rapidamente ignorantes dos interesses públicos e privados da Terra, nos quais, antes de morrer, eram universalmente louvados, procurados e citados como representantes encarnados e máximas autoridades.

Por causa destes factos psíquicos pós-morte, tão pouco conhecidos e compreendidos neste mundo, torna-se muitas vezes impossível estabelecer satisfatoriamente a identidade de um espírito comunicante.

Durante a minha experiência no vale (274 Canal Street, Nova Iorque, de 1860 a 1864) como redator-chefe e como editor associado do Herald of Progress, tive

inúmeras demonstrações da verdade do que precede; mas, como neste volume me ocupo de outro departamento de registos autobiográficos, vejo-me obrigado a deixar de lado todos estes e outros assuntos filosóficos semelhantes.

Frequentemente, após a suspensão do nosso jornal, recebi cartas — umas simpáticas, outras trocistas, outras ainda sarcásticas, acerca do nosso fracasso — perguntando: «Por que não se reuniram os espíritos à sua volta? Por que não previu e evitou o fim desde o princípio, sendo o senhor um tão grande clarividente?» A todos expliquei com verdade: não acredito que qualquer labor estritamente filantrópico possa avançar com êxito sem «sacrifício», por assim dizer, da parte dos que trabalham, e sem constante «benevolência» da parte dos que dão os seus meios para sustentar tais trabalhadores.

Não esqueçais que o meu esforço era estabelecer um jornal católico, de palavra livre e independente. Empenhei nele toda a minha «força disponível». O excesso de trabalho e o pouco pagamento foram aceites com alegria como parte do esforço. O padrão era mais elevado e o plano mais amplo do que fora tentado por irmãos que nos precederam em trabalho semelhante. Digo-o não para me vangloriar nem para diminuir qualquer outro jornal, mas porque era verdade nestes pontos:

Admitir artigos bem escritos sobre todos os assuntos julgados necessários à humanidade.

Publicar textos sobre diversas questões políticas — sobre a estrutura das nações e a utilidade dos governos.

Defender ideias de liberdade, na mais ampla aceção do termo.

Defender os direitos da mulher, os direitos das crianças, os direitos de toda a humanidade em toda a parte.

Defender todos os princípios importantes da Filosofia Harmonial — incluindo a história do Espiritualismo passado e os fenómenos melhor autenticados do presente.

Publicar livre e destemidamente, a favor e contra, sobre questões bíblicas, e dizer plenamente aquilo que acreditamos ser a verdade em cada ponto de doutrina.

Incutir uma filantropia ampla e cooperativa, como a da «Fraternidade da Polícia Moral».

Manter as nossas colunas livres e incontaminadas em tudo o que é essencial — não admitindo «amantes livres» (no sentido libertino do termo), nem anúncios médicos charlatanescos, nem médiuns embusteiros, se soubéssemos que o eram.

Publicar um jornal de elevado padrão do ponto de vista literário — não inserindo nada, quer do mundo terreno quer do mundo espiritual, que não trouxesse o cunho de mérito e sinceridade.

Assim começámos na estrada do jornalismo. Pois bem, e depois? O nosso Herald era extremamente atraente para uns poucos. Os restantes assinavam e liam-no com maior ou menor protesto e sacrifício. Os nossos amigos pessoais assinavam-no, naturalmente, e um número considerável de amigos desconhecidos tomou-o por interesse nas questões gerais do Espiritualismo. Os que assinavam por amizade pessoal eram chamados «Espiritualistas», com exceção de uns poucos conhecidos como «Racionalistas» e «Infiéis».

O resultado foi que o jornal de padrão elevado não agradava completamente a ninguém. Uma proporção muito grande dos assinantes dizia: «Não publicam fenómenos de Espiritualismo suficientes.» Repetidas vezes me informaram de que o nosso jornal não poderia ter êxito a menos que publicássemos todas as semanas «comunicações dos espíritos». Não dispondo de factos autênticos suficientes para todas as semanas, não satisfizemos essa procura generalizada. Em suma: o Herald of Progress não recebeu a aprovação cordial da massa dos Espiritualistas na América. A nossa lista de assinaturas começou a diminuir.

Pouco rendimento se obtinha das nossas colunas de publicidade. Impelidos pela necessidade, começámos a admitir anúncios médicos. Pagam melhor do que quaisquer outros. Fomos tentados a publicar grande número de anúncios charlatanescos, mas não os admitimos, embora as nossas necessidades financeiras nos instassem constantemente a ser tão pouco exigentes quanto o Tribune ou o Independent.

Não podendo pagar trabalho editorial de primeira ordem para os vários departamentos, sobrecarregámo-nos de trabalho e depois fizemos o melhor possível com alguns alqueires de comunicações em prosa e verso escritas por amigos pessoais que “não tinham tempo” para preparar cuidadosamente nada para a imprensa.

Gradualmente, o nosso pequeno navio começou a afundar-se. A agitação da guerra civil contribuiu, em certa medida, para a perda de assinantes. Toda a gente estava tão absorvida pelos acontecimentos do momento que pouco podia atender

ao órgão publicado para advogar os assuntos da vida eterna. Sempre que nos pareceu conveniente, instámos os nossos amigos a tomar um interesse mais vivo no nosso empreendimento. Cada apelo desses trazia alguns assinantes adicionais e, provavelmente, afastava muitos que já tinham perdido quase todo o breve interesse pelo nosso esforço.

Para manter o jornal livre de dívidas, pedimos dinheiro emprestado a amigos e devolvemos-lhes cada cêntimo; mas carregámo-nos nós próprios com uma dívida de 2000 dólares, metade da qual foi paga por um “Testemunho de Ano Novo” em janeiro passado, e o restante obtive-o com conferências e vendas de livros no inverno e na primavera passados. Talvez seja interessante — e também um ato de justiça para com os nossos amigos pessoais em diferentes localidades — registrar que os cidadãos espiritualistas de Nova Iorque contribuíram com um dólar em cada sete desse “Testemunho”, mostrando que a maior expressão de boa vontade tende a vir de amigos mais afastados da linha de trabalho.

Agora, gentil leitor, tenho um objetivo nesta declaração franca: impressionar os espiritualistas com a convicção de que, então, não estavam preparados para sustentar, sem sacrifício próprio, aquilo a que se poderia chamar “jornalismo de alto padrão”, isto é, um jornal inteiramente independente na sua crítica e defesa do que quer que seja popular ou impopular nos assuntos humanos. A amplitude sem limites dos princípios divinos oferece uma tribuna totalmente livre — antipartidária e antissectária em todos os sentidos possíveis da palavra. Não queríamos ficar obrigados a publicar “comunicações de espíritos”, quer na carne quer para além da carne, para satisfazer as necessidades de uma grande classe. Desejávamos não imprimir nada que julgássemos prejudicial a um desenvolvimento saudável do poder moral e intelectual.

Há entre os espiritualistas o desejo de publicação constante de “comunicações de espíritos”, e parece quase impossível a alguém melhorar esse desejo; e, no entanto, todos os espiritualistas avançados concordam que é duvidoso que se faça grande bem ao publicar aquilo que qualquer espírito queira pôr na boca do médium, mesmo admitindo que assim se obtenham muitos “testes de imortalidade”.

E tenho ainda outro objetivo: exortar os espiritualistas a apoiar os jornais leais atualmente no campo e a não se desviarem para outras publicações com mais pretensões e menos fidelidade ao princípio.

E, por fim, tenho ainda outro objetivo: dizer a um grande número de correspondentes benevolentes que não me deixarei induzir a embarcar tão

plenamente em qualquer empreendimento na linha de um jornal. Tenho outra coisa melhor a fazer — pelo menos até encontrar algumas naturezas ricas, prontas para um apoio sacrificial de labores filantrópicos. Não tenho fé em esforços para sustentar instituições verdadeiramente divinas e de alcance mundial por meio de corporações feitas para ganhar dinheiro. Não acredito em pagar o uso de um templo alugando lojas por baixo e deixando escritórios por cima.

Encontro-me agora, uma vez mais, no vale, inteiramente a repousar dos trabalhos nos meus campos prediletos. A minha garganta ainda não recuperou o suficiente para me dedicar à palavra; por isso, recuso, neste momento, fazer quaisquer arranjos em parte alguma. Durante o restante deste ano de 1870, espero manter a voz em silêncio e o espírito tranquilo. Assim respondi a todos.

CAPÍTULO XV

UM FENÓMENO NO PÚLPITO

«E aqui, quando o mundo envelhece,
Deve cessar a luta do mundo;
A história da humanidade, contada —
E a Verdade venceu a Paz.»

Em meio às discórdias indescritíveis que se concentravam sobre mim — em parte por causa de um alarme geral de que eu “tinha voltado costas ao Espiritualismo”, repudiara abertamente os médiuns, “retratara-me” e estava a jogar nas aveludadas mãos do Cristianismo popular, etc. — precisamente neste tempo depressivo chegou-me um jornal que continha a seguinte e muito confortadora garantia, expressa com franqueza, de que a minha vida, pelo menos até então, tinha realmente “valido a pena”.

O leitor será tão gentil — sob as atuais circunstâncias discordantes, estou certo — que me perdoará a possível falta de bom gosto em submeter o notável sermão deste clérigo ao juízo imparcial dos mais esclarecidos.

UM SERMÃO SOBRE ANDREW JACKSON DAVIS E O ESPIRITUALISMO.*

«Nenhum curso de conferências sobre os grandes movimentos religiosos da Cristandade estaria completo sem considerar esse desenvolvimento religioso chamado Espiritualismo americano; ou, como Davis lhe chamou, “a Filosofia Harmonial”.*

«Nenhum dos líderes sectários é mais notável do que Andrew Jackson Davis. Os espiritualistas negarão que Davis seja o seu líder. Nenhum ser encarnado é um líder; muitos têm sido usados como instrumentos por espíritos desencarnados; e, no entanto, ao observador exterior torna-se evidente que Davis imprimiu no Espiritualismo as ideias e a fraseologia peculiares da Filosofia Harmonial. Na medida em que esta religião é ordeira e definida, isso deve-se aos trabalhos de Davis.

«Ele passou a primeira parte da vida na pobreza e cercado de ignorância. Não teve nenhuma das vantagens de que outros líderes religiosos desfrutaram. Desde cedo, foi frequentemente acometido daquele estado passivo próprio de todos os claridentes. A sua mente era inativa e lenta. No seu estado normal, era ignorante, normalmente abaixo da capacidade média; no estado clarividente tudo mudava. Era iluminado por algum poder; a sua visão penetrava para além da matéria que nos rodeia; o seu inglês, embora peculiar, é bom; a sua mente torna-se ativa, e ele eleva-se acima de todas as mentes à sua volta. Podemos rir da sua filosofia; podemos negar a sua visão; e, no entanto, essa filosofia não só se tornou a religião de milhões, como influenciou amplamente toda a Cristandade.

«Davis, como Swedenborg, diz-nos o que viu e ouviu. Não imagina: regista a sua experiência real. Não tinha educação; mal sabia ler e escrever quando começou a sua carreira verdadeiramente notável. O pai, durante a parte inicial da vida de Davis, era um sapateiro bêbedo; a mãe, uma mulher trabalhadora e sofredora, caía frequentemente nesses estados espirituais peculiares que o filho manifestou ao longo de toda a vida. O pai julgava o rapaz um imbecil, sem préstimo; a mãe protegia-o da violência do bêbedo e tinha fé no seu futuro.

«Em tenra idade foi mesmerizado e, sob influência mesmerista, prescreveu para os doentes, dando descrições exatas das suas enfermidades e indicando, com notável precisão, o remédio. Durante este período ouviu vozes que não pertenciam a mortais e viu visões estranhas, mas inspiradoras. Não só examinava doentes presentes como também os que estavam à distância, descrevendo o meio em que viviam e depois os próprios doentes.

«Um outro desenvolvimento peculiar foi acrescentado à prática médica sob o poder mesmerista do Dr. S. S. Lyon, de Nova Iorque. Davis, no estado clarividente, proferiu o curso de conferências publicado sob o título *Nature's Divine Revelations*. Quando recordamos que o jovem não conseguia falar uma frase gramatical, quanto mais escrever uma, este livro é uma das maravilhas do mundo. Tratando da criação, da ciência física, da ciência mental e da teologia, foi elaborado um tratado que, em muitos pontos importantes, concorda com o pensamento mais avançado sobre esses temas. Não digo demais ao afirmar que, atendendo à fonte de onde veio —

um rapaz doente e ignorante — essa obra é o livro mais extraordinário alguma vez escrito. Se algum homem foi inspirado, Davis foi-o. Nenhuma teoria contida na Great Harmonia poderia ter sido originada pelo jovem no seu estado normal. Se a experiência vale alguma coisa, ensinar-nos-ia que Davis foi auxiliado por algum poder exterior a si; e nenhum dos seus companheiros estava melhor preparado do que ele próprio.

«Davis tornou-se em breve capaz de entrar neste estado clarividente independentemente de qualquer mesmerizador.*

«Seguiram-se rapidamente outros livros, todos marcados por pensamento avançado, franqueza de linguagem em assuntos geralmente negligenciados e uma agudeza de visão pouco comum mesmo nos mais instruídos. No estado clarividente, Davis via claramente o interior do corpo, lia os pensamentos dos presentes, descrevia com nitidez localidades e indivíduos à distância e, por fim, como Swedenborg, via os anjos e o mundo espiritual.

«Nos seus livros mais recentes, Davis descreve a terra dos espíritos com o pormenor que antes aplicava à Terra. Não especula: limita-se a relatar o que viu e ouviu.

«Não hesito em declarar que A. J. Davis é o homem mais notável dos tempos modernos — por mais que discordemos das suas conclusões ou ríamos das suas descrições. Não podemos deixar de admirar o poder que permitiu a um rapaz ignorante expor um sistema de filosofia simultaneamente simples e abrangente, que nenhum pensador, cuidadosamente preparado para a sua tarefa por estudo de toda uma vida, superou.

«Em muitos pontos eu emendaria a Filosofia Harmonial. De algumas conclusões discordaria. Muito lixo se mistura com a mais profunda sabedoria; mas a série de livros escrita por Davis contém um compêndio de teologia e moralidade que, feito parte da vida de alguém, dificilmente deixará de fazer do discípulo um verdadeiro cristão.

«Quanto à ciência física, Davis, em geral, ensinou o darwinismo antes de Darwin escrever uma palavra. Em psicologia aproxima-se de Herbert Spencer. Em teologia é um cristão liberal da escola avançada. Sem estudo tornou-se um homem instruído e agora dá conferências no estado natural tanto quanto antes o fazia no estado anormal. A Filosofia Harmonial, que ele substitui à religião,* consiste no conhecimento das leis de Deus e na obediência a elas. Em todas as questões de reforma, está do lado certo. A moralidade prática é o remédio para todos os males,

e ele aplica-a a todos os departamentos da vida, abordando ousadamente as relações sexuais, definindo as suas leis e exigindo obediência. Alguns insistiram que ele não passava de instrumento nas mãos de algum grande pensador; mas, entre os seus amigos e associados, procuramos em vão esse pensador. Nenhum dos seus amigos concordava com ele. Ele chocava os seus preconceitos. Uns riam; outros troçavam; todos objetavam; e, no entanto, ele pregava calmamente a Filosofia Harmonial. Ninguém, na época, aceitou as suas ideias na íntegra. Hoje, milhões são seus discípulos. Ninguém pode estudar o seu carácter, a sua vida e as suas obras, sem confessar que há nelas um problema que é incapaz de resolver. Os ortodoxos falam muito do diabo e rejeitam o sistema de Davis como herético; mas ele não deixa, por isso, de merecer a nossa consideração cuidadosa.

«Não é meu propósito considerar demoradamente a Filosofia Harmonial. Leiam os livros, ouçam as conferências, e podereis aprender o que ela é.

«Encontramos à nossa volta, na cidade e no campo, dentro e fora da igreja, espiritualistas — homens e mulheres que acreditam que os espíritos dos falecidos comunicam connosco, os vivos na Terra.* Isto é simplesmente um facto que podemos aceitar ou rejeitar; mas estes espiritualistas afirmam ter uma nova religião. Podemos aceitar o facto e continuar cristãos; aceitar a filosofia e teremos de sair fora das igrejas!

«Esta reforma maravilhosa, avivamento, ou como lhe quiserem chamar, é digna de estudo atento por parte de cientistas, filósofos ou teólogos. Quer o facto da comunhão com os espíritos seja verdadeiro ou falso, aqui estão milhões de espiritualistas que afirmam que os milagres do Novo Testamento se repetem hoje. Rejeitai-os agora e tereis de rejeitar o registo do Novo Testamento.

«Com efeito, nos factos admitidos do Espiritualismo encontro o argumento mais forte para a autenticidade da narrativa evangélica. Neles encontro as melhores armas para defender os milagres dos Evangelhos contra os ataques daqueles que os negam. As igrejas, ao rejeitarem os factos do Espiritualismo, estão a deitar fora os próprios meios ordenados por Deus para firmar a verdade do Novo Testamento. Mas desejo considerar, antes, o Espiritualismo como religião e a ligação de Davis a ele. Os fiéis dir-vos-ão que a sua religião deriva dos ensinamentos dos espíritos através de médiuns.»

* *Abri o Religio-Philosophical Journal, datado de Chicago, 6 de abril de 1872, e li um discurso pregado pelo Rev. W. E. Copeland, ministro unitarista de Emporia, Kansas. O próprio facto é um fenómeno.*

* Talvez aqui convenha dizer, de uma vez por todas, que, enquanto o Espiritualismo, per se, é quase totalmente fundado e devotado à autoridade da «intercomunicação espiritual», a Filosofia Harmonial funda-se e devota-se à autoridade da Natureza, da Razão e da Intuição.

* Ver *Magic Staff*, p. 366 e seguintes.

* Esta confusão é muito comum. A verdade é que a Filosofia Harmonial é RELIGIÃO PURA, dirigida (1.º) à Razão e (2.º) aos afetos.

* Aqui está uma definição de Espiritualismo e de espiritualistas que concorda exatamente com a do autor.

Isto é em parte verdade; centenas formaram assim a sua filosofia; e, contudo, seguindo o progresso deste movimento maravilhoso, encontramos a sua origem na Filosofia Harmonial de Davis.

«Tenho observado o Espiritualismo durante anos, li os seus livros e ouvi as suas conferências, e encontro muito pouco que Davis não tivesse ensinado antes de um médium falar; e esse pouco é apenas uma amplificação de alguns pontos da Filosofia Harmonial. Davis é o pai da religião chamada Espiritualismo. As suas conferências são as fontes donde corre a água da vida com que os nossos irmãos espiritualistas saciam a sede.

«Interessa-nos mais considerar a parte religiosa das obras de Davis, e estas são, em grande medida, uma repetição do Unitarismo, diferindo em alguns pontos, mas concordando no essencial. Em suma, no que toca à teologia, Unitarismo e Espiritualismo são um só. A mesma unidade de Deus, a humanidade de Jesus, a inspiração contínua, a divindade humana, a progressão eterna, o castigo certo, a obediência implícita — tudo isso é ensinado por ambos. E, no entanto, Davis nada sabia de Unitarismo, e os seus amigos universalistas cedo se separaram dele.

«Não hesito em dizer que o mundo deve a Andrew Jackson Davis uma dívida tão grande de luz religiosa como a Lutero, Wesley ou Channing. Para usar a linguagem dos quacres, ele tem dado testemunho persistente contra o mal da guerra, da intemperança, da profanidade, da prostituição legal e ilegal, da escravatura, quer civil quer religiosa. Escreveu extensamente sobre a importância de uma escolha cuidadosa, após estudo atento da natureza de cada um, do marido e da esposa. Levantou um protesto veemente contra a prostituição legal. Escreveu com clareza e razoabilidade acerca do matrimónio e da maternidade. Investigou sem medo aqueles males da sociedade de que outros recuaram, e indicou claramente o remédio. Não conheço mestre ou reformador que tenha dito tanta coisa verdadeira e filosófica sobre a ciência social.

«Os seus escritos foram lidos por toda a parte e exerceram uma influência grande e merecida na vida religiosa da América — condenados por homens de ciência, perseguidos por teólogos. Nenhum reformador dos tempos modernos fez mais para elevar a vida moral da comunidade. Radical ele é, sem dúvida; mas, ao contrário de muitos outros radicais, constrói tanto quanto destrói. O seu estilo é peculiar, não facilmente compreendido, bombástico e pueril; todavia o pensamento é muito valioso, e muitos escritores e pregadores populares devem mais do que confessariam a A. J. Davis. Certo é que nenhum americano vivo exerceu influência tão poderosa sobre o pensamento religioso do seu país. Tem muitos seguidores mesmo entre aqueles que desprezam as suas pretensões. Não nego que haja absurdos e erros nos seus livros; mas também lá estão a verdade e a boa razão, e ninguém pode ler a Great Harmonia sem proveito.

«As outras reformas que considerámos foram movimentos populares ou, mais frequentemente, obra de algum espírito mestre. O Espiritualismo americano, a religião de milhões, é o único que olha para um rapaz ignorante, doentio e vulgar como seu progenitor e “inspirador”.

«Andrew Jackson Davis está hoje, entre os maravilhosos fenómenos desta nova reforma, como o mais maravilhoso. Não me envergonho de confessar que me ensinou muitas coisas, embora eu não me conte entre os seus seguidores. Seria infiel à minha posição se não o colocasse entre os líderes do pensamento religioso; se não atribuisse ao Espiritualismo um lugar entre os sistemas religiosos. Como as outras denominações à nossa volta, o Espiritualismo cristalizou numa seita, talvez tão intolerante como qualquer outra. Confirmou a fé de centenas de céticos na imortalidade da alma; é o remédio mais eficaz contra o materialismo.

Dirigiu a atenção do povo para a ciência social; revelou muitas leis de Deus que outros negligenciaram; insistiu na retidão pessoal; e, contudo, em alguns aspetos, é uma superstição tão degradante como o romanismo. Em vez de um papa infalível, tem um médium infalível. Davis nunca reivindicou para si poderes sobrenaturais, embora a ele e a outros médiuns tais poderes tenham sido atribuídos pelas multidões.

«O Espiritualismo, como sistema religioso, merece mais atenção do que a que lhe tem sido dada, tanto por conter muita verdade como por ser a fé de milhares de homens e mulheres bons. Embora eu deplore as teorias credais — hipóteses já refutadas do passado reapresentadas como novas verdades — as extravagâncias de muitos espiritualistas, a superstição de outros, não posso deixar de reconhecer as suas importantes contribuições para a teologia da igreja do futuro.

«Quando o Espiritualismo puser de lado a sua reverência supersticiosa pelos médiuns, o seu fanatismo, as suas pretensões exageradas, e submeter as suas teorias e revelações à prova decisiva da razão e do bom senso; quando se contentar em ocupar o seu lugar entre outras visões da verdade, como uma entre muitas, e não como a única — então, no estudo da teologia comparada, ocupará posição elevada. Quando os cristãos deixarem de tratar os espiritualistas como impostores, e Davis como falso profeta, o movimento e o seu pai serão contados entre os agentes escolhidos de Deus para a perfeição da humanidade. Na formação da teologia — a religião da igreja do futuro — Davis e o Espiritualismo têm um papel importante a desempenhar.

«Repito: não se tem dado atenção suficiente a um movimento religioso que conta mais aderentes do que mesmo o Metodismo; que, em muitos aspetos, mostrou admirável adaptação ao génio do povo americano; que é progressivo e recetivo à nova verdade. Mas o seu destino está traçado, a menos que apresente ao povo algum sistema de verdade bem digerido; a menos que as divagações selvagens dos seus mestres sejam substituídas por pensamento rigoroso; a menos que tenha algo em que se apoiar para além do entusiasmo passageiro dos seus médiuns.

«Quanto à base do Espiritualismo — que espíritos individuais falam através de organismos humanos — no que me diz respeito, só posso dizer: não provado. Quanto à pretensão da Filosofia Harmonial a um lugar entre as religiões do mundo, e de Davis a um lugar entre os grandes mestres, só posso dizer que a nenhum sistema dos tempos modernos, a nenhuma seita ou líder, atribuo com maior boa vontade um lugar como sistema e mestre de verdadeira religião. O Espiritualismo, com todos os seus absurdos e extravagâncias, está a fazer mais do que todas as seitas juntas para estabelecer uma religião racional e para confirmar uma verdadeira moralidade e uma ciência correta da sociedade.

«Embora rejeite as pretensões dos médiuns à posseção por espíritos desencarnados, embora lamente as suas muitas extravagâncias, honro a sua coragem em discutir sem medo as questões mais vitais do dia. Aplaudo as suas tentativas de reformar uma igreja corrompida e uma sociedade corrupta. Não posso esquecer como, sozinhos, em meio de riso e desprezo, sondaram as chagas purulentas do corpo político e prescreveram um remédio. Não posso esquecer os trabalhadores, embora me doa a sua hostilidade ao Cristianismo. E não me admiro quando recordo o ódio amargo e as mentiras malignas de pregadores cristãos, e estou disposto a desculpar muitos dos ataques dirigidos mais contra a forma do que contra o espírito do Cristianismo.

«E consigo ver que, por causa desses ataques, formas falsas e doutrinas errôneas estão a desmoronar-se; e posso, com firme expectativa, antever uma união entre espiritualistas e cristãos sobre o terreno comum de um Cristianismo racional ou de uma verdadeira religião, quando as maravilhas do Espiritualismo, juntamente com as de tempos mais antigos, receberem uma correta solução científica; quando as águas perturbadas assentarem, a espuma e a escória forem varridas pelo Espírito de Deus, e o verdadeiro Cristo, uma vez mais visto e formado em nós, conduzir todas as seitas e religiões a uma união comum, e a verdadeira igreja for erguida sobre fundamentos duradouros.

«Para alcançar este tão desejado resultado, apelo aos cristãos para que deixem de lado o seu fanatismo, preconceito e superstição, e usem a razão, reconhecendo a verdade, venha ela de quem vier; e apelo aos espiritualistas para que, ao estudar o Cristianismo, atendam mais ao espírito do que à letra, e deixem de acalantar um sectarismo quase tão estreito como o exibido por algumas seitas cristãs.»

CAPÍTULO XVI

UM CASAMENTO DE TEMPERAMENTOS CENTRAIS

«Deves ser verdadeiro contigo mesmo
Se queres ensinar a verdade;
A tua alma tem de transbordar, se queres
Alcançar a alma de outrem.»

Torna-se agora indispensável uma vista retrospectiva. Há muitos atos na vida de alguém que nunca parecem razoáveis aos espectadores até serem contemplados e interpretados à luz de alguma influência oculta, mas absolutamente dominante. Suponha-se, por exemplo, que tem um conhecimento perfeitamente privado acerca de um assunto que sente não poder comunicar com segurança a ninguém na Terra, pelo qual, no entanto, a sua vida é influenciada e colorida continuamente: não parecerá, por vezes, aos outros que tem “algo” a pesar-lhe no espírito?

O meu próprio espírito era assombrado, por assim dizer, por uma consciência sempre presente de uma situação que só o sono perfeito, ou a absorção completa no meu trabalho congenial de escrever ou conferenciar, suspenderia por completo e, temporariamente, enviaria para o agradável reino do esquecimento total.

Mas chegou, felizmente, o verdadeiro tempo de comunicar o meu conhecimento privado e inquietante a outra pessoa — àquela mais profundamente

envolvida, à própria Mary — e é também agora o verdadeiro tempo de o leitor destas páginas passar a possuir o mesmo conhecimento. Para o fazer com justiça, pede-se ao leitor que avance muito no tempo indicado pelos capítulos anteriores e, da posição presente, olhe para trás sobre o longo período entre 1855 e a data da carta seguinte.

À MINHA COMPANHEIRA NO TRABALHO.

«HYDE PARK, Mass., 18 de novembro de 1884.

«Minha querida Mary:

«Continuo um peregrino espiritual, peregrinando sozinho no vale. Habito entre montanhas que me parecem intransponíveis e desconhecidas. O redil desfez-se; as tempestades descem; as ovelhas estão dispersas. Ainda não vejo o fim do meu caminho solitário pelas planícies. Mas cedo à injunção divina — escrever-te uma longa carta.

«Há muitas semanas (na verdade, desde que voltei o rosto do meu trabalho em Nova Iorque) que tenho “impressões” muito definidas da única solução praticável para a situação em que nos encontramos, e que é o legítimo resultado da evolução progressiva de muitos e muitos anos.

«Durante estes anos, nunca perdi oportunidade de dizer o melhor de ti. E fui rápido e constante em aumentar o teu conforto pessoal e em promover o teu avanço e prosperidade. Sempre que escolheste qualquer posição pública, ou te elegeste para algum trabalho privado, ajudei-te e encorajei-te alegremente, até ao limite das minhas posses e influência. E reconheço que tu fizeste constantemente o mesmo por mim, exemplificando assim, mutuamente, “a regra de ouro” no nosso quotidiano. Por isso, também, fomos amigos mútuos durante todos estes anos e leais associados no trabalho público, acompanhados de muita harmonia silenciosa e de afeto repousante.

«Unimo-nos por sugestão e orientação dos anjos.» E acredito que a verdade — e não o erro — o bem — e não o mal — será o fruto que a humanidade colherá dos ramos pendentes da nossa árvore de vida. Se, porém, na pressa de colher e possuir o fruto, encontrarem espinhos escondidos e, com isso, lacerarem os seus sentimentos grosseiros e intrusivos, as dores e penalidades daí resultantes terão de ser suportadas pelos transgressores.

«Por uma coisa, entre muitas, estou imensamente grato: tu, querida Mary, não te apresentas ao mundo como uma mulher só, desconhecida e não apreciada. Durante estes muitos anos, conquistaste e asseguraste para ti um lugar elevado no mundo pelo exercício das tuas próprias qualidades nobres. Alcançaste, com mérito, uma posição abrigada nos afetos generosos e na estima intelectual de milhares. E ninguém na Terra se alegra mais com todo este bem para ti do que eu. Pois, por meio desta proteção múltipla, serás poupada a muita humilhação e dor; escaparás às setas mordazes disparadas da aljava cheia de ignorância e preconceito popular.

Em vez disso, sobre a minha cabeça pousarão as aves negras chocadas nos recessos escuros de mentes ainda mais escuras. Sobre a minha cabeça cairão as pedras lançadas por um público sem razão e, portanto, injusto. As fortalezas do Conservadorismo consolidado e plausível terão de me enfrentar e combater na minha “marcha até ao mar”. Mas tu, entretanto, serás protegida e amada, aquecida por abundante simpatia. Disso estou certo; e por isso, antes mesmo dos acontecimentos, estou profundamente agradecido.

«Não há guerra entre ti e mim. Tudo é tranquilo nos nossos acampamentos. Por cima de nós flutua o cântico angélico: “Paz na Terra, boa vontade para com os homens.” Mas devemos parecer (aos outros) voluntariamente antagónicos; devemos parecer estar em guerra um com o outro. Devemos parecer em oposição por amor da verdade e da justiça; sim, por amor do Bem que desejamos manifestar para iluminação e encorajamento da humanidade. Portanto, sendo tudo o que precede verdadeiro, sabemos que não nos esforçamos apenas, e egoisticamente, por fins privados e puramente pessoais. Consequentemente, o fruto da nossa árvore de vida será saudável como “alimento” e poderá, eventualmente, revelar-se um medicamento cheio de qualidades redentoras, dado pelo eterno Pai e Mãe de todos, para a “cura das nações”.

«Disse, querida Mary, que “nos juntámos sob a orientação dos anjos”. Nunca — nem por um momento — duvidei disso; porque era conhecimento, não crença; e nunca questioneei uma única vez a sabedoria do facto. E sabendo também, além deste ato benigno da Providência, o facto privado de que os nossos “temperamentos centrais” eram e são harmónicos, tirei intelectualmente a inferência lógica de que, sendo a fundação orgânica e psíquica coerente e consistente consigo mesma, estávamos sem dúvida destinados um ao outro para o tempo e para a eternidade. Um casamento temporário é suportável e apropriado apenas para aqueles cujos olhos ainda não se abriram para compreender qualquer relação superior à conveniência corrente, à lei estatutária e à fugaz satisfação da paixão. Mas, com a nossa luz harmonial, e movidos por princípios elevados, tal casamento temporário é absolutamente repugnante e nauseante.

«Por conseguinte, nesta fase tardia da nossa vida, perante a Verdade suprema, declaro-te agora a minha descoberta: que, não obstante a harmonia dos nossos temperamentos centrais e a consequente congenialidade de coração e intelecto entre nós, pela qual a nossa associação se tornou ao mesmo tempo agradável e proveitosa, contudo, vinte dias não haviam passado após o nosso casamento legal quando eu, de modo definido e intuitivo, compreendi que, embora estivesse agradavelmente associado a uma mulher meiga, amorosa e inteligente — tudo tão essencial para uma companhia harmoniosa no trabalho e para conforto e paz social — ainda assim compreendi distintamente que não estava associado à minha companheira eterna na vida conjugal!

«Estou profundamente grato por poder, aqui, no retiro do meu quarto, escrever-te isto, em vez de o discutir oralmente contigo; porque, como bem sabes, no contacto oral os sentimentos, demasiadas vezes contra os ditames do juízo calmo, traem a língua em expressões pouco proveitosas; ao passo que, sob as rígidas restrições da insensata pena, os sentimentos impulsivos têm de esperar, subservientes ao sóbrio segundo pensamento e à vontade governante do mestre.

«A revelação interior da temporariedade da nossa relação chegou e ficou plenamente conhecida no meu coração logo no princípio da nossa peregrinação conjunta. Houve grande sabedoria em adiar esta revelação até então. Havia grande bem para a humanidade a resultar do nosso casamento e dos nossos labores unidos. O conhecimento do facto interior chegou exactamente no tempo certo; e posso testemunhar que ele foi da máxima importância, como disciplina espiritual, para ambos, em toda a nossa vida pública e privada juntos. Mas a ti, querida Mary, não sussurrei uma única palavra da minha descoberta. Não percebi eu que repousavas na calma felicidade de um coração perfeitamente satisfeito comigo? E, além disso, não previ eu que, sob a orientação dos anjos, a nossa associação e os nossos labores unidos no campo conduziram ao florescimento e desenvolvimento das qualidades espirituais da tua mente e do teu coração? E não provou o desenlace a exatidão da minha previsão?

«Em pensamento privado, a minha teoria da nossa relação era esta: que, apesar de no meu íntimo eu não poder sentir-te nem contemplar-te intelectualmente como a minha verdadeira contraparte conjugal, eu esperava, em oração, que, devido à unidade dos nossos temperamentos centrais e ao facto primordial de que os anjos nos tinham reunido, a nossa união temporária pudesse, com o tempo, ser superada e ultrapassada, e que um casamento eterno pudesse ser evoluído, em virtude de estrita lealdade e de obediência inabalável às sagradas leis e delicadas condições do puro amor conjugal.*

«Perguntas, naturalmente: “Por que não mo disseste logo?” Porque, além do que já disse, não me sentia eu terno e profundamente solidário contigo? Não sabia eu da grande dor e amarga desilusão que resultaram do teu primeiro casamento infeliz?

** Leitores atentos do volume anterior (The Magic Staff), não recordando a cadeia lógica de acontecimentos e doutrinas ali apresentados, ficarão, de início, naturalmente surpreendidos e magoados com a (aparente) contradição palpável. Na realidade, porém, não há inconsistência de princípio a fim. Vejamos: na página 529 e seguintes, lê-se: «É uma lei imutável que, quando dois corações se sentem verdadeira e sabiamente atraídos para um mesmo abraço, as partes assim unidas possuem o poder de tornar a sua união transitória ou permanente. O casal pode deixar de ser amante, nem sequer amigo civil, e tornar-se inimigo da pureza e felicidade um do outro.» Chamei então a esses efeitos possibilidades sob o controlo de um homem e de uma mulher. A primeira carta de Mary para mim (p. 494) e a minha resposta não indicavam a mínima atração para além, ou mais profunda, do que é natural entre mestre e discípula. Na página 502 sou informado (de cima) de que ela era alguém «com quem o meu espírito poderia (isto é, possivelmente) formar uma relação eterna». E na página 503 declarei «que não estavam enganados» — significando apenas (e só significando) que a nossa adaptação era favorável a uma união eterna.*

Em verdade, foi por profunda simpatia contigo e por ti que eu não pude (tão pouco depois da celebração da nossa união legal) fazer de ti o depositário de uma convicção tão dolorosa, cujo conhecimento completo possuía inteiramente o meu espírito. Na realidade, querida Mary, senti-me fraco e desanimado. E senti também que uma revelação franca da minha descoberta interior, tornada ainda mais explícita por uma mensagem do alto, teria instantaneamente enchido a tua vida esperançosa de sentimentos de desolação e desespero. Por isso guardei de ti o meu segredo. «Ai de mim!», dirias tu provavelmente: «Amei, lutei e falhei em prender a mim um coração verdadeiro, onde o meu pudesse encontrar descanso.»

Preciso eu dizer-te que, como em todas as experiências anteriores, o Bastão Mágico me sustentou por todo o caminho? Que, dia após dia, nele me apoiei? E que ele nunca uma só vez me falhou? Mas compreendi que eu era tudo (até um Bastão Mágico) para ti; por isso, nunca te falhei; sustentei-te e encorajei-te constantemente; e amei-te tanto quanto pude, de modo firme e fiel, durante todo o percurso.

Entretanto, não esqueças: o meu entendimento dos ensinamentos da nossa filosofia do matrimónio — que profundamente me encorajou, consolou e em

grande medida me reconciliou com a situação — era este: que uma «união eterna» poderia, com o tempo, desdobrar-se e evoluir com certeza pela obediência aos estatutos conjugais escritos na constituição do espírito; que uma superestrutura permanente poderia ser erguida e sustentada sobre a conhecida harmonia e as adaptações dos nossos temperamentos centrais. [Que tal evolução ou resultado é possível, em alguns casos, creio-o plenamente.]

Assim passaram alguns anos. (Começámos a nossa peregrinação há cerca de vinte e nove anos.)

Chegou então outra época na minha vida: descobrir e organizar, e tornar manifesto na Terra, o Children's Progressive Lyceum. Imerso neste novo e importante labor, eu tinha necessariamente de estar sempre atento às qualidades inatas, às características lúdicas e fascinantes, às mais finas organizações físicas e às melhores manifestações mentais das crianças. Eu amava então, como amo agora, os ternos encantos e a delicada beleza do espírito imortal de uma criança. Via então, como vejo agora, possibilidades infinitas no espírito infantil. E vejo, nas deliciosas simplicidades e na verdadeira espontaneidade da vida infantil não tolhida, um antegosto da bem-aventurança do lar celeste.

Mais do que te posso dizer, este foi (enquanto eu assim trabalhava) um tempo muito crítico para mim. As minhas suscetibilidades espirituais estavam anormalmente inspiradas e extraordinariamente despertas. Por vezes, era quase dolorosamente feliz quando contemplava um novo clarão de verdade; e assim vivia, dia após dia, quase constantemente, na delicadíssima orla do universo espiritual, com cada antena estendida, olhando e sentindo por novas impressões — das quais eu me encontrava, a cada momento, no estado de mais viva expectativa.

Foi então e aí que, como te lembras, veio voluntariamente ter connosco uma Srta. Passon, solteira de meia-idade, cheia da mais calorosa e refinada simpatia pelas crianças; e ela sentia-se poderosamente atraída para o meu trabalho especial em favor da infância, na descoberta e estabelecimento do liceu nascido do Céu.

Frequentemente, naquela época crítica, eu estava, de corpo e alma, muito cansado — devido, como disse, aos meus constantes exercícios interiores — tão cansado, de facto, que havia momentos em que, sentindo-me inexprimivelmente exausto, não podia deixar de desejar e ansiar pelo doce repouso da morte.

Nesses estados de prostração recorrente, e quando mais ansiava pelo derradeiro repouso da vida, a nossa amiga, a Srta. P., aproximava-se muito, com o louvável desejo de me conferir algum benefício curativo. Neste ato de bondade

fraterna não havia nada de impuro nem de enganador. Ela estava muito afastada das sugestões traiçoeiras da paixão. Entre nós não havia então — nem em qualquer tempo posterior — nada senão o mais infantil interesse, simpatia e amizade. Ainda assim, um dia, para meu grande alarme, descobri que ela se sentia profundamente afeiçoada a mim; e, o que me alarmou ainda mais, foi o inesperado despertar em mim de um sentimento ao qual, até esse momento, eu fora totalmente estranho!

De imediato senti não só um certo encanto que nascia da presença de uma alma pura, mas também um sentimento por ela que eu sabia ser aparentado com a grande beleza e a doce alegria do puro amor conjugal. Assim, pela primeira vez na minha vida, revelou-se à minha consciência um pensamento de amor e um sentimento conjugal mais profundo do que aquele que tu alguma vez despertaras em mim. Este sentimento novo, puro e sagrado — que, como disse, estava inteiramente livre da influência enganadora da paixão — eu, desde logo, conscienciosamente o acalentei e contive, e gradualmente o analisei; e, com o tempo, acabei por o subjugar e, por fim, obriguei-o a retirar-se para uma insensibilidade muda. Eu sabia que aquilo era apenas «um sentimento» na direção certa; mas estava longe de ser completo. Não trouxe o repouso pleno e jubiloso — o contentamento profundo, absorvente, a satisfação — que é a prova de uma união verdadeira.

O verdadeiro matrimónio é o entrelaçar de coração com coração; não nasce da beleza exterior; não é efeito da atração da paixão, por mais poderosa que seja; não: nasce do amor puro e desinteressado, no e do espírito — um casamento de espírito com espírito — o encontro de verdadeiros correspondentes no espírito; e a prova disso é inteiramente espiritual. E é uma verdade sagrada e privada, superior à autoridade de pai, sacerdote, Estado ou Igreja.

Quando informei a Srta. P. da minha conclusão amadurecida, a que por fim chegara, para minha surpresa e pesar, o seu sofrimento foi intenso. A esperança e o coração pareceram-lhe quebrados. Sentiu a desilusão de modo agudo e doloroso, como se fosse uma ferida mortal que eu lhe tivesse infligido. E, contudo, na verdade, eu só podia dizer-lhe: «O que é para ti virá a ti. Encontrarás o teu verdadeiro par mais adiante na vida. Devemos separar-nos doravante, porque não somos correspondentes espirituais.»

No meu trato honesto e fraternal com a Srta. Passon — para poupar o seu coração demasiado afetuoso a entreter, relativamente a mim, um único raio de esperança — vi-me forçado a tratá-la com austeridade inflexível. Esta rigorosa disciplina foi uma triste necessidade. Ela regressou a casa, entre as belas colinas de um Estado distante, e nunca mais a vi. Depois de um longo intervalo, porém, recebi

dela o seguinte: «Deve permitir-me dizer-lhe uma coisa: quanto, quão profundamente, lhe agradeço toda a sua sabedoria passada para comigo! Pondo de parte toda a ideia de desenvolvimento espiritual, quanto não lhe devo pela persistente dureza com que tantas vezes me tratou. Foi verdadeiramente o meu anjo da guarda, pois salvou-me de mim mesma. Protegeu-me de todo o mal. Onde estaria eu sem a sua prudência? Ao pensar em tudo isto, a minha alma incha de gratidão incessante!»

Ora, vês, querida Mary, que esta experiência passageira (que agora, pela primeira vez, te explico plenamente) me demonstrou claramente o grau da relação real existente entre ti e mim. O coração perfeitamente satisfeito e constante é o coração conjugalmente satisfeito. Está cheio até transbordar do que é seu; por conseguinte, é inexpugnável, inacessível às tentações de qualquer outro amor. É absolutamente impossível que um espírito, consciente de estar verdadeiramente emparelhado, se envolva sentimental ou passionadamente na vida de outrem.

O coração desleal, inconstante, errante, é o coração que sofre de desilusão, de um sentimento de insatisfação, de injustiça, ou de fome constante do alimento do amor.

O desejo mais forte da mulher é ser tudo e tudo para o homem da sua escolha; e o desejo mais forte do homem é conferir perfeita proteção, tranquilidade e felicidade à mulher da sua escolha. Se a mulher falha na sua parte, corre o risco de perigos de muitos tipos. É provável que se torne de coração partido e profundamente, quase funerariamente, religiosa; ou pode reentrar na sociedade com uma influência devastadora, não amando ninguém de verdade, mas flirtando e iludindo muitos para a sua destruição. Ou então, o que é mais nobre e sublime, pode agarrar alguma esfera de serviço útil; pode adotar alguma profissão que lhe esteja aberta; abraçar alguma arte enobrecedora; ou ocupar algum posto de influência em obra caritativa, por amor da justiça, da autossustentação e para suprir as necessidades da humanidade sofredora.

Por outro lado, se o homem falha na sua vida conjugal e se há filhos e outros dependentes dele para abrigo e sustento, é provável que vagueie e fuja «do jardim» para outras terras; ou pode entrar no exército; ou cometer a violência do suicídio; ou lançar-se de cabeça na intemperança; ou pode tornar-se viril e bravo e mergulhar até às sobranceiras num trabalho duro, tirânico, direto, que, em um ou dois anos, o salvará a si e poderá salvar todos os que dele dependem para conforto e proteção. O homem mais valente e mais viril, tendo falhado em ser tudo em tudo para a mulher do seu coração inteiro, casar-se-á indissoluvelmente com algum grande interesse público; concentrará as suas energias desesperadas e sem coração numa

questão absorvente, numa das profissões, tornando-se um poderoso trabalhador na Teologia e na Religião, na Política e na Lei, na Fisiologia e na Medicina — onde quer que encontres tal homem, verás um homem desesperado, solene, soturno, irritável — ou então um homem de vontade extraordinária e de espírito brilhante até à exuberante alegria e frivolidade — sendo o trabalho (com vontade ou com engenho) o seu único alívio radical e a sua única ordenança salvadora.

É um facto notável (ver o Insurance Chronicle, que se especializa em compilar estatísticas de suicídios nos Estados Unidos) que cerca de quatro homens cometem suicídio por cada mulher. Esta proporção mantém-se em todas as diversas situações privadas e em todas as profissões, ocupações e provações em que homens e mulheres se encontram juntos. Porquê? Porque, em geral, as mulheres têm mais recursos sentimentais e dispõem de métodos físicos de alívio mais imediatos. Os homens fecham-se e selam-se hermeticamente; adotam um silêncio e repressão forçados. Mas as mulheres têm o atributo das lágrimas e os benefícios da histeria. São plenas de expressão e demonstração e sentem agudamente as exigências imperativas dos filhos e de todos quantos se voltam intuitivamente para a mulher em busca de simpatia e auxílio.

Mas voltemos. Durante anos, depois de todos esses sentimentos terem desaparecido no passado morto, bem sabes que continuei fielmente, amorosa e pacificamente a viver contigo de acordo com o meu entendimento dos ensinamentos da nossa Filosofia, a saber: que, sobre o fundamento da conhecida concordância dos nossos temperamentos centrais, era possível (sim, provável) que o nosso casamento temporário fosse superado com o tempo e que pudesse evoluir, desenvolver-se e desabrochar numa «união eterna», que é o único matrimónio verdadeiro e bem-aventurado nos céus acima e na terra abaixo.

A verdade exata veio a revelar-se, porém, que eu tinha apreendido mal o operar dos nossos princípios sobre a questão fundamental. O meu próprio erro de juízo enganava-me constantemente. É-me agora claro como a luz do meio-dia que, embora seja verdade que um casamento eterno de dois espíritos (ou, o que é o mesmo, a perfeita união conjugal de um homem com uma mulher) é impossível quando os «temperamentos centrais» não harmonizam, não se segue necessariamente e de forma imutável que, por esses temperamentos harmónicos, o casamento seja inevitavelmente eterno.

A base imóvel da verdadeira relação nupcial harmonial está no amor conjugal do espírito eterno para e por o seu próprio correspondente, concebido pelo Céu e ordenado por Deus. É do espírito, espiritual; tal como o casamento inferior é da terra, terreno. A prova de o amor eterno ser do espírito é também espiritual e, de

modo nenhum, pode tornar-se objeto de investigação e demonstração científicas. Mas a ciência e a filosofia podem — e irão — investigar e demonstrar que combinação de temperamentos e que tipo de organização de corpo e alma são mais adequados à geração de descendência saudável e superior.

Por vezes acontece (embora, na realidade, nada “aconteça”) que um coração fique perfeitamente satisfeito com a presença pessoal e a disposição congenial do seu associado, enquanto o outro permanece silenciosamente insatisfeito e inquieto na relação. A razão é que, na medida em que um fica satisfeito, nessa mesma medida o amor conjugal se desenvolve, revelando a si próprio que está associado a um companheiro congenial que, profeticamente, indica (por se lhe assemelhar muito) o verdadeiro correspondente que há de vir.

Este encontro final dos corações certos pode não ocorrer nesta vida. Mas é tão certo que ocorrerá algures, em algum tempo, como é certo o nosso nascimento (pela morte) no Paraíso.

Há agora dez semanas que voltei o rosto do meu trabalho em Nova Iorque. Dia após dia, durante esta prolongada ausência, procurei em oração uma alternativa, para ver se seria possível algum caminho que não o legal para sairmos do nosso embaraço social. Não vejo outro.

O mais difícil de suportar, para ti, será a simpatia intrusiva e ignorante de pessoas mal informadas. Mas meditei profundamente nisso e antecipei grande parte da tempestade que se aproxima. Ouvi toda a conversa provável de pessoas intrometidas a meu respeito. Ouvi, antes de mais, a surpresa e o lamento de corações interessados e sinceros, próximos e queridos, que consideraram a nossa união um «ideal».

Ouvi a condenação em massa dos supostos encarnados da virtude social. Ouvi as profecias dos videntes de más consequências, e o seu nome é «legião». Ouvi o clamor tímido dos superficiais, de que «a maior obra na Terra» (a Filosofia Harmonial) fica para sempre derrubada, ou atrasada cem anos ou mais, pela tolice e pelos erros do seu principal expositor! Sim, em verdade: a todo esse jargão socialista e fugaz, e a muito mais, igualmente «plano e improdutivo», ouvi eu pacientemente; refleti profundamente sobre tudo, e (devo confessá-lo?) quase cedi a essas considerações prudenciais e intimidantes — em alguns dos meus momentos mais fracos de indecisão.

«Mais vale suportar os males que temos», etc.; e ainda: «guarda a tua reputação pública», etc.; «sê prudente como as serpentes», etc.; «aprende a trabalhar e a esperar», etc.

E, contudo, por entre todas as questões de política — acima de toda a oposição passageira — erguia-se firme e imóvel a minha “impressão” revestida de fogo: que (fora a morte) há apenas uma «porta estreita e caminho apertado» para sairmos de tudo isto, sob a presente combinação de circunstâncias incontroláveis.

E aqui mesmo, querida Mary, deixa-me assegurar-te de que não conheço palavras que possam enfatizar suficientemente o grau da minha repugnância e relutância naturais perante o empreendimento presente. O meu sentimento de desinclinação é forte. Pois não sou eu, por natureza, um «pacificador»? E não oro eu por promover na Terra «as harmonias celestes»? E não sou eu um construtor, e não um destruidor, em Sião Harmonial? Mas, ainda assim, nas palavras do heroico Paulo: «Se torno a edificar as coisas que destruí, faço-me transgressor.»

Tanto quanto tu possas, eu também temo a falta de coração — as críticas injustas e, por isso mesmo, diabólicas — dos presunçosos, tanto na imprensa como no púlpito, que podem igualmente ser de coração oco e hipócritas. E, naturalmente, também me retrai a mortificação da acusação leviana de que sou vítima de alguma enfatuação magnética; ou de que a inspiração e a integridade das minhas faculdades de raciocínio, ultimamente, se tornaram seriamente prejudicadas e diminuídas; ou de que, na vida conjugal, cometi um erro profundo e irreparável, e assim por diante — e ainda mais, vindo daqueles que se autointitulam sábios e virtuosos do país.

E posso acrescentar a tudo isto o meu amor natural pela reclusão; o meu desejo natural de me esconder da observação e da interferência dos meus semelhantes, para com os quais sinto apenas bondade amorosa. Experimento, por assim dizer, uma timidez constitucional, que frequentemente ameaça desapossar-me do meu conforto privado e privar-me do direito ao autogoverno — e assim seria, se não fosse eu apoiar-me no meu Bastão Mágico. E, por fim, e mais forte do que tudo, temo ser a causa de infligir dor; temo, embora seja um «reformador» no campo, causar qualquer discórdia e confusão social; temo muitíssimo trazer desapontamento e até a mais pequena tristeza, ainda que passageira, a qualquer coração humano. Numa palavra, querida Mary, se eu pudesse, tornaria imediatamente toda a humanidade «saudável, rica e sábia».

Uma regra fixa da minha vida tem sido — e é — no mundo conjugal nunca favorecer nem contrariar indivíduos na sua escolha de companheiros; nem

promover nem conter pessoas, na relação matrimonial, nos seus desejos de separação ou de divórcio. Não obstante, serei amigo de cada um, quer escolham «ficar» quer «partir daqui». A história verídica da minha vida comprovará a minha obediência invariável a esta regra. E de tudo isto, querida Mary, tu és a minha melhor testemunha viva.

E, contudo (eis o estranho paradoxo da minha vida!), muitas e muitas vezes produzo dor quando pretendia conferir felicidade; destruo quando pretendia edificar; caminho no vale encoberto de nuvens, entre sombras e tristezas da humanidade sofredora, quando desejaria subir às belas montanhas de luz e colher nelas as mensagens celestes para a alegria, o crescimento e a felicidade de todos. Ryan, o eloquente sacerdote-cantor, disse-o bem:

«É uma verdade para além do nosso alcance,
E, no entanto, uma verdade que todos podem ler:
É com as rosas como com os homens;
Os corações mais doces são os que sangram.»

E reparei que, nos mais encantadores jardins privados aqui na Nova Inglaterra, o coleus é uma planta favorita. É especialmente cultivada pelas suas cores vivas. Encontra-se na maior parte dos parques ornamentais e é sistematicamente treinada nos belos terrenos dos incomparáveis subúrbios de Boston. A robustez e a extraordinária uniformidade do coleus, e a sua grande precisão de beleza firme, resultam de quê? Da artística imposição de restrições irresistíveis! Diz-se que «quanto mais beliscões um coleus recebe, melhor fica!» E a mesma regra de disciplina autoimposta e de treino sistemático — frequentemente envolvendo grandes dores de parto e intenso sofrimento por uma breve estação — é inseparável do melhor e mais elevado desenvolvimento da vida pessoal na sociedade humana.

Lembra-te do que estou prestes a dizer: do princípio até agora correu um rio de orientações providenciais pelo jardim do meu espírito. Tem corrido perpetuamente através da consciência, tanto da minha vida privada como da minha vida pública. A maré incessante deste «rio de vida» é irresistível. O homem faz, e o homem tem de obedecer-lhe! O maior tolo move-se com ele não menos perfeitamente do que o maior filósofo. E por que motivo esta obediência universal, muitas vezes inconsciente? Porque a corrente inerente — porque a maré irresistível — é a vontade onipotente de Deus. Este fluxo de maré, deífico, é como (ou é o mesmo que) a lei universal da atração gravitacional. Assim, a maré divina no «rio da vida» é, por outras palavras, o fluir da mente potencial de Deus! Tudo e todos lhe obedecem, consciente ou inconscientemente; porque, intelectualmente falando, é o poder todo-poderoso dos Princípios Eternos. Dentro destes princípios eternos,

pelo exercício das nossas mais altas percepções espirituais (e das mais profundas intuições), contemplamos as «ideias» (os desígnios) do nosso infinito Pai e Mãe. Assim, em linguagem menos feliz, a vontade de Deus é o decreto do Destino!

Agora, querida Mary, apelo para ti e pergunto também a todos quantos me conheceram por mais tempo e melhor me entenderam, se eu não tenho, sob qualquer e toda a combinação de circunstâncias, e a qualquer inconveniente — a qualquer custo para a minha pessoa, posição ou bolsa — obedecido religiosamente e com reverência ao que compreendi como mandatos celestes. Se alguma vez pareceu que hesitava, ou resistia, ou esperava ociosamente no vale por «mais luz», foi porque não podia conscienciosamente avançar em nenhuma linha de ação até que, somada à autoridade dos mandatos celestes, obtivesse a sanção da «voz mansa e delicada» — até sentir o endosso subjetivo e positivo da minha própria Intuição e Razão. Esta orientação providencial eu não a posso resistir! Quando ouço os seus tons poderosos, tenho de escutar — tenho de inclinar o meu espírito em adoração agradecida — e tenho de apressar-me a «fazer a vontade do meu Pai»! Na história primitiva há (ver João xviii, 37) um reconhecimento semelhante, nestas palavras: «Para isto nasci — e para isto vim ao mundo — para dar testemunho da verdade.»

O verdadeiro herói nasce herói. Vem com o sentimento de coragem vivo no espírito. A Harmonia e o Arabdula, se lidos com olhos não cegos à luz divina, comunicam ao leitor um sentimento evidente da espiritualidade e supremacia de todos os Princípios. Sentir esses princípios transcendentais e, sobretudo, ser governado por eles no quotidiano, é ser inspirado e preenchido por esse PODER irresistível (sempre sentido e conhecido pelos mais altos anjos) que faz evoluir a mais nobre manifestação da coragem — conferindo uma força sublime capaz de «vencer o mal com o bem» e pela qual «um» pode ser inspirado com um poder quase onipotente para «pôr dez mil em fuga».

Muitas vezes na minha vida, várias pessoas autoafirmativas presumiram (sem serem convidadas por mim) sentar-se em julgamento sobre o que eu deveria fazer ou não fazer. Assim, plantaram-se na minha órbita privada e, arrogantemente, quiseram ser os principais engenheiros e os únicos árbitros do meu destino. E, contudo, deve recordar-se que essas pessoas arbitrárias foram e são «totalmente estranhas» às leis e condições sob e por meio das quais as minhas experiências privadas e públicas foram e são causadas e governadas. Por isso, muitas vezes na minha vida fui compelido, por mais doloroso e embaraçoso que fosse para mim e para outros, a varrer o meu caminho de uma assembleia de associados fracos e intrometidos de um lado, e a repelir e afastar um grupo de conhecidos egoístas e briguentos do outro.

Com estas explicações incidentais, retomo o tema principal da minha carta.

Há quase três anos, em consequência de algumas perguntas determinadas da tua parte, fui finalmente (e pela primeira vez) movido a «deslacrar o meu coração» e, de imediato, pôr termo à prolongada era de ocultações conjugais. Para mim (mas não para ti), a nossa relação, durante a longa sequência de anos, fora perfeitamente fraternal. Como tal, era pura e espiritual. Seguimos, pacificamente, pelos caminhos da vida, leais, tomando prazer sincero na companhia um do outro, igualmente interessados na inculcação de princípios harmoniais.

Nessa entrevista eu disse-te: «A longa ocultação, a ti, da minha relação conhecida contigo foi porque nunca (até esta manhã) senti força bastante para ser franco e direto contigo... E (disse ainda) tu perdoarás a minha falta de verdadeira coragem, porque a minha terna simpatia por ti (como minha companheira constante e melhor amiga mulher) selou o meu coração e fechou os meus lábios durante todos estes muitos anos. (E disse) tu conheces-me: sou perfeitamente obediente a cada princípio que compreendo e não sou menos leal a ti.» E então comprometi-me a permanecer ao teu lado na doença e na saúde, nas tuas provas pessoais, e a fazer tudo o que fosse justo e estivesse no meu poder para te dar conforto e proteção.

Em resposta, tu resolveste, com nobreza, continuar a estar ao meu lado na grande obra em que ambos temos tomado o mais profundo e desinteressado interesse. De acordo com este entendimento mútuo — sem segredos conjugais entre nós — organizámos as nossas circunstâncias e continuámos a viver e a trabalhar como antes, sem qualquer aparente desafeição.

Muito antes deste entendimento entre nós, a luz desta verdade emanara da Summer-Land. Em Poland Springs, no Estado do Maine, no verão de 1877, Galeno, da sua esfera exaltada, falou-nos assim: «Dirigimo-nos a ti e a Mary para vos abrir uma regra de vida. Revelamos-vos um princípio: só na esfera do AMOR FRATERNAL é a vida humana mais satisfatória e eficaz; só neste amor mais amplo o labor é produtivo, coroado de repouso interior e do encanto da saúde física. Transgredi este princípio nas vossas vidas e seguirá dano certo para cada um. Ambos tendes há muito uma intuição disto; e, verdade seja dita, ambos tendes aderido longa e fielmente a este princípio.»

Esta mensagem (e havia mais, recordas) do meu sempre vigilante guardião, Galeno, apressei-me a copiá-la e a enviá-la para ti. Na tua resposta pronta e bem-vinda, disseste: «As palavras que o teu sábio guia, Galeno, nos deu em privado, são

maravilhosas na sua beleza e veracidade... Alegro-me de que lhes tenhamos aderido longa e fielmente.» (A tua carta conclui assim): «Quão belas poderão ser as nossas vidas e os nossos labores, daqui em diante, com este entendimento de um princípio puro e a nossa alegre conformidade com ele.»

Frequentemente, nesta carta, falei da minha obediência a princípios — isto é, na medida em que sou capaz de os perceber e adequadamente compreender. Permite, pois, que, nesta ligação, eu reitere alguns desses princípios:

Creio em Deus, não num diabo.

No Espiritualismo, não no materialismo.

Na Natureza, não na matéria.

Na Vida, não na morte.

No Amor, não no ódio.

Na Vontade, não na deriva.

Na Sabedoria, não na mera erudição.

No Amor Conjugal, não no magnetismo e comércio sexual.

No Amor Fraternal, não em relações incestuosas entre pessoas não conjugadas, quer dentro quer fora do «casamento legal».

Estes negativos eu não creio nem pratico. Pelo contrário, estes positivos eu creio e pratico tanto quanto posso. Assim, sustento que, não obstante as altas sanções da Igreja e do Estado e, não obstante a aprovação condescendente de Sua Majestade Popular, o Santo Costume — sim, apesar de tudo isso — sustento que toda a relação carnal entre homens e mulheres que não se creem religiosamente verdadeiramente emparelhados — isto é, que não são um só, conjugalmente, em espírito — é física e espiritualmente incestuosa!

Profeticamente, digo-te agora que a Era Harmonial trará às mentes dos homens um padrão mais elevado de moralidade. Esse padrão em breve se manifestará. Os corações conceberão um novo grau de pureza conjugal. À luz de uma nova manhã, prestes a raiar sobre milhares das nossas melhores mentes, denuncio por este meio toda a relação sexual que não assente na convicção

profunda de verdadeiro matrimônio do espírito como nada menos do que uma transgressão da lei eterna da Justiça — uma ofensa contra a constituição e o governo do Universo Moral — um crime que será seguido por uma justa medida de castigo absoluto.

Sim, apesar de toda a lei estatutária e canônica em contrário, denuncio toda essa relação não conjugal como violação, como licenciosidade, como adultério, como fornicção, como prostituição do laço mais santo, mais terno e mais imortal que liga um homem a uma mulher como correspondentes naturais e espirituais.

Sei, querida Mary, que não és estranha a estas proposições e protestos. Sei que aceitas os meus positivos e rejeitas os negativos. Crês nestes princípios e crês que devem ser obedecidos. Substancialmente, expus estas ideias no quarto volume da Great Harmonia e também, com maior ou menor nitidez, em vários dos meus outros volumes.

Por isso, quando, na nossa história individual, soa a hora de tu e eu obedecermos a estes princípios, não há alternativa. Temos de praticar aquilo que ousadamente ensinámos à humanidade. Quando a verdade interior se torna manifesta, a obediência implícita torna-se um dever imperativo.

Crê que, até esta hora, não conferenciei com nenhum ser humano. Não obtive de ninguém na Terra a linha de ação a seguir. Mas, por intervenção providencial de Diakka, residente em ambos os mundos, a crise é imposta sobre nós.

No meu caminho ergueu-se um gigante de deturpação — dividiu-se em serpentes venenosas; mas a espada da verdade, de dois gumes e irresistível, cortou-as à direita e à esquerda em fragmentos inofensivos. A maré do Destino corre agora num canal entre nós. Estamos em margens opostas de uma cheia intransponível. Enfrentamo-nos, ainda assim, não com raiva, não com animosidades acusatórias, como inimigos pessoais; não: estamos como amigos, ligados por perfeita confiança e afeto fraternal.

Mas os chamados amigos entravaram-nos com a acumulação de impedimentos. Esses amigos são da terra, terrenos. Nós temos guardiões celestes que vão e vêm, que descem e sobem dos seus lares no Paraíso. Esses amigos celestes, de quando em quando, sussurraram-nos sabedoria; e, recentemente, falaram-me com a máxima urgência acerca da nossa relação e situação.

Há cerca de seis semanas (4 de outubro), eu caminhava em profunda meditação em Crescent Beach, entre a velha Nahant e a cidade de Boston.

Caminhava completamente sozinho nas areias lavadas pelo mar quando, de repente, do alto, ouvi: «Anula — o — teu — laço — legal. O — tempo — está — quase — a — chegar!» Esperei muito por mais; nada mais me foi então concedido.

Desde essa hora memorável até há três dias, nenhuma outra palavra caiu no meu ouvido sempre atento. Mas, há três manhãs, as mensagens das inteligências superintendentes foram muitas, de extrema importância e minuciosamente explícitas em vários aspetos. Insistem, com notável veemência, que chegou a hora de «uma mudança»; que o período de ação definida está quase a chegar nas nossas vidas. Dizem que — por amor de nós próprios, da justiça fraternal e universal — devemos apresentar-nos perante o mundo em verdadeira liberdade legal. Uma das mensagens de Galeno repetirei aqui: «Podes — escrever — a — Mary — nada — te — tentará — a — regressar — a — Nova Iorque — até — que — ela — e — tu — estejais — a — caminho — da — liberdade — pessoal — legal!»*

Assim, repetidas vezes, a voz da Vontade Suprema, falando pelos lábios de anjos ministrantes sempre vigilantes, tem insistido em «tomarmos o único remédio para curar o nosso embaraço presente»: ajustar-nos em linha com os nossos princípios e preparar-nos para a liberdade útil e os cumprimentos do futuro.

Visto que sabemos que não estamos conjugalmente emparelhados, segue-se que não devemos parecer estar; que temos de fazer o que é certo, independentemente das consequências para nós ou para outros. Não estando emparelhados em espírito, sabemos (por princípio) que existem verdadeiros correspondentes conjugais à nossa espera — ou, pelo menos, existentes algures para nós — nas incontáveis dobras deste universo envolvente. Tu e eu fomos e somos coajudantes e companheiros «no grau eficaz». Isto explica e define perfeitamente a nossa relação um com o outro. Portanto, por este princípio claro, devemos agir daqui em diante — por amor do Direito absoluto — por amor da verdadeira ordem social e do progresso — por amor da pureza de vida e da nobreza de sentimento — para a evolução de um padrão superior de ética no amor e na vida conjugal.

** Deve registar-se que, no momento em que recebi esta mensagem, eu pessoalmente não tinha a mínima noção ou conceção de quaisquer passos legais que fossem possíveis no nosso caso. Como o desenlace provará, só muitas semanas depois de Mary receber de mim a carta acima é que eu aprendi o caminho de saída através dos tribunais. E, contudo, escrevi como senti, que tudo era certo.*

Não devemos agora hesitar. Devemos libertar-nos de toda a irrealidade e derrubar todas as aparências enganosas. Devemos, em suma, ser verdadeiros para

connosco próprios, e seguirá, tão certamente como a noite ao dia, que o mundo será melhor por isso. Creio que tu não vacilarás nem falharás em fazer o que concebes ser justo e verdadeiro, aconteça o que acontecer! E tu sabes que, em todas estas coisas do espírito, eu sou, por necessidade, direto e determinado.

Por fim, estou perto do termo desta longa carta.

Sei quão natural é parar e olhar para trás por cima do ombro e habitar tristemente entre os túmulos. O cemitério da Memória está cheio de «arrependimentos». O passado está no passado eterno. A injunção do Céu aos filhos da Terra é: «Em frente e para cima!» Não desperdicemos horas preciosas a chorar esse passado que se foi para sempre. É inexorável e inalterável. Não nos podemos dar ao luxo de dedicar e prostrar as nossas forças em lamentações. Voltemos para sempre as costas à presença (à memória) dos nossos erros, das decepções, dos males e dos pecados que nos vieram e que vieram através de nós, no curso providencial do nosso desenvolvimento terreno.

Ficamos espiritualmente abatidos e enfraquecidos até por remorsos honestos, demasiado tempo acalentados e alimentados. Conservemos para sempre acesos os fogos sagrados da amizade. Aquecem o coração e elevam a alma. Viver dignamente é trabalhar dignamente. Pratiquemos as nossas próprias injunções sublimes. Sejamos instruídos pelo Passado; gratos pelo Presente; esperançosos pelo Futuro. O melhor vem por último. Vamos, pois, «Avançar!»

Em conclusão, citarei uma verdade, finalmente, expressa pelo Prof. Wilder, numa carta recente: «Há um fio de Divindade através de todos os labirintos da experiência humana que certamente nos guiará até ao dia e à segurança.» Credo assim, querida Mary, e nos laços celestes do Arabula, desejo-te boa viagem! E oro para que tenhas abundância de saúde e felicidade e uma vida longa neste mundo, com uma grande medida daquela paz «que o mundo não pode dar nem tirar».

Como sempre, com amor,
A. J. Davis.

Em perfeita fé de que todas as coisas cooperariam para bem daqueles que amam a verdade, enviei pelo correio a epístola acima, direta e determinada. Não muitos dias depois recebi a seguinte resposta, corajosa e reta:

«ORANGE, N. J., 2 de dezembro de 1884.

«Meu querido Jackson:

«Li, uma e outra vez, a tua longa, comovente e eloquente carta de 18 de novembro. É uma declaração franca, e agradeço-te por me dares a verdade. Por mais que eu recue perante a ideia de enfrentar o mundo na atitude de esposa divorciada e perante o opróbrio que será lançado sobre nós ambos, sinto que agirás segundo o que te parece o princípio mais elevado, e não direi uma só palavra para te demover do caminho que, para ti, é o certo a seguir. O retrato vivo, traçado na tua carta, do que terás de enfrentar não é exagerado. Procurei luz e força no alto, e não em vão. Agora mantenho-me clara e firme, e, com ênfase, digo-te: não hesites em dar-me a conhecer os teus planos para obter liberdade legal, logo que estejam formados, e fica certo de que não oferecerei oposição.

«Que Deus e os anjos sejam sempre o teu refúgio e consolação.

Com boa vontade e afeto,
Mary F. Davis.»

CAPÍTULO XVII

UM TESTEMUNHO DE ANIVERSÁRIO

«O vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de todas estas coisas.»

O leitor regressará agora, no pêndulo do Tempo, ao período abrangido nos capítulos anteriores ao «Casamento de Temperamentos Centrais». A naturalidade dos desenvolvimentos futuros pode ser melhor percebida através do curso cronológico dos acontecimentos consecutivos.

«Se sabes que uma coisa é certa, fá-la», disse um sábio reformador. Descartes disse: «Uma coisa neste mundo depende sempre de nós, e é a resolução de fazer o que está de acordo com a reta razão. Isto é virtude.»

Voltemos agora a 1873, quando abri, no n.º 24 da East Fourth Street, na cidade de Nova Iorque, uma Casa Editora Progressiva. Emoções de espanto e desapontamento estavam claramente escritas no rosto expressivo de todos os meus amigos e conhecidos. Um «Capitão» aristocrático e entusiasta, que afirmava adormecer todas as noites lendo algum dos meus volumes (!), passava ocasionalmente, com uma expressão muito melancólica, para me cumprimentar na

minha livraria, como dizia: «para me agradecer o que eu tinha realizado». Parecia contemplar-me como um viajante europeu contempla «uma velha ruína» — como os restos mortos ou moribundos de uma antiga grandeza e magnificência! Mas a minha explicação era: «Não estou agora inspirado para escrever nada — não há lugar nesta vasta cidade onde se possa obter a nossa literatura espiritualista, liberal e harmonial — e, não querendo estar ocioso, embarco neste serviço ativo e comum.»

O tempo passou (passa sempre) e trouxe-me, com o seu outro frete rápido e mercadorias, até ao fundo da colina financeira. Durante os três anos em que permaneci nesse serviço louvável, algumas pessoas grandíssimas e de espírito nobre vieram visitar-me; e, embora em riquezas perecíveis as minhas acumulações estivessem todas «na ponta pequena do chifre», ainda assim, em amigos e amizade, a minha riqueza elevou-me até ao nível dos milionários. Alguns desses afeitos e leais, vendo-me como «um espírito em prisão», conceberam um plano engenhoso para a minha fuga.

Os principais conspiradores, dentro e em torno da minha fortificação de livros, eram o meu amigo inabalável, o Sr. William Green, o meu amigo de longa data, Cyrus O. Poole, Esq., e o meu sempre afetuoso amigo, o Sr. Bice Amicus. De Boston veio o rosto radiante do Sr. Luther Colby, editor, que abriu a proposta nas dobras afetuosas do seu Banner of Light; e de uma distante avenida de bela montanha, a cerca de oito milhas do elevado Capitólio de Massachusetts, chegaram palavras escritas de profundo interesse no testemunho proposto. O autor fidedigno dessas palavras, Alfred E. Giles, Esq., foi o primeiro a traduzir os seus sentimentos em dinheiro contante. Materializou uma soma muito grande (assim me pareceu) e, pela magnetização do exemplo, pôs em movimento todos os números da lista de subscrições. Tudo isto aconteceu no tempestuoso mês de março de 1876.

Ao princípio, Mary e eu (como o Gen. Grant e a Sra. Grant) sentimos sugestões de uma espécie de orgulho, não querendo ser «mortificados» (o tempo em breve estaria muito quente) com a publicidade constante de solicitações nos jornais. Concluímos (numa carta ao Banner) «declinar com agradecimentos». Isso desanimou por completo o nosso genial amigo Colby e lançou um frio, como um emplastro de gelo, sobre todos os corações. As correntes financeiras secaram instantaneamente, e uma seca espalhou-se de imediato por toda a verdura do nosso jardim.

«Naturalmente», escreveu o editor de coração caloroso, «o devido respeito pelos desejos escolhidos e delicadamente expressos da parte referida, tal como transmitidos na carta acima, exige que não prossigamos com o projeto do

Testemunho de Cortesia, cuja intenção anunciámos na semana passada. O montante já anexado ao fundo, 228 dólares, será de imediato enviado por nós para o endereço do cavalheiro em cuja honra foi oferecido.»

A Progressão, porém, sendo o movimento seguinte depois de a associação se realizar, não me foi permitido aproximar-me do meu próximo aniversário sem que «a minha idade» fosse contada a toda a gente. Pois os três ou cinco amigos associados haviam formado um comité de trabalho, e a consequência foi que a lista de subscrições foi aberta e começou a crescer de alto a baixo. Isto obrigou-me a expressar interesse no que tão nobremente se iniciara, o que fiz na seguinte

CARTA AO COMITÉ DO TESTEMUNHO

«NOVA IORQUE, 18 de abril de 1876.

«Estimados amigos:

Em virtude dos vossos desejos e atos perfeitamente desinteressados em meu favor, sinto-me em alguma medida justificado em escrever, brevemente, em resposta às vossas gentis perguntas acerca da minha situação financeira e de outras circunstâncias.

«Tendo lido o Magic Staff, recordar-vos-eis, sem dúvida, do papel tão admiravelmente desempenhado pela minha amada companheira, “Katie” — filha do Hon. James De Wolf, de Bristol, R. I. — em assegurar a publicação de Nature’s Divine Revelations e em todos os primeiros esforços para divulgar ao mundo um verdadeiro conhecimento da nossa Filosofia Espiritual. A sua conversão da Igreja Católica Romana aos Princípios Divinos da Natureza foi completa. Um dos primeiros frutos dessa conversão foi o seu desejo constante e irreprimível de promover o progresso humano universal pela doação de cada dólar ao seu alcance aos meus esforços pessoais. A sua expressão era: “Cada dólar que o testamento do meu pai me deixou foi ganho por escravos nas plantações de Cuba, e eu não posso descansar enquanto não for gasto a promover a Liberdade e o Progresso humanos.”

«Mas os seus recursos financeiros (como eu bem sabia) mal eram suficientes, durante a sua vida, para a sustentar no estilo a que se habituara desde a infância; por isso, embora ela simplificasse muito os seus hábitos e métodos e se negasse nobremente em muitos aspetos, eu nunca soube o que era estar livre de ansiedade e embaraços pecuniários. Após a sua partida para o Paraíso, seguiram-se cerca de dez anos de litígio dispendioso relativo à divisão do limitado remanescente do

património do Sr. De Wolf, que era a única parte da sua imensa riqueza que “Katie” me podia deixar para meu uso exclusivo. Por volta do fim da “Grande Rebelião”, a decisão do tribunal foi favorável e, pouco depois, entrei na posse dos poucos milhares de dólares que, após o dispendioso litígio, lhe restaram.

«Com esses fundos, tratei de comprar e reunir todas as chapas estereotipadas dos meus volumes que então eram propriedade de uns três ou quatro editores diferentes. Algumas dessas chapas (na posse do Sr. Charles Partridge) descobri que não as podia obter sem esforços legais. O direito de autor de cada volume era meu. Esses livros, portanto, revi-os cuidadosamente e ampliei-os e depois voltei a estereotipá-los, desenvolvendo assim gradualmente uma lista uniforme. Estas grandes despesas, e o pagamento de dívidas contraídas durante os nossos esforços com o Herald of Progress e ainda outras empresas em Nova Iorque, absorveram inteiramente todos os fundos recebidos de Rhode Island.

«Fiz tudo isto estritamente de acordo com o desejo tantas vezes expresso por “Katie”, que também se harmonizava com o meu próprio sentido do que é justo. Os últimos 50 dólares do seu dinheiro ganho por escravos entreguei-os ao Sr. Wendell Phillips, para usar nos esforços finais pela Liberdade, um ano antes da dissolução da American Anti-Slavery Society. Menciono isto apenas para enfatizar o facto de que eu estava em sério empenho em executar o que tinha razão para crer serem os seus desejos mais fortes.

«Há alguns anos, a minha saúde física ficou seriamente afetada, de tal modo que me vi incapaz de falar em público; e foi necessário evitar sobrecarregar os meus órgãos vocais mesmo em conversa. Por isso, calei-me e, até hoje, com relutância e por exercício de força de vontade, permaneci firmemente “na lista de reformados”.

«Assim, todo o rendimento de conferências em palco foi cortado, e a venda das minhas obras foi tão moderada que fornecia apenas meios muito limitados; e a minha situação tornava imprudente e impraticável escrever e publicar quaisquer livros novos. Assim, desejando manter “o glorioso privilégio de ser independente” e, sobretudo, pretendendo prestar algum serviço à humanidade, embarcámos no modesto empreendimento situado no n.º 24 da East Fourth Street, Nova Iorque. É inegável que tais empreendimentos, mesmo nos melhores tempos, estão longe de ser remuneradores. Por isso, só nos foi possível continuar o negócio durante os três anos de “pânico” silencioso em todo o mundo financeiro por meio de métodos de indústria, simplicidade de vida e dos benefícios de certos amigos pessoais experimentados, verdadeiros e muito amados.

Fraternalmente vosso,
A. J. Davis.»

Foi num dia luminoso, em agosto de vestes douradas, que o Sr. Isaac B. Rich veio e comprou todos os livros! No dia 20 do mês, as portas da loja mal sucedida fecharam-se, e, seis dias depois, o Banner of Light disse editorialmente: «Ver-se-á que comprámos o stock comercial da Livraria Progressiva de Andrew Jackson Davis, na cidade de Nova Iorque. Estamos agora preparados para satisfazer encomendas de tais livros, folhetos, etc., que aparecem por nome no seu catálogo, e esperamos ouvir amigos de todas as partes do mundo. O tempo está a chegar, cremos, em que as valiosas e exaustivas obras do Sr. Davis alcançarão uma circulação mais ampla do que nunca entre mentes refletidas, em toda a parte.»

É justo e grato recordar que o Banner of Light — que o incansável Sr. Colby, semana após semana, mantém desfraldado no mastro — foi, sob a orientação do Céu, o principal agente no completo desenvolvimento desta dádiva de aniversário. Quando a lista se encerrou e quando o título legal da soma total foi posto em minha posse, dirigi a seguinte carta

AO COMITÉ E AOS CONTRIBUINTES.

«ORANGE, N. J., 20 de dezembro de 1876.

«Meus muito queridos amigos: Ao aceitar das vossas mãos todo o dinheiro e as notas que recebestes dos contribuintes para o “Fundo de Testemunho”, sinto uma gratidão que não consigo traduzir em palavras. O vosso seguro investimento de todos os fundos disponíveis está de acordo com o meu pedido particular e merece a minha inteira aprovação. A garantia é ampla, e estou certo de que os juros serão pontualmente pagos.*

«A vós, senhores do Comité, e a cada um e a todos os generosos homens e mulheres que fizeram contribuições e enviaram palavras de encorajamento, permiti-me dizer que reconheço nas vossas dádivas a beleza da bondade e da amizade espontâneas; e a minha amada companheira une-se a mim para vos devolver, a todos e a cada um — a estranhos e conhecidos por igual — a profunda gratidão dos nossos corações alegrados. A soma reunida — para nós e dada a nós — para nos sustentar e fortalecer no nosso trabalho pelo progresso e felicidade humanos — é muito maior do que ousávamos esperar. A indústria por toda a parte estava deprimida, os negócios quase parados, e até os muitíssimo ricos se sentiam pobres. Nestas circunstâncias, para não falar das muitas grandes solicitações feitas aos crentes no Espiritualismo por todos os lados, não era razoável esperar coisa alguma.

E, no entanto, as respostas ao apelo do Comité foram imediatas, simpáticas e de grande generosidade de coração. Não imaginávamos, antes, que possuíssemos tão formosa fileira de amigos práticos. Sentimo-nos profundamente enriquecidos por esta descoberta e cremos que o bem dela viverá em nós ao longo das nossas vidas.

«Além dos esforços do Comité, recordamos o serviço amoroso e frequente prestado pelo editor e proprietários do Banner of Light; bem como a cooperação bondosa e empenhada do editor do Religio-Philosophical Journal, assim como as palavras impressas e proferidas pelos nossos estimados amigos espiritualistas em Inglaterra, Alemanha, Rússia e Austrália.

* O capital, que está hoje como então segura e permanentemente investido, foi de 7.000 dólares. Exatamente metade desta quantia (3.500 dólares) pus eu, em devida forma legal, de parte para uso e benefício de Mary enquanto ela viver neste mundo.

«O resultado para nós, até agora, é termos podido retirar-nos do mundo exterior do “comércio”, que durante quatro longos anos nos manteve constantemente cativos; e agora começamos, ainda que de leve, a realizar um grau de liberdade mental e espiritual que, a seu tempo, poderá tornar-se fecundo. E por esta grande bênção, e sobretudo pelo bem que dela possa nascer, desejamos render gratidão amorosa a todos os que se uniram neste Testemunho de amizade, companheirismo e confiança.

A. J. Davis.»

CAPÍTULO XVIII

TREVAS E LUZ NO VALE

«E os navios altivos seguem
Para o porto sob a colina;
Mas, ai, pelo toque de uma mão desaparecida
E pelo som de uma voz que se calou.»

Foi o mais triste dos dias quando, em 22 de fevereiro de 1876, a única filha de Mary fechou subitamente os seus olhos azuis para este mundo. Durante muito tempo a saúde de Mary oscilava entre uma debilidade parcial e uma prostração total. Ela vinha lutando, e lutava então, com flutuações físicas e mentais inseparáveis de uma mudança constitucional. Neste momento tão crítico, a querida jovem mãe de quatro crianças pequenas (duas delas bebês, gêmeas, com apenas quarenta e oito horas de vida) dobrou a sua vida na Terra e desdobrou o seu espírito no Paraíso.

Mary escrevera com eloquência e verdade acerca da pouca consequência e da imaterialidade da morte: que, para a mente iluminada, com conhecimento da ministração dos anjos, seria prova leve estar face a face com esse frio mistério. Mas quando o terrível Estranho entrou pela porta aberta e, num pestanejar de olhos, parou o coração e levou embora a «hóspede divina», o coração de mãe partiu-se e os olhos fizeram chover lágrimas ardentes sobre o rosto morto. Apenas algumas horas antes, os olhos agora fechados tinham lançado amor e ternura sobre o rosto do marido, da mãe e dos amigos. Agora, na Terra, estava tudo acabado.

Não passaram muitas semanas até Mary me informar de que sentia ser seu primeiro e mais alto dever tomar para si, sob sua tutela, os quatro tenros pequeninos da sua filha Fannie. Respondi que de bom grado a ajudaria e encorajaria, dia após dia. O pai fiel e carinhoso das crianças alegrou-se com o amor humano e a sabedoria protetora assim voluntariamente oferecidos aos órfãos que agora brincavam em redor do seu coração enlutado. «O anjo da casa» estende agora as suas asas afetuosas sobre a pequena família em Orange.*

Três anos cansativos derreteram-se lentamente no passado. Visitando Orange um dia, e tendo acabado de sair de casa de um amigo onde estivera de visita, ouvi — «A ressurreição e a vida» — gritado para mim, aparentemente de uma janela superior. Olhei para cima e em redor, mas não vi ninguém. Vinte minutos depois, eu entrava pelo nosso conhecido portão da frente quando — «Foram meus durante três anos» — soou no meu ouvido interior; e, instantaneamente (e pela primeira vez desde a sua morte), reconheci a voz do anjo Fannie.

Logo ao entrar e ao contar a Mary o que acontecera, ela ficou extremamente contente; e então informou-me de que esse mesmo dia era o terceiro aniversário da apoteose da sua amada filha. O leitor poderá imaginar a minha alegria. Não sendo eu pessoa dada a lembrar e celebrar aniversários de quem quer que seja ou de seja o que for (esquecendo-me muitas vezes do meu próprio aniversário), foi-me particularmente grato ser informado do que, nos dias de hoje, se chamaria «um teste» de uma comunicação espiritual genuína; embora da realidade da voz e da sua origem supernal eu não precisasse de qualquer confirmação. Em capítulos seguintes, o leitor encontrará, emanando desta filha-anjo, algumas das mais belas e importantes mensagens já dadas para o consolo, a fortaleza e o progresso da mãe na sua jornada para cima e para diante.

* Da adoção das crianças pela avó carinhosa não se deve supor, portanto, que o trabalho físico inseparável de as alimentar, acalentar e vestir, juntamente com o labor incessante da casa, recaísse sobre Mary. O pai industrioso e responsável, embora de recursos limitados, providenciou amplamente tudo. Havia uma cozinheira e criada para todo o serviço; uma ama de criação muito afetuosa e judiciosa, a Sra. Sarah J. Ostrander; e, também, na maior parte dos primeiros dois anos, uma ajudante de enfermagem. Assim, os deveres de Mary foram, com toda a propriedade, definidos como a mente presididora, protetora e governante — uma espécie de supremo tribunal para dirimir dificuldades; e o tribunal de última instância sempre que algum membro da pequena família recorria da decisão do tribunal inferior.

CAPÍTULO XIX

A ASCENSÃO DO MONTE ASPIRAÇÃO

«“Não tentes a passagem”, disse o velho;
“Carrega negra a tempestade por cima:
O torrentoso rugido é fundo e largo.”
E alto aquela voz de clarim respondeu:
“Excelsior!”»

Nos primeiros dias de primavera de 1877, cerca de um ano depois de Mary ter adotado a sua obra doméstica em Orange, senti a atração do todo-belo, todo-glorioso Monte Harmonia. Um poderoso anseio pela viagem até lá apoderou-se de mim. Mas não podia ser. «Em lares felizes vi a luz», mas a experiência prática da «Harmonia» permanecia firmemente fora do meu alcance. Desbravador como fui e sou, ainda assim o caminho para os meus pés subirem a eminência celeste não me foi revelado.

Respondendo a um convite delicadamente redigido de um advogado aposentado, graduado pela Brown University, um cavalheiro de finíssimas sensibilidades espirituais, iniciei a minha viagem até sua casa, parando nas casas de muitos velhos e queridos amigos residentes em cidades intermédias: Bridgeport, New Haven, Hartford, Springfield e Worcester.

Pouco depois de chegar, imagine-se o meu embaraço ao receber, eu e muitos outros que eu não conhecia, o seguinte

CARTÃO DE CONVITE.

«ESCRITÓRIO DO BANNER OF LIGHT, junho de 1877.

«Andrew Jackson Davis, de Orange, N. J., a quem com justiça se tem chamado o Vidente do Século XIX, está agora a desfrutar de uma estação de repouso e recreação como hóspede de Alfred E. Giles, Esq., Hyde Park, Mass. Felizes nós por podermos acolher pessoalmente no nosso escritório o seu semblante afável — com o respaldo interior de uma devoção viril e inabalável à convicção — sentimos que há muitos nesta comunidade que, seja por antiga familiaridade, seja pela leitura das suas valiosas obras, guardam viva recordação do que o Sr. Davis realizou pela verdade no passado e considerarão um verdadeiro prazer encontrá-lo socialmente, ouvir a sua voz e apertar-lhe a mão em amistosa lembrança ou reconhecimento apreciativo. De acordo com esta conceção, organizámos uma receção informal ao Sr. Davis, a realizar-se na Casa Editora do Banner of Light, às duas horas da tarde de

quarta-feira, dia 6 de junho, para a qual respeitosamente se convida V. Ex.^a a estar presente.

«Fraternalmente vossos,
Colby & Rich.»

Leitor, que me embaraçava? Não sei defini-lo exatamente. Mas posso aproximar-me de uma explicação: primeiro, todos os meus hábitos mentais estão afinados pela ausência de ruído e pela absoluta solidão. Por necessidade sou e tenho sido recluso uma parte considerável da minha vida. Por isso, ser colocado de forma conspícua no primeiro plano — mesmo do quadro mais congenial assim pintado pelos Srs. Colby & Rich — abateu-me como uma nuvem outonal e excitou em mim um «espanto» e um receio especiais de — nada que eu conseguisse definir. Ainda assim, procurei alegrar-me e corresponder, tanto quanto podia, às inesperadas e embaraçosas cortesias dos meus queridos amigos.

A receção foi deliciosamente bem-sucedida. Como quase sempre me acontece, em ocasiões como esta, não procuradas por mim, acabo geralmente por dizer com ênfase coisas que não devia dizer e por deixar por dizer coisas que devia ter dito; e assim, temo, será sempre comigo, «pelos séculos dos séculos. Ámen». Mas os recursos do coração humano, afetuoso e fraternal, são muitos e maravilhosamente diversos; e, portanto, cada senhora e cada cavalheiro presentes (a sala estava cheia) teve a delicadeza de agir, pelo menos, como se «tudo fosse muito encantador».

Mas, estranho de contar, havia para mim uma prova muito mais severa. Os Srs. Colby & Rich encomendaram um grande jantar privado para essa mesma noite, no popular Young's Hotel! Tudo foi disposto de modo sumptuoso. Os criados negros traziam coletes brancos, gravatas ainda mais brancas e luvas branquíssimas; e o anfitrião, o próprio Sr. Isaac B. Rich, que se sentou à minha direita, dera instruções ao majestoso coronel daquele pequeno regimento negro para me notar, quando eu entrasse na sala, secundum artem, e para me conduzir em grande estilo «à cabeceira da mesa»!

Leitor, compreendes a minha situação difícil? A sala esplêndida tornava-se ainda mais pitoresca com os utensílios de ouro e prata, com as loiças chinesas, japonesas e americanas dispostas sobre o manto branco-neve que cobria a mesa invisível. «Oh», pensei eu, «se agora os bondosos espíritos fizessem mover esta mesa, como um teste culminante, para fora do meu olhar!» Mas, ai!, não me foi concedido tal teste. Tive, pois, de me sentar e aguentar! Felizmente, não me pediram para «dizer uma bênção» nem, em qualquer momento futuro, esperaram

que eu «desse graças». É verdade que já assistira antes a jantares magníficos, mas sempre sob a proteção de ser «um convidado silencioso». Agora, porém — bem, era diferente!

Havia à mesa festiva um grupo de cavalheiros distintos. (Sem senhoras, porque suponho que não foram convidadas.) Era uma companhia deliciosa.

Vias ali o rosto rosado, redondo e afável do Sr. I. B. Rich;* o rosto meio espiritual, crítico, sulcado de pensamentos, do Sr. Epes Sargent; o rosto devoto, crente e esperançoso do Rev. Allen Putnam; o rosto inquisitivo, sensível e requintado do Sr. Alfred E. Giles; e outros — todos excelentes bostonianos e verdadeiros espiritualistas; e, contudo, para ser franco, eu não estava feliz no esforço de comer com abundância as muitas iguarias simples e raras e os ricos compostos que, em precisa ordem militar, se sucediam uns aos outros naquela memorável batalha da vida, e por isso fiquei aliviado quando o Sr. Giles disse: «A carruagem está à porta e temos de nos apressar para apanhar o comboio.»

** O Sr. Luther Colby informou-me de que não lhe fazia bem assistir a tais ajuntamentos; por isso não esteve presente.*

O verão de 1877 foi passado na companhia do meu amigo Giles. Com ele fiz a minha primeira viagem às White Mountains, em New Hampshire. Mas, alto e sem árvores, remoto e ventoso, sem flores e rochoso como era o Monte Washington, não despertou em mim um único sentimento semelhante à sublime atração que eu sentia encher-me a partir das alturas celestes do Monte Harmonia.

Mas «Ainda não», soou dentro das minhas câmaras auditivas, quando, apoiando-me no meu Bastão, pus o pé no primeiro esforço para subir. «Refaz os teus passos», foi murmurado, «sobe o Monte Aspiração, com o olhar voltado para o Monte Harmonia, e ali, quando estiveres completamente só, escreve as tuas *Vistas do Nosso Lar Celeste*.»

Obedeci, e assim e ali esse livro foi escrito. Exteriormente, nesse tempo, eu não tinha um gabinete. Mas, no canto sudeste de um quarto, em Orange, ao qual as duas crianças mais velhas continuavam a ter acesso, encostei uma prateleira à parede e escrevi aquele volume.

CAPÍTULO XX

EFEITO DE PALAVRAS DITAS NUM ANIVERSÁRIO

«Recordo esses assuntos ásperos,
Os sinos da manhã que nos davam pânicos;
Recordo as orações formais
Que pareciam lições de Mecânica.»

Em 31 de março de 1878, os espiritualistas da cidade de Nova Iorque, em comum com os irmãos de outras localidades, celebraram o trigésimo aniversário do Espiritualismo Moderno.* Entre outros, o autor fez um breve discurso. Em substância, corrigido e ampliado, disse o seguinte:

«O Espiritualismo está agora empenhado em fazer história. Como consequência, a sua condição externa é elementar; incoerente e extremamente incerta. Até aqui, está “sem forma e vazio” — ao mesmo tempo substancial e sombrio — tanto presente como distante, impressionando a mente comum de que é composto de partes quase iguais de realidades e imaginação. E, contudo, vendo o Espiritualismo do meu ponto de vista, ele já deu expressão definida e prática aos princípios da seleção natural. Não só há variedades e tipos de manifestações claramente marcados, como existe (pelo menos para mim) uma classificação bem pronunciada dos defensores atuantes na vinha da Nova Dispensação. E estes acontecimentos deram-se, por assim dizer, espontaneamente.

«As grandes forças morais da fé e da esperança aumentam com o conhecimento adicional das manifestações físicas modernas de vida e felicidade para além do túmulo. Os factos de hoje restabelecem os milagres dos tempos antigos. A voz de um anjo ouvida hoje dá tom, música e uma realidade deliciosa a cada palavra dita aos Profetas e Apóstolos.

«No meio das agitações da inspiração e do pensamento modernos caminham muitas formas muito questionáveis e muitas subtis sugestões de possíveis doutrinas. Sob as potências vivificantes do intercâmbio espiritual impessoal, sondam-se as profundezas da vida, e as maravilhosas elaborações da mente mediúnica resultam em hipóteses das mais extravagantes e inconsistentes. E resultam também em dogmas dos mais irreconciliáveis com as leis e a ordem imutável do universo. Mas essas agitações do pensamento não devem ser travadas.

A mais selvagem extravagância e a realidade mais verdadeira devem ser deixadas fluir em conjunto e misturar-se com os elementos do corpo ainda não formado do Espiritualismo.

«O Espiritualismo, do tipo materialista, domina o povo nas igrejas tanto quanto nos círculos. Procura as provas mais evanescentes. Depende de presságios de fortuna, jogos de azar, rajadas de sorte, benefícios da fé, operação de milagres sobrenaturais e da expiação vicária.

«O Espiritualismo do espírito, pelo contrário, entrega um homem inteiramente a si mesmo. Torna-o verdadeiramente livre! Confere-lhe (ou a ela) toda a pressão de uma vida autoeducada. Carrega-o (ou a ela) com a sublime responsabilidade da plena posse de si. Imprime o precioso peso desta nova riqueza em cada átomo da consciência espiritual privada. Insiste numa fidelidade inabalável ao direito divino da possessão.

«Entre a família das religiões, considero o Espiritualismo do espírito como o último nascido e o melhor. Está carregado de possibilidades de grande bem para a humanidade. Para mim, é a verdadeira base de uma Religião perfeitamente Livre e o seguro precursor de uma Nova República.

«Ultimamente apareceu na nossa literatura um “mágico” um tanto questionável. É dramático e ligeiramente farsesco. Uma misteriosa varinha mágica tem sido agitada sobre o Espiritualismo — agitada de um lado para o outro, de um lado para o outro, à volta e à volta, para cima e para cima, ora para dentro, ora para fora — até que as grandes portas de ferro da perdição pareciam prestes a fechar-se contra qualquer esperança de imortalidade. A humanidade pecadora e brutalizada (diz-se) torna-se “Espíritos Elementares”. [*Isis Unveiled*, p. 30.] Expressão que significa as almas desencarnadas de seres humanos depravados que perderam a sua oportunidade de imortalidade.

«A lei da seleção natural oferece ao mundo um líder conspícuo do Espiritualismo Mágico na pessoa de Mme. Helen P. Blavatsky. Ela é mental e metafisicamente talhada para apresentar e sustentar as surpreendentes inexactidões que constituem os fundamentos deste movimento fascinante e pretensioso. Ela agita a sua varinha (metaforicamente, num grande volume) sobre Terra, Ar, Fogo e Água, e eis que surgem gnomos, sílfides, salamandras, ondinas. [Ver *Isis*, vol. 1, p. 29.] Os cabalistas chamam a estes “elementais” as forças da natureza que podem ser empregadas pelos espíritos desencarnados, quer puros quer impuros, para produzir todos os fenómenos em sessões às escuras. “Os elementares terrestres... astutos, baixos, vingativos... são as estrelas principais no grande palco espiritual da materialização, fenómenos que eles executam com a ajuda dos mais inteligentes entre as criaturas elementais.” [*Isis*, vol. 1, p. 319.] Essas criaturas elementais nunca foram humanas; mas os “elementares” foram outrora humanos — e agora, tendo perdido a sua imortalidade pessoal, ocupam a posição de servos mais abjetos das

forças inteligentes (os elementos) que vêm como aves de rapina de Terra, Ar, Fogo e Água!

«Cooperando com esta líder magnificamente qualificada, vemos algumas pessoas não desconhecidas da fama; e há também duas ou três de grandes poderes naturais e com poderes mediúnicos combinados com inspiração reconhecida. Primeiro observais P. B. Randolph — autor de *The Magnetic Mirror*, *The New Mola*, *The Ghostly Land*, etc. Partiu para o “país melhor”, mas deixou atrás de si uma variedade de afirmações no rumo do Espiritualismo Mágico.

«Depois notais o autor positivo e incerto, mas combativo, de *People of the Other World*, Henry S. Olcott, cuja adoção e defesa aberta dos dogmas metafísicos e mágicos da sua rainha líder equivale (é, de facto, o mesmo) a uma completa repudição da origem espiritual dos fenómenos de materialização que ele descreveu como ocorrendo nos Eddy, no estado de Vermont.

«É impossível não ver também, nesta direcção, a talentosa e muito popular autora de *Art-Magic*, Mrs. Emma Hardinge Britten. Nos seus esforços para propagar o Espiritualismo Mágico, vemos a iluminação do seu vigoroso intelecto imaginativo.* A magia branca é apresentada em toda a sua brancura celeste; e a magia negra é retratada em toda a negrura lúgubre da sua alegada origem infernal. Um volume desta natureza, com a sua autorização apócrifa, não bastaria. O apetite do público pedia novas pesquisas nos mistérios do espiritismo oculto.

Para alimentar esta fome, a talentosa e demasiado complacente senhora produziu *Ghost Land*, com excertos de registos de “Sessões Mágicas”, etc. Mas as suposições sem qualificação desta escola pesam mais do que as probabilidades simples. Pelo erro de não fixar devidamente o lastro no porão deste “Holandês Voador” ressuscitado, a primeira tempestade de crítica fê-lo adornar e ficar de través; e, como o lastro, com toda a carga, caiu morto para um lado, a recuperação desta embarcação conhecida como Espiritualismo Mágico passou para além dos limites do possível.»

* O jogo do “Estranho” — um ser misterioso que insistia que todas as chapas e gravuras fossem destruídas depois de impressas 500 cópias.

(As observações críticas acima foram tornadas públicas em 1878. Recordo-me de que Mary, que também participava nas sessões do Aniversário, fez um discurso poético e conciliador, no qual tentou retirar o ferrão da “abelha” que eu pusera a zumbir entre os sensitivos. Mrs. Britten não estava presente. Mas, evidentemente, a notícia chegou-lhe; porque, quando (em 8 de janeiro de 1885) o *New York Herald* fez

esforços louváveis para publicar mexericos escandalosos a meu respeito, esta distinta autora, vendo uma boa oportunidade para me desferir um golpe abalador, dirigiu ao referido jornal a seguinte carta:

«Ao Editor do *Herald*:

«Na edição desta manhã noto um artigo com o título “Andrew Jackson Davis”, etc. Permita-me, em justiça aos milhões de pessoas que neste país e por toda a Europa professam a fé do Espiritualismo, declarar que o Sr. A. J. Davis nunca, que eu saiba, professou ser, nem permitiu que o chamassem, “espiritualista”. Pelo contrário, durante os vinte e cinco anos em que tenho estado empenhada em defender publicamente o Espiritualismo, ouvi o Sr. Davis na tribuna e li nos seus escritos repetidos protestos contra a tentativa de confundir a “Filosofia Harmonial”, de que ele foi representante, com o “Espiritualismo”, que ele invariavelmente denunciou, ignorou e frequentemente tratou em termos de ridículo e insulto. Como sou uma dessas espiritualistas cuja fé o Sr. Davis tratou com desprezo sem mitigação, sustento que é injusto confundir uma crença que eu e os meus associados reverenciamos com as opiniões ou a conduta de alguém que sempre repudiou essa crença. Permaneço, não uma “filósofa harmonial”, mas uma “espiritualista” convicta, e muito fielmente,

EMMA HARDINGE BRITTEN.

845 West Thirty-fourth Street, Nova Iorque.»

Apesar da franqueza desta declaração, vejo-me obrigado a dizer que ainda não me converti ao Espiritualismo Mágico. Madame Blavatsky e o Coronel Olcott, tendo sido também referidos criticamente no meu discurso, ainda terão de responder.)

«No Espiritualismo Moderno, portanto, há duas tendências muito marcadas — a formação gradual de duas alas; duas formas de perceber e exprimir a nova verdade — uma racionalista, outra cristã. E, pela lei da seleção natural, cada corpo acabará por ser encabeçado pela sua cabeça verdadeira e mais apropriada. Espontaneamente e sem a menor busca pessoal — sem prearranjo e sem premeditação — cada movimento poderá ter o seu LÍDER natural. Se nada for dito que fira o orgulho sensível de mentes “individualizadas”, cada um se juntará de boa vontade ao exército para o qual é atraído pela disposição, pela educação e pela força da simpatia.»

Tendo dado fielmente o meu testemunho sem o menor sentimento de animosidade para com qualquer alma viva — e especialmente para com os nossos afáveis companheiros de trabalho, por quem nutria apenas cordial respeito e afeto — concluí o meu discurso lendo o seguinte resumo de (1) aquilo em que creio e (2) aquilo em que não creio:

AQUILO EM QUE CREIO

1. Creio num Deus absolutamente perfeito — Pai e Mãe.
2. Creio que o homem, fisicamente, evoluiu do reino animal.
3. Creio que o homem, espiritualmente, é parte do Espírito Infinito.
4. Creio que cada pessoa é recompensada pelo bem e punida pelo mal, tanto neste mundo como no próximo.
5. Creio no triunfo universal da Verdade, da Justiça e do Amor.
6. Creio na imortalidade de toda a mente humana; numa comunhão sensível entre os povos da Terra e os seus parentes no Paraíso; e na eternidade do verdadeiro matrimónio.
7. Creio nos princípios da Associação eterna, da Progressão e do Desenvolvimento.

8.

AQUILO EM QUE NÃO CREIO

9. Não creio no esquema ortodoxo de salvação ou danação — isto é, não creio no «pecado original», na «expiação», na «fé» e na «regeneração».
10. Não creio na identidade entre o Espiritualismo moderno e o Cristianismo primitivo.
11. Não creio na identidade entre o Espiritualismo moderno e a magia antiga.
12. Não creio no libertinismo.
13. Não creio na existência de espíritos «elementais» ou «elementares», nem na existência de algo essencialmente mau.

Não creio na reencarnação, nem que qualquer espírito estranho possa desalojar ou ocupar o lugar da mente de qualquer homem vivo.

Não prometo crer amanhã exatamente no que creio hoje, nem creio hoje exatamente no que cria ontem. Espero fazer — como tenho feito — algum progresso honesto em cada período sucessivo de vinte e quatro horas.

CAPÍTULO XXI

AFASTAMENTOS E CONFLITOS NO TEMPO DE VERÃO

«Mas, escuro entre ambos,
Serpenteando pela noite,
Corre o silencioso, desconhecido rio
Que por fim conduz à luz.»

Os dias frios e nus de março de 1878 foram tornados amáveis e férteis, interiormente, pelo discurso apreciativo e abrangente da Sra. Cora L. V. Richmond, impresso no *Banner of Light*.*

Havia, no largo alcance da sua análise e síntese imparciais, uma ponderação e medição congeniais raramente encontradas entre os nossos opositores. Provavelmente era sabido, de todos os lados, que eu jamais disfarçara a minha oposição às revelações da Sra. Richmond acerca da «reencarnação». Ela própria estava certamente e profundamente consciente do meu antagonismo franco ao seu ensino nesse sentido. E, no entanto, vejamos a tranquilidade serena e a imparcialidade do seu notável discurso! A seguinte nota, que só viria a ser publicada a meio do verão, foi-lhe enviada por correio em março:

«Cora L. V. Richmond — nossa amada irmã:

«Acabámos, neste preciso momento, de ler a sua palestra sobre a “Filosofia Harmonial”, etc., tal como foi relatada e impressa na presente edição do *Banner of Light*. Agradecemos-lhe em primeiro lugar, e depois agradecemos a todos, em toda a parte, que contribuíram para a sua conceção e preparação. Desenvolve pontos, faz discriminações e sugere críticas vitais que podem — e eu rezo fervorosamente que venham a — conduzir a mais cultura e vida reais...

* Ver a edição de 2 de março de 1878, na qual a inspiração é dada na íntegra.

«Mas o ponto mais luminoso da competente palestra é o que diz acerca do *Children’s Progressive Lyceum*. Receio que, enquanto sistema, esteja demasiado cheio de possibilidades prematuras e demasiado vazio de praticabilidades imediatas para ser de grande utilidade.»

(Segue-se aqui uma parte relativa ao liceu.)

«Perdoe esta nota longa; eu apenas pretendia “agradecer-lhe” quando comecei a escrever. A minha querida Mary une-se a mim em amor por si e por seu marido.

«Sempre fielmente,
A. J. Davis.»

O editor do Banner of Light, o Sr. Luther Colby — homem quase perfeito nas suas qualificações e adaptação ao cargo que tem desempenhado vitoriosamente durante tantos anos de provações próprias de um novo campo de individualismo espiritual e de méritos e irregularidades mediúnicas — estava, quando imprimiu a minha nota, excessivamente irritado com os persistentes ataques do Sr. Poole à Sra. Richmond.* O editor, aborrecido, concedera considerável espaço a esses artigos de crítica, nos quais o Sr. Poole (conhecido como meu antigo amigo pessoal e como enérgico defensor da Filosofia Harmonial) aproveitava frequentemente para contrastar o discurso e outros ensinamentos da Sra. Richmond com passagens escolhidas das minhas obras, invariavelmente em prejuízo dela; e, para convencer os leitores de que eu não era hostil à Sra. Richmond, o Sr. Colby imprimiu a minha nota sincera dirigida a ela.

«Ver-se-á», disse o editor, «pela carta apenas, que publicamos com o consentimento expresso do Sr. Davis, que o próprio Vidente incentiva a discussão das suas revelações e assume uma posição muito distante de qualquer pretensão à infalibilidade delas.»

Mas, embora fosse um verão belo e abundante no mundo exterior, as tempestades do vale depressa haviam de rebentar sobre mim. O demónio da discórdia estava prestes a triunfar por uma temporada.

Nunca foi da minha natureza desejar ser promovido à custa de alguém. Ser artificialmente lançado para a evidência, tornar-me «distinto», nunca fez parte da minha ambição. «Onde estão os meus amigos?», disse a mim mesmo; pois estava certo de que o estilo e o espírito do meu amigo Poole, ao advogar as minhas revelações publicadas, gerariam dez inimigos decididos por cada amigo que eu próprio atraísse e conquistasse. Senti-me no vale e desejei que fosse já tempo de ascender ao Paraíso. Com o poeta, disse:

«Estou disposto a morrer quando chegar o meu tempo;
E terei gosto em partir;
Porque o mundo, no melhor, é lugar cansado,
E o meu pulso vai ficando baixo.»

Veio-me um impulso para escrever ao Sr. Colby que, sob a solenidade da minha palavra e honra, eu me declarava livre de qualquer desejo de que as críticas do Sr. Poole fossem escritas ou impressas. Mas não escrevi.

O editor, porém, escreveu-me assim:* «Sinto-me decididamente agravado com o rumo seguido pelo seu amigo† Sr. C. O. Poole.» (Aqui foram dados os detalhes do «rumo» pela ordem da sua ocorrência.) «Nestas circunstâncias», prosseguiu, «desejo que informe o Sr. Poole de que recusarei imprimir mais artigos dele», etc.

Além do que fica dito, havia outra causa de irritação constante: o *Religio-Philosophical Journal*, sob a direção editorial do Sr. J. C. Bundy, era extremamente vivo nas alusões a alguns dos mais honrados correspondentes do Sr. Colby. Enquanto eu pedia constantemente ao Sr. Bundy que exercitasse grande cortesia para com o Sr. Colby e o seu excelente *Banner of Light*, ao mesmo tempo aplaudia a gestão do *Religio Philosophical Journal* por expor destemidamente tudo o que, na mediunidade, se provasse ser artimanha e fraude. Neste ponto, enfaticamente, o *Banner of Light* não era igualmente digno de louvor. E o Sr. Colby tinha plena consciência de que essa era a minha convicção. Os seus sentimentos, por consequência, agitavam-se profundamente sempre que notava uma contribuição da minha pena no agressivo *Religio-Philosophical Journal*.

** Carta datada de 18 de agosto de 1878.*

† O editor do Banner of Light lembrava-se de que o Sr. Poole fora ativo no Testemunho de Aniversário.

E, nessas ocasiões, também não podia deixar de recordar os grandes serviços prestados pelo *Banner of Light* ao sugerir e promover o «Testemunho Davis». Assim, é provável que a seguinte carta — que foi tudo quanto respondi ao seu pedido especial — lhe parecesse carregada de inimizade e ingratidão:

«ORANGE, N. J., 21 de agosto de 1878.

«Meu amigo Colby: «A sua do dia 18 do corrente está aqui. Quanto às relações existentes entre si e o Sr. Poole, a minha resposta é: eu nada fiz para abrir a controvérsia, nada fiz para dirigir o seu crescimento em variedades por toda a parte.* Portanto, não deve esperar que eu informe o Sr. Poole de que o senhor “recusa imprimir mais artigos” dele. O senhor é o editor responsável, e ele é o seu correspondente; e devo deixar todos os assuntos entre ambos estritamente a cargo de vocês.»

Será que o leitor imaginativo e desapaixonado destes capítulos acreditaria — sem a minha garantia positiva — que a resposta acima foi o fim de toda a correspondência entre nós e o começo de um afastamento que durou sete anos? Há, porém, poucas semanas, estando eu temporariamente na Cidade do Império e sentindo, numa manhã, um forte impulso para tentar derreter o gelo que congelara o rio fraternal entre nós, dirigi aos irmãos do Banner of Light, Srs. Colby & Rich, o seguinte, sugerindo

UM TRIBUNAL AMIGÁVEL DE ARBITRAGEM

«NOVA IORQUE, 21 de janeiro de 1885.

«Caros amigos:

«Venho hoje a vós, nesta carta, com um coração cheio de sinceridade, com saudações de afeto fraternal e com santas preces para que do presente e tranquilo escrito resulte o bem e não o mal; a fim de que se construa um firme alicerce para a amizade futura entre nós e de que os mais altos interesses da humanidade sejam exemplificados e promovidos.

«Na primavera passada, por volta do primeiro de junho, assegurei à minha congregação que dedicaria “os meses seguintes” ao que me senti impelido a chamar “limpeza da casa”. Este anúncio foi assim tornado público, sem ameaças e sem ocultações. No prosseguimento destes esforços de limpeza da casa, sinto-me impelido a vir até vós... Quanto à vossa Casa (financeiramente), tenho satisfação em testemunhar que as minhas relações sempre foram perfeitamente harmoniosas e agradáveis. Mas há já muito tempo que uma diferença indefinível separa o Sr. Luther Colby e o seu Banner of Light de A. J. Davis e da sua missão de professor. Estamos assim em desacordo com os nobres sentimentos que mutuamente acalentamos e ensinamos.

«Da minha parte, digo-vos francamente que tive o que considerei motivo suficiente para a minha posição reservada; e creio que o Sr. Colby se julgou justificado em sentir-se agravado. Certo ou errado, no caso, o facto permanece: perante o mundo observador dos espiritualistas, a situação não está de acordo com princípios nobres. O mal consiste na perpetuidade de deturpações e em gerar sentimentos pouco fraternais.

«Asseguro-vos, irmãos, que estou resolvido, ajudado pelos anjos que nos vigiam, a fazer o melhor para aniquilar este abismo de diferença entre nós. Podem resultar duas coisas: ou concordamos em ficar separados com boa vontade honesta, sem alimentar antagonismo, ou concordamos em estar juntos como coobreiros e companheiros na execução das nossas partes numa missão divina para o grande

mundo. Para isso ofereço-vos o seguinte plano de composição: submetermos todo o nosso caso a um tribunal amigável de árbitros. Assim, vós nomeareis uma pessoa para representar o vosso lado; eu selecionarei alguém para representar o meu lado; e esses dois escolherão um terceiro para agir com eles. Que estes três ouçam e ajustem as nossas diferenças...

«E rogo-vos, na presença dos incontáveis anjos do nosso Pai e Mãe, que vos movais a aceitar esta proposta. Se, depois de devida consideração, decidirdes não aceitar, mas sugerir a adoção de um substituto; ou se finalmente decidirdes recusar tomar qualquer ação para remover as nossas infelizes diferenças — em qualquer dos casos, solicito-vos, com toda a bondade, que me entregueis por escrito a vossa decisão franca, para que eu possa talvez incorporar tudo isto no meu volume próximo.

«Com estima fraternal, sempre vosso amigo,
A. J. Davis.»

Cerca de treze semanas depois (sexta-feira, 10 de abril de 1885), tendo submetido a epístola precedente aos irmãos do Banner e tendo, nesse dia, alguns assuntos com o departamento de publicações, visitei o atraente estabelecimento, agradavelmente situado na Bosworth Street, entre duas das principais artérias históricas de Boston, conhecidas como Tremont e Washington Streets.

Imediatamente após a entrevista de negócios e a sugestão cordial do Sr. Rich, fui visitar o bem conhecido editor, o Sr. Colby, a quem encontrei comodamente sentado no seu belo, ordeiro e decorado com quadros gabinete, três andares acima do chão. A recepção foi tão amável como se nunca tivesse havido qualquer afastamento entre nós. Observei que o seu rosto irradiava esperança, fé e caridade. As graças do afeto espiritual estavam no acolhimento franco, digno e, ainda assim, cordial que ele de pronto me estendeu. Após algumas palavras amistosas, disse: «Tenho algo que escrevi e imprimir no Banner of Light, em 7 de março de 1885, e que agora lhe ofereço.» Em seguida recortou da página impressa o que se segue, intitulado «Amor», que primeiro fixou no centro de uma folha de papel de carta e depois assinou com o seu nome completo — e que agora dou ao meu leitor:

«Oh! Amor, impulso mais divino da alma!
Quando coração a coração se prende para sempre,
Nem tempo nem espaço lhe alcançam o derradeiro termo —
É levado para além, na margem imortal.

Mas o Amor desprezado converte-se em amargo Ódio;

E a vingança o segue depressa no seu rasto;
Então copiosas lágrimas inundam tarde demais os olhos,
E a Tristeza fica com as suas vítimas.
O Amor, convertido em Ódio, faz Demónios no ar!
A Morte não vence o veneno nos seus corações;
Na terra mergulham — abundando por toda a parte —
E assim, subtilmente, desempenham as suas trágicas partes.
A grande soma total do nosso inferno terreno
É o Bem pervertido — só isso — nada mais;
E se nós, mortais, atendêssemos bem a isto,
Nenhum Maligno passaria para a outra margem.»

Li cuidadosamente as estrofes e, depois, conversámos acerca da sua verdade exata. «O Amor» foi assim o primeiro árbitro escolhido e, sem a mínima premeditação, foi nomeado pelo editor, homem de bem. (Não se proferiu uma palavra, nem depois se sussurrou, acerca da minha proposta de três árbitros. E, no entanto, sem procurar, tudo se realizou em menos de trinta minutos.) O meu espírito, sem pensar, nomeou a «Sinceridade» como meu advogado e representante; e estes dois, Amor e Sinceridade, escolheram a «Verdade» para presidir a todas as questões, diferenças e considerações subsequentes; e, sem a menor controvérsia ou conflito durante a hora da entrevista, o seu termo foi amor mútuo, fé e harmonia.

Caro leitor, em quaisquer dificuldades e mal-entendidos que possa experimentar nas suas relações com outros, não se esqueça do Tribunal Amigável de Arbitragem — Amor, Sinceridade, Verdade!

Mas os acontecimentos registados no capítulo seguinte — convém lembrar — ocorreram depois do afastamento, em 1878, entre o qual e a reconciliação acima descrita se escoaram muitos anos de experiências importantes. O leitor lógico, portanto, recuará agora para a situação e explicação dadas na página 138. As minhas reflexões, à vista da situação de então, eram estas: está escrito «abundou o pecado, para que superabundasse a graça». As vicissitudes que tudo abarcam podem, segundo esta regra, vir a ser equilibradas pelas beatitudes que tudo abarcam. Não hesitarei; caminharei e trabalharei; e esperarei a vinda da nova era. «Lá em cima está tudo belo e amável», dizem as pessoas, quando os caminhos se enchem de neve a derreter e de lama, «mas cá em baixo, a pé, é bem mau.» Para além do vale longínquo de sombras — por cima de todas as tempestades e vendavais destrutivos — o sol brilhante resplandece, e o céu azul sereno estende-se sem limites em todas as direções.

CAPÍTULO XXII

CONFLITOS E UMA CRISE NA NOSSA CASA

«Ele faz habitar em família o solitário. ... “Todo aquele que fizer a vontade de meu Pai que está nos Céus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe.”»

O meu passo seguinte levou-me ao vasto Vestíbulo de uma nova partida. O meu caminho corria direito para o campo de batalha. «Põe — a tua — mão — no — arado!», sussurrou o guardião Galeno, enquanto eu caminhava, um dia, no campo, perto da Orange Mountain. Obedeci. Numa manhã fria de dezembro de 1878, numa casa senhorial particular em Nova Iorque, organizou-se a primeira Sociedade Harmonial, perante a qual proferi o seguinte

DISCURSO NO VESTÍBULO

Chegou-se a um ponto de viragem nos assuntos da nossa Casa. «Uma casa dividida contra si mesma não poderá subsistir.» Este é o veredicto de princípios imutáveis falando através da intuição. Na história do nosso movimento chegou um momento decisivo. É tempo de pesar e considerar a «pedra angular» que os construtores «rejeitaram». À porta de uma nova partida, detemo-nos para interrogar e escutar. Aqui, hoje, de pé sobre a montanha de incontáveis gerações, que vemos nós? Em meio às grandes colheitas das eras, que vozes ouvimos?... De um lado, o Espiritualismo Moderno; do outro, a Filosofia Harmonial.

Estas encarnações provêm dos mesmos Pais infinitos e, em justiça, deveriam aparecer no meio da colheita dos séculos como amigos inseparáveis e eternos. Se estes grandes embaixadores do universo interior para a humanidade estivessem unidos e entrelaçados como companheiros essenciais deveriam estar, com uma só origem e uma só missão, que consternação reinaria por entre as instituições do erro e da superstição, e que cânticos jubilosos encheriam os lares da liberdade, da razão e do progresso!

Estamos sobre o limiar da nossa Casa — que está dividida contra si mesma — e ouvimos o conflito dos mal-entendidos e o quebrar de interesses que precedem a desintegração. Em volta do Espiritualismo Moderno e da Filosofia Harmonial vemos filantropos, livres-pensadores e reformadores de mente espiritual. Duas asas de uma só Dispensação! Ambos os lados têm muitas coisas em comum. Cada partido resgataria, se pudesse, a humanidade do poço do materialismo. Ambos, de igual modo, acolhem a luz e a beleza do dia que se aproxima para a redenção física, mental, social e espiritual do homem. Aspiram igualmente à descoberta e ao estabelecimento dos princípios imutáveis da verdade. Creem mutuamente na liberdade da razão, na sacralidade da vida pessoal, nos resultados práticos da

ciência, nas ministrações da arte, na progressão ininterrupta da raça, no triunfo da vida sobre a morte e na imortalidade demonstrada do indivíduo.

Não obstante tudo isto, ... ouvimos discórdias funestas nestas duas grandes dispensações. Se estes poderosos movimentos harmonizassem nas suas obras e confinassem todo o antagonismo à esfera das palavras, alguns fins gloriosos poderiam ser alcançados. Mas dá-se o contrário, e é precisamente esse facto que constitui o ponto de viragem, a época memorável, diante da qual agora estamos — interrogando e escutando.

Harmonizando nos essenciais, o Espiritualismo Moderno e a Filosofia Harmonial antagonizam diretamente na esfera dos usos públicos. Opõem-se um ao outro quanto à adaptação dos meios aos fins. Como dois carpinteiros rivais, ou um par de mestres-de-obras pouco amigos, divergem amplamente e, ao que parece, sem esperança, acerca das ferramentas e materiais com que se propõem construir as habitações da humanidade.

As harmonias e os antagonismos mencionados, juntamente com as suas causas e efeitos, vêem-se melhor através de alguns exemplos: em 1873, os crentes de Londres, Inglaterra, estabeleceram uma organização chamada «The British National Association of Spiritualists». Os objetivos deste movimento, tal como expostos na constituição emendada três anos depois de instituído, incorporam a substância dos objetivos e fins procurados por todos os apoiantes do Espiritualismo Moderno. Dizem, em substância, assim: «Unir espiritualistas de toda a variedade de opiniões... com vista à investigação dos factos do Espiritualismo, a promover a formação de sociedades afins; a ajudar os inquiridores nas suas pesquisas sobre certos fenómenos conhecidos como espirituais; a dar publicidade aos resultados dessas pesquisas; ... a tomar as medidas que se considerem conducentes à promoção do Espiritualismo e à proteção dos Espiritualistas.»

E, para alcançar tais objetivos, nomeiam-se os seguintes meios, entre outros: «Uma instituição central em Londres, com filiais nas províncias e noutros lugares; salas de conferências, bibliotecas, salas de leitura, salas de sessões e escritórios adequados, etc.... A distribuição de publicações sobre assuntos espiritualistas; ... recolher factos relativos ao Espiritualismo; realizar reuniões públicas e conferências; facilitar as visitas de médiuns estrangeiros; manter um registo de médiuns; e, em geral, fazer tudo o que possa ser conducente à obtenção dos objetivos acima.»

Ora, aqui se observa que, na sabedoria e conhecimento da Pátria-Mãe, o Espiritualismo e os seus médiuns são o único objeto central e a preocupação principal da Associação Nacional Britânica. ...

O que é o Espiritualismo Moderno? Em substância, apresenta-se como uma demonstração viva: (1) de que toda a individualidade do homem existe naturalmente após a morte; (2) de que ele, a partir da esfera superior, pode ou visitar a terra em pessoa, ou comunicar com pessoas acessíveis chamadas médiuns; (3) e de que tal intercâmbio espiritual é efetivamente realizado, demonstrado e estabelecido. E filosoficamente promulgar esta verdade; multiplicar os seus benefícios; apurar tudo o que há para saber sobre ela; e ajudar todos os que desejem adquirir semelhante conhecimento — tudo isto é o princípio, o meio e o fim de toda a associação, em toda a parte, que, nos seus objetivos, seja distintivamente espiritualista.

Pode elaborar-se uma constituição «erudita», com um preâmbulo repleto das proposições mais nobres e óbvios; pode haver uma declaração de objetivos os mais filantrópicos, os mais filosóficos e os mais religiosos; e, no entanto, muito cedo surge um facto central, vitalizante e controlador de tudo: que o intercâmbio espiritual, em cada e em todas as suas múltiplas fases, é o grande fim de todo o esforço associativo espiritualista. Muito cedo se torna claro, com uma nitidez surpreendente, que o primeiro e o último, e tudo o que vai pelo meio, do Espiritualismo Moderno se resume numa única palavra: manifestação.

Isto, para crentes e cétricos, é a consumação mais devotamente desejável. E aqui a Filosofia Harmonial faz o seu primeiro protesto inequívoco. E porquê? Porque a sua missão é para a vida interior de toda a humanidade; para descobrir e aplicar os princípios imutáveis da verdade; para desenvolver o verdadeiro salvador do amor divino em cada espírito humano; para desdobrar as instituições até que floresçam com as flores imortais da vontade e da sabedoria; numa palavra, os seus objetivos fundamentais são dois: (1) a harmonização do Indivíduo e (2) a harmonização da Sociedade; o que, na perfeição do desenvolvimento e realização, seria uma resposta — e a única resposta possível — a todas as preces pela instauração do reino dos céus na terra.

Os meios prescritos pela Filosofia Harmonial para alcançar estes fins são: (1) luz, força e encorajamento a partir da cultura e crescimento do espírito privado; (2) através das descobertas e progressos da ciência; (3) através das invenções de pensadores profundos; (4) através das inspirações de artistas, poetas, músicos e de todos os escritores sinceros; e (5) por fim, através das instruções que possam ser recebidas por médiuns, diretamente, das fontes ocultas do amor e da luz. Estas fontes de vida e inteligência estão para sempre ocultas ao olhar exterior; pois são íntimas, no interior do universo espiritual, no lar de todos.

Se... levantamos a voz contra o cultivo excessivo da mediunidade, ou protestamos contra o dispêndio de demasiado tempo, sentimento, saúde e dinheiro em sessões de círculo e nas repetições sempre recorrentes da «sessão», logo o Espiritualismo Moderno solta um clamor deste teor: «O senhor opõe-se a toda a mediunidade, não é? Não acredita em círculos, nem em sustentar os nossos médiuns — portanto é inimigo do “Espiritualismo”».

Ora, raciocinemos juntos.

A razão é o expoente da Natureza; a Natureza é o expoente de Deus. Filosofia Harmonial é o nome dado à mais recente revelação da Natureza e da Razão. Ela está de braços amorosos estendidos para toda a ciência, toda a filosofia, toda a arte, toda a literatura, toda a inspiração, toda a verdade. «Quem tem ciência e arte», diz Goethe, «tem religião; mas quem não tem ciência e arte deve ter religião.» A experiência e a observação parecem estabelecer que a religião da Razão, da Ciência e da Arte é possível apenas para poucos; ao passo que mistérios e dogmas, prodígios e antinaturalismos, medo e superstição, e culto servil, são a herança e a religião desejada das multidões da terra.

O Sr. Charles Partridge, fundador e sustentáculo financeiro do *Spiritual Telegraph* — cuja primeira edição data de 8 de maio de 1852 —, após oito anos de investigação e esforço, no seu «Valedictório», no último número, disse: «Muitas vezes ficámos surpreendidos e por vezes mortificados com a tolice dos espiritualistas em lançar e incentivar novos jornais, alguns dos quais parecem não ter melhor base do que um suposto “assim dizem os espíritos” a um aspirante ainda sem penas. Algumas pessoas parecem supor que, se conseguirem apenas fazer sair um jornal com o seu nome, serão alguém de imediato, e que toda a gente, e todos os espíritos sensatos, acorrerão à sua bandeira. Alguns espiritualistas procuram ser excessivamente amáveis e parecem pensar que é virtude dizer sempre “sim”, até lisonjear toda a gente, e assim fomentar ambição ilegítima.

O Espiritualismo Moderno atraiu, naturalmente, pessoas que se deleitam com o espanto — com as meras emoções excitadas pela visão de coisas novas. Estes querem tomar o pequeno-almoço e jantar de milagres, e dormir em camas embaladas por espíritos... Não importa o que seja o jornal, contanto que afirme ser dedicado ao maravilhamento. Estes epicuristas da novidade ficam tão encantados com um jornal novo como com um facto ou uma ideia novos. Tais homens não procuram jornais para serem instruídos, mas para serem excitados; e quando incentivaram um novo jornal até à existência, abandonam-no por outro que possa surgir... Homens que não têm conhecimento nem cuidado pelo Espiritualismo para lá dos dólares e cêntimos que lhes trará — homens que nunca tentam desdobrar a

sua verdade ou defender as suas pretensões — viram esta fraqueza do povo e tiraram partido dela.»

E, ainda, esse editor consumado e pensador consciencioso, o Sr. A. E. Newton, nas suas «Palavras de Despedida», no último número do *Spiritual Age*, de 4 de fevereiro de 1860, disse: «Retiro-me com a consciência sustentadora de ter trabalhado longamente, com empenho e honestidade, tanto quanto os meus meios e capacidades permitiram, para fornecer um jornal espiritualista que fosse creditável ao grande movimento do nosso dia — que, tanto no seu tom literário, moral, filosófico, religioso, como no seu tom reformador e prático, representasse as melhores fases desta grande revelação. A falha de saúde e a falta daquela cooperação substancial que razoavelmente poderia ter sido esperada interromperam estes trabalhos...

Não é certamente muito honroso para os pretensos milhões de crentes no Espiritualismo Moderno que nenhuma publicação dedicada à sua defesa tenha conseguido obter apoio competente sem recorrer a auxílios extrínsecos e por vezes questionáveis.»

Todos estes testemunhos mostram que a Filosofia Harmonial não profere os seus protestos vezes demais, nem com demasiada ênfase. Abandona-se a cultura do espírito do indivíduo pelas atrações da «sala de sessões». Negligencia-se a harmonização da sociedade pelos deleites momentâneos do círculo mediunizado. O Sr. A. E. Newton, no *Spiritual Age* de 1860, testemunha ainda assim: «Os factos da manifestação espiritual, tal como os observámos, provaram-nos a existência de espíritos falsos, ignorantes, imorais, egoístas, impuros e não espirituais, tão claramente quanto a de espíritos puros, sábios e bons. Investigámos por nós mesmos e tirámos as nossas próprias conclusões.»

Mas muito mais importante é o testemunho do irmão Newton, mais adiante, no mesmo editorial, como segue: «Há outra classe de manifestações espirituais, mais comum do que qualquer demonstração palpável de maldade ou malícia, que ainda assim oferece prova igualmente conclusiva de que nem todos os espíritos são seres sábios, puros e santos. Referimo-nos ao dilúvio de fantasias desvairadas, sofismas subtis e doutrinas não espirituais — tendentes a fomentar presunção, orgulho intelectual, irreverência, falta de caridade, sensualidade e várias outras obras da carne — que têm sido derramadas sobre esta esfera mundana por médiuns de várias classes e que mostram os seus autores não terem chegado a nenhum plano muito elevado de espiritualidade. Uma grande proporção do que se conhece como literatura espiritualista, incluindo discursos em transe e comunicações de espíritos, revela uma completa cegueira quanto às verdades mais

profundas da natureza interior do homem, muitas vezes acompanhada de pretensões jactanciosas de sabedoria superior.»

Tudo isto foi escrito e publicado há dezoito anos. Que colheita recolhemos agora? Por cima de tudo, e como resultado de tudo, qual é a frutificação? O irmão Newton volta a falar, no *Banner of Light*, de 30 de novembro de 1878.

Ele andara a ler um volume recente meu, intitulado *Views of Our Heavenly Home*; e, numa “carta aberta” ao autor, escrita com franqueza e eloquência, dizia: «Mas não haverá perigo de muitos serem levados, ao deterem-se nas imagens luminosas da vida no “Paraíso” (se depositarem alguma confiança nas tuas descrições), a perder todo o interesse na melhoria das condições terrenas e a gastar os seus dias sobretudo em inúteis anseios e suspiros por aquela margem sempre verde?

Esta tendência para desprezar a terra e desejar fugir dos seus males e misérias para um céu ideal, com portas de pérola, ruas de ouro e intermináveis entretenimentos musicais, tem sido, como sabes, uma das características censuráveis de certas fases do Cristianismo. Ela levou a uma indiferença pela melhoria humana e social na terra que paralisou todos os esforços para trazer, de modo prático, o reino dos céus a este planeta.

A mesma tendência, como bem sabes, já se mostrou fortemente entre os Espiritualistas Modernos, que, em grande medida, são muito mais inclinados a gastar o tempo em “círculos” e “sessões”, cantando “The Sweet-By-and-Bye” e “We are Waiting at the River”, com outras canções sonhadoras e lânguidas do mesmo género, e a esforçar os ouvidos para apanhar sinais, ou talvez os olhos para vislumbrar supostos habitantes daquela terra longínqua, do que a empenhar-se em qualquer esforço sério que vise o autoaperfeiçoamento ou a elevação da sociedade humana à sua volta.»

Escuta! Não ouves o protesto de aviso? Ele vem de um coração sobrecarregado, mas de um cérebro esperançoso e laborioso, de um trabalhador antigo e bem-intencionado na vinha espiritualista. Na mesma “carta aberta”, esse irmão dá livre expressão aos seus anseios por uma realização terrena de algumas das alegrias e delícias que prevalecem nos aposentos superiores das mansões celestiais. Ele pergunta: «Não poderemos tu e eu fazer algo mais do que fizemos para persuadir e incitar homens e mulheres a adotar este modo de vida celeste aqui mesmo e agora? Ou ficaste desanimado no esforço?»

Em resposta, eu pergunto: podemos contar, em quaisquer esforços públicos de reforma, com a simpatia e a assistência de espiritualistas que acreditam que fazer círculos, desenvolver médiuns e obter testes e mensagens dos visitantes invisíveis constitui o tudo-em-tudo das exigências do Espiritualismo Moderno sobre eles? Queres que eu trabalhe pelo *Children's Progressive Lyceum*, pela fraternidade da polícia moral, por associações unitárias e por lares cooperativos contra obstáculos tão insuperáveis? A minha saúde corporal é valiosa para mim; assim como a paz e a progressão das minhas faculdades morais e intelectuais são de grande importância; porque, sem estas em boa condição, eu seria pobre de facto e incapaz de cumprir nem a décima parte dos deveres diários que tenho diante de mim. ...

Os construtores rejeitaram a “pedra angular”. Ela é rejeitada dia após dia sempre que uma comunicação espiritual é substituída pelos ditames intuitivos da razão. A pedra angular é “rejeitada” sempre que um dever prático, privado ou público, é negligenciado para ouvir testes, ou sempre que uma hora é gasta inutilmente num círculo escuro — hora essa que poderia ter sido dedicada a um amigo necessitado, ou passada com um livro sábio. Em verdade, uma casa dividida contra si mesma não poderá subsistir!

Apesar de todos os obstáculos ao progresso humano, somos alentados pelos sinais de maior crescimento intelectual, de mais liberdade espiritual, até mesmo dentro dos grandes muros da Cristandade sectária. Tomamos coragem, portanto, e cantamos cânticos de alegria e gratidão quando, aqui e ali, contemplamos o estabelecimento de associações como a Sociedade Independente do Sr. O. B. Frothingham; a Escola de Cultura Ética, do Prof. Felix Adler; as Associações de Ciência Social, por homens e mulheres; as Ligas Liberais dos Religiosos Livres; as grandes promessas futuras para a nossa República, tal como se esboçam no Congresso da Mulher; a agitação universal dos direitos e da supremacia do Trabalho; a igualmente universal trepidação dos proprietários do Capital; a formação de organizações cooperativas para a proteção e o progresso de comunidades inteiras de homens e mulheres que labutam — por isto, e também pela multiplicação de reuniões espiritualistas e de médiuns verdadeiros — cantamos cânticos de louvor e exalamos a nossa mais profunda oração de gratidão.

Em meio a todos os nossos desânimos, e acima de todos os obstáculos, a Nova Dispensação rompe nos nossos corações com as suas bênçãos de esperança e promessa infinitas. A humanidade está destinada a avançar através do bem e do mal — através de guerras e através de justiça e paz — até que as melodias maravilhosas do Paraíso se misturem com a música mais doce e feliz da humanidade.»

A guerra começou. O nosso irmão Hudson Tuttle, extremamente industrioso e de mente lúcida, abriu batalha no *Religio-Philosophical Journal*. Ele opunha-se e deplorava todas as distinções nominais. E, ainda assim, dizia: «A Filosofia Harmonial tem uma vantagem: a sua literatura é quase — se não totalmente — exclusiva da pena de um só homem, A. J. Davis, e pode ser consultada como um todo; ao passo que a literatura do Espiritualismo é formada por contribuições de incontáveis fontes, tanto espirituais como mortais.»

A isto respondi: há muitos escritores e mestres de Filosofia Harmonial, de ambos os lados do Atlântico, que provavelmente nunca leram (e talvez nem se importem em ler) uma só linha escrita por A. J. Davis. Emerson é um exemplo. As melhores expressões de Alger, Frothingham, Chadwick, Adler, Beecher, Clarke, etc., ilustram a identidade da verdade entranhada. E ministros e escritores mais ortodoxos do que estes ensinam substancialmente Espiritualismo sempre que tratam de milagres, ocorrências sobrenaturais e tutela angélica. Assim, tanto o Espiritualismo como a Filosofia Harmonial obtêm expressão através de mentes e lábios que, externamente, podem ser completos estranhos à maior parte da nossa literatura e das nossas experiências particulares. Por isso sustento que é erróneo afirmar que a literatura do Espiritualismo ou da Filosofia Harmonial se confina a certas linhas de livros e panfletos.

Insisti que nada havia de alarmante a temer desse periélio. O Sol da Verdade continuará a brilhar. O sistema solar das ideias não será lançado de lado, nem ficará adernado. Está solidamente construído e bem lastreado. Clímax, crises, transições, revoluções, conflitos, doenças de uma espécie ou de outra estão sempre aqui, ou estão mesmo a chegar; e é cegueira intelectual ou fraqueza moral que leva os homens a olharem para as mudanças “com medo e tremor”. Mudanças físicas e mudanças espirituais ocorrem todos os dias e a toda a hora no universo.

(Aqui terminou o meu discurso no vestíbulo da Casa do Conflito.)

Às vezes sabemos disso pela ciência, e às vezes sentimo-lo por contacto direto com as forças em movimento; mas, em todos os casos, o sistema da natureza avança — desdobrando-se, expandindo-se, progredindo como um épico. O periélio dos planetas (nos próximos seis anos) não perturbará os cidadãos dos Estados Unidos tanto quanto as crises e paroxismos temerosos de uma eleição presidencial; e os males imaginários de uma perda de equilíbrio no mecanismo solar não espalharão tanta dor e perturbação pelas fileiras dos espiritualistas quanto eles já sofreram com “Os Conflitos e uma Crise na Nossa Casa”.

CHAPTER XXIII

MOVIMENTOS HARMONIAIS E ENSINAMENTOS PSICOLÓGICOS

“Grandes verdades são conquistadas com grande esforço, não surgem por acaso, nem vêm levadas pela brisa de um sonho de verão; mas são agarradas na grande luta da alma, em duro combate contra vento e corrente.”

Como hei de retratar a longa, longa, sombria e desencorajadora tempestade que, após a entrega e a publicação do meu *Conflito na Nossa Casa*, caiu sobre mim e sobre os meus movimentos futuros? Dissensões infelizes, troça, insinuações amargas de apostasia — tudo isso choveu e se derramou sobre mim vindo de amigos outrora bondosos e leais. É certo: tudo havia sido perfeitamente pressagiado e prefigurado. Mas o que então me desalentou (e por vezes ainda hoje) foi descobrir, por baixo — após uma geração inteira de ensinamentos harmoniais, incluindo antigos e supostos fiáveis “graduados” do Lyceu Infantil — uma massa crua e mal digerida de inteligência fragmentária, hábitos sociais e mentais discordantes, amizades superficiais, egoísmos contenciosos, tudo mais ou menos misturado com algumas das graças de carácter mais encantadoras e com algumas das manifestações de mente e coração mais magnânimas. A tudo isto acrescento, com prazer, que houve exceções altas e nobres.

Apoiado no meu *Magic Staff*, num certo dia, caminhando nas proximidades de Orange, a luz celeste rompeu de súbito através das nuvens. Vi para além do vale. Reconheci o interior de alguns dos meus amigos pessoais. Eles viriam infalivelmente quando ouvissem o toque do clarim. A Sociedade Harmonial, organizada em 4 de Dezembro de 1878, entraria em trabalho. Vi tudo isto com uma alegria indizível e disse imediatamente: “Amém!”

Como um relâmpago, esta frase atravessou-me o ouvido: “*O quam magnum!* Deixa cair... entras pela porta formosa... trabalha, sim, trabalha, querido irmão Jackson, e tudo ficará bem.”

Fiquei imóvel. Um momento depois, enquanto escutava sem respirar por mais, ouvi a voz de (espírito) Selden J. Finney, dizendo:

“Não admira, meu querido irmão, que tenhas sentido desânimo, porque tens estado — como geralmente estás — rodeado por um grupo de eructadores crónicos (*de arrotar*) de condenação. Tudo o que precisas fazer é: IR TRABALHAR. Como sinal palpável de compensação certa, prometo-te que a tua barba há de crescer.”

Passa agora por cima de algumas semanas de conferências preliminares e negociações de negócios, e vê-me a desempenhar o ofício de Orador Regular no

Steck Hall, nº 11 da East Fourteenth Street, num dos centros mais vitais da cidade de Nova Iorque, onde tantos lutam e prosperam. Era o outono de 1879. A minha congregação nunca foi grande em número, mas havia entre eles membros esclarecidos e espiritualmente ricos (e também materialmente abastados); e quando, na primavera seguinte, lhes pedi que sustentassem uma “Cátedra de Ciência Psicológica e Terapêutica Magnética” num Instituto médico liberal, que sem medo consentira na proposta, a Sociedade e a congregação nomearam logo uma comissão para consultar o Prof. Alexander Wilder e anunciar-lhe que fora eleito para ocupar tão importante posto.

Antes de apresentar aos meus leitores a instrutiva aceitação deste cavalheiro, direi em poucas palavras que o seu *insight* em coisas que raramente a maioria vê; o seu discernimento agudo de ideias; as suas revelações concisas de princípios profundíssimos; a pureza e o requinte da sua consciência, quase anormalmente sensível; a sua disposição para dedicar, quase sem um dólar, as suas energias viris a promover os fins mais altos da justiça e da liberdade mais vastas; o seu ódio ardente a toda a insinceridade, a toda a hipocrisia, a toda a erudição superficial, a toda a impostura e chicana onde quer que se encontrem — em colégios ou igrejas, em Estados ou governos — enfim: desde o dia em que conheci este cavalheiro até hoje, a minha impressão foi e é que ele é um americano típico (ou do futuro), destinado a ser menos conhecido do que muitos homens de igual eminência, mas certamente impossível de ser esquecido pelos “poucos” que provaram o seu pão intelectual e espiritual de vida.

Em resposta à Comissão Harmonial, foi recebida esta carta do distinto erudito:

A CÁTEDRA DE TERAPÊUTICA MAGNÉTICA.

Newark, N. J., 23 de Julho de 1880.

“Senhores: A vossa comunicação de 19 de Julho, informando-me da minha eleição, sob os vossos auspícios e patrocínio, para a Cátedra de Ciência Psicológica e Terapêutica Magnética no United States Medical College, foi devidamente recebida. Sinto uma gratidão maior do que as palavras podem exprimir pela boa vontade e confiança demonstradas, e aceito a nomeação de acordo com as condições e estipulações da vossa carta.

“Tenho plena consciência da responsabilidade e das dificuldades inerentes. É, penso eu, o primeiro exemplo neste país em que uma instituição médica ou científica incluía a Ciência Psicológica e, especialmente, o Magnetismo Humano no seu currículo. Este último, embora possua literatura abundante e uma antiguidade igual à de Esculápio, não tem hoje assento na sinagoga científica. Como o Lázaro

ebionita do Evangelho, foi mantido à porta entre ciências proscritas e fictícias; mas, como ele, terá a sua metamorfose e Avatar como santo glorificado no seio do próprio Pai Abraão. Não apenas videntes e profetas, mas sábios e filósofos predisseram que a pedra que os construtores rejeitaram com arrogância e superciliosidade (*altivez, arrogância*) haveria de ocupar o lugar principal da esquina.

“A Ciência Psicológica precisa quase de uma reconstrução, no que toca aos métodos recentes. Tem um estatuto demasiado subordinado e está circunscrita a um campo demasiado puramente físico para permitir uma verdadeira evolução do conhecimento real. Com o esforço de eliminar Deus do universo e o espírito do homem, não tenho simpatia. Nem aceito a noção de que todo o nosso conhecimento deva ser adquirido da consciência por uma génese exterior a nós mesmos. Existe uma faculdade de visão interior do mundo das causas. A mente é mais antiga do que o corpo e possui factos, concepções e ideias próprias do seu modo superior de existência.

“Nesta direção, os pensadores sérios do nosso tempo olham com avidez. Eles também têm consciência da ciência meio conhecida que deveria colocar a Arte de Curar num patamar mais elevado. A ordem de Macbeth — poder ‘ministrar a uma mente doente’ — deve ser cumprida, ou então a medicina que vá aos cães. Paulo e Platão, Swedenborg e Spinoza, Galeno e Paracelso — sim, Kevila e a Cabala — contemplaram este assunto como nós o contemplamos, e fazemos bem em consultá-los.

“Realizar com sucesso o que este novo departamento e ‘novo rumo’ exigem será glória suficiente para o mais ambicioso. Sou desconfiado das minhas próprias capacidades. Tenho a minha quota de timidez, se não de incerteza; mas tenho amor e entusiasmo suficientes pela obra para tentar realizá-la com propósito sério. Penso que sou cauteloso face ao engano, e não me falta prudência para me conter de invadir amplamente o domínio da fantasia. Contemplo o empreendimento com profundo senso de reverência; e, embora plenamente sensível à distinção de ser o primeiro instrutor escolhido para o posto, estou desperto para a necessidade de ser cuidadoso, completo e sábio. O sucesso desta tentativa marcará uma nova época na educação. Peço, por isso, a vossa simpatia, bem como o vosso apoio. Se amor pela obra e estudo de uma vida inteira podem alcançar algo, isso eu contribuirei.

“Renovando os meus agradecimentos pela vossa confiança, e desejando ser digno dela, subscrevo-me,
Vosso,
ALEXANDER WILDER.”

Por razões fortes — que serão dadas em capítulos seguintes — fui movido a tornar-me estudante neste Colégio bem estabelecido e exemplar. Eu já era membro do seu Conselho de Curadores (*Trustees*), e um dos meus mais valiosos conhecidos tornara-se o seu Presidente. Eu não era “pendura” então, nem em tempo algum. O que se segue até ao fim conta a sua própria história:

New York, 20 de Julho de 1880.

“Recebido de ANDREW JACKSON DAVIS oitenta dólares — matrícula e propinas de aulas no United States Medical College, para o ano de 1880-81.

R. A. Gunn, *Dean*.
\$80.00.”

Nós, os estudantes, tivemos um tempo intensamente ocupado. Havia doze professores ecléticos, estudiosos e exigentes, a ouvir; uma hora inteira dedicada a cada um; e a seis deles por dia. E, ainda assim, não acreditávamos em “encher” (*cramming*). Tomávamos notas, e procurávamos seguir o ensino sistemático. No meu íntimo — embora na altura eu não o dissesse — a Cátedra Psicológica do Prof. Wilder era a estrela brilhante e particular daquele firmamento médico.

Alguma vez assististe, como espectador e ouvinte, às ministrações clássicas deste homem? A experiência, por si só, era base de uma educação superior. A sua hora era a primeira, começando às nove da manhã. Um homem corpulento, de estrutura forte, ar determinado, cabeça alta — mais de seis pés — com aparência, ao mesmo tempo, de magistrado-chefe, mestre rígido, político, autor, professor popular e repositório inacessível de latim, grego, hebraico, sânscrito e outras línguas orientais, assentando tudo sobre um substrato sólido de verdadeira erudição.

Raramente falhei em ouvi-lo durante os três anos do meu curso. Ele surgia perante a turma expectante com uma expressão no rosto sensível, porém decidido e incisivo, que parecia dizer: “O que quereis hoje? Todos tendes preferências — quais são?” Parecia ter debaixo da mão mil travessas cobertas, todas cheias de alimentos intelectuais superiores, convidando cada um a participar.

Nós ficávamos calados e olhávamos. De repente, levantava a tampa de uma travessa — podia ser política, ou a última eleição; podia ser a abominação da vacinação; ou podia ser a lição irritante dos monopólios ferroviários e outros — enquanto a turma de medicina, perplexa, não entendia o que tais assuntos tinham a ver com Ciência Psicológica e Terapêutica Magnética. Em seguida, ele ia direto ao tema, continuando o curso sistemático. Nunca era banal.

Ele nunca deixava de proferir pensamentos eruditos, históricos, críticos, profundos e emancipadores para a mente humana. A sua soberba independência pessoal e constitucional dava-lhe um ar de desafio universal. Parecia dizer: “As ideias são progressivas; as instituições são estacionárias. Eu sou um homem de ideias; portanto, a guerra é inevitável.”

De manhã, era, aparentemente, um pessimista crônico. O rosto mostrava ansiedade e descontentamento; o nariz projetava-se em desafio; os lábios delicados, torcidos em ironia; os olhos, penetrantes, críticos, quase cruéis. Esquecia-se de si mesmo nas ideias antes do meio-dia. Então dedicava-se livremente a qualquer ouvinte suscetível, e não se preocupava minimamente com “de onde viria a próxima refeição”, nem sequer se ela viria. O pessimismo ia cedendo. Quanto à humanidade em geral, estava “em cima do muro”, uma espécie de ocultista, até perto da noite, quando se tornava um filósofo espirituoso, transbordante das coisas mais luminosas e profundas, e um otimista decidido — cheio de esperança, animando os outros e mostrando claramente que a vida de toda a gente vale a pena ser vivida.

Em todo o tempo, porém, apesar de tudo, mantinha-se de pé, ereto, com o porte de um anjo apocalíptico — um anti-materialista integral, um erudito amante de Platão, um soldado combativo da Justiça, um crente reverente em Deus. E aí de quem — exercendo independência intelectual semelhante — o enfrentasse abertamente nesses princípios cardeais.

Contava uma anedota, não como aplicável a si mesmo, mas de um escocês que disse: “Estou aberto à convicção, mas desafio qualquer um a convencer-me!”

O acontecimento seguinte, tido como importante neste registo autobiográfico, ocorreu no começo do ameno mês de Maio. Esse evento — que dou aqui por inteiro — foi a

INCORPORAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO HARMONIAL

Os abaixo assinados, cidadãos dos Estados Unidos, sendo a maioria cidadãos e residentes do Estado de Nova Iorque, associam-se por este instrumento para formar uma corporação segundo as leis do referido Estado, aprovadas em 12 de Abril de 1848, intituladas “Uma Lei para a Incorporação de Sociedades Benevolentes, Caritativas, Científicas e Missionárias”, e as várias leis que a emendam e suplementam, e particularmente os Atos aprovados em 10 de Abril e 11 de Maio de 1872, que providenciam especialmente a organização de sociedades cujo propósito seja “melhoramento mútuo em conhecimento religioso, ou promoção de opinião religiosa; ou duas ou mais coisas combinadas”, com o nome e para os fins

aqui especificados; e, em conformidade com os referidos estatutos, adotam as seguintes

ARTIGOS DE ASSOCIAÇÃO

I. Nome. — Esta Associação chamar-se-á “The Harmonial Association”.

II. Objetos. — Os objetos desta Associação, em termos gerais, serão religiosos e filantrópicos, a saber: (1) a Harmonização do Indivíduo, e (2) a Harmonização da Sociedade; em termos mais específicos, os seus objetivos serão promover a descoberta e difusão de conhecimento científico exato sobre coisas espirituais; o melhoramento mútuo em princípios éticos e tornar práticos os caminhos agradáveis da Sabedoria; cultivar amor e reverência pela pura Verdade onde quer que se encontre; em suma, incentivar o crescimento harmonioso do carácter individual — espiritual, intelectual e socialmente — para que se obtenham pessoas mais nobres, leis mais justas, lares mais doces, escolas melhores e governos mais sábios, e para que a vida, agora e no além, se torne mais digna, nobre e benfazeja.

III. Métodos. — Os métodos desta Associação incluirão e manifestar-se-ão em três departamentos, como segue:

1. **Departamento de Instrução Popular.** Instituirá e providenciará um sistema de reuniões públicas, palestras dominicais ou alocações, e poderá fornecer aparelhos científicos, objetos ilustrativos e diagramas, para servir adequadamente ao desenvolvimento e avanço de uma educação superior entre adultos; e o serviço executivo deste departamento poderá estender-se de modo a incluir uma escola ou liceus infantis, nos quais o ensino por objetos, instruções orais, exercícios físicos, lições intelectuais e éticas, por meio de livros ou de outro modo, e todos os melhores métodos demonstrados de educação, serão adotados e aplicados ao verdadeiro cultivo e esclarecimento dos jovens.

2. **Departamento de Publicação.** Para imprimir, produzir e vender, ou distribuir gratuitamente, livros, jornais, panfletos, circulares e revistas de acordo com os princípios desta Associação; e este departamento poderá estender-se a incluir a manufatura, posse e uso de chapas estereotípicas, gravuras, prensas tipográficas e tudo quanto seja necessário para cumprir os fins deste departamento, sujeito ao controlo e condições dos Estatutos Internos.

3. **Departamento de Benevolência.** Engajar-se-á, de tempos a tempos, em serviços sistemáticos de auxílio à humanidade, e poderá estender-se a incluir cooperação ativa, tanto quanto praticável, com qualquer sociedade ou associação devidamente legalizada que vise avançar os interesses industriais, educacionais, sociais, intelectuais ou éticos da humanidade.

IV. Administração. — Os assuntos e propósitos desta Associação serão tratados e administrados por um Conselho de Curadores (*Trustees*), em número de quinze (15), a serem classificados e eleitos conforme exigido por lei e de acordo com a autoridade e restrições dos Estatutos Internos; e cada um dos três departamentos acima mencionados ficará sob supervisão e gestão imediata de uma Comissão designada pelo Conselho, e sujeita às regras e regulamentos especificados nos Estatutos Internos adotados para o governo e permanência desta Associação.

V. Filiação. — Qualquer pessoa de qualquer sexo poderá tornar-se membro desta Associação e será elegível para qualquer dos seus cargos, nas condições e segundo as provisões estabelecidas nos Estatutos Internos; mas nenhuma definição ou expressão de crença, nenhum assentimento a artigos de fé ou credo será exigido como qualificação para a filiação.

VI. Emendas. — Nenhuma emenda a esta constituição ou a estes Artigos de Associação será válida exceto mediante aprovação e adoção pelo Conselho completo dos quinze (15) Curadores; e nenhuma alteração ou modificação será considerada a menos que aviso explícito e completo tenha sido devidamente enviado por correio a cada membro pelo menos três (3) semanas antes da próxima reunião mensal.

VII. Localização. — A sede, o principal escritório e o local das reuniões da Associação serão na Cidade de Nova Iorque.

VIII. Curadores. — As seguintes pessoas são aqui designadas como Conselho de Curadores, para gerir os assuntos desta Associação no primeiro ano e até que seus sucessores sejam devidamente nomeados. (*Todos os nomes omitidos.*)

CAPÍTULO XXIV

CENAS DE MORTE NUM HOSPITAL DE NOVA IORQUE

“Vozes que atravessam todo o tempo ressoam, como os trovões eternos do abismo, e trazem-me esta verdade: **Tu vives para sempre!**”

Os quadrúpedes mais materialistas da terra grunhem e se revolvem no lodo. Os organismos mais belos da terra cantam e sobem. Somos solenemente advertidos nas antigas Escrituras para não lançar pérolas diante da primeira classe. E somos também instruídos a olhar as aves e a notar que nem um pardal é permitido cair fora do infinito seio do decreto. Os *lamacentos* abaixo, os *estorninhos* acima. As aves ensinam profeticamente o atributo inato do voo, a ser desdobrado em todo espírito humano. Os lamacentos, que pertencem ao que Charles Lamb sugestivamente chamou “a família H.”, ensinam profeticamente a gravitação para baixo de corpos grosseiros e materializados.

Aos espíritos-ave, o que vou relatar parecerá naturalmente verdadeiro e belo; aos espíritos-lodo, as mesmas revelações parecerão imaginativas, anticientíficas, absurdas, impossíveis. Ainda assim, esboçarei brevemente uma cena de morte que prendeu por completo a minha atenção (interiormente) na minha primeira e única visita a um dos hospitais de Nova Iorque.

Todos os estudantes de medicina das faculdades da cidade recebem, por intermédio do Decano da Faculdade, bilhetes de admissão a todas as enfermarias dos vários hospitais públicos, sob os Comissários de Caridade e Correções. Tendo assim o meio de ampliar e multiplicar o meu conhecimento das doenças que vencem a pobre natureza humana; de observar como cirurgiões distintos “cientificamente” cortam a vida para fora de pacientes de caridade; de aprender como enfermeiras treinadas manuseiam, atrapalham e “domam” as vítimas miseráveis da pobreza e da doença; e de averiguar como estudantes experimentam e testam novos remédios nos velhos e jovens internos desses estabelecimentos populares — onde um praticante eclético ou um médico magnético não é admitido junto aos pacientes mais do que torpedos de dinamite seriam aceites como presentes de casamento — em suma, sendo eu um estudante de medicina e tendo um bilhete para os hospitais, um dia cingi os lombos, apertei os sapatos mais do que o habitual, e entrei entre muitos outros.

A minha alma inteira pareceu, num instante, correr para os pacientes prostrados e gemendo numa das enfermarias do norte. O meu corpo, obediente, seguiu a minha alma, e a minha alma induziu o meu espírito a atender.

Interiormente, desde onde as enfermeiras me permitiram sentar sem me incomodarem, contemplei duas cenas de morte.

No primeiro volume (página 348) há uma ilustração da transformação final, mostrando o aspeto poucos minutos antes da separação do corpo espiritual do velho organismo produtivo. Neste volume, porém, o artista inteligente ajudou-me com êxito a dar ao leitor um quadro dos estágios mais iniciais dessa maravilhosa metamorfose. Desejando evitar tecnicismos e ser tão lacónico quanto possível com clareza, começo descrevendo a primeira localização e aparência da emanção.

A morte começou no próprio centro da vitalidade. A grande aorta de súbito abandonou a sua dependência do plexo solar. O sangue arterial cessou instantaneamente de fluir; e, como consequência, houve estase universal do sangue venoso. O oxigénio fugiu dos recetáculos pulmonares. Hidrogénio, carbono, electricidades vitais e os imponderáveis em geral permaneceram presos, em diferentes partes, como prisioneiros.



Em vez de as emanções começarem pelos tubos anteriores à ponte de Varólio* (*nates e testes*)** nos departamentos cerebrais superiores — de onde todas as emanções sutis invariavelmente se elevam e se concentram acima — observei que os elementos psíquicos começaram, desde o primeiro instante, a escapar dos gânglios semilunares e do grande plexo solar simpático central.

* (*Estrutura do tronco cerebral, também chamada de ponte*)

** (*Nádegas e testículos*)

As quatro extremidades — mãos e braços, pés e pernas — foram simultaneamente abandonadas pela vitalidade. As superfícies foram as últimas a ceder a vida, no caso destes dois moribundos. Todas as reduções de temperatura eram medidas e reguladas pela fuga do oxigénio dos pulmões.

Houve, a princípio, uma corrente larga, em forma de fita, que se elevava do epigástrico. À medida que ascendia, separava-se e expandia-se numa espécie de nuvem vaporosa e felpuda, cerca de três pés acima do peito, no ar, onde os elementos refulgentes assumiam a forma de uma pirâmide invertida com envoltório turbinado, a qual se encontrava, por um forte cordão psíquico, ligada aos gânglios solares — uma espécie de tubo da *linea alba* — através do qual fluíam, com rapidez e vivacidade fulgurantes, as essências indestrutíveis que se apressavam a ocupar as suas posições apropriadas no corpo incorruptível do espírito.

Antes que o contorno da cabeça imortal se tornasse visível, observei que a aparência nebulosa das emanações, no seu conjunto, manifestava vários movimentos inatos e notáveis. Havia movimentos verticais, para cima e para baixo; movimentos laterais, como um balão ancorado, de um lado para o outro; depois movimentos rotatórios ou giratórios, como um pião imediatamente antes de perder o seu impulso. Estes diversos e graciosos movimentos cessaram completamente, e o todo tornou-se absolutamente imóvel quando a formação tinha avançado o suficiente para revelar a cabeça e o busto.

Antes da formação da cabeça e das porções superiores do corpo, cumpre relatar que a nuvem piramidal invertida assumiu gradualmente, externamente, uma forma oval e, internamente, a representação de uma elipse perfeita, aproximando-se de uma forma globular, com um núcleo pulsante e brilhante como o sol, que parecia a célula germinal de onde, em poucos momentos, se operaria o milagre de uma incubação imediata, resultando rapidamente na produção de um homem-anjos plenamente formado e indescritivelmente perfeito.

O primeiro estágio é o aparecimento da *linea alba*, coroada por uma nuvem psíquica trémula e felpuda; o segundo, uma massa piramidal brilhante, com chamas em forma de lírio respirando para cima e ao redor desde a base; o terceiro, o aparecimento definido de um núcleo dourado e luminoso como o sol, dentro de uma massa elíptica ou globular de emanações interativas; o quarto, uma série de movimentos graciosíssimos para cima e para baixo, de um lado para o outro, e

giratórios, rodando em círculos; o quinto, por fim, após a cessação dos movimentos, a rápida formação progressiva de todo o corpo celestial.

Era notável a perfeita progressividade manifestada em cada estágio sucessivo de desenvolvimento. Os dois homens deixavam a terra ao mesmo tempo, com apenas alguns pés de espaço aéreo entre eles; e, no entanto, estavam tão absolutamente sem consciência da existência um do outro como se partissem com o diâmetro inteiro da terra entre ambos. Na verdade, não havia autoconsciência em nenhum deles durante a metamorfose.

Um estava a nascer (ou, em linguagem terrena, a morrer) cerca de uma hora antes do outro; diferença interessante que me proporcionou, enquanto estudante de medicina, a oportunidade de classificar os estágios sucessivos deste processo maravilhoso.

Não compete propriamente a esta obra entrar em pormenores científicos. A analogia entre o parto natural e o nascimento espiritual é tão perfeita, em certos aspectos progressivos, quanto é possível que dois processos inerentemente dissemelhantes se imitem e representem um ao outro. No momento oportuno, e em local mais apropriado e agradável, espero que o leitor possa contemplar a realidade.

Quando, naquele dia, me afastei do hospital, sem ter presenciado nenhuma das operações cirúrgicas científicas, senti-me como alguém que tivesse visto a pedra removida da boca do sepulcro.

CAPÍTULO XXV

DIAKKA NO VALE

«As naturezas fracas vivem nas suas dores em vez de as converterem em experiência; saturam-se delas e consomem-se ao regressar, dia após dia, às desventuras do passado.»

Uma palavra verdadeira, ainda que semeada em solo cheio de ervas daninhas, acabará por frutificar da sua própria semente; assim também uma vida verdadeira, vivida em inteira sinceridade, vencerá a doença e todas as adversidades, até mesmo a velha morte.

A mola mestra de toda a progressão triunfante está oculta no esquecimento — em voltar-se, com a inspiração do dia e do momento, das coisas que ficaram para trás — e em avançar, com esforço e esperança, para as que estão diante de nós.

«Esquecer», disse Balzac (de quem citei o mote acima), «é o grande segredo das mentes fortes e criadoras.»

Mas, depois de terminada a batalha feroz, a memória regressa inevitavelmente com o seu comboio de reminiscências.

Nos vales psíquicos humildes, como nos departamentos comuns da sociedade, estamos sujeitos às visitas de diversos caracteres interesseiros. Professam, com entusiasmo, agir exclusivamente em favor da nossa prosperidade imediata. Os seus verdadeiros motivos são (por algum tempo) engenhosamente ocultados. Nada há na terra ou no céu que não estivessem dispostos a fazer para promover a nossa felicidade absoluta. Mostram-se até delicadamente devotados e reverentemente subservientes.

Mas, atenção! Dez minutos depois de termos saído da sua presença, ou nos esquecem imediatamente, ou começam uma dissecação impiedosa do nosso carácter para deleite de terceiros. Estes hipócritas sociais são muitas vezes inspirados por Diakka.*

Um viajante no continente europeu, habituado a todas as vicissitudes e tribulações de quem percorre a pé longas distâncias por prazer, dá um relato vivo desta espécie de devoção diákica ao nosso bem-estar pessoal:

«Depois de ter caminhado trinta e seis milhas durante o dia, nada é tão agradável como chegar a uma boa e limpa estalagem de campo. Não há meia dúzia

de verdadeiras ESTALAGENS DE CAMPO no continente, embora existam dez mil estalagens no campo; e nessas dez mil, onde quer que estejam na rota dos viajantes estrangeiros, pode-se geralmente contar com hordas de sujeitos vulgares de gravata branca a impingirem-nos civilidades oficiosas e outras *garçonices*, e que, enquanto fazem grande alarde à nossa volta, nada fazem realmente para nos servir.

Um agarra o casaco, outro a mala, outro o guarda-chuva, e todos desaparecem em direções opostas, enquanto o estalajadeiro nos conduz numa quarta direção. Após grande dificuldade, toques de campainha e corridas, consegue-se finalmente reunir o pequeno conjunto dos nossos pertences de viagem, encontrando o guarda-chuva no quarto n.º 4, a mala no n.º 30 e o casaco no n.º 275.

Se descermos para dar um pequeno passeio, um destes cavalheiros polidos oferece-se para levar a bengala até à porta, enquanto nós temos vontade de a pousar nas suas costas em vez de na sua mão.

Quando estamos prontos para partir, com tudo devidamente apertado e ajustado para a caminhada, estes senhores gostariam que nos despíssemos novamente, para que cada um pudesse transportar até à porta algum dos objetos que pretendemos levar por trinta milhas.

Pagamos a conta, elaborada à *mode de Paris*, com um franco para a vela e um franco para o serviço (embora só tenhamos estado doze horas na casa), e depois lutamos para sair através da canalha de gravata branca, todos a sorrir como forma de expressar a sua polidez e a gratidão que sentiriam por serem recompensados por ela.»

**Leia-se o panfleto do autor intitulado The Diakka, and Their Earthly Victims.*

Há algo de semelhante a esta manifestação de interesse por nós nas esferas mais elevadas da vida. Por vezes é sincera e graciosa; por vezes é vazia e diákica. A minha experiência, como a do leitor, inclui ambos os lados.

(NT: De acordo com os escritos espiritualistas de Davis Diaka eram espíritos imperfeitos ou moralmente ambíguos. Não eram totalmente malignos, mas também não eram elevados ou iluminados. Atuavam como influências enganosas, podendo inspirar ideias falsas ou perturbar médiuns. Habitariam uma espécie de plano intermediário da existência espiritual. Davis descrevia-os como entidades que gostavam de interferir nas comunicações mediúnicas, podiam produzir mensagens confusas ou enganosas mas eram espiritualmente imaturas.)

Se alguém vive nas alturas da vida, de onde fluem «todos os dons bons e perfeitos», não se ouvem os lamentos e gemidos do Hades. Os Diakka voam baixo e deleitam-se nas ravinas mais sombrias.

CAPÍTULO XXVI

MENSAGEM DE UM FILÓSOFO

“Aquele que procura saber demais
Toca com mão impiedosa
A flor da fantasia no espinheiro do facto.”

A seguinte mensagem foi psicofonicamente recebida no sábado, 11 de setembro de 1880, entre as doze e as duas horas, da personalidade de Immanuel Kant, o célebre filósofo alemão, que deixou a Terra em 1804: —

A princípio, o aposento em que me encontrava pareceu encher-se dos mais requintados sons musicais, como se muitas harpas eólias fossem tangidas pelos mais suaves ventos.*

Mas, logo depois, estando em espírito (um estado dos mais interiores), e assim completamente insensível às coisas dos sentidos, ouvi distintamente uma voz: —

“Immanuel Kant!”, disse ela.

Escutei atentamente, sem falar, não me permitindo sequer desejar coisa alguma; aguardando assim, passivamente, para ouvir as palavras seguintes.

O tempo pareceu prolongar-se por quarenta ou cinquenta minutos.
(Posteriormente verifiquei que apenas cerca de dez minutos haviam decorrido.)

Novamente a voz soou claramente, como um doce e distinto sussurro no meu ouvido interior: —

“Cem anos desde a publicação da minha Crítica da Razão Pura.”

Outro silêncio prolongado.

“Foi como se fosse ontem”, continuou. “Então as minhas faculdades clamavam: ‘Licht, mehr licht’; neste momento, e para sempre agora, o meu clamor é: Leben, mehr leben!”

* Uma explicação deste método de ouvir vozes espirituais será encontrada num capítulo futuro.

Seguiu-se a esta enunciação uma pausa e um silêncio prolongados. Tão dilatado foi agora o tempo que me foi possível fazer um registo escrito completo de cada palavra e incidente até então.

Pensando que talvez a sua mensagem estivesse concluída, ocupei-me do alcance e da validade do que já havia comunicado; pois, embora não tivesse tido uma percepção (clarividente) da sua aparência pessoal, toda a minha consciência estava impregnada de uma profunda convicção de que a voz procedia, em verdade, do filósofo ressurgido.

De súbito, os meus pensamentos voltaram-se para as recentes sessões dos filósofos reunidos em Concord, Massachusetts. Enquanto assim pensava, surgiu em mim uma curiosa questão: saber se ele (Kant) teria tido conhecimento da existência de tal escola de filósofos e também se gostaria de comunicar algumas palavras relativas aos seus livros e, em especial, à filosofia particular neles ensinada.

Mal estas questões tomaram forma definida, ouvi novamente, de modo claro, a sua voz ao meu ouvido. E exatamente, palavra por palavra, foi isto o que disse: —

“Os imperativos categóricos do entendimento prometeram-me sustentar uma ciência matemática da moral pura. Defini a razão prática como a percepção intencional do intelecto; fixando definitivamente a esfera e a limitação do subjetivo e do objetivo, e revelando as relações cognoscíveis entre o infinito e o finito.

Este erro foi fulcral. Pois, por isso, as propriedades da Razão Pura foram reduzidas a executar labores lógicos na esfera inferior das relatividades. Resultou uma degradação (inconsciente) da luta intelectual para compreender o alcance e governar os poderes imortais.

Aristóteles, Leibniz, Swedenborg, Berkeley, Descartes, Fichte, Espinosa, Schelling, Hume, Voltaire, agora partilham os mesmos postulados pensáveis, enquanto participam com reverente alegria na mesma necessária ilusão na esfera do impensável.

Nos movimentos superiores põe-se termo a toda a estética analítica. A síntese é a flor branca imortal de toda a razão. Lei, virtude e moral são imanentes.

Essenciais eternos! O argumento é transcendido pela consciência sempre presente do absoluto.

Antes da tradução pessoal [isto é, morte], é uma necessidade, e por isso inevitável, que escolásticos de mente vigorosa debatam afirmativamente as abstrações fecundas do entendimento e da vontade. Muito do que se chama ‘conhecimento positivo’ não é conhecimento.”

Após outro longo silêncio, durante o qual me ocupei a tomar cuidadosas notas de cada palavra sussurrada, surgiu-me uma questão, e resolvi imediatamente interrogá-lo, francamente, acreditando que ele poderia e desejaria ouvir-me com a mesma facilidade, e segundo o mesmo princípio psicofônico, com que eu o ouvira.

Assim, inquiri verbalmente: —

“Mencionou um ‘erro fulcral’ no seu sistema filosófico; gostaria agora de perguntar se recorda algum outro ‘erro’ que deseje reconhecer?”

Imediatamente, em resposta, ouvi distintamente formuladas as seguintes frases, que concluíram a memorável entrevista: —

“O meu erro prático na Terra foi o permitido sobrepeso de Königsberg. Possuiu-me como um feitiço mágico e encerrou-me na esfera objetiva. E houve consequências.

Entristecido e perturbado no curso da minha vida quotidiana, e manietado como um prisioneiro por esta ancoragem autoimposta, as minhas atividades intelectuais tornaram-se incontrolavelmente subjetivas.

As subtilezas metafísicas engalanam com aparente beleza cada concha que jaz imóvel, sepultada na areia macia e brilhante.

Não repetiria este meu ainda lembrado erro prático. Em todos os demais hábitos e ações da minha vida terrena continuo satisfeito, e sobre tudo isso o meu clamor é sempre ouvido — ‘DEUS SEJA LOUVADO!’ ”

CAPÍTULO XXVII

O PODER MÍSTICO COMO FORÇA REMEDIAL

“Honrar a Deus, beneficiar a humanidade;
Servir com dons elevados as humildes necessidades
Da pobre raça pela qual o Deus-Homem morreu,
E fazê-lo tudo por amor — oh, isso é grande!
E aquele que o faz alcançará um nome
Não apenas grande, mas bom.”

O leitor destes capítulos, para se tornar plenamente esclarecido acerca do remédio natural do autor tanto para a debilidade física como espiritual, deverá agora consultar Magic Staff, página 204, e ler como ele entrou, através da mística porta magnética, no campo ilimitado da sua subsequente iluminação.

A menos que este facto fundamental seja plenamente apreciado, em todas as suas múltiplas e variadas implicações no desenvolvimento pessoal subsequente, a razoabilidade do que se segue poderá perder muito do seu peso intrínseco, gerando assim, na mente do leitor, conclusões injustas, em detrimento do autor.

Desde o início da minha experiência até esta hora, tenho sido, em certas estações de grande depleção gangliónica central, dependente das transmissões magnéticas de alguma natureza afim.* Aquele magnetismo humano que, por adaptação, me pertence é penetrante, sustentador, curativo, e constitui perfeita proteção contra as investidas da doença.

* Uma afinidade eletiva, no sentido mais refinado do termo, preside a todo o tratamento magnético bem-sucedido. Tenho sido extremamente cuidadoso, evitando manipulações indiscriminadas, para não misturar magnetismos.

Inspirado por uma percepção verdadeira deste facto, um amigo lúcido, escrevendo imparcialmente em meu favor, afirmou:

“Jackson é uma pessoa excecional. A sua aptidão para apreender realidades espirituais, o seu poder exaltado de se elevar em espírito ‘ao grande centro de inteligência — à esfera positiva do pensamento — a esse foco que acumula todo o conhecimento dos mundos humanos’ — tornam-no sensível a uma influência fria, discordante ou infeliz numa medida jamais sonhada pelo homem do mundo, ou por alguém envolvido nos negócios ordinários da vida humana.”

Estas observações filosóficas, tão intrinsecamente justas, aplicam-se com igual força a quase todos os sensitivos involuntários, atualmente universalmente denominados “médiums”.

Estas naturezas de impressionabilidade requintada por vezes sofrem além do que pode ser expresso. Em vez de serem os caracteres mais equilibrados, autogovernados e harmoniosos — o que a maioria das pessoas, ignorantes das leis psíquicas, espera encontrar nos médiums — são com demasiada frequência os membros mais excêntricos, caóticos, discordantes e infelizes da sociedade.

Noutros volumes tratei destes factos e indiquei remédios.

Pouco depois da partida do meu amado William Green (tendo eu sido o seu único médico durante anos), no outono de 1881, o meu estado físico, resultante de longas ocupações como médico, estudante, escritor e conferencista, exigiu imediata e prolongada alimentação magnética.

Sem erro quanto à adaptação, reconheci na Sra. — a relação psíquica perfeita; e, sem hesitação, coloquei-me passiva e recetivamente sob as suas mãos auxiliaadoras.

O resultado foi que, apesar do empobrecimento das minhas forças vitais, fui suficientemente reforçado para continuar, sem perder um dia, a desempenhar todos os diversos e graves deveres que constantemente se acumulavam sob as minhas mãos.

Falando explicativa e apreciativamente desta ajuda providencial, Mary escreveu a um amigo nos seguintes termos: —

“Após três anos de luta quase solitária no árduo labor de edificar uma nova sociedade (The Harmonial Association) no coração da grande metrópole, a saúde do Vidente cedeu.

Recebi uma mensagem da Anjo Fannie (26 de março de 1882), dizendo: ‘Querida mãe, a carreira terrena do Sr. Davis terminará rapidamente para sempre A MENOS QUE AS SUAS FONTES CENTRAIS SEJAM JUSTAMENTE ALIMENTADAS E RECRIADAS’; e ela indicou a nossa amiga, Sra. —, como alguém que poderia, pelo magnetismo, ajudar a restaurar a sua vitalidade desperdiçada.

Pedi-lhe que assumisse o caso; e, pouco depois, o seu estado melhorado demonstrou a sabedoria da escolha.”

Quanto à própria condição de Mary, algo deve aqui ser relatado.

Durante muitos anos, devido a reajustamentos fisiológicos nos gânglios simpáticos, ela pairou próximo da linha limítrofe que divide os dois mundos. Debilidades orgânicas associavam-se a perturbações cerebrais (mentais). Ora melhor, ora pior. Havia um cansaço e exaustão constitucionais e flutuantes. Após esforços físicos ou mentais sucediam sentimentos angustiosos de completa lassidão e depressão psíquica.

Tudo isto tornava qualquer trabalho para as crianças ou nas reuniões dominicais em Nova Iorque extremamente difícil de suportar.

E, contudo, continuou a desempenhar com êxito o papel de avó para os quatro queridos filhos da sua filha Fannie, e a visitar a cidade todas as semanas — visitas que eu procurava tornar, tanto quanto possível, proveitosas para o seu descanso e recuperação.

A este respeito, para tornar a minha descrição imperfeita mais evidente, apresento ao leitor um excerto da própria e comovente explicação de Mary:

ORANGE, 29 de maio de 1884.

“Minha querida amiga: Sabe que, há alguns anos, tenho estado numa condição de saúde declinante. Devido à prostração física perdi, em grande medida, a minha vivacidade natural e vitalidade magnética.

No meio deste estado abatido do organismo, sobreveio o golpe esmagador que nos arrebatou a amada Fannie, minha primogénita, única e querida filha.

Os seus filhos desamparados apelaram silenciosamente a mim por proteção e cuidado, e, reunindo o que restava de vigor e coragem, empreendi fazer por eles, não o que uma mãe poderia, mas tudo quanto me fosse possível.

Um irmão disse no verão passado: ‘Não creio que fosse teu dever, Mary.’ Mas senti que era meu dever assumir a guarda dos pobres pequeninos (pois o mais velho dos quatro ainda não tinha quatro anos) e auxiliar o pai destroçado na sua nobre tentativa de proteger e manter o pequeno núcleo familiar intacto.

O meu querido Jackson assentiu alegre e generosamente ao meu plano, e não só isso, mas esforçou-se por encorajar e auxiliar de todas as maneiras possíveis.

Depois veio o esgotamento de um labor a que não estava habituada, pois as necessidades da infância são imperiosas, e muitas vezes mergulhei em profunda depressão de espírito.”

Nestas circunstâncias, estando eu estabelecido e incessantemente ocupado em Nova Iorque, e verificando que o meu apetite diminuía constantemente porque era obrigado diariamente a procurar alimento e bebidas nesses geradores de dispepsia chamados “restaurantes”, consultei o nosso melhor amigo e Mary, e decidimos finalmente combinar com a Sra. — que eu tomasse as refeições nos seus aposentos domésticos.

Este plano permitir-me-ia ter refeições regulares e comida caseira, e ser magnetizado quando necessário; e, ao mesmo tempo, libertaria completamente Mary de qualquer cuidado com os aposentos durante as suas visitas à cidade, proporcionando-lhe aquele lazer físico e repouso mental de que tanto necessitava e que tão bem merecia.

Em todas estas coisas, e em todos os demais arranjos e movimentos, de qualquer nome ou natureza, afirmo do modo mais solene que nada foi jamais ocultado a Mary nem a ela apresentado de forma incorreta.*

Sou explícito nestes pormenores pessoais e ajustamentos — omitindo muitos acontecimentos triviais e não essenciais — simplesmente para explicar a origem do germe dos rumores humorísticos e altamente sensacionalistas que precederam todos os passos legais e outros que fui providencialmente (ou por espíritos guardiães) instado e compelido a dar no vale entre os Montes Aspiração e Harmonia.

E aqui deve ser relatado o facto primordial e importante — a saber, que a minha presente existência nesta esfera, e a consequente utilidade que ainda posso continuar a oferecer à humanidade, devem ser, com gratidão, creditadas (após reconhecer o auxílio angélico) à vigilância inflexível da Sra. —, às suas dádivas sempre animadoras e, especialmente, às suas perfeitamente congeniais transmissões magnéticas.

Por duas vezes, nos últimos trinta e seis meses, ela salvou a minha vida e restituiu-me à saúde.

* O meu futuro biógrafo fará aqui o favor de notar que, num envelope marcado “Provas Documentais” das declarações feitas no volume intitulado Beyond

the Valley, se encontrarão declarações juramentadas e outros documentos confirmatórios.

CAPÍTULO XXVIII

DESCIDA AO HOSPITAL DA AMIZADE

“Quando ventos furiosos deformam o mar encapelado,
Olhamos de longe e desfrutamos a tempestade;
Sacudidos pelas ondas, outros veem com prazer,
E não atendem ao perigo enquanto nós estamos livres.”

O desfiladeiro mais profundo no vale vastamente estendido de maravilhosa beleza, entre os Montes Aspiração e Harmonia, é mais elevado do que os cumes mais altos dos Montes Uso, Justiça e Poder.

Estar no mais retirado e cavernoso recanto deste belo, pitoresco e límpido vale é encontrar-se numa elevação, em relação ao universo espiritual, a que muito poucos entre as multidões apinhadas da Terra chegam de forma permanente.

O Monte Aspiração é, psicologicamente falando, maravilhoso na sua beleza estival. Há terraços sobre terraços que serpenteiam em espiral, sempre para cima, até uma altura de grandeza e magnificência além de toda a descrição.

No nosso simbolismo, estes terraços e extensões sinuosas são apropriadamente nomeados; e, ao longo deles, e junto deles, viajam e habitam pessoas governadas pelo que o nome significa.

Um dos terraços mais baixos chama-se Ambição — e que exército de homens e mulheres peregrinos! Ambição de se tornar social ou politicamente distinto; ambição por grande riqueza e suas múltiplas vantagens; ambição de alcançar distinção no casamento, na elegante administração doméstica, na multiplicação e povoamento da Terra.

Outro terraço denomina-se Emulação. Aqui encontram-se milhares de estudantes em colégios e até pequenas crianças em escolas públicas ou privadas, acumulando e ensinando-se mutuamente para obter o prémio no exame seguinte.

Outro terraço chama-se Rivalidade; outro, Competição; e, ainda mais acima, outro mais atraente denomina-se Excelsior.

Contemplai as multidões de pessoas solitárias que, tediosa e laboriosamente, sobem por este caminho alpino! Artistas célebres, poetas, músicos, grandes arquitetos, cientistas, filósofos, teólogos, oradores, ministros, escritores de livros — todos avançando pelo mesmo trilho ascendente — cada qual solitário e só, pressionando sempre para diante — esforçando-se pelo lugar mais elevado nessa elevação mental e espiritual que alcança os céus.

As belezas da Natureza, os encantos da Verdade, os infinitos encantos da Música, a terrível grandeza da Eternidade, o estupendo alcance da Onipotência — tudo, mais ou menos, se une para atrair as almas a subir, explorar e habitar o Monte Aspiração.

Orfeu, com a sua lira, ocultou-se entre as árvores primorosamente sensíveis que crescem nesta montanha. Os mais altos pinheiros responderam às suas harmonias irresistíveis:

“À sua música plantas e flores
Sempre brotavam, como se sol e chuvas
Ali houvessem feito eterna primavera.
Tudo o que o ouvia tocar,
Até as ondas do mar,
Inclinavam a cabeça e aquietavam-se;
Na doce música há tal arte,
Que mata o cuidado e a dor do coração,
Fazendo-os adormecer ou, ouvindo, morrer.”

Mas, para mim, uma mudança ocorrera. Já não podia permanecer nem mesmo nas pitorescas encostas desta atraente eminência. Não — tinha de descer ao vale.

Cerca de meados de dezembro de 1883, enquanto discursava numa manhã de domingo, as cordas vocais da minha garganta deixaram de vibrar. A minha voz desapareceu subitamente. Apenas em tons baixos, quase sussurrados, podia falar.

Sabendo que, no meu caso, o repouso físico era imediatamente essencial, despedi-me temporariamente do meu auditório; e, no dia seguinte, organizei os meus assuntos externos para partir rumo ao hospital da amizade.

Embora fosse pleno inverno, pensei nos futuros campos verdes sob a neve, nas cenas silvestres, nos bosques sempre-verdes e nos riachos musicais que poderia encontrar junto de alguns dos meus amigos nas aldeias suburbanas.

Os meus primeiros sentimentos voltaram-se involuntariamente para a amizade infalível do Sr. e da Sra. Gage, de Vineland, Nova Jérсия. Mas imediatamente compreendi as palavras: “Ainda não, Jackson!”

Dirigi-me então a Metuchen e à calorosa hospitalidade rural do Sr. e da Sra. Poole. Eles envolveram-me perfeitamente nas suas atentas e ansiosas hospitalidades; e senti que encontrara o meu lugar. Pareciam instintivamente compreender o meu estado de debilidade; e as suas atenções e dádivas foram oportunas e constantes.

Pareciam também saber que

“O meu maior desejo era livre de cuidado e luta,
Levar uma vida suave, segura e obscura;
Uma casa de campo junto a um cristalino ribeiro,
Um vale sinuoso e uma elevada floresta.”

Mas, embora instado pelos meus amigos a visitar outros lugares, senti que uma crise extraordinária na minha vida — “uma curva” no meu particular trilho vital, tão longamente estendido — resultaria da visita que tão agradavelmente prolongava com estes amigos simpáticos.

Antes de deixar a cidade, estando de mente e memória sãs e em pleno uso das minhas faculdades, “fiz o meu testamento” — pois, embora não tivesse qualquer premonição nesse sentido, senti que poderia, durante o meu retiro, abandonar para sempre a minha forma corporal.

Aos administradores da Harmonial Association da cidade de Nova Iorque entreguei todas as chapas estereotipadas, gravuras, direitos de autor, etc., de toda a lista das minhas obras; expressando simplesmente o desejo bem definido de que todos os meus volumes fossem mantidos em circulação, em elegante apresentação, e acessíveis à humanidade.

Mas não morri; pelo contrário, como as páginas seguintes demonstrarão, continuei a viver.

CAPÍTULO XXIX

VOZES DA TERRA ESPIRITUAL

“Então as formas dos que partiram
Entram pela porta aberta;
Os amados, os fiéis de coração
Vêm visitar-me mais uma vez.”

Como Presidente da Harmonial Association, e especialmente como Conferencista-Chefe, era meu dever, mesmo à distância, manter vigilância sobre os assuntos nas reuniões dos Administradores e contratar professores competentes para interessar e instruir a congregação.

Além disso, os incessantes embaraços financeiros do United States Medical College e os esforços legislativos para manter legalmente a sua existência exigiam uma parcela considerável das minhas debilitadas forças de reflexão e sugestão.* Estes assuntos tornavam necessárias visitas ocasionais à cidade.

No vale psíquico, certo dia, uma brisa ociosa brincou ao meu redor. Surpreendeu-me a princípio, porque era fria! As flores no jardim do meu coração tremeram e estremeeceram. Subitamente, cessou.

Noutra ocasião, a brisa transformou-se num vento persistente e cortante. Contudo, no hospital da amizade, tudo permanecia calmo. Interiormente, porém, uma rajada mais rude agitava algumas das árvores mais altas no jardim da vida.

Tempestades proféticas trovejavam ao longo das montanhas. Rajadas súbitas de fúria, cheias de relâmpagos e sons de distantes terremotos, arrancaram-me à tranquilidade.

A atmosfera tornou-se negra com nuvens tempestuosas de poeira. Levantei-me alarmado; caminhei pelo quarto; olhei para a gentil anfitriã, profundamente absorta a escrever as suas contribuições cheias de consolo; contemplei o rosto do meu anfitrião, que acabava de entrar; ninguém parecia saber coisa alguma da tempestade psíquica que então rugia terrivelmente ao meu redor.

Mas, tão súbita como surgira, desapareceu — e então, por uma sensação inequívoca no meu pescoço e ombros, compreendi que o astuto Diakka acabara de realizar um ato no palco subjetivo.

Passemos agora três semanas.

Chegou então uma importante e universalmente instrutiva mensagem psicofônica de

FILHA FANNIE PARA A MÃE MARY

Cerca das cinco horas da manhã de domingo, 13 de janeiro de 1884, encontrei-me subitamente no exercício espontâneo da visão clarividente telescópica.

A Summer-Land era visível ao longe, sobre o mar interestelar, e, deste lado terrestre, num recanto semelhante a um bosque, vi a forma bem conhecida e simétrica e o rosto luminoso da filha de Mary, Fannie. Os seus olhos estavam voltados nesta direção.

Perto dela era visível um grupo de pessoas de ambos os sexos. Apenas duas reconheci: o semblante radiante de Gerrit Smith e o rosto bondoso da irmã de Mary, Eliza Pettengill;* ambos, como os demais, pareciam belos e felizes.

Subitamente a visão terminou.

Imediatamente, porém, a audição do meu espírito abriu-se perfeitamente, e ouvi de imediato a voz da Fannie espiritual!

As suas palavras eloquentes, lenta e distintamente proferidas, deslizavam pelos espaços aéreos, e o seguinte, dirigido a mim, foi então recebido: —

“Minha mãe querida está coberta e escondida de nós; vive dentro dos círculos materiais coesivos dos sentidos; e, como todos os outros na Terra, está encerrada e afastada de nós pelas vestes envolventes das circunstâncias.

E, contudo, quão feliz estou por o meu amor por ela não ser enfraquecido nem frustrado por estas múltiplas camadas.

Mas, sob outro aspeto, não sou feliz; porque o meu poder da vontade, que ora para tocá-la e elevá-la nas suas épocas de trabalho fatigante e lágrimas, não consegue penetrar paredes tão solidamente cimentadas.

A mãe é, por isso, muitas vezes deixada nos seus sentimentos tristes sem sequer a menor evidência remediadora da nossa vontade de lhe dar força...

Tudo isto com ela está prestes a terminar!”

Entre parênteses, recordo ao leitor que o meu estado corporal estava debilitado, de modo que a audição espiritual não podia prolongar-se por muito tempo. Os pontos indicam essas interrupções; os intervalos na sua mensagem. Ela cessava brevemente, depois retomava.

“Chegado ao fim de uma jornada”, continuou agora, “cada mente é propensa a recordar vividamente o que fez, ou deixou de fazer, antes ou quando o seu possuidor partiu.

Indivíduos aos milhões, após alcançarem esta vida amada e elevada além do espaço divisório, consomem a alegria da vida privada lamentando-se pelo que poderiam ter realizado, ou pelo que sentem que deveriam ter feito, por amor da justiça ou para assegurar a felicidade de outros, antes de se retirarem dos seus humildes corpos e lares.

Estas reflexões urgentes, inspiradas pela memória, muitas vezes triviais em si mesmas, atrasam o fluxo da maré ascendente em vidas tanto sinceras como honestas.”

Aqui, novamente, as suas palavras cessaram. Naturalmente, comecei a questionar mentalmente o que poderia significar com tais observações singulares.

Nada mais veio, porém, até cerca da mesma hora na manhã seguinte (segunda-feira), quando, subitamente, despertei com a audição espiritual aberta.

“A hora aproxima-se”, disse ela; “não está distante, e certamente soará, quando a mãe amada e eu estaremos juntas aqui.”

Quarenta e oito horas depois de ter sido recebida a mensagem acima, cerca da mesma hora na manhã de quarta-feira, a filha espiritual falou novamente.

Mentalmente, eu estava cheio de interrogações acerca do que ela já havia transmitido.

O parágrafo seguinte, que omito, era explícito em pormenores práticos, do maior interesse para sua mãe, mas estritamente pessoal.

Ela retomou então: —

“Uma bela manhã está a romper, minha mãe ternamente acarinhada!”

... (Um silêncio prolongado.) ...

“Toda a vida inferior parece pequena quando a história toda é contada. Sentimentos ricos de gratidão aqueceram-me, querida mãe, por causa das purificações que fizeste para vir até mim! Dia após dia, mas mais frequentemente à noite, tens sentido que te aproximas cada vez mais de mim — fundindo todo o teu ser nesta vida mais grandiosa, mais vasta, mais pura. Tens vindo a florir para o teu próprio belo lugar comigo nestes jardins radiantes, — sob inumeráveis sóis a brilhar no longínquo firmamento superior, — harmoniosa com correntes incessantes de beleza viva vindas de abundantes fontes solares, — melodiosa com a música sagrada que para sempre ressoa pelo reino, vinda das estrelas da manhã. Sim, minha mãe tão amada, dia após dia te afastas apressadamente da Terra — vens a mim. Olha, olha para este lado!”

(Outra breve interrupção.)

Continuou então: —

“Na hora que se aproxima, não distante, mãe, fecharás os teus sentidos no templo de cortinas negras do Sono — descerás tranquilamente ao vale quieto do repouso sem sonhos — do qual, com a glória nascente do nascer do sol, ascenderás a esta vida mais alta e mais feliz COMIGO. As provações nascidas na Terra não mais te visitarão...”

(Depois de um breve intervalo, acrescentou estas palavras): —

“Chegada e aquecida e recriada nesta esfera de Amor sem limites, minha mãe querida, compreenderás, pela primeira vez na tua história, o que significam as palavras ‘felicidade perfeita’. Uma alegria imperecível correrá ao teu encontro e alimentar-te-á, vinda da beleza e do perfume destas inumeráveis flores que não murcham. Este alimento interior, esta doce e amável alegria, brilhará no teu mais íntimo seio a partir dos esplendores de sóis distantes — fluirá para o teu coração desde os mares sem margens de estrelas povoadas, que adornam os nossos céus insondáveis e ilimitados.

“Vem a mim, mãe — vem! — e verás que todo o serviço necessário pode ser mais eficazmente prestado por nós, a família maior, enquanto, entretanto, recebemos o nosso amor misturado e os nossos cuidados reunidos. Bem acima dos ventos cariciosos, virei por ti — velando com afeto inabalável — acolhendo-te no mais belo cumprimento das profecias da tua vida — rezando para que a hora soe — ANSIANDO ABRAÇAR-TE!”

Depois de receber o que antecede, todos os dias esperei por mais algumas palavras acerca da duração da minha própria vida na Terra. “Poderei ouvir-te novamente em breve?” era um pensamento contínuo em mim. Em resposta, cerca das seis horas da manhã de quarta-feira (23 de janeiro), chegaram estas palavras: —

“Só depois de a mãe vir.”

E nada mais.

Concluí, portanto, que poderão passar meses — talvez muitos anos — antes de ela e eu trocarmos outra palavra; o que me recordou tantos outros amigos, agora a viver no outro mundo, que mantêm longo silêncio depois de transmitirem algumas mensagens.

Mas creio que todas estas coisas espirituais são governadas por uma sabedoria superior a quaisquer anseios egoístas da natureza humana imprudente.

Assim que possível, depois de esperar até 23 de janeiro por novas notícias, copiei o que antecede e enviei-o por correio a Mary. Mas primeiro escrevi-lhe que sabia, por longa experiência com mentes que vivem entre as belas e divinas realidades do universo superior, que é absolutamente impossível a alguém ali dizer com precisão “o dia e a hora” em que este corpo humano será entregue à “Morte”. Assegurei-lhe que aquilo que Fannie, espiritualmente, sentia como “em breve” poderia, na realidade, estar ainda a muitos anos de distância. O espírito não pode sentir nem medir o “tempo” segundo padrões terrenos.

Com esta explicação, o leitor compreenderá a seguinte resposta agradecida da sua pena: —

“MEU QUERIDO JACKSON:

ORANGE, N. J., 25 de janeiro de 1884.

“É com sentimentos de profunda gratidão e sagrada alegria que li e reli a mensagem do Anjo Fannie à sua mãe. É um belo e santo poema, elevando e harmonizando o espírito! Em vez de me sentir entristecida com a sua certeza de que em breve deixarei este mundo, sinto-me cheia de ‘alegria inexprimível e cheia de glória’. Apenas espero e rezo para que não seja adiado — para que muito em breve possa chegar a minha reunião com ela e a minha entrada na Terra Bela, onde, como ela diz: ‘Este alimento interior, esta amável, doce alegria, brilhará no teu mais íntimo seio a partir dos esplendores de sóis distantes — fluirá para o teu coração desde o mar de estrelas povoadas que adornam os nossos céus insondáveis e ilimitados.’

“Com esta vista revelada diante de mim do lar para onde vou, só posso dizer, como disse a poetisa, Sra. Browning, ao partir: ‘É belo!’

“Perguntas se a minha saúde corporal não está muito melhor, o que te causou surpresa diante da profecia da querida Fannie. Costumo dizer, e tentar sentir, que estou melhor, mas muitas vezes sou levada a perceber que o meu poder de resistência é muito limitado; e a excessiva fraqueza das vísceras, as estranhas palpitações do meu coração, a dor e sensibilidade na nuca e ao longo dos ombros, e o zumbido metálico nos ouvidos, continuam sem diminuir. Ainda assim, não sei de nada que possa causar a minha partida súbita; mas, oh, espero, com um anseio inexprimível, que a transição que o Anjo Fannie tão belamente descreve possa estar próxima.

“Quando estive em Washington, D. C., vi um poema em que a ‘Morte’ diz: —
‘Deixa a porta apenas encostada
Na tua casa;
No frio, antes da aurora,
Entre a noite e a manhã,
Eu posso vir.’

“E no teu inspirado discurso sobre a ‘Filosofia da Morte’, dizes: ‘É a bela estrangeira que conduz a alma imortal a cenas mais gloriosas e sociedades mais harmoniosas.’”

Tem sido levantada por certos opositores das revelações espiritualistas modernas — revelações estas que roubam à morte os seus terrores e ao túmulo a sua vitória — a objeção de que muitas pessoas fracas de espírito encontrariam nelas motivos abundantes para o suicídio, e que outras se tornariam indiferentes aos grandes deveres e interesses deste mundo, entregando-se a uma vida de pensamentos e sonhos sem propósito.

Mas mentes bem equilibradas veem de forma ampla e mais abrangente a constituição da natureza humana. Estas compreendem que nenhuma verdade é perigosa; que nenhum erro é seguro. Percebem que a visão mais consoladora da morte é uma alegria adicional para a posse da vida que agora é; regozijam-se quando o mistério da morte é removido; não se entregam à ociosidade, nem adotam uma vida de vãs imaginações.

A constituição do homem assenta em princípios de perfeita sabedoria. Swedenborg, Jacob Boehme, o amado João (na ilha de Patmos), Pitágoras, Maomé

— não conheceram estas mentes as inefáveis atrações do universo espiritual? Não extraiu Paulo vitoriosamente o agulhão da morte e não colheu a flor da vida do coração marmóreo do túmulo? Foram estas naturezas dominadoras destroçadas pelas suas descobertas transcendentais?

“Ó vós de pouca fé!” A verdade vos tornará livres; nenhum erro o pode fazer.

Na constituição presente do homem existe uma atração preponderante para a Terra e para o exterior. As mais sublimes revelações de cenas e gozos celestes não conseguem contrariar esta sábia e legítima gravitação do mundo inferior, que é a pedra de toque ou o lastro inseparável do plano e dos propósitos da presente existência rudimentar.

Consequentemente, a maior parte das mentes humanas é, como as árvores, firmemente enraizada nos elementos materiais. As suas copas estão acima da Terra e no ar; os seus ramos estendem-se livremente na atmosfera envolvente, e as aves canoras pousam e fazem música entre os ramos; mas a sua ligação à Terra é profunda e forte, pois as raízes espalham-se, ramificam-se e entrelaçam-se com a matéria sólida de que o próprio mundo é feito.

Assim, os interesses da humanidade estão naturalmente embebidos e ancorados em terras, em casas, em famílias, em amigos, em grandes fábricas, no comércio, na mercadoria, nas múltiplas facilidades da civilização, nas formas de governo, na maquinaria dos tribunais, nos esquemas e esperanças da religião.

E nenhuma sublime revelação de um universo espiritual pode invalidar estes interesses substanciais nos corações dos honestos habitantes da Terra. Estes poderosos interesses cegam as mentes dos homens para o espiritual, de modo que são constantes duvidadores; e, por isso, receiam confiar-se a navegar num mar desconhecido.

Daí que, para todos esses, a morte permaneça naturalmente “um terror”, e o vasto e incompreendido reino Para Além do Vale seja naturalmente “um pavor” nos pensamentos dos milhões apinhados da Terra.

Mas, para todos os que têm uma percepção intuitiva da verdade e para os felizes possuidores destas modernas evidências de vida imortal, quão indizivelmente sublime, consolador e inspirador é este convívio familiar entre os dois mundos!

CAPÍTULO XXX

ABERTURA E USO DOS SENTIDOS ESPIRITUAIS

“Os cumes a que os grandes homens chegaram e se mantiveram
Não foram alcançados por súbito voo;
Mas eles, enquanto os seus companheiros dormiam,
Iam labutando para cima na noite.”

Em volumes já diante do mundo, familiares a milhares de pensadores de boa-fé, descrevi cuidadosa e consecutivamente as aproximações e os fenómenos da clarividência e da clariaudiência.

Os leitores de Swedenborg também, embora infelizmente presos ao culto sagrado do seu herói, têm algum conhecimento destes sentidos interiores. Segundo as traduções do Prof. Wilder, o autor antigo Jâmblico estava cheio de iluminação acerca de temas espirituais e assim transmitiu informação definida sobre esta realidade oculta. Muitas Sibilas, Profetas, intérpretes de sonhos, videntes, poetas e magos da Antiguidade ilustraram a abertura e o uso dos sentidos espirituais.

Em vez de usar o termo francês clairvoyance, quando as faculdades mentais superiores se exaltam e correspondentemente se iluminam, há muito chamo a esse estado “A Condição Superior”; e, em vez de usar a palavra americana clairaudience, fabricada a partir da matéria-prima do termo francês, tenho mais recentemente empregado a expressão “psicofónico” (som da alma) como cientificamente e descritivamente apropriada.

Na medida em que o ouvido físico é uma materialização, por assim dizer, do ouvido espiritual interior, e na medida em que o olho externo é apenas uma forma exterior de organização evoluída a partir do olho espiritual interior, assim as experiências apropriadas aos dois tipos de sentidos especiais, externo e interno, correspondem ao reino em que o exercício do sentido é natural e legítimo.

Por isso, as coisas espirituais são discernidas espiritualmente; e as coisas materiais são discernidas materialmente; pois não há possibilidade de substituir uma pela outra — embora seja verdade que, temporária e inversamente, os sentidos superiores podem ser usados para ver e ouvir o que é externo e inferior.

A abertura dos sentidos espirituais é precedida pelo rápido fechar da noite em redor da consciência externa. Os sentidos corporais são abandonados. O templo fica sem luz. Subitamente, movido pela consciência da presença de um novo

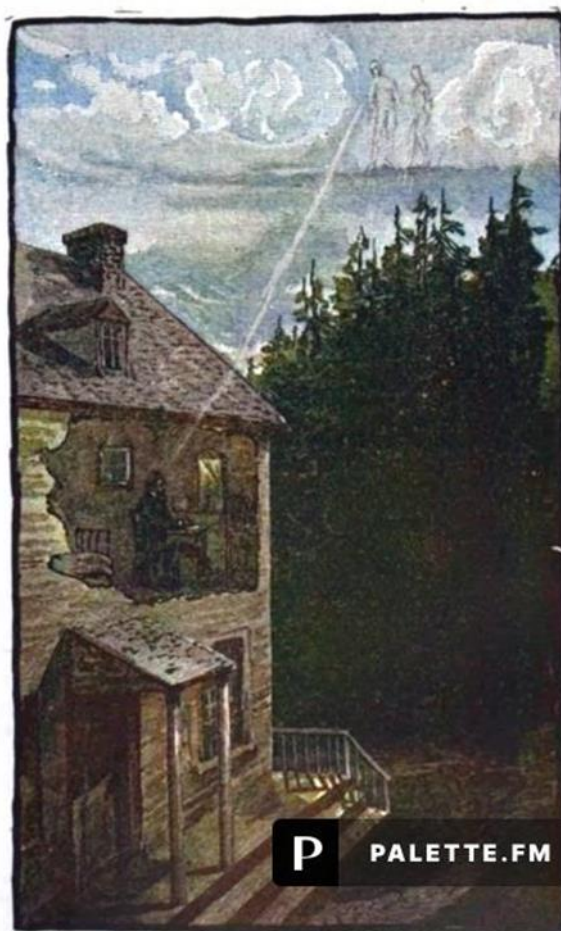
universo, sente-se a despertar e a desdobrar-se na primeira aurora de uma nova manhã.

É espantoso que os que recebem a Bíblia não compreendam universalmente nem creiam nestes grandes dons do espírito. E, no entanto, leem: “E eis que os céus se lhe abriram, e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e pousar sobre ele; e eis uma voz do céu, dizendo: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”*

Se agora o meu paciente leitor voltar à ilustração artística deste capítulo, a cena fica para ele verdadeiramente corporizada: 1.º, os céus são “abertos”; 2.º, a luz celeste “desce”; 3.º, e o recetor ouve “uma voz do céu”.

Escutemos de novo, reverentemente, o crente bíblico, enquanto lê sem duvidar: “E aconteceu que, quando ouvistes a voz do meio das trevas (porque o monte ardia em fogo), vos chegastes a mim... Quem há, de toda a carne, que tenha ouvido a voz do Deus vivo, como nós ouvimos, e tenha vivido?”

Outras passagens ensinam a mesma experiência na natureza humana: “Mas ele... levantou os olhos fixamente para o céu [‘céu’ significa acima ou sobre a tua cabeça] e viu a glória [isto é, o brilho] de Deus”, e depois “viu” um homem “em pé à direita de Deus.”



* Mat. ii. 17.

Se esta afirmação é verdadeira (e creio que o é), então segue-se que os sentidos espirituais do recetor estavam abertos e em uso. Ele viu; ele sentiu; ele ouviu. E só ele!

{ Deut., cap. v, 23-6, e segs.

† Ver Atos, cap. vii, 55; também o cap. ix.

[com um olhar fixo] para o céu [“céu” significa acima ou sobre a tua cabeça], e viu a glória [isto é, o brilho] de Deus”, e, em seguida, “viu” um homem “em pé à direita de Deus”.

[Deus, ou Senhor, era o nome que os videntes davam, naqueles dias, ao ser celeste que viam, dotado de grande esplendor pessoal, beleza, majestade e poder.]

Então disse:

“Eis que vejo os céus abertos.”

Mais adiante, quando viajava para Damasco: “Subitamente brilhou ao redor dele uma luz do céu... e o Senhor disse-lhe: Levanta-te e entra na cidade, e ser-te-á dito o que deves fazer.”

Estes exemplos psicofônicos e clarividentes são claros como o sol do meio-dia.

Outro caso é igualmente impressionante: “O rei da Síria fazia guerra a Israel”, e instruiu os seus oficiais a estabelecer o acampamento “em tal e tal lugar”. Mas o rei de Israel tinha consigo um vidente espiritual e um ouvinte espiritual, e assim se mantinha informado de todos os movimentos do inimigo. “O coração do rei da Síria ficou profundamente perturbado com isto.” Chamou então os seus servos para descobrir qual deles era o traidor. “E um dos seus servos disse: Ninguém, meu senhor, ó rei; mas Eliseu, o profeta que está em Israel, diz ao rei de Israel as palavras que tu dizes no teu quarto de dormir.”*

* Este exemplo de audição psicofônica antiga encontra-se em 2 Reis, cap. vi.

Estes atributos espirituais inatos atestam a natureza imortal do espírito humano. Quantas vezes, durante as minhas várias provações, ouvi, embora em cidades muito distantes, as palavras exatas e li os pensamentos mais privados de homens e mulheres!

Eliseu não era um impostor; ele realmente via e ouvia.

Não deu o inspirado Lord Byron voz a esta verdade interior?

“Céu, montanhas, rio, ventos, lago, relâmpagos! vós,
Com a noite, as nuvens e o trovão, e uma alma
Para tornar isto sentido e sensível, bem podeis ser
Coisas que me fizeram vigilante!”

O poeta, quando é poeta, encontra-se espiritualmente exaltado. Está envolvido numa esfera que é desconhecida do materialista. Uma grande alegria incha-lhe o mais íntimo seio. Ele eleva-se ao universo solar do pensamento. Uma luz solar, vinda de um sol não visto por olhos mortais, ilumina, enriquece e espiritualiza tudo. Assim, escutando os sons das tempestades e os ecos respondentes de grandes montanhas, diz: —

“O longínquo rolar
Das vossas vozes que se afastam é o ressoar
Daquilo em mim que não dorme.”

Do que foi escrito, espero que o leitor esteja suficientemente esclarecido acerca deste maravilhoso arcano do espírito humano. Os ornamentos pictóricos deste volume diminuem grandemente o meu labor de escrever pormenores descritivos.

Restam apenas dois factos a acrescentar. Um é que a linea alba (ou linha branca) que liga o comunicador ao comunicante é uma espécie de eletricidade celeste. É positiva na mente do espírito (acima) e está negativamente ligada à mente do recetor (abaixo); e, além disso, existe uma linha de corrente inversa, que é positiva na mente (abaixo) e negativa na mente (acima); de modo que, como pelas facilidades de uma corrente condutora por indução, a transmissão, em qualquer dos sentidos, de perguntas e respostas é agradavelmente praticável.

A outra coisa é: quando a corrente elétrica celeste é enviada a alguma pessoa suscetível na Terra, a primeira sensação, ao chegar, é a de uma respiração fresca, penetrante e despertadora, que parece aniquilar instantaneamente o crânio, entrando nos recessos mais íntimos e expondo a superfície do cérebro, por assim dizer, ao oceano sem limites da infinitude celeste.

CAPÍTULO XXXI

IMPRESSÕES E CONCLUSÕES AO RECEBER O MEU DIPLOMA

“O que eu não vejo
Não me inquieta;
E o que eu vejo
Poderia inquietar-me
Se eu não soubesse
Que assim tem de ser!”

O mês misto de março — que é o extremo frio da ponte entre os mares gelados do inverno e os fogos solares do verão — tanto quanto consigo lembrar-me distintamente de alguma coisa, tem sido anualmente, na minha história, uma espécie de Bunker Hill, incluindo o monumento com todos os seus sermões em pedra e lições memoráveis em tudo.

Que astrólogo, interrogando os mundos estelares, me poderá dar uma explicação estelar?

A 7 de março de 1848, a minha visão inicial foi inaugurada, prefigurando a obra da minha vida e pressagiando as experiências que a acompanhariam. Se o leitor se recordar, verificar-se-á que, em todos os meus volumes, incluindo este, as minhas crises fulcrais — claras ou sombrias, boas ou más — ocorreram no mês híbrido, tempestuoso e cortante de março.

Em março de 1883, o honorável Presidente do United States Medical College, na cidade de Nova Iorque, entregou a cada membro da turma diplomada um diploma legal, certificando que o recetor, tendo frequentado o tempo integral exigido por lei e tendo recebido os votos da Faculdade e dos Administradores, está qualificado e autorizado, tanto por lei como por educação completa, a entrar na prática da medicina.

Sendo este o acontecimento marcante na vida do estudante — o dia de entrada no limiar de uma carreira profissional — esse tempo é habitualmente chamado “Dia da Formatura”.

Na noite desse dia o autor recebeu também dois diplomas (para os quais havia frequentado e cumprido as condições): um de “Doutor em Medicina”; o outro de “Doutor em Antropologia”.

O último grau é designado pela aposição das letras A. D., enquanto os sinais de doutor em medicina são “familiares como palavras de casa”.*

* Num capítulo futuro o leitor poderá conhecer o litígio legal que vivemos para triunfar sobre os Godos Alopatas que tentaram tornar os nossos diplomas sem valor.

As minhas impressões sobre a nomenclatura de Anatomia, Fisiologia, Patologia, Matéria Médica, Obstetrícia, Cirurgia e outros ramos de estudo essencial são de que, neste tempo tardio da história humana, o uso continuado de termos gregos e latinos, embora na maior parte etimologicamente legítimo, está contudo tão deslocado nesta época como seriam absurdos, nos campos de colheita da civilização moderna, métodos gregos, romanos e medievais de agricultura. Os termos estrangeiros resistem naturalmente à domesticação. Mentos ignorantes imaginam que a roupagem régia e magnífica, em palavras sonoras, das suas doenças e remédios equivale a sabedoria absoluta.

Um médico erudito, portanto, medido pelo padrão da ignorância popular, é um homem agradável que consegue, com encantadora facilidade e graça de língua, ornamentar alguma repugnante doença de estimação com grego e latim, e que,

sorrindo, escreve uma receita vestida com abreviaturas profissionais ilegíveis, conhecidas apenas do astuto farmacêutico dispensador.

A coeducação, uma turma composta por ambos os sexos, é verdadeira educação. Cerca de um terço das nossas turmas era composto por mulheres jovens e de meia-idade. Quanto a si mesmas, fisiologicamente, as mulheres sempre, até agora, se esconderam persistentemente sob as doces flores de uma ignorância desamparada mas ornamental. Segue-se a crítica franca de uma mulher ao seu próprio sexo: —

“É bom para o género feminino que a velha era da cavalaria tenha passado, com os seus machados de guerra, torneios, cavaleiros errantes e encontros sangrentos em busca de conquista ou de ganho. As mulheres daquele tempo tinham de ser heroínas robustas, bem constituídas, prontas, a qualquer momento, para comandar um castelo sitiado ou partilhar as vicissitudes da vida de um soldado. As contingências da guerra já não nos trazem a tais extremos de resistência, nem exigem tais demonstrações viris de destreza ou de labor.

“Pense no que fariam as nossas queridas esguias, delicadas, de constituição fraca — com tecido adiposo em vez de músculo, e força nervosa em vez de bom e honesto vigor muscular — se fossem colocadas na desesperada situação das mulheres de Weinsberg, quando o vitorioso Conrado lhes permitiu abandonar a cidade capturada, levando consigo o ‘tesouro’ mais precioso. Da duquesa à criada da cozinha, cada mulher passou os portões em leve ordem de marcha, com marido, amante ou filho às cavalitas sobre as suas largas costas, e avançou com tanta facilidade como avançaria uma das suas degeneradas irmãs modernas carregada com uma mala de mão ou uma correia de xaile.

“Que figura faríamos nós nas mesmas circunstâncias, com os nossos ombros estreitos, cinturas pequenas e braços magros, de que gerações de doença quase apagaram tanto o bíceps como o tríceps? (Não sabe o que esses nomes significam? Então abra a sua fisiologia e descubra.) Imagine quanta oportunidade teríamos de mostrar coragem e constância numa situação semelhante.

“Não estou certa de que, no nosso zelo pela ‘forte mentalidade’, tenhamos esquecido por completo o que uma ‘forte corporeidade’ poderia significar para nós; não o corpo do pugilista ou do trabalhador do campo, mas a força ativa, ágil e cultivada de tecido firme e bom sangue; a ação alerta e poderosa de tendões treinados e nervos firmes. Não a massa insípida de órgãos enfermiços que compõe tantas mulheres hoje em dia.

“Recordo uma gravura tirada do quadro que comemora este famoso episódio da Idade Média. Pelos portões abertos sai a castelã, orgulhosa, ereta, calma e tão ativa como Zenóbia ao pisar as ruas de Roma; a sua figura fina e maciça é tão bela nas suas linhas como uma estátua grega ou como uma daquelas heroínas saxônicas primitivas, Beringária ou Brunilda, cuja estrutura parece tão grande e forte quanto a alma imperiosa que transportava. Atrás dela vinha a multidão das mulheres da cidade, cada uma robusta e direita sob o tremendo fardo que levava, e cada uma evidentemente tão orgulhosa da sua carga como a sua nobre senhora.

“Meu Deus! se elas tivessem usado mangas justas, ombros encurvados, espartilhos de dezoito polegadas, papiers e botas de salto alto e bico fino, que interesse romântico se teria perdido para sempre na história; pois não poderiam carregar os seus fardos mais do que você ou eu conseguiríamos mover o Monumento de Bunker Hill.”

Os estudantes são, muitas vezes, uma quantidade duvidosa de capacidades e motivos aglomerados. Em alguns casos, o jovem espera que a educação de um colégio médico faça dele um médico. Mas a verdade é outra. Se não for, por mente, temperamento e inclinação intuitiva, “um médico por natureza”, mais vale que não tente (a não ser simplesmente pelo prazer de saber); pois seguramente falhará na prática quando chegar o momento de pendurar o diploma dentro e a placa na parede exterior.

Depois de três anos de treino incessante, honesto e dedicado, recomendo-lhe a aceitação incondicional da Filosofia da Doença, tal como exposta no Vol. I, Great Harmonia. Aceito como plenamente verdadeira a origem espiritual (isto é, a origem na alma ou no princípio psíquico) de todas as doenças orgânicas, funcionais, superficiais ou profundas conhecidas na constituição física humana.

Por isso, na minha tese, que entreguei antes do “Dia da Formatura”, apresentei um esboço da Filosofia Harmonial sobre o tema, sob o título de:

“A REALIDADE DAS DOENÇAS IMAGINÁRIAS.”

Comecei por dizer — o que suponho ser universalmente concedido — que existe uma grande família de imperfeições físicas, desarranjos e sofrimentos que surgem exclusivamente de causas mecânicas e químicas; como, por exemplo, malformações, que podem originar-se por deficiência ou redundância de tecido no desenvolvimento; e todas as demais perturbações que resultam de lesões, feridas, fraturas e luxações, a que cada parte do corpo está mais ou menos sujeita neste mundo extremamente rudimentar.

Concedidas estas exceções, afirmo que, falando com rigor, não existem doenças imaginárias. (Estou prestes, aqui, a dizer também que todas as doenças são imaginárias; isto é, que, não fosse a existência da mente e das suas potências psíquicas, as doenças seriam desconhecidas, por serem impossíveis.)

Primeiro, então, o que é a imaginação? É o mestre-artista da organização mental do homem. É o génio inato ou criador, o fazedor de imagens, o gerador.

Ela eleva-se, sempre mais e mais, da fonte do Sentimento, e desce igualmente das origens e do trono da Vontade. Transforma nuvens mortas em quadros vivos e, de mármore inerte, talha estátuas animadas de beleza. Da morte lúgubre faz evoluir vida e as profecias da imortalidade.

Privado deste poder intelectual criador, o homem não poderia pensar; não poderia formar, na mente, uma figura ou imagem viva de coisa alguma. Sem ele, ficaria limitado à esfera servil dos sentidos corporais especiais. Raciocínios abstratos e contemplações metafísicas seriam impossíveis. A memória deixaria de servir como despenseiro e tesoureiro das aquisições educativas. Os próprios fundamentos da civilização — as artes, as ciências, as descobertas, as invenções e toda a investigação filosófica e especulativa — ruiriam no nada.

Toda a felicidade e toda a miséria desapareceriam para sempre se não fossem originadas e alimentadas pela presença sustentadora e pela influência vivificante daquilo a que se dá o nome de “imaginação”.

No domínio da doença, especialmente, a imaginação é, com igual realidade, uma potência de cura e uma causa produtora de todos os desarranjos.

Uma nota deixada por um distinto médico alemão, falecido recentemente, continha, entre outras coisas, a sua conclusão conscienciosa — adquirida durante uma grande e bem-sucedida prática de mais de quarenta anos — de que pelo menos um terço de todos os males corporais para os quais prescrevera medicamentos eram “puramente imaginários”; e, por observação e experiência muito cuidadosas, estava seguro, sem dúvida, de que era perigoso dizer aos seus doentes qualquer coisa que perturbasse “a ilusão, ou a delusão”, conforme o caso.

Um médico de Londres, Inglaterra, depois de ter ganho dinheiro suficiente para se poder dar ao luxo de dizer a verdade, afirmou: “Quase todas as famílias do país têm algum membro em risco de morte condenado pelos médicos e vivendo, se não num sentido espiritual, pelo menos corporalmente, no temor da morte, em

cativeiro, com a vida obscurecida pela morte, como acontece pela consciência perpétua de sofrer de, ou estar afetado por, uma doença ‘incurável’. Na realidade, a proporção de pessoas afligidas por males mortais que conseguem viver até idade avançada é considerável.

Contudo, na sua maioria, são muito infelizes, e as suas vidas são extraordinariamente trémulas e débeis, não porque haja qualquer causa real para a depressão persistente sob a qual labutam, mas simplesmente porque são — ou acreditam ser — uma vez que assim lhes disseram — pessoas marcadas para morrer, trazendo sempre no corpo alguma doença orgânica que, em última instância, as há de matar. Longa e cuidadosa observação das chamadas ‘vidas doentes’ conduziu-me à conclusão de que, eliminando a influência deprimente e mórbida dessa autoconsciência que nasce de uma vida condenada ou suspeita, um homem está tão bem quanto se sente, tomando a média de um período suficientemente longo para cobrir o ciclo de um modo de existência médio.

A maioria das vidas, por mais monótonas que sejam, é marcada por uma certa sucessão rítmica de ‘altos e baixos’. Tome-se a média desses estados, e ela será a norma e a base de probabilidades quanto à razoável ‘expectativa’ de vida, aconteça o que acontecer ao indivíduo. A doença mata mais vítimas pela mente do que pelo corpo.”

O grande sistema nervoso simpático, ou vital — não a organização cérebroespinal — assenta na própria base de toda a existência física e da continuação do ser. As energias produtivas de toda a individualização, de todo o crescimento, de toda a saúde e de toda a maturidade de estrutura e função têm origem e são perpetuadas por esta fonte primordial. Este maravilhoso sistema nervoso excita a admiração e o assombro de todos os investigadores psicológicos. Os seus centros mais íntimos são extraordinariamente ricos nas formas celulares de matéria que geram todas as forças vitais e que, na nossa filosofia, em conjunto, se chamam a alma.

Os “grandes mistérios primordiais” da existência corporal pessoal estão ocultos nos gânglios semilunares e no plexo solar. As inúmeras bolsas de substância cinzenta enviam fibras de poder para acompanhar as artérias em toda a parte. Na vida pré-natal, como na pós-natal, o sistema de substância cinzenta ganglionar é o primeiro e o último nos fenómenos do organismo. Envolve o cérebro — cobre a substância branca fibrosa como um manto — está no coração de cada sentido — está dentro e, frequentemente, até envolve cada arco no sistema nervoso da medula espinal — e, sobretudo, está sempre presente e vigilante em cada centro essencial no cérebro e no cerebelo.

A substância nervosa branca é inseparável da formação dos órgãos cérebroespinhais; e esta substância é também inseparável do desempenho de todas as funções de sensação e movimento, inteligência e volição. Mas, na vasta região do movimento orgânico involuntário e automático, da vida e da sensibilidade — na origem e perpetuação dos fenômenos de vitalidade, digestão, absorção, nutrição, crescimento, reprodução — o sistema simpático é fundamental, é essencial, é primário e, ao mesmo tempo, é o último que tudo abrange.

Nas potências deste organismo de substância cinzenta encontramos os começos espermáticos de toda a vida. Todas as heranças de saúde ou doença entram pelos princípios deste sistema essencial. Estes princípios são psíquicos, como disse, e revestem-se legitimamente ao passarem de pai para filho. Aquilo que era puramente imaginário no progenitor torna-se (ou é suscetível de se tornar) realidade sólida na geração seguinte. Um mau sentimento mental no progenitor pode organizar-se e manifestar-se como doença corporal no filho.

Não é necessário neste volume descrever em detalhe o sensorio e expor as funções das suas divisões para demonstrar a minha proposição central. Cada célula nervosa — e também cada molécula que entra na formação de uma célula — é uma bateria para a geração de força vital. Cada célula é multipolar. Dois nervos, o aferente (que vai para) e o eferente (que vem de), completam o arco de cada célula geradora de vitalidade. A “sensação” move-se de fora para dentro, e o “movimento” move-se de dentro para fora. Cada força tem o seu próprio condutor particular; assim, cada célula tem uma dualidade de função.

Ora, é aceite, pelo menos por agora, pelos fisiologistas, que os tálamos óticos constituem a sede governante de toda a sensibilidade; e que os *corpora striata* são o centro de todo o movimento voluntário ou intencional. Existem também, no interior do sensorio, os gânglios do registo. Eles armazenam e encerram sensações; elaboram e fazem evoluir resoluções; e fazem planos (nos nossos pensamentos) para uso e realização futuros. Assim, podem e efetivamente acumulam e concentram as causas e as dinâmicas tanto da saúde como da doença.

“Imaginação” é um termo usado erradamente para caracterizar uma fase desta função dos gânglios registadores. A mais alta e mais perfeita combinação de todos os sistemas celulares e ganglionares é o cérebro.

Enquanto este composto de todas as estruturas celulares e ganglionares preside aos sentidos especiais e aos nervos sensoriais e motores, ao mesmo tempo os maravilhosos plexos e gânglios do Sistema Simpático presidem às vísceras:

estômago, coração, pulmões, fígado, baço, rins, intestinos e, particularmente, a todos os órgãos da reprodução. Todos estes órgãos e as suas funções próprias dependem, noite e dia — em cada momento entre a concepção e o nascimento e a morte — do desempenho perpétuo e fiel das forças psíquicas no interior do Sistema Simpático.

As forças psíquicas automáticas são mais inteligentes, inerentemente mais sábias, mais dotadas e mais obedientes às leis e condições da existência do que o próprio cérebro supremo, com o seu sistema nervoso perfeitamente dependente.

Os sentimentos têm origem no seio, não no cérebro. O amor adoça; o ódio amarga. Um paroxismo de paixão desarranja a digestão, engendra doença nas funções hepáticas, excita perigosamente o coração, e por vezes submerge, chegando mesmo a derrubar por completo, o centro cerebral da sensibilidade e da volição. A ira, que não é mais do que um sentimento, envenena o leite materno; os germes da doença fluem de imediato para o bebé ao peito.

As paixões e os apetites — ou um estado baixo e torpe das faculdades intelectuais e cerebrais — são igualmente potentes para a desordem. São enérgicos em produzir, organizar, transmitir, multiplicar e perpetuar a doença. A ignorância é uma forma de doença. A superstição — outro nome para a ignorância na religião — deteriora o sangue e certamente há de gerar algumas perturbações físicas na geração seguinte. A loucura, o homicídio, o fogo posto, o suicídio — tal como a ira, o ciúme, o medo e o ódio — são nomes de desordens e efeitos mentais que, na geração seguinte (de pais assim doentes), se tornam causas de desarranjos físicos e funcionais.

E assim a imaginação, sendo uma força psicológica, é uma formidável causa de discórdias materiais e miséria. Temos de ir para trás dos bastidores — antes mesmo da existência de órgãos físicos — para encontrar as causas geradoras. As estruturas não podem ser mudadas, nem deformadas nem transformadas por doença confinada ao cérebro e nervos, porque a própria força psíquica é que está doente, e não os gânglios e condutores nervosos através dos quais essas forças operam.

O cérebro de Guiteau, por exemplo, foi encontrado sem alterações, pesando quarenta e nove onças e meia, não dando assim qualquer evidência da sua manifesta “loucura”. Mas, pela dimensão e peso do cérebro (segundo teorias aceites), a sua mente deveria ter exibido extraordinária força e amplitude intelectual. Mas não foi esse o caso.

O cérebro de Gambetta, como exemplo contrário, estava consideravelmente abaixo da média em tamanho e peso — apenas trinta e nove onças — e, no entanto, a sua mente e organismo nervoso demonstraram notável poder intelectual, energia, influência e fogo vital e recursos. É o homem que faz o cérebro e o sistema nervoso, e não o inverso. O corpo corporal é o efeito evolutivo; é a manifestação externa dos princípios produtivos invisíveis. A causa de todos os fenómenos é psíquica e espiritual.

O autor iluminado da Homeopatia, por exemplo — hoje tão amplamente aceite pelos médicos mais inteligentes — descobriu a correlação e a perfeita correspondência entre as potências dos fármacos e as forças vitais do corpo. O cânfora, por exemplo, excita sentimentos de leveza e a sensação de voar. Sentimentos muito semelhantes surgem com a inalação de clorofórmio. A insanguêe dos nativos de Natal, tal como a daka dos hotentotes e o hashish dos árabes, produz a mais maravilhosa brilhantez intelectual e as mais deleitosas fantasias, parecendo inverter a relação dos sentidos especiais com as influências e objetos externos.

O ópio, em algumas pessoas, exerce extraordinário poder psicológico, produzindo sonhos requintados, tranquilidade luxuosa, pensamentos encantadores de música e conceções e o ritmo da poesia. Mas um correspondente estado de depressão, tristeza, excitabilidade e miséria impotente é, com certeza, a consequência final. O álcool, o tabaco, a beladona, o estramónio e todos os medicamentos conhecidos, minerais e vegetais, exercem influências potentes sobre o cérebro e nervos ao perturbar as energias psíquicas que residem dentro dessas estruturas visíveis.

Toda a doença cutânea, todo o tumor, toda a desorganização na substância ou nos apêndices dos órgãos é um efeito de força psíquica ou espiritual perturbada e doente. Digestão, assimilação, nutrição, circulação do sangue, mecanismo da respiração, harmonia entre secreção e excreção — tudo tem origem em, e depende de, processos correspondentes que decorrem no misterioso universo do movimento invisível, vida, sensação e inteligência.

E estas são, honestamente, as minhas impressões e conclusões após obter o meu diploma. Vejo ainda que o sistema ganglionar (simpático) é superior ao cérebro e antecede o nascimento das estruturas espinais. A vitalidade reside no primeiro — nos gânglios — e nunca, primariamente, no segundo — no cérebro e na espinha. A patologia, como a palavra implica, é de e a partir do sentimento, não de qualquer fase do pensamento. As doenças emocionais, portanto, são doenças reais. Não obstante isto, são, de forma depreciativa, chamadas “imaginações”.

O negro infernal da melancolia; as grotescas absurdidades da histeria; as tristes tristezas sentimentais da dispepsia e da obstipação; a súbita emoção do medo que paralisa instantaneamente o coração mais forte; a diarreia que, em algumas pessoas, segue rapidamente no rasto de quaisquer emoções fortes (que certamente ultrapassam a vontade); as náuseas e a fraqueza súbita que nascem da visão ou do pensamento de objetos repulsivos ou sangrentos; a pulsação irreprimível das grandes artérias em momentos de terror; o prodígio do sangue a exsudar pelos capilares e pela epiderme em casos de extrema exaltação e êxtase religioso; as doenças hepáticas e renais que conduzem ao suicídio, ou que incessantemente geram abatimento mental, mau humor e taciturnidade — cada uma e todas elas trazem a semelhança e a marca inconfundível da imaginação, que tudo produz.

Em suma, e finalmente, em todas as perturbações físicas — excetuando, como disse, aquelas desordens de origem mecânica e química, ou acidental — encontrará as primeiras causas de todas as doenças nas potências psíquicas; e não necessita de procurar as causas primordiais da doença nos órgãos viscerais e nas suas funções, porque esses mesmos órgãos vitais, juntamente com as suas diversas funções, tiveram origem e emanaram das fontes invisíveis da vida, que são infinitas e eternas.

CAPÍTULO XXXII

UM AMIGO EM TEMPO DE NECESSIDADE

“Mas que nos prende, amigo a amigo,
Senão que alma com alma pode fundir-se?
Semelhantes à alma foram as horas de outrora;
Caminhemos de novo na alma.”

Uma primavera muito fria pousava pesadamente às portas de março de 1884, ainda com os braços cheios do inverno feroz e gelado, quando fui atingido por uma inflamação extremamente aguda dos pulmões, envolvendo a membrana pleural.

Fisicamente enfraquecido, neurologicamente negativo e, somando-se a isso, a minha constante preocupação com a pendente legislação do nosso colégio, todo o meu organismo sentia-se como se estivesse a afundar rapidamente numa completa dissolução das minhas relações objetivas com este mundo. De facto, nas circunstâncias, quase violei a minha consciência, de outro modo esclarecida, ao aventurar-me a desejar poder partir.

Durante dias tive sintomas premonitórios — arrepio por alguns momentos, mesmo junto ao fogo mais quente; cansaço excessivo no sistema muscular; nervos agudamente sensíveis a qualquer som ou fala inesperados; dor no pescoço, com perda de apetite, sono interrompido, apreensão. Estes sintomas eram ameaçadores.

Precisamente nesta fase, quando eu não estava nem doente nem bem, negócios importantes exigiram a minha presença na grande cidade. Como por um encaminhamento providencial, fui diretamente do comboio para os aposentos da Sra. —, que, muito antes, me havia elevado acima do alcance de doença mortal.

Em menos de trinta minutos após a minha chegada, sentado o mais perto que pude do fogão quente, fui acometido por aquilo que (sendo ambos médicos) diagnosticámos como pneumonia, envolvendo a pleura pulmonalis (a parte interna da pleura imediatamente sobre os pulmões), em vez da pleura costal (a membrana adjacente, ou logo abaixo, das costelas), que por vezes é dolorosa em combinação com essa inflamação das células pulmonares hoje chamada pneumonia.

Não havia tempo a perder. Eu tinha de viver, pois havia trabalho importante à espera da minha recuperação. A sabedoria celeste guiou os meus passos para aquela morada. [Caro leitor, nunca adie o tratamento quando for atacado com sintomas de pneumonia.]

Logo, portanto, após a minha chegada à sua residência, a minha médica iniciou o seu tratamento eclético. As suas prontas e eficazes dádivas magnéticas, alternadas com aplicações externas efetivas sobre os pulmões e ao longo da coluna; pedilúvios frequentes de água quente; um quarto mantido perfeitamente ventilado e, no entanto, com temperatura uniforme, cerca de 70°, noite e dia; e a ingestão regular de quantidades limitadas de alimentos muito nutritivos e bebidas quentes — tudo isto, em conjunto, restaurou-me plenamente em doze dias a um estado de saúde constitucional que parecia superior ao que eu desfrutara durante muitos anos.

Recuperado da pneumonia mortal, e com a fraqueza da garganta totalmente removida, senti-me de novo como se pudesse retomar os meus discursos públicos em Nova Iorque. Contudo, ao testar as minhas forças caminhando muito e depressa, percebi considerável debilidade. Assim, voltei ao retiro campestre por mais alguns dias de solidão, repouso e recuperação.

E, no dia 16 de abril, sentindo a frescura e o vigor resultantes da minha recreação, regressei à grande cidade; e, prontamente, no domingo seguinte, proferi em Steck Hall a minha primeira palestra desde meados do dezembro anterior.

Havia ali uma boa congregação de cidadãos inteligentes e atentos. Entre eles, na parte mais recuada da sala, observei o meu amigo de outrora, em cuja residência eu fora, por muitos meses, hóspede amado e bem-vindo.

O meu leitor compreenderá o sentido do meu discurso inaugural — que foi uma introdução e generalização de uma série a continuar até às férias, que começariam diretamente após o segundo domingo do mês de junho que se aproximava — pelo seguinte resumo:

O TIPO HARMONIAL DE CARÁTER

Este foi o tema geral. O caráter, disse eu, era uma imagem talhada ou gravada na substância do ser. Há três mestres-escultores incessantemente a trabalhar, cinzelando no interior (ou sobre) essa substância. Um é o Espírito, o mais íntimo; o segundo é a Alma, o intermédio; o terceiro é a Experiência, o mais exterior. Assim, todo o caráter humano, em toda a parte, entre todas as nações da Terra, é um composto: 1.º, natural; 2.º, hereditário; 3.º, adquirido.

O espírito eleva a alma; e a alma eleva o corpo.

O tipo harmonial de caráter analisei-o e descrevi-o, brevemente, assim: ele será —

- 1.º Um homem trabalhador; não um ocioso.
- 2.º Um homem saudável; não doente.
- 3.º Um homem honesto; não um ladrão.
- 4.º Um homem que pensa; não um adivinhador.
- 5.º Um homem temperante; não um bêbedo.
- 6.º Um homem rico de espírito; não pobre de espírito.
- 7.º Um homem sábio e amoroso; não um sensualista.
- 8.º Um homem espiritual; não um materialista.
- 9.º Um homem progressivo; não um obstáculo.

Um homem com estas nobres e atraentes características, todas num estado harmonioso e prático, seria um fenómeno humano. É um ideal a que aspirar.

“Ah! se as nossas almas apenas se equilibrassem e oscilassem
Como a agulha da bússola no seu anel de bronze,
Sempre nivelada e sempre fiel
Ao labor e tarefa que temos de cumprir,
Navegaríamos seguros e chegaríamos em segurança
Às Ilhas Afortunadas, na cuja praia brilhante
As visões que veremos e os sons que ouviremos
Serão de alegria, e não de temor.”

** Ver Penetralia para uma descrição da origem do caráter tríplice.*

Doze dias depois, e após eu ter proferido o segundo discurso da série, passei pelo escritório comercial do Sr. Frater.* Recebeu-me com a sua habitual cortesia e cordialidade. No entanto, à minha rápida percepção, estava profunda e intensamente perturbado. Uma seta errante penetrara e chamuscara as suas sensibilidades. Parecia ferido e, ao mesmo tempo, perplexo — mas bondoso e resolutivo.

Enquanto lhe fitava o rosto, um trecho suavemente me ocorreu à mente: “No mundo tereis aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.”

Sentámo-nos em breve e entrámos em conversa séria. Há muito que estávamos unidos por laços de afeto, respeito e confiança mútuos.

Em resposta à minha pergunta sobre o que o perturbava, descreveu-me a visita de um cavalheiro que ambos, havia muito, conhecíamos favoravelmente. Com

intensa excitação — disse ele — esse visitante apresentara-me como um homem caído; como tendo ficado intelectualmente enfraquecido pelas minhas buscas mentais, etc.; como tendo abandonado a minha esposa legítima, Mary; e que eu estava enfeitiçado por alguém que me vinha tratando magneticamente.

Estas afirmações a meu respeito — segundo o cavalheiro comunicativo — não eram meras suspeitas e conjeturas. O visitante disse que era tudo certo; e disse, além disso, que havia prova positiva disponível, se fosse requerida. Não reivindicou, contudo, completa originalidade na descoberta. E não deixou de dar à sua talentosa esposa amplo crédito por ter, em primeiro lugar, penetrado “até aos factos de fundo”. †

“Qual julga ter sido o objetivo dele ao vir ter consigo com tudo isto?” perguntei.

* O meu amigo espiritual, William Green, pouco depois da sua chegada ao Paraíso, enviou o seu amor a este cavalheiro e chamou-lhe “Frater Amicus”.

† Cerca de duas semanas depois de este relato estar plenamente em circulação, Mary escreveu voluntariamente a seguinte carta, dirigida à senhora e ao cavalheiro, datada de “Orange, 12 de maio de 1884”. Este excerto explica-se por si: —

“Não creio ter tornado a verdade suficientemente clara quando estive convosco: Jackson sempre me tratou com confiança, abertura e franqueza, e nada fez na matéria de que falámos sem o meu conhecimento e consentimento. Permitam-me dizer também que estou CERTA de que estão enganados na suposição de que ele tem vivido no que se chama um estado de adultério. Tal procedimento seria repugnante tanto à sua natureza como aos seus princípios.”

“Proteger a gloriosa Filosofia Harmonial e conceber algum plano para o resgatar e restaurar”, respondeu o Sr. Frater; “e pareceu também muito ansioso por que os mexeriqueiros de Nova Iorque não tomassem conhecimento disso.”

Naturalmente, embora não alarmado, fiquei cheio de espanto. O primeiro pensamento, porém, foi que, ao prosseguir a minha atual jornada por este vale enevoado, eu não estava sem alguns amigos amorosos e leais nesta esfera; e, de súbito, os seguintes versos — muito verdadeiros, ainda que pouco poéticos (de autor desconhecido) — atravessaram-me o pensamento: —

“Tenho encontrado muita gente
Ao andar pela vida, por caminhos variados;
Encontrei o esperto e o simples,

O rabugento, o sério e o alegre;
Viajei com a beleza e com a virtude,
Estive com o feio e com o mau;
Ri com os que estavam contentes,
E chorei com os que estavam tristes.

Uma coisa aprendi na minha jornada —
Nunca julgar alguém pelo que parece.
Os olhos que parecem brilhar de riso
Muitas vezes lutam por conter as lágrimas;
E rostos longos e santarrões
Muitas vezes escondem almas vis;
Enquanto o coração alegre e jovial
É muitas vezes o mais livre de dolo.

E aprendi a não procurar perfeição
Em nenhum da nossa frágil humanidade;
Nos corações mais gentis e amorosos
Alguma mancha ou falha podemos achar;
Mas nunca encontrei criatura
Tão baixa, tão depravada ou tão mesquinha
Que não tivesse algum bom impulso — alguma virtude —
Que entre os seus maus traços se pudesse ver.”

“Pois bem, Sr. Frater”, disse eu, “que resposta deu a todas essas alegações tão alarmantemente positivas?”

“Recusei total e incondicionalmente”, respondeu, “acreditar em algo tão inteiramente inconsistente com os seus escritos e com o seu caráter bem conhecido.” “Disse-lhe”, continuou o Sr. Frater, “que, se os factos fossem como afirmava, eu mandaria de imediato prendê-lo como um homem de mente desequilibrada e avançaria para a nomeação de uma comissão lunático inquirindo.”

“A minha saúde está perfeitamente restaurada”, disse eu, após longo silêncio. “Deve significar que tenho mais trabalho a realizar antes de partir daqui. Vejo agora um trabalho duro e desagradável — isto é, tenho de pôr a casa em ordem!”

“Pôr a casa em ordem!”, exclamou ele, algo divertido.

“Sim, senhor”, repliquei. “Não se lembra de que, no quarto volume da Harmonia, revelo o facto de que ‘Menos e Melhores Crianças’, como regra, para a

regulação da reprodução humana, reduziria o exército de desgraçados e monstruosidades e melhoraria a raça em geral?”

Ele assentiu, sorrindo.

“A mesma regra seletiva”, disse eu, “é aplicável à questão dos associados de cada um na sociedade humana em geral. Sobre a porta principal, que dá entrada à ‘casa em que vivo’, estou resolvido a afixar este aviso: ‘Menos e Melhores Amigos!’ A partir desta hora, Sr. Frater, começarei a limpar o meu caminho para o futuro. Cortarei e arrancarei quase todas as vinhas infrutíferas — procurarei remover todos os cardos sociais e as bardanas pegajosas — que agora ocupam espaço valioso e impedem o crescimento de belas árvores e deliciosas bagas e flores no meu jardim, que, até aqui, tem estado livremente aberto às incursões do mundo inteiro.

“Sim, senhor! Registe bem o que digo: começarei agora os trabalhos de Augeias atribuídos ao antigo Hércules; e, necessariamente, haverá sapatear de pés e algum bufar irritadiço, mas não pararei por causa do tumulto e da contestação. Quando estiver terminado, verá junto de mim um bom grupo de amigos melhores, mais sábios, mais verdadeiros (mas menos numerosos); e estes estarão a trabalhar arduamente pelo progresso da humanidade. E haverá alegria numa câmara superior — no seio de Abraão — onde, doravante, montarei o meu tabernáculo.”

Ao sair do escritório do Sr. Frater, senti prazer em pensar, com gratidão, na bondade e beleza da amizade imutável.

CAPÍTULO XXXIII

DEBULHA E PENEIRAÇÃO

“O que poderia ser feito se os homens fossem sábios —
Que feitos gloriosos, meu irmão sofredor,
Escreveriam em amor e luz,
E cessariam o seu desprezo uns pelos outros.”

Pouco depois desta conversa comovente, esboçada no capítulo precedente, a Harmonial Association realizou a sua eleição anual para Administradores e para a nomeação do Conferencista-Chefe.* O número muito reduzido de votantes legais presentes mostrava claramente (o que eu, em privado, bem sabia ser facto) que o cavalheiro tinha conseguido (sem intenção, creio) plantar os germes da “triste história” nos centros mais férteis para uma propagação rápida e vigorosa. “É tudo tão terrível quanto pode ser”, sussurrou uma senhora avessa a intrigas e mexericos a outra; ainda assim, para manter e testemunhar o seu interesse na Associação, vieram e votaram pronta e alegremente.

Os acontecimentos começaram então a precipitar-se em pequenos lotes de experiência biográfica sub rosa.

Uma acusação era a de que eu não tratara Mary com bondade e justiça; outra, a de que me ausentara demasiado tempo da cidade e dela; e ainda outra, a de que nem sequer desejara que ela me visitasse na residência suburbana do meu amigo.† Em resposta a tudo isto, tirei do bolso e li o seguinte, escrito um mês inteiro antes destas recentes perturbações: —

* 6 de maio de 1884.

† Deve notar-se que o estado físico dela era extremamente débil e que eu me encontrava em condição semelhante, de modo que qualquer visitação era prejudicial.

“Meu querido Jackson: Esta manhã assisti à reunião em Steck Hall, onde foi agradável encontrar amigos e ouvir o Prof. Wilder, que proferiu um excelente discurso. Li um poema (o ‘Morning’, de John Keble) e antecedi-o da tua mensagem de boa vontade, e de algumas palavras de ânimo e esperança quanto à tua saúde melhorada e ao teu desejo de regressar assim que uma ‘boa Providência’ o permita.

Notei uma mudança na atmosfera espiritual — menos entusiasmo, esperança e calor do que quando aqui estavas, e todos estavam muito desejosos de te ver e ouvir novamente.

Quero agora dizer-te que, durante este longo período de solidão, tem-se processado dentro de mim um curso de autodisciplina, e o resultado é que me elevei a uma visão mais clara e alcancei um estado novo e mais verdadeiro de sentir.

Sinto que despontou o dia da força e das aspirações e atividades impessoais e, para contigo, toda a minha natureza se ergueu para a atitude correta. Vem e sê um conosco, e tudo estará bem.

O que escrevi é uma garantia mútua de que estamos prontos a unir-nos na missão celeste de boa vontade a que a tua vida se dedica, e sentimos que, na força do Todo-Poderoso e Todo-Amoroso, podemos avançar ‘conquistando e para conquistar’.

Não podemos deixar de desejar que estivesses aqui nesta hora sagrada para conferires conosco, para que, juntos, as nossas mãos fossem fortalecidas e os nossos corações cimentados pelo presente, santo, pairante Hóspede — a Divina Arabula.” *

* Esta carta foi-me escrita durante o meu retiro final em Metuchen, Nova Jérсия, procurando tornar-me suficientemente forte em corpo para retomar os meus labores mentais em Nova Iorque. Está datada de domingo, 23 de março de 1884.

Na manhã do domingo seguinte, no belo local de reunião, proferi o meu quarto discurso da série. Assunto: “Ele será um homem que pensa, e não um adivinhador.”

Este tipo de caráter foi delineado com alguma precisão analítica. Quando insisti em que ele seria um pensador justo — não um divulgador ao acaso, impetuoso e sem caridade, de opiniões alheias que poderiam ser tão ignorantes como ele próprio — sentiu-se e manifestou-se naturalmente alguma suscetibilidade.

Então, de forma totalmente inesperada para todos, exceto para mim, avancei para uma aplicação pessoal. Disse que “tinha estado a pregar; agora olhem para as minhas práticas”.

Para tornar o testemunho memorável, mesmo correndo o risco de o tornar algo doloroso e embaraçoso, dirigi as minhas perguntas desde a tribuna diretamente a Mary, que ocupava a sua cadeira habitual, a mais próxima do estrado. Disse, em substância, o seguinte: —

“1.º Tenho defendido a completa individualização e a maior independência possível de cada mulher e de cada homem. Agora, na prática, pergunto a Mary: Não tenho eu, de todas as maneiras justas possíveis, desde o princípio até hoje, encorajado e ajudado o mais livre e amplo viver da tua própria vida?”

Ela respondeu, sem hesitar, distintamente, afirmativamente.

“2.º Tenho ensinado que o ‘anjo da casa’ — isto é, toda a mulher casada, seja mãe ou não — deve ser a única proprietária da sua residência local, com todos os seus acessórios de conforto e o mobiliário. Agora, na prática, pergunto a Mary: Não comprei eu, assim que me foi possível fazê-lo, e não te ofereci a casa e o lote, e todo o mobiliário, em Orange?”

E ela respondeu, de modo audível para todos, afirmativamente.

“3.º Tenho ensinado que um homem e uma mulher, mutuamente associados e cooperando em qualquer obra séria — seja para a família menor em casa, seja para a família maior da humanidade — devem viver, por assim dizer, transparentemente, não ocultando um ao outro nada que seja de mínima importância vital. Agora, na prática, pergunto a Mary: Não te tenho eu, desde o princípio até hoje, transmitido franca e plenamente o que quer que me dissesse respeito, ou a qualquer de nós, em todo o essencial?”

E ela respondeu afirmativamente.

Então continuei: “Mas há um assunto, devo confessar, que nunca satisfez inteiramente a minha consciência.” *

Neste ponto, quando os sentimentos de todos os ouvintes estavam despertos, Mary ergueu-se e, com brandura, pediu a palavra. Eu cessei de falar. De imediato a convidei a subir à tribuna. Ela aceitou e dirigiu-se à congregação com emoção não disfarçada.

* O que eu pretendia exprimir era que, contido pelo meu desejo de não causar dor, eu havia, por tantos anos, ocultado a minha relação fraterna com Mary. No meu passado, lembro-me de que os meus principais erros foram cometidos sob o domínio da simpatia, até contra o meu conhecimento do que era correto.

O que ela disse com sentimento e eloquência teve o efeito de suscitar intenso interesse na situação. Naturalmente, havia ali pessoas que nunca tinham ouvido falar disso. Mas eu não completei a minha frase; e, portanto, aquilo que tanto

inquietara a minha consciência ficou entregue à fértil imaginação de cada um para conjecturar.*

Os passos seguintes tomados no processo de debilidade e peneiração serão relatados nos capítulos seguintes. O que agora havia a fazer era escrever a seguinte carta ao cavalheiro e à senhora que (talvez, sem de todo o pretenderem) tinham sido instrumentais em produzir mudanças na minha história.

Nova Iorque, 17 de maio de 1884.

Ao Sr. e à Sra. Helfer:

Caros amigos, — Esta carta pode ser a última que alguma vez vos dirija; e desejo que compreendam que o seu conteúdo não é privado nem confidencial.

Diversos compromissos prementes privaram-me, até agora, de uma oportunidade justa de reconhecer os vossos peculiares esforços para salvar e proteger a “Causa” de cair no abismo em que, segundo ouço (sendo vós a minha autoridade), eu próprio caí, irremediavelmente e para sempre.

Quase pareceu — digo-o (pois não vos culpo) — quase pareceu como um desejo, subitamente aceso em vós, de proteger a “Causa” e de me resgatar de tão desastinoso destino, ao preço mais exorbitante — à enorme custa de primeiro me atacardes e derrubardes no meu único bastião externo na sociedade humana; isto é, fazendo um esforço para me destronar no branco templo da amizade — para me desalojar, por assim dizer, do amor protetor e da estima de alguns dos meus mais queridos e importantes amigos.

* Todo o Doutor em Antropologia observou certos fenómenos sociais. Por exemplo, quando a Sra. Stowe descobriu provas positivas da infâmia de Lord Byron, e quando a Sra. V. C. Woodhull descobriu provas positivas da infâmia de Henry Ward Beecher, houve um grupo de homens que imediatamente aceitou as descobertas como factos e secundou a moção; depois, todos juntos votaram unanimemente que o sabiam; e que já não havia necessidade de julgamento por júri, nem necessidade de juiz, nem das despesas do tribunal. E, ainda, porque é que os homens são mais lentos do que as mulheres em explorar e fazer estas descobertas intensamente empolgantes?

† Dá-se aqui apenas a substância, não a carta inteira.

Este método de vencer o mal é, ele próprio, um mal e, com o tempo, é ao mesmo tempo autopenitente e autodestrutivo.

Não viestes a mim; não me escrevestes. Mas fostes pessoalmente, de imediato, a alguns dos meus amigos aqui e, a um deles (sou informado), telegrafastes, solicitando uma conferência em que fostes bem-sucedidos.

E, no entanto, felizmente, não guardo no meu coração a mínima parcela de má vontade para com nenhum de vós. Não obstante o dano que me causastes, e que me enche de uma dolorosa sensibilidade, conservo ainda um sentimento que me levaria, neste preciso momento, a prestar a qualquer de vós qualquer bem que eu tenha poder de conferir.

Fostes agentes escolhidos, sob uma influência espiritual superintendente, para me ajudar a sair do cativeiro.

No começo, quando as notícias dos vossos esforços me chegaram pela primeira vez, fiquei, muito naturalmente, espantado; depois, fiquei triste e profundamente magoado; por fim, tornei-me — e permaneço — absolutamente indignado.

Fiquei sobressaltado e entristecido, mas agora estou muito profundamente indignado, porque vós, meus familiares amigos — almas para quem eu supunha que a minha vida e o meu trabalho eram transparentes e seguros — ousastes, com audácia, derrubar a minha situação doméstica.

Livre e sem restrições, tentastes intrometer-vos em assuntos que são exclusiva e sagradamente pessoais — assuntos da vida interior que são, ou deveriam ser, para sempre os direitos mais delicadamente sagrados do espírito individual. Oferecestes-vos para vos sentardes em julgamento sobre as necessidades e os atos da minha mais privada vida interior.

Esta ofensa é uma transgressão de uma lei divina que não pode ficar sem punição.

De diferentes modos invadistes terrenos privados — trespassastes as santas posses de um proprietário cujo título é eterno — intrusão que, entre todas as pessoas justas, honradas e com respeito por si mesmas, é considerada mais mal do que bem, mais errada do que certa.

Por mútuo consentimento, creio eu, entre todas as almas espiritualmente emancipada, estas posses da vida interior são tidas como estritamente sagradas e para sempre intocáveis. E o bom Deus fez-me de tal modo que se torna quase perigoso para qualquer pessoa tomar comigo tal liberdade.

Tendes, ainda que inconscientemente, forjado elos numa cadeia providencial de causas que fazem girar as incomensuráveis rodas do Destino. (Outro nome para este destino é Deidade; e o seu poder onipotente chama-se “a vontade de Deus”.)

Fostes levados a dar passos a meu respeito que foram instigados por inteligências vigilantes, mais sábias e mais verdadeiras do que os vossos próprios juízos individuais ou inclinações. Fostes influenciados, ao ceder a uma massa de motivos mistos, a marchar “para além da linha do amor fraternal”.

Chegastes mesmo a parecer (a vós próprios) agir acima de quaisquer sugestões egoístas; e certamente falhastes em avaliar as consequências públicas que poderiam resultar (para mim e para o meu trabalho) da vossa enérgica interferência externa.

Em suma, discerni facilmente que vos sentistes justificados por um sentimento de que éreis movidos por verdadeira simpatia, por um princípio correto e por um amor sincero ao melhor bem do mundo. Assim vos credito, no livro do Destino, motivos que vos justificavam a vós mesmos e o facto de terdes sentido que agíeis, de facto, sob impulsos de amizade.

Aqui deixai-me recordar-vos: “Vem aí uma Guerra Conjugal, embora sem sangue”, ver (Great Harmonia, Vol. IV.); e penso que poderá ser apressada por aquilo que, ao princípio, pareceu uma intrusão e uma perfídia.

Mas uma visão mais profunda dos vossos sentimentos e atos satisfez-me de que, “mais sábios do que sabíeis”, vos oferecestes silenciosamente como combatentes; e que, assim que “a nova guerra civil” começar a sério, é provável que graviteis para o lado da sociedade e do costume contra os direitos privados do indivíduo. Nisto espero estar enganado.

Os Diakka, intrometidos, também já desempenharam uma parte importante.

Se as vossas teorias a meu respeito fossem confirmadas, era evidente que “uma sombra” se assentaria sobre mim e sobre a minha obra. Tenho “direitos” pessoais que vós, e a humanidade em geral, estais obrigados a respeitar doravante. Tal como vós próprios, sou imortal.

Pareceste esquecer, num momento impulsivo de terna (mas sobretudo não esclarecida) simpatia pela querida Mary, que eu sou inteiramente outra pessoa — uma natureza muito diferentemente constituída — com uma história psíquica

totalmente diversa da dela e da vossa; em suma, parecestes esquecer que sou uma pessoa plenamente responsável, que não deve contas das suas experiências interiores a nenhum poder terreno; vivendo, como vivi e vivo, segundo o melhor do meu conhecimento, em estrita harmonia com leis imutáveis do Pai e Mãe de Todos.

E, contudo, por tudo quanto dissestes ou fizestes a meu respeito, estou sinceramente grato.

Vós vedes uma grande sombra sobre mim. Mas eu não a vejo; embora veja, sim, “um vale solitário” diante de mim. E sinto, profeticamente, que para lá caminho.

Estou também muito grato porque as ministrações magnéticas tornaram a minha saúde quase perfeita. O meu espírito está tranquilo, reverente e profundamente feliz. As discórdias são da Terra, terrenas. Eu estou ereto no Direito! Não me gabo de nada. Digo a verdade; e não temo — nada. Gozo as altas inspirações de princípios imutáveis.

E, ao exprimir a minha gratidão por estas bênçãos, agradeço-vos também as vossas intrusões sobre mim, ainda que tenham ocorrido na época da minha maior fraqueza corporal e das minhas provações mentais privadas. Agradeço-vos, também, por terdes prodigalizado as vossas doces simpatias a Mary no seu tempo de necessidade. E, por fim, vendo o que é provável resultar disso, agradeço-vos por terdes cedido a uma impetuosidade que, por falta de sabedoria, me inflige uma injustiça duradoura, mas salutar, enquanto indivíduo.

Consolai-vos. A “Causa” não sofrerá. Não se originou na Terra. Não está fundada em Andrew Jackson Davis. Nem a minha felicidade ou prosperidade depende do aplauso da humanidade. Tenho todas as razões para crer que a vossa ação e as vossas conversas privadas ajudarão muito a precipitar a guerra da Progressão no mundo do casamento.

Uma e outra vez tenho sido forçado a ouvir as chocantes discórdias e crueldades verbais engendradas em muitos domínios sociais. E é parte da verdadeira amizade manter todas estas revelações ocultas ao mundo.

E agora, para falar de mim próprio: não faço admissões e não faço negações. Mas por este meio dou a vós e a toda a humanidade o devido aviso de que, quando eu estiver pronto em espírito — e só então — e então à minha maneira, sob os “céus”, eu me protegerei e emanciparei. Os ministros do Céu ajudar-me-ão. Não

tenho temor da fugaz condenação do mundo; nem tenho fome de coisa alguma que o mundo possa conceder...

Lembraí-vos, pois, de que, no tempo certo e do lugar certo, a humanidade ouvirá de mim. Então obedecerei, positiva e firmemente, à primeira lei da verdadeira Religião — a saber, Justiça a Si Mesmo. Nessa altura, e da forma que eu me sentir movido a adotar, poderei, assim o espero, prestar à humanidade um alto serviço. Então publicarei aquilo que a minha “impressão”, vinda das fontes interiores, possa sancionar.

A minha guerra é a do Espírito — contra erros consagrados pelo tempo. A minha batalha é a batalha do Progresso; e a minha vitória será uma vitória para toda a humanidade. Os frutos da luta beneficiarão todos os homens e todas as mulheres, nascidos ou por nascer, amigos ou inimigos, casados ou solteiros, cativos ou livres.

Vós obrigastes-me a tomar parte ativa. Sou agora como uma mola que, vergada por uma força externa, procura constantemente voltar ao seu estado. Com o tempo iniciarei a batalha e deixarei o meu caso a doze boas e legais gerações para o examinarem e decidirem.

Ao concluir esta epístola dirigida a vós, meus amigos ajudantes, peço-vos que não suprimais nada do que julgueis saber contra mim. “Ficar calado” não é a minha política. Não retenhais coisa alguma que primeiro vos permitais imaginar e depois afirmar contra mim. Falai livremente de mim — como mestre, praticante, amigo, amante, vidente, autor, cidadão. Não temais. Crede-me: nunca vos perturbarei, por via legal, por nada desta natureza que vos sintais inclinados a dizer ou a imprimir.

Conservarei uma cópia desta carta para incluir numa possível continuação do Magic Staff — sou agora como uma abelha — atarefada, atarefada, atarefada — a fazer o favo de mel da história, para ser preenchido, em “Doce e Bonito Muito Em Breve”, com essências dos campos e flores da verdade.

Uma vez mais sou chamado a entrar no campo para lutar “o bom combate” pela maior e melhor liberdade pessoal de cada um. Não num estilo indiano de guerra — sem emboscadas assassinas; mas honestamente, “face a face”. E não esqueço que, devido à ignorância e imoralidade, e à consequente crueldade e bárbara injustiça da sociedade moderna (que se credita ao Cristianismo), as mulheres sofrem e têm de sofrer muito mais profundamente e dolorosamente do que os homens poderão sofrer com quaisquer alterações e reformas radicais que envolvam diretamente as suas afeições persistentes, as suas associações domésticas ou as suas reputações entre os seus pares e conhecidos sociais.

Lembrando isto, nunca voluntariamente (nem mesmo no desempenho do meu dever mais severo) trarei sofrimento a qualquer coração humano — especialmente não ao coração de qualquer mulher viva — a menos que a Justiça a Si Mesmo me ordene uma vindicação de mim próprio no interesse da retidão e para o avanço da humanidade comum.

Doravante, não me vereis caminhar por nenhum caminho que conduza à vossa habitação local. Nos laços sagrados de Arabula, permaneço fraternalmente,

Vosso amigo,
A. J. Davis.

CAPÍTULO XXXIV

UM CAMINHO ESTREITO ENTRE MONTANHAS

“Há os que semeiam junto
Das águas que em silêncio deslizam,
Confiando que nenhum eco declarará
De quem foram os passos que por ali passaram.”

É essencial que nenhuma roda no mecanismo da vida fique de fora. Cada uma é indispensável em todo o verdadeiro moinho de Deus. A carta ao Sr. e à Sra. Helper, apresentada no capítulo anterior, é um elo na nossa cadeia de autobiografia verídica. Ela dá o ponto (muito antes de eu ter presciência dos acontecimentos que viriam) para uma nova partida — o eixo em que certas rodas do meu destino começaram a girar. Por isso é dada ao leitor.

Palavras pequenas, inofensivas na primeira pronúncia, se aticadas por incompreensão ou por um impulso mau, por vezes tornam-se causas como um vasto fogo consumidor que, começando numa única faísca, resulta em desolação ampla e irreparável.

Cerca das cinco horas da manhã do domingo, 11 de maio de 1884, uma respiração peculiar, um vento quente, passando sobre o meu rosto e testa, despertou-me para um estado adaptado ao discernimento de representações simbólicas.

Não obstante a tempestade de desafeição e impopularidade com que eu era esmagadoramente ameaçado, despertei com uma alegria leve e uma leveza de

cabeça que pareciam tão incoerentes quanto inexplicáveis. Tudo o que era externo parecia propício e, por dentro, belo.

Mas, de súbito, fui conduzido por uma cena simbólica que exigiu todas as minhas forças de autocontrole. Eram quase onze horas (pensei), a hora de começar a minha reunião em Steck Hall. Apressei-me a vestir, preparei-me e caminhei até à porta da frente, que abri, saindo para a pedra larga no topo dos oito degraus de pedra que desciam até ao passeio.

Antes de descer, porém, olhei com admiração para o céu sem nuvens, tingido de rosa; depois, para baixo, para o aspeto estranho, antinatural e repulsivo das ruas que, tanto quanto podia ver em todas as direções, estavam densamente pavimentadas com uma substância de aparência muito imunda.

Outro facto, de natureza totalmente diversa, atraiu agora a minha atenção: as ruas da grande cidade (as casas pareciam familiares) estavam desertas. Por longas distâncias, para cima e para baixo nas artérias retas, não havia o menor sinal de coisa humana. Completa desolação e triste solidão; e, no entanto, de algum modo, eu parecia sentir que as habitações estavam densamente ocupadas.

Mas, estando tão perto da hora da reunião, eu tinha de me apressar. Assim, desci os degraus e estava prestes a pousar o pé no passeio quando, eis que reconheci a natureza e a qualidade da substância com que a rua estava pavimentada. Parecia uma massa conglomerada indiscriminada de víboras — serpentes, todas perfeitamente negras, e todas cortadas em pedaços de cerca de quatro polegadas!

Horrível e repugnante como era aquele pavimento nojento, senti que a fidelidade ao meu dever e aos meus ensinamentos tornava imperativamente necessário que eu comesse a andar. Mas, antes de dar um passo, afastei com pontapés aquela matéria serpentina e continuei a pontapear até ver o lajeado de pedra sólida por baixo. Sobre a base de rocha, algo escorregadia mas firme, plantei agora, com cuidado e a direito, o pé; depois, tendo afastado a massa viperina noutro ponto, avancei mais um passo na direção do salão distante.

Oh, imaginai o labor e a tediosa lentidão desse procedimento! Passo a passo, a pontapear cada vez até à terra firme, avancei pelas ruas. Pelo que me lembro, não vi uma única serpente inteira nem uma única serpente viva durante a minha lenta jornada.

Assim terminou o simbolismo feito por anjos. Quando regressei ao meu estado natural, a minha lembrança foi de que eu estivera — e em breve estaria — a caminhar entre influências de víbora que não podiam morder; e de que estava prestes a entrar numa longa, solitária, trabalhosa e difícil peregrinação, por um corredor coberto, reto e estreito, entre o monte Aspiração e o monte glorioso, celeste e divino da Harmonia.*

A espada de dois gumes da Verdade amorosa e sábia, brandida pelos guerreiros celestes alistados na batalha do progresso humano, tinha — e teria — cortado em pedaços inofensivos as serpentes do erro e da deturpação, que os habitantes mutáveis, caprichosos e maus da Terra fariam surgir no organismo social.

E o simbolismo tem sido, desde essa terrível manhã, perfeita e progressivamente verificado na minha experiência.

Uma repetição e cumprimento da minha primeira visão, de 7 de março de 1848, manifesta-se aqui de novo na minha história.

O rebanho de ovelhas, durante algum tempo pacífico, gordo e contente na sua agradável harmonia, começa subitamente uma vida de individualismo. Desconsideram os direitos pessoais uns dos outros, como sendo iguais num só corpo, cada um com o outro; mas, indiferentes às admoestações do Uso, da Justiça, do Poder, da Beleza ou da Aspiração, avançam a lutar e a condenar-se mutuamente. Os cordeiros tentam ser ovelhas feitas; e as ovelhas assumem-se como líderes competentes; e os carneiros arrogam para si as prerrogativas e a autoridade do pastor, cujo nome é —

Contemplando este estado desordenado da minha congregação de Nova Iorque, e sentindo as dominantes intimações do Alto de que eu devia partir de imediato numa peregrinação pelo vale, informei publicamente todos da minha próxima e prolongada vacação. Aos amados de dentro, bem como a estranhos e a alguns poucos amigos fiéis de fora, segredei que estava prestes a entrar em mais uma experiência do vale.

* O leitor compreenderá agora a posição do autor neste momento, 11 de maio de 1884, ilustrada no frontispício deste volume — cinco montes à esquerda, o Monte Harmonia à direita.

É uma visão enevoad a que não vê um Desígnio Divino no grande plano delineado da vida de cada indivíduo. Até a cética Srta. Martineau, num momento de exaltação poética, disse —

“Todas as coisas seguem a sua marcha
Como se por uma grande vontade;
Move-se um, movem-se todos —
Escuta a passada!
Avante, avante para sempre!”

A contemplação próxima dos recessos desconhecidos e escurecidos do vale das sombras — o país do vale, para mim ainda inexplorado e desabitado, que separa o Monte Aspiração do Monte Harmonia — teve o efeito de me afastar de tudo o que havia de defeituoso, fraco e mau naqueles que impulsivamente se haviam alinhado contra mim. Voltando-lhes decididamente as costas e encarando o universo incomensurável para além do Vale, todos eles desapareceram instantaneamente, e eu fiquei ali, ao primeiro passo da minha peregrinação, na base do Monte Uso, sozinho, apoiado no Bastão Mágico, vendo com indiferença as ovelhas dispersas em primeiro plano, mas sentindo-me, entretanto, animado e espiritualmente pronto a viver uma vida de alegre obediência aos Decretos Divinos e Deíficos.*

Vi que todos os caminhos diante de mim eram labirínticos e intermináveis; que se estendiam no infinito todas as veredas ainda não pisadas.

De pé assim na luz da eternidade, as provações do tempo tornaram-se leves aflições. Na serena glória desta santa radiância — dentro do abraço da qual olhava o rosto afetuoso do meu anjo guardião — toda a preocupação comum parece bem-vinda, embora dolorosa, como o ar vivificante do céu para o recém-nascido.

É certo que eu tinha deveres oficiais a cumprir como Presidente da Harmonial Association e havia trabalho externo considerável para mim como presidente da comissão de auditoria do colégio ainda em dificuldades.† Estes compromissos tornavam impossível um retiro cedo para algum refúgio campestre.

* Chama-se de novo a atenção do leitor para a representação simbólica do frontispício.

† Um capítulo futuro exporá a natureza e variedade destas dificuldades.

Embora ainda na cidade da contenda e com as mãos cheias de deveres diários, a minha verdadeira jornada psíquica pelo vale começou a 13 de maio de 1884. Pouco antes deste tempo, recebi de Mary o seguinte: —

“MEU QUERIDO JACKSON:

“Acompanharam as belas mensagens que me enviaste em janeiro* do anjo Fannie a tua explicação de que ‘o que ela pode sentir como próximo pode não estar mais perto do que meses ou mesmo anos’. Com a minha saúde melhorada, isto parece provável que venha a ser verdade.”

(Depois de algumas frases sobre o seu estado mental sereno e melhorado, continuou): —

“Mas o belo e sagrado poema, maravilhoso além de comparação, que veio dos espaços ensolarados até ti, vindo do anjo Fannie, será um conforto indizível para o meu coração que espera até à hora feliz em que eu possa ser privilegiada de descer, oh, tão tranquilamente, ao vale quieto do sono sem sonhos, do qual, com a glória ardente do nascer do sol, eu possa subir para a vida mais alta e mais feliz com ela!

“Sob o título de um dos teus capítulos no Magic Staff está a seguinte quadra, notável na sua aplicação ao meu próprio estado: —

‘Quando o coração que luta tiver vencido,
Quando o caminho estiver belo e claro,
Quando estiveres preparado para o céu,
Encontrarás que o céu é aqui.’”

Os filósofos, quando são verdadeiramente filosóficos nas suas meditações, sabem que o progresso do mundo sólido foi precedido, acompanhado e seguido por arrojados e combustões, por solavancos e espasmos, por convulsões e soerguimentos. Mas esses mesmos filósofos, quando a mesma lei irresistível da Progressão lhes bate à porta para entrar, anunciando-lhes que chegou uma nova época nos seus próprios assuntos — na política, nas teorias, nas finanças, na sociedade ou na religião — logo levantam argumentos e factos e hipóteses contra a invasão do Progresso no seu caso particular; mas não têm dificuldade em reconciliar-se magnânima, majestosa e tranquilamente com o facto de outros passarem pelo inevitável crisol de soerguimentos e convulsões.

“Primeiro compadecem-se — depois suportam — depois abraçam.”

Pessoas distantes, durante a minha permanência na cidade, escreviam-me atenciosamente cartas perguntando se outros, igualmente distantes, tinham conhecimento correto a meu respeito, como pretendiam. Muitos, em cuja companhia eu não passara vinte e quatro horas, professavam a outros conhecer tudo sobre a minha disposição, o meu carácter, os meus hábitos, todo o fim e propósito do meu ser.

A maior parte destes pretensos conhecedores sociais costumava transmitir informação nada lisonjeira.

Certo dia, desejando ardentemente que alguém que realmente possuísse conhecimento correto de mim me dirigisse uma palavra amiga, chegou a seguinte carta.* “Que oportuna!”

Exclamei: “Aqui vem de Mary um testemunho não destinado ao olhar público e, no entanto, não demasiado privado para publicação, escrito sob a inspiração da justiça por uma pessoa sincera, que me conheceu durante todo o tempo destes últimos vinte e nove anos; e eis o que ela escreve”: —

ORANGE, N. J., DOMINGO, 13 de julho de 1884.

“Meu querido JACKSON:

“Estou muito grata pela tua carta recebida ontem à noite. ‘Não quereria que vivesses uma mentira’ por coisa alguma no Céu acima ou na Terra abaixo. E creio que farás, e tens feito, tudo quanto aos teus olhos é correto e justo.

“Dói-me que sejas lançado por ‘agentes maus’ num estado de guerra, e levado a sentir que tens de ‘viver e trabalhar sozinho’. Entre os ‘poucos’ que contas como ‘amigos’, desejo, querido Jackson, ser sempre contada; e peço-te que me chames, na hora da necessidade, para qualquer auxílio que eu possa prestar.

“Repito-te, com sincera veemência do coração, as tuas palavras na carta que me escreveste a 8 de julho: ‘Lamento — lamento profundamente — a dor que, sem o querer, te causei’; e agradeço a Deus se alguma vez te fiz algum bem. Perdoa-me se pareci ‘sentar-me em julgamento’. Na verdade isso ficaria mal em mim, pois a tua ‘experiência espiritual’ está além do meu alcance, como dizes, e a ‘Autoconfiança’ é a tua forte fortaleza.

“Agradeço-te por me recordares ‘como trazer o Reino dos Céus à Terra’. As lições transmitidas nos teus livros e as instruções divinas que ouvi dos teus lábios são ‘uma lâmpada para os meus pés e uma luz para o meu caminho’. Eu também creio que serei feliz numa confiança e obediência perfeitas — que os princípios eternos de ‘Deus Pai e Mãe Natureza’ me sustentarão e guiarão e consolarão. Estou muito grata pelos incontáveis atos de bondade e afeição com que enriqueceste a minha vida e peço que tenhas a tua recompensa.

“Que consigas, querido Jackson, assegurar a ‘liberdade pessoal’ por que te esforças; e que longos dias e tudo o que torna a vida doce e bela sejam teus para desfrutar.”

CAPÍTULO XXXV

PROVIDÊNCIAS ESPECIAIS CONCEDIDAS À HUMANIDADE

“Ousa ser correto! ousa ser verdadeiro!
Tens uma obra que nenhum outro pode fazer;
Fá-la tão bravamente, tão bondosamente, tão bem,
Que os anjos se apressarão a contar a história.”

Neste momento, precisamente quando a minha missão prática para com o colégio, e com ele, está prestes a encerrar, registarei os factos relativos ao início da minha ligação a essa instituição, e explicarei os vários desenvolvimentos durante as nossas lutas legais para existirmos, mostrando como se chegou ao fim.

Há cerca de quatro anos, em 1880, enquanto proferia um discurso perante a Harmonial Association, senti-me impelido a explicar a natureza e a importância terapêutica do magnetismo humano.

Naquele tempo, a ortodoxia médica alopática conseguira obter uma lei proibitiva, pesando duramente, com tirania e injustiça amplamente disseminadas, sobre todos os Médiuns Curadores, Médicos Clarividentes e Magnetizadores em geral que exerciam no Estado de Nova Iorque. Se não possuísem um diploma ortodoxo regular e se este não estivesse devidamente registado no cartório do Secretário do Condado, o praticante sem licença podia ser publicamente estigmatizado como “médico charlatão” e ficava também sujeito a prisão, multa e encarceramento.

Ao explicar os princípios e a aplicação terapêutica do magnetismo humano, e ao defender o uso da intuição e da clarividência induzida no tratamento e na deteção da doença, sublinhei a desejabilidade de faculdades treinadas por parte de médiuns e médicos magnetizadores. Por isso sugeri e recomendei (como já expliquei plenamente) a criação de uma Cátedra de Ciência Psicológica e Terapêutica Magnética num colégio de medicina liberal; e indiquei o United States Medical College como a instituição mais propensa a acolher tal proposta inovadora.

Este Colégio aceitou a nossa proposta, com o entendimento de que o salário do Professor seria pago pela Associação.

Em seguida comecei a exercer a minha influência entre médiuns e clarividentes, aconselhando-os a aproveitarem instrução prática em cada um dos ramos essenciais de uma educação médica; sobretudo a educarem-se em fisiologia, química, patologia, psicologia (do cérebro e dos sistemas nervosos) e, por fim, a compreenderem a história e os usos do magnetismo — sendo todo o esforço no Colégio coroado com um diploma legal, que daria a cada um um apoio firme, independente da lei médica proibitiva instituída pela ortodoxia alopática.

Em substância, eu disse: “Vinde comigo! Eu entrarei no Colégio; serei vosso condiscípulo; e, se puder, graduar-me-ei.”

Assim encorajados e assim acompanhados e estimulados pelo meu exemplo pessoal, um número considerável de curadores magnéticos, médiuns e clarividentes matriculou-se e tornou-se estudante; e finalmente graduaram-se com mérito e grande satisfação para si próprios, ficando assim armados com um direito legal de exercer como médicos com autoridade igual à dos mais ortodoxos na profissão.

Durante o período letivo, a oposição da velha escola à nossa corporação eclética começou a sério. Primeiro, os inimigos levaram os Comissários de Caridade e Correção, que tinham a gestão legal dos Hospitais de Bellevue e de Blackwell Island, a recusarem ao United States Medical College os corpos (de indigentes, etc.) para fins de dissecação. Ficámos de imediato todos em grande aflição. Os outros colégios conseguiam a sua quota de cadáveres sem dificuldade. O Presidente do nosso Colégio perguntou-me um dia se eu conseguia discernir uma saída.

Numa manhã, ao romper do dia, observei um grupo de rostos no ar. Estes rostos — diga-se de passagem — são produções artísticas. São símbolos e prefigurações de acontecimentos vindouros. São colocados diante da visão de “videntes” e sensitivos a partir das energias mentais e da força de vontade de inteligências superintendentes.

Entre os rostos que contemplei havia dois que me sorriram com encorajamento; um era o semblante bondoso do ex-Juiz F. J. Fithian (então de Nova Iorque, agora do País Melhor), e o outro era o rosto enérgico do meu velho amigo, o Sr. C. O. Poole.

Visitei imediatamente o Presidente do nosso Colégio (nada lhe dizendo do que eu vira) e disse: “Creio que há dois homens que podem vencer as nossas dificuldades com os Comissários de Caridade e Correção.” Nomeei-os.

Juntos fomos ao escritório do Juiz Fithian e fizemos um acordo para colocar o nosso caso nas suas mãos. De imediato notifiquei o Sr. Poole, e ele nem precisou de ser instado, pois avançou sem demora para escrever e visitar o nosso advogado, encorajando-o a tomar conta do caso — dando-lhe sugestões a partir do seu vasto repositório de conhecimento e prática jurídica.

Em suma, no devido curso de certas transações legais mais bem conhecidas dos advogados, obtivemos todos os corpos necessários para fins de dissecação.

O nosso Colégio estava devidamente incorporado ao abrigo da lei geral de 1848, com as alterações de 1870; e não tínhamos razão para duvidar da nossa existência legal. Mas a New York County Medical Society alopática instaurou uma ação, que foi decidida contra nós no Supremo Tribunal, em Sessão Especial. A base invocada pela outra parte era a de que a lei de 1848, com as suas subseqüentes alterações, não era suficientemente ampla para incluir um Colégio Médico.

Desta interpretação recorreremos para a Sessão Geral do Supremo Tribunal, argumentando que a lei adicional de 1882, que previa a incorporação de “colégios literários e científicos”, abrangia e era intenção da Legislatura que abrangesse um Colégio Médico, na medida em que o próprio fundamento de todo o conhecimento fisiológico, anatómico e patológico assenta no que foi, e tem sido, cientificamente demonstrado.

Mas aqui, caro leitor, para que compreendas a minha relação privada e pessoal com todas estas lutas em prol dos princípios, ideias e prática médicas mais perfeitos — um sistema tão amplo e um plano tão livre como as melhores instituições liberais que brotam do nosso Governo americano — devo relatar-te uma outra visão simbólica, artisticamente construída no ar pelos guardiães providenciais, na madrugada de 4 de julho de 1883.

A cena vívida era esta: no meio de uma inundação impetuosa e esmagadora de muitas águas, havia um edifício de tijolo que era sacudido e oscilava quase até ruir, enquanto o volume e a terrível energia das marés aumentavam a cada instante. Eu parecia estar de pé sobre uma faixa de terreno mais alto, um pouco elevada acima das torrentes rugidoras e enfurecidas.

E, ao meu lado, tanto à direita como à esquerda, vi muitas pessoas que também olhavam para a inundação ameaçadora. Algumas eram conhecidas vivas neste mundo — oficiais do Colégio e membros da Faculdade — mas outras, no grupo, que eu igualmente reconheci, eram cidadãos do Paraíso.

Subitamente, e enquanto eu olhava para o edifício que parecia prestes a tombar e desaparecer nas águas avassaladoras, vi uma das janelas da frente abrir-se de repente. Um homem apareceu à janela. O seu rosto mostrava grande ansiedade. Inclinou-se parcialmente para fora, como se procurasse algum meio de fuga. Os seus olhos fitaram diretamente os meus. Fez-nos um gesto suplicante de auxílio. De novo os seus olhos voltaram aos meus, e disseram claramente: “Podes salvar, se quiseres.”

Observei então que esse homem era o nosso respeitado Decano, o Prof. Robert A. Gunn. Reconhecido isto e compreendida, num relance, toda a situação, a visão terminou.

Quando esta representação simbólica me foi dada, eu estava em Orange, Nova Jérсия. Eu aninhara-me no círculo familiar, gozando os primeiros dias de umas férias muito necessárias. Mas o que fiz eu?

À mesa do pequeno-almoço contei a minha visão. Depois, preparei-me o mais depressa possível e apanhei um comboio cedo para a cidade. Em seguida dirigi-me diretamente ao escritório do Decano.

Sabendo que ele era, intelectualmente, um cientista plenamente amadurecido — com uma decidida tendência agnóstica para se afastar de coisas e símbolos espirituais — nada lhe disse da minha visão. Mas ele ficou muito contente por me ver. Entregou-me alguns papéis importantes que um cavalheiro lhe deixara para mim. De imediato vi o meu trabalho — e, numa palavra, abdiquei de todas as minhas férias para me dedicar à sua realização.

Enquanto pendia a decisão do nosso recurso da Sessão Especial para a Sessão Geral do Supremo Tribunal, procurei fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para angariar um fundo de dotação de 50 000 dólares, com vista (no caso de uma decisão adversa) a irmos perante o Conselho de Regentes do Estado de Nova Iorque e solicitar-lhes uma carta para o nosso Colégio sob um novo nome.

Com muita influência pessoal, algumas deslocações, e bastante escrita e visitas, consegui obter (com o indispensável auxílio do Prof. Gunn em alguns casos) os montantes que cada amigo do Colégio subscivera para a compra da bela propriedade, n.º 9 da East Twelfth Street, para uso do Colégio.

Os montantes para esta compra tinham sido originalmente subscritos como investimento com lucro de seis por cento ao ano. Mas, ao obter de cada subscritor a totalidade do seu montante como dádiva livre para o fundo de dotação, os

Administradores receberam um imóvel que um proeminente agente imobiliário desta cidade avaliou em 25 000 dólares.

Este trabalho foi levado a cabo durante julho e agosto de 1883. Assim foi salvo o edifício do Colégio, que pôde ser apropriado para uso e benefício do Colégio; mas que, de outro modo, teria inevitavelmente ido ao mercado e sido vendido, devolvendo-se o dinheiro aos subscritores originais, pois esse era o propósito declarado dos três Administradores a quem o título fora transmitido, em confiança, para o Colégio.

A decisão do Supremo Tribunal confirmou o tribunal inferior. Foi inteiramente contra nós. O nosso único caminho seguinte era recorrer para o Tribunal de Recurso; e, entretanto, trabalhar arduamente para obter uma carta do Conselho de Regentes. Esperávamos que conseguiríamos uma carta com os 50 000 dólares, parcialmente pagos e o restante subscrito.

Enquanto decorriam estes esforços, e não desejando ser “encerrados” pela dominante New York County Medical Society alopática — que parecia ter os juízes supremos “na mão” — resolvemos manter o Colégio aberto, o que fizemos, com uma pequena turma, durante o inverno e até ao habitual tempo de formatura.

Entretanto, o Conselho de Regentes reuniu-se em solene sessão. Recebeu, reconheceu e considerou devidamente a nossa candidatura. Ergueram as mãos e, em substância, disseram: “Exigimos que os 50 000 dólares não estejam em propriedade, mas em dinheiro ou equivalente; portanto, como o vosso dinheiro já está investido, exceto 7000 dólares representados por um certificado bancário, recusamos.”

Soou como um reconhecimento de que os Regentes, tal como os Juízes, vivem, se movem e têm popularidade entre os magnatas e nababos dos distintos alopatas, com um homeopata lançado aqui e ali apenas por tempero — por causa de pellets, de uma aparência de liberalidade e do prazer de boa camaradagem nos clubes.

Mas então surgiu um novo problema perante o nosso Conselho de Administradores — a saber: se nós não éramos, e se nunca tínhamos sido, devidamente incorporados como Colégio, então não poderíamos conferir aos diplomados diplomas com valor legal.

Os secretários dos condados, em diferentes Estados, não reconheceriam os nossos graus como legais; logo, os nossos cento e doze diplomados (mulheres e

homens verdadeiramente instruídos) ficariam sem posição legal — sujeitos a prisão e a serem lançados, sem mais, fora da prática.

Para enfrentar esta dificuldade extremamente grave — que, se não fosse remediada, conduziria Administradores e diplomados a conflitos intermináveis — resolvemos introduzir um projeto de lei na Legislatura, pedindo a legalização de todos os graus e diplomas concedidos pelo United States Medical College.

Mas não queríamos introduzir este projeto até o nosso caso ter sido arguido perante os juízes do Tribunal de Recurso.

Para que agora, caro leitor, compreendas a força do que se segue, debes ter presente que a situação era esta: (1) o Conselho de Regentes recusara-nos uma carta, embora tivéssemos os 50 000 dólares exigidos, em grande parte em dinheiro e em propriedade; (2) o caso do nosso recurso final dos tribunais inferiores ainda não tinha sido chamado nem arguido pelo Juiz Fithian e pelo Senador Clinton no Tribunal de Recurso; (3) e, embora tivéssemos um projeto de lei preparado (para legalizar os nossos diplomas) para ir à Legislatura e ao Governador, hesitávamos, esperando e desejando que os juízes decidissem a nosso favor e assim resolvessem, com um só golpe, todas as nossas dificuldades.

E, no entanto, já era tarde na sessão da Legislatura para introduzir um projeto com alguma esperança razoável de o ver aprovado.

Era esta a situação quando foi concedida a seguinte comunicação. Foi transmitida psicofonicamente;* ocorreu nas manhãs de domingo e segunda-feira, entre as cinco e as seis horas — na hora silenciosa antes do nascer do sol — a 2 e 3 de março de 1884. O leitor fará favor de notar que coloco aspas apenas em torno da linguagem transmitida pelo comunicador.

“Uma palavra contigo, amado Jackson — do teu já não velho amigo, William Green.”

Porque já não o meu velho amigo?, murmurei mentalmente.

“Agora vivo juvenilmente, na plenitude dessa vida não particulada que, mudando perpetuamente, é ela própria imutável.”

Depois de um prolongado silêncio, perguntei, mentalmente: Qual é a palavra que me queres dizer?

“Os interesses educacionais têm-te deixado perplexo muito ultimamente. Agitaram demasiado profundamente o querido amigo Filley.† Outros associados contigo sofrem ansiedade desnecessária.”

Por que desnecessária?, pensei.

* Uma explicação deste processo encontrar-se-á no capítulo XXX, intitulado “Abertura e Uso dos Sentidos Espirituais”.

† Este cavalheiro era bem conhecido do falecido Sr. Green. Não obstante as incessantes exigências do seu tempo e pensamento pela Suburban Rapid Transit Railway Company, de que era e é Presidente, o seu profundo interesse no progresso da medicina liberal levou-o a aceitar a Presidência deste Colégio. A sua economia interna e os litígios legais pesaram fortemente sobre ele, mental e financeiramente. Em Albany, junto de membros influentes de ambas as câmaras da Legislatura, foi potente para o bem. Exercia em toda a parte uma influência dominante, devido à excelência bem conhecida e à lealdade inabalável do seu carácter corajoso. O Sr. Green, como se observará, advertiu-o a não ser vencido pela ansiedade.

“A sabedoria que prevê vê que é desnecessária, exceto na medida em que toda a agitação é educativa para quem se agita.”

Acabarão todos os nossos esforços em derrota?, pensei.

“Jackson, acredita em mim — estás no caminho errado. É antigo lidar com o povo através dos seus governantes judiciais e agentes legislativos. Estes, representando a estabilidade e respeitabilidade da classe repressiva, continuarão a bloquear os vossos esforços. Por conferência privada, os Regentes concordam numa decisão de não conceder a vossa carta.”

Amigo Green (pensei), como podem os Regentes recusar se convertermos a nossa propriedade em dinheiro e assim cumprimos a própria letra das condições por eles especificadas?

Ele respondeu: “Podem e irão iludir todos os cumprimentos da vossa parte, enquanto (por vós) o povo for mantido na ignorância quanto aos fins superiores contemplados pelo vosso Colégio. Têm o poder legal de contornar as vossas conformidades recusando ‘aprovar’.”

Mentalmente eu disse: Não te compreendo. Por favor explica mais plenamente.

“Os Regentes (respondeu ele) têm poder indefinido e, portanto, ilimitado, incorporado e oculto nestas palavras: ‘Se tal parecer à satisfação dos Regentes’ — e também nestas: ‘De tal modo que os Regentes aprovem’. Com estas expressões podem manter-vos de fora — de pé uma vida inteira à sua porta fechada — recebendo como resposta: não nos satisfaz; portanto, não aprovamos. Sim, acredita em mim, Jackson: estás a caminhar no caminho errado.”

Perguntei mentalmente: Devemos então não dar mais passos para nos organizarmos legalmente?

“Pode fazer-se de modo sábio — em resposta aos desejos do povo. Ao povo explica todos os fins educativos superiores procurados pelo vosso sistema; e mostra ao mundo todas as provações que encontrastes. Deves saber isto: os funcionários judiciais e legislativos, quando se encontram em conferência social, acordam entre si opor-se ao começo e à multiplicação de mais colégios médicos comuns, de qualquer escola ou classe. Muitas instituições de medicina já existentes desejam apagá-las. Eu simpatizo com eles nesse desejo.”

— Consideram os Juízes o nosso Colégio como sendo dessa classe comum?, perguntei em pensamento.

“Não pretendeis vós todos que, em desenvolvimentos últimos, o vosso Colégio seja superior aos existentes?”

Respondi: Sim, certamente pretendemos exatamente o que dizes.

“Então”, replicou ele, “porque não educais o povo explícita e plenamente — ensinando-o a compreender e adotar a plenitude do vosso significado? Perante os Regentes apareceis a pedir-lhes que instituam (o que eles consideram) mais um colégio comum de medicina e cirurgia; e eles supõem que, nada vendo nos vossos propósitos declarados para além de interesses egoístas e ambiciosos — nada fora do trilho habitual da educação colegial — (onde concluem com razão que já existem demasiadas escolas médicas), facilmente encontram na vossa candidatura algo que não aprovam.”

(O Sr. Green ficou aqui em silêncio. Na manhã seguinte o assunto foi retomado como se segue:)

“Jackson! Digo-te agora: não temas. Nuvens de injustiça juntaram-se sobre a vossa palavra escolhida — ‘Eclético!’ Contudo, conserva-a. Quereis dizer que vós (todos) descobristes nova luz — liberdade de escolha — liberdade de julgamento

na prescrição. A nova luz — as vossas liberdades mais altas — os vossos melhores fins na investigação médica — estes deveis oferecer ao povo em assembleias públicas. Em convenções livres, convocadas para esse fim, vós (Ecléticos) todos deveis unir-vos para assinalar e enfatizar o vosso sistema e propósitos superiores. Instruí o povo. Ide até ele. Dizei-lhe como, em que tempo e por quem tendes sido e sois contrariados. Explicai os princípios da seleção universal na composição e nos usos da medicina. Informai plenamente o povo. Explicai ao povo os princípios bem comprovados que adotais. Exponde os erros dos vossos opositores. Não oculteis nada. As coisas secretas serão reveladas.

“Dizei que o vosso Colégio é necessário porque é realmente eclético; porque é, em todos os departamentos, coeducacional; porque é vitalmente progressivo e acabará por derrubar as corporações mais antigas na sua marcha adiante. Não vedes que tal colégio não pode, neste tempo, ser incorporado no Estado de Nova Iorque? E, no entanto, o povo está maduro para um passo positivo com determinação para a Luz. Dai o passo adiante sem ocultação. Movei-vos abertamente entre o povo com perfeita fé. Não consulteis política nascida do medo. Amai os vossos semelhantes. Não apareçais disfarçados. Instruí o povo. Ele está pronto e disposto a ser instruído.

“Em algum tempo, a Legislatura do vosso próprio Estado, influenciada pelo povo, dar-vos-á um ato de incorporação aprovado pelo Governador. Tomai o caminho que vos mostro. Não vos desvieis nem para um lado nem para o outro. As vossas dificuldades quanto aos vossos diplomados terminarão numa vitória declarada. O vosso trabalho bem-sucedido por eles será o primeiro triunfo sobre opositores organizados e influentes. Estão fortemente entrincheirados. As vossas próprias forças dispersas serão muito mais fortes e tornar-se-ão mais unidas à medida que avançais.”

Perguntei então, em pensamento: Devemos ir à Legislatura com o nosso projeto para os nossos diplomados?

“Sim”, disse ele. “Mas não apareçais com argumentos no Tribunal de Recurso enquanto decorrem esforços pendentes na Legislatura.”

Que dizes dos nossos esforços de dinheiro do verão passado?, perguntei.

E ele respondeu: “Não discernes, Jackson, que vós todos possuíis uma propriedade de valor que, como decidirdes, pode ser alienada ou conservada para promover usos futuros?”

Assim terminou a entrevista psicofónica.

Desde a receção da comunicação acima, o Tribunal de Recurso decidiu contra nós, concluindo o nosso litígio legal: que não éramos, nem nunca tínhamos sido (em lei), um Colégio Médico incorporado. Mas desde que a mensagem do Sr. Green foi recebida, outro acontecimento de muito grande importância ocorreu.

Por virtude de centenas de dólares pagos por trabalho de advogados em Albany, o nosso projeto de lei para legalizar diplomas passou ambas as câmaras da Legislatura. O Governador (agora Presidente dos Estados Unidos) assinou este projeto no dia 23 de maio de 1884.

Assim (em cumprimento das palavras do Sr. Green), o povo do Estado do Império, em Legislatura reunida, declarou — e a declaração foi vitalizada pela assinatura do Governador — que todos os graus e todos os diplomas conferidos pelo United States Medical College eram e são de igual valor legal aos diplomas conferidos por qualquer outro colégio da União.

Assim, por este ato especial da Legislatura, que se tornou lei ao receber a assinatura do Governador, todos os nossos diplomados ficam doravante protegidos por diplomas expressamente legalizados!

Mas não divulguei uma única palavra da mensagem do Sr. Green a qualquer membro do Conselho de Administradores ou da Faculdade. Eu sabia bem que eram de todas as tonalidades de crença (e dúvida) sobre quase toda a questão vital; e, sobretudo, estavam ceticamente misturados quanto à possibilidade de intercâmbio espiritual.

Eu era, talvez, o único espiritualista de sangue inteiro, de raça pura, ligado ao Colégio; embora, entre as “todas as tonalidades” já mencionadas, houvesse vários meio-termo conhecidos, ou crentes indefinidos. Assim, intencionalmente, lhes oculte todas as palavras que me haviam descido do reino supernal.

Mas, quanto à minha própria conduta nestes assuntos, confesso ter sido em grande parte guiado pelas instruções que recebera.

Em justiça para com os membros da Harmonial Association — para mostrar ao mundo que eram verdadeiros amigos práticos da educação médica liberal — direi que, para sustentar a Cátedra Psicológica no Colégio, pagaram ao Professor o montante anual prometido; compraram e pagaram também 1000 dólares de ações do Colégio; subscreveram 12 000 dólares para o fundo de dotação, dos quais

pagaram em numerário quase 8000; e, além disso, sustentaram generosa e alegremente as reuniões de setembro a junho durante vários anos.

Falando com franqueza, para usos e benefícios pessoais, senti que não precisava da disciplina colegial do estudo; mas precisava justamente de tal escolaridade para maior eficácia em matérias que, num futuro próximo, poderão ocupar muito do meu tempo e energia.

Uma palavra de despedida aos colegiais — passados, presentes e futuros: uma civilização mais elevada descartará toda a escravidão legal e toda a autoridade externa — seja para impedir, seja para promover, a prática da medicina.

Há cinco altos “dons” (para usar uma antiga forma de falar) que nenhum colégio pode conceder — a saber: Pregar, Ensinar, Curar, Pintar, Música. Estes vêm do espírito e vão para o espírito. Todas as outras profissões ou ocupações podem ser adquiridas, em maior ou menor grau de perfeição, por métodos educativos.

Mesmo os “dons” podem ser potencialmente melhorados pelo treino sistemático das faculdades e da pessoa através de quem e por quem se manifestam. Mas que colégio ou legislatura autorizou um certo “bom médico” a curar uma mulher que estivera doente quinze anos? Teve ele o seu diploma registado no cartório do Secretário do Condado antes de tentar expulsar sete doenças (ou demónios) de outra mulher? Os demónios foram os únicos objetos.

O verdadeiro médico nasce. Não é feito por colégio nem por legislatura. A lei pode servir como método de recuperar compensação por danos infligidos; mas não, numa época esclarecida, se proporá cercear os direitos inerentes do indivíduo.

Tens um direito natural de empregar qualquer pessoa que desejes para te servir como médico; e toda a pessoa tem um direito natural de agir para ti nessa qualidade.

Diz-se que, a menos que o médico esteja educacionalmente qualificado e legalmente diplomado para te servir, a tua vida está em perigo. Não mais do que quando compras um bilhete e partes em qualquer caminho-de-ferro ou num vapor oceânico.

... ou, na vossa liberdade, assumi o risco. Se fordes lesados, a lei pode ser útil. Que a mais ampla liberdade nasça no vosso coração. O espírito de Deus é liberdade sem limites. Toda a tirania é diabólica. O Inferno é uma prisão. O Céu é infinitude!

CAPÍTULO XXXVI

MORALIDADE ANTIGA E MODERNA EM CONTRASTE

“TEM FÉ! e a tua fé te susterá;
Não permitas que suspeita e cuidado
Com invisíveis laços te prendam;
Mas suporta o que Deus te dá para suportar.”

A minha relação psíquica (ou da alma) com a triste humanidade — as minhas investigações sobre a constituição da vida interior mais íntima do espírito — a minha familiaridade com a sempre-fluente cheia da morte, que perpetuamente arrasta pessoas queridas para os (para elas) insondáveis abismos do mistério — o meu discernimento das causas, ou dos motivos-fontes da ação humana — como os amores humanos,* tão perfeitos em si mesmos, se tornam tão horríveis quando lançados num estado invertido ou extremo de sentimento e manifestação — tudo isto, e ainda outras considerações, conjugadas, têm o efeito de me trazerem cartas de alguns dos membros mais desgraçados, sem esperança e desesperados da família humana.

Chegam pessoalmente (por vezes), suplicantes, implorantes, em tom de oração — desejando “salvação” da perseguição selvagem, vingativa e incontrolável dos seus outrora amorosos conhecidos, ou pais, e outrora queridos amigos — procurando simpatia e proteção, como um bêbedo que sabe que o seu hábito repugnante é “uma doença”, ou como o homem ferozmente insano que, em momentos de calma e racionalidade, percebe que os seus delírios, violências e atos errados são, na realidade, apenas os “sintomas” de uma perturbação no seu reservatório de forças, por vezes muito para além do seu poder de autocontrolo.

* “O Reformador”, *Grande Harmonia*, Vol. IV, contém as inspirações do autor sobre estes amores maravilhosos.

Estes e outros assim vêm a mim, caro leitor, enquanto eu próprio posso estar a contender e a lutar com perturbações análogas na minha esfera particular. Não vêm apenas da Terra: vêm de Além do Vale. Após a morte, por assassinato ou suicídio, a alma perturbada gravita para baixo para reparar agravos cometidos ou para obter vindicação no mundo onde a vida pessoal começou.

Lágrimas e lamentações neste mundo podem ser suprimidas recorrendo a estimulantes e a excitações ferozes. Mas a alma e o espírito dizem, numa só voz:

“Desprezo esta vida depravada; e não viverei nela mais um dia.” Mas, numa hora, a vida antiga retoma-se.

Para os pais ou amigos de tal filho ou filha, este súbito “regresso aos maus caminhos” parece voluntário, e por isso afastam-se com vexame e deixam que os fogos infernais da ira queimem toda a sua simpatia e tolerância.

Uma jovem suicidou-se no seu décimo nono ano. Estivera sempre de boa saúde; fora bem-educada; reservada nos modos; apreciadora de música e poesia. Um dia, a sua alma ingênua e impulsiva foi capturada por um homem com influências fascinantes. Casaram-se. Muito cedo ela descobriu que se associara intimamente a um companheiro mau.

Contemplou a sua situação com indignação e horror. Em vez de se afastar do marido escolhido — o que a sociedade virtuosa não aprova — cumpriu a expectativa e exigência populares, agarrando-se heroicamente ao seu marido legítimo; pois não prometera ela (rapariga pura, verdadeira, honesta) a Deus, na terrível presença de um clérigo ordenado, que o “amaria, honraria e obedeceria”? Assim, em obediência, como esposa “dócil”, depressa se viu entre personagens de má reputação.

Subitamente, invertido o seu amor, transformou-se em fúria. Bebeu, deu livre curso a todas as paixões, tornou-se violenta e matou-se em menos de trinta e seis meses. Quem se importa? Só os anjos sábios acima sabem que ela continua a ser uma rapariga inocente, nobre e pura. Aqui, na Terra, ela desprezou-se como foi desprezada pelos outros.

Numa das suas últimas cartas a um amante, escreveu: “Quando olho para trás, para as várias mudanças da minha existência, e vejo o naufrágio do que outrora foi puro e bom; quando penso no tempo — há apenas três anos — em que o sangue jovem da minha vida corria alto, em que eu era feliz, tão feliz, amando e crendo-me amada por um homem que tinha em seu poder promover o meu futuro interesse e fazer de mim uma mulher de verdade e virtude, uma que fosse amada e respeitada; mas como usou ele esse poder?

Fazendo de mim a coisa culpada que sou. Esmagou as minhas doces esperanças no chão, lançou-me no meio do vício e da infâmia, conduziu-me por onde eu tremia em caminhar, pôs-me o cálice do vinho nos lábios e mandou-me beber. Eu tinha então apenas dezasseis anos. Chamou-me verde, tola, uma criança, e disse que me educaria — e educou-me, sim, educou-me, e a que preço o servi eu! Vendi as minhas esperanças do céu por uma parte do inferno. Fiz da minha vida uma

maldição para mim; oh, esgotei o cálice da amargura até às borras, e agora vê a consequência!

Vês em mim, temerária, uma prova do que poderia ter sido — e depois culpas-me. Mas terei a minha vingança. Que me importa que a confiança seja traída por meu intermédio? Assim sofreram as minhas; embora corações possam doer, assim doeu o meu; embora vidas possam um dia ser destroçadas, assim foi a minha chamuscada e gelada. Alguém há de pagar pela minha felicidade perdida. Porque não o mundo?

Terei eu, que tenho tão viva apreciação do bom e do belo, tão perfeito sentido do que é puro e elevado, de ver outros deleitarem-se no seu meio, e eu própria ser uma proscrita? Não, nunca. Ainda desfrutarei de tudo isto, embora me tenha custado a honra e possa, por fim, custar-me a vida.” *

Oh, a profunda falta de caridade da virtude popular! Ela é concebida na mais profunda ignorância da natureza interior da alma.

* O meu prudente, correto, “sem pecado” (portanto, sem caridade) interrogador pergunta: “Pois bem, dizes que na vida de todos há um plano de Deus. Agora, senhor, diz-me que bom propósito ou fim vês na vida má e no suicídio desta rapariga?” Respondo: o meu conhecimento não se estende a todos os usos da vida dela; mas conheço um uso: a vida dela e o seu fim trágico fizeram com que este capítulo fosse escrito, e este capítulo pode salvar mil filhos e filhas.

Infligir castigo é o remédio prescrito pelos ministros da velha escola e pelos seus apoiantes ignorantes. Que a sociedade se proteja no espírito de bondosa caridade, não com crueldade e no espírito de condenação evangélica.

As pessoas de coração sábio veem semelhanças e harmonias e gozam-nas com uma alegria indizível; mas os tolos e de coração raso apressam-se a discernir diferenças e dessemelhanças e engendram discórdias dia após dia.

Os contrastes, porém, são indispensáveis e inseparáveis de toda a pintura perfeita. O fundo escuro faz sobressair as iluminações. O sol é vivamente apreciado após dias de trevas.

Apliquemos a regra dos contrastes aos métodos modernos (mesmo de chamados espiritualistas avançados) de promover a “moralidade” e comparemo-los com o método antigo, introduzido pelo homem pálido de Nazaré.

Apenas os pontos fortes desta bela cena apresento.* A história começa assim: —

Ele deixou a Judeia e partiu de novo para a Galileia. E era-lhe necessário passar por Samaria. Foi ao poço de Jacó e, cansado, sentou-se ali cerca da sexta hora. Veio uma mulher samaritana tirar água. Jesus abriu a conversa. Estava inteiramente só com ela naquele lugar retirado — um pedaço de terra que o patriarca Jacó (centenas de anos antes) dera ao seu filho José — estando os seus amigos íntimos ausentes na cidade de Sicar, para comprar carne e mantimentos.

“Dá-me de beber?”, disse ele, em tom de apelo, à mulher desconhecida.

Ela tinha olho para as linhas da fisionomia e respondeu: “Como é que tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim, mulher samaritana, pois os judeus não têm trato com [tais proscritos e personagens de má reputação como] os samaritanos?”

Ela falava com um homem de espírito amplo e, por isso, não sectário e de mente justa. Mas não o sabia, pobre alma cega. Estava tão habituada a ser repelida e evitada pelos judeus virtuosos.

Ele assegurou-lhe, com brandura, que, se ela apenas conhecesse os seus sentimentos inatos de amor universal e imparcial por todos os filhos de Deus — gentios e judeus, pretos e brancos, cativos ou livres — não teria hesitado um minuto. Pelo contrário, garantiu-lhe que ela se sentiria inclinada a pedir-lhe que descesse bem fundo e lhe desse uma bebida que tudo cura.

Mas, enquanto ele a encantava com belas alusões metafísicas às águas espirituais da vida, ela notou que ele não tinha caneca de lata nem outro recipiente. O poço era muito fundo, e ela disse-lhe: “Senhor, não tens com que tirar.”

O homem de universal boa vontade disse: “Quem beber desta água [do poço de Jacó] tornará a ter sede.”

A experiência quotidiana da mulher disse-lhe: “Certamente, desta vez ele tem razão.” Mas ficou completamente aturdida com a observação seguinte: “Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; ela será nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna!”

A noção utilitária apoderou-se de imediato da sua mente prática. Que poupança de tempo e esforço! Era tarefa dura, tantas vezes, correr até ao velho poço de Jacó por cântaros de água para cozinhar e beber. Assim, disse, no seu tom

mais doce de persuasão: “Senhor, dá-me dessa água [que tens descrito], para que eu não tenha sede nem venha aqui tirar.”

A situação tornou-se agora intensamente propícia à transmissão de verdade espiritual. Os seus amigos íntimos, que tinham ido à cidade comprar carne fresca, poderiam voltar a qualquer instante e encontrá-lo absorto em conversa com uma mulher tabu.

Ele sabia que muitos dos seus chamados discípulos eram de cabeça oca e coração tolo. O robusto cavaleiro emplumado, Pedro, era um seguidor impulsivo, teimoso, meio traidor; e Iscariotes, embora fiel quando dentro do círculo magnético dos verdadeiramente fiéis, tinha meia inclinação para deturpar e trair sempre que falava com céticos convictos.

Assim, para se proteger, disse à mulher: “Vai chamar o teu marido e vem cá.”

Ela ficou mais aturdida do que antes. A sua situação era decididamente embaraçosa, mas ganhou coragem (pois sentia que falava com um homem que não era governado nem por opiniões populares nem pelas ideias dos seus amigos) e respondeu, com franqueza e verdade: “Não tenho marido.”

Ficou a tremer, esperando dele um discurso esmagador sobre imoralidade — sobre estar a destruir a superestrutura do Estado e que a sua conduta estava a rasgar os próprios fundamentos de toda a ordem social e virtude — mas, em vez disso, ele apenas respondeu: “Bem disseste: ‘Não tenho marido.’”

Ela sentiu-se imediatamente mais calma. Logo que conseguiu pôr os seus sentimentos em condição recetiva, ele acrescentou: “Tiveste cinco maridos!”

Ela ficou perfeitamente assombrada — que aquele belo, interessante, branco de rosto, estranho despretensioso pudesse ver os factos do seu caso. Mas ficou ainda mais assustada e alarmada quando, de súbito, ele lhe revelou outro segredo, nestas palavras: “E aquele com quem agora vives não é teu marido.”

Imediatamente após esta revelação alarmante, começou a educar as faculdades espirituais da mulher, exortando-a a abandonar as suas ideias estreitas — a acolher no coração a verdade da impessoalidade e imparcialidade de Deus; que “Deus é Espírito” — sem carne, sangue e ossos; que um lugar ou habitação é tão santo como outro, desde que a pessoa que o ocupa seja de mente espiritual. Nesse caso, a alma ampliada naturalmente adoraria e obedeceria às leis do INFINITO UM “em espírito e em verdade”.

A mulher ficou aturdida pela terceira vez. Enquanto falava com o estranho fascinante, e exatamente como ele previra, voltaram os seus discípulos (tão espirituais como o gerente médio de um exército de salvação) e, naturalmente, “maravilharam-se de ele falar com a mulher!” Mas tinham aprendido, por anteriores repreensões bastante severas dele, que era melhor cuidarem dos seus próprios assuntos e não tentarem regular o seu negócio e também “o negócio do seu pai”; e, nisso, com toda a deferência à ignorância e estupidez médias dos seguidores autossuficientes, ele deu-lhes a entender que tinha direito a ser chamado e devidamente respeitado como seu “Mestre”.

** Ver João, cap. iv, do versículo 3 ao 29.*

Se quiseses, continuo a tradução a partir daqui (a frase seguinte começa a meio da cena, após a chegada dos discípulos).

Portanto, nenhum deles interferiu; nenhum disse: “Que procuras tu?” à mulher interessante; nem um homem entre eles tentou investigar o caso, perguntando-lhe: “Porque falas tu com ela?”

Mas, sem dúvida, sentiram-se devidamente “mortificados” ao encontrarem, no regresso da cidade, que o seu Chefe estivera familiarmente a conversar com uma mulher desconhecida — e ainda por cima uma mulher samaritana! “O que é que as pessoas vão dizer?”

Que teriam eles (os discípulos) dito ou feito se soubessem que ela vivera com cinco maridos e vivia agora com um homem “que não era seu marido”? Felizmente, eram tão ignorantes destes factos sociais como eram ignorantes, em geral, de ideias espirituais — ou teriam chamado de imediato o Mestre a prestar contas sobre a natureza precisa e a severidade da linguagem com que a teria condenado de modo suficiente.

Mas ela, completamente vencida pela veracidade das suas revelações clarividentes, aliada ao seu modo terno e à sua bondade amorosa, deixou o cântaro junto ao poço de Jacó e apressou-se a voltar à cidade, dizendo entusiasticamente a todos:

“Vinde, vede um homem que me disse [sem me ralhar uma palavra] tudo quanto eu fiz.”

O meu amável leitor está agora preparado para apreciar o que, nestes tempos modernos — mil e novecentos anos depois de aquele método ter sido manifestado — se chama o verdadeiro, virtuoso, cristão modo de tratar a mulher religiosa e socialmente censurada junto ao fundo poço de Jacó.

A cena é esta: —

Um cavalheiro cansado aproxima-se e toma um assento tranquilo junto aos degraus de pedra. Tira um charuto e começa a fumar. Uma mulher aproxima-se silenciosamente para tirar água. Ele sente-se incomodado, mas diz, com polidez: “Dê-me de beber.”

Enquanto bebe do copo que ela, com graça, lhe oferece, lança um olhar ao rosto dela e reconhece-a de imediato como a Sra. Fracus, “mulher de mensagens”, que vive em Egypt Flats, último andar, quarto da frente, “entre sem tocar à campainha”. Mas, ai!, ela não o conhece. Assim, atreve-se a dizer algumas palavras agradáveis.

Ele lembra-se então, também, de que ela é uma oradora atraente na tribuna espiritualista. Ele próprio experimentara elevações mentais deliciosas quando, anos atrás, assistia frequentemente às suas ministrações poéticas e oratórias.

Mas agora, tendo adquirido uma mente mais virtuosa, não encorajaria uma mulher assim!

Devolvendo-lhe o copo, dispara:

“Onde está esse homem, o Fracus?”

Ela responde que ele está em casa, no escritório, para receber os seus doentes.

“Madame”, diz ele, “eu sei quem a senhora é, raiz e ramo. A senhora foi casada cinco vezes; e agora vive com esse desprezível Fracus, em desafio de toda a lei, ordem e decência.”

Ela, naturalmente, fica consternada. Aqui está um estranho espiritual a contar-lhe “corretamente” tudo sobre os seus assuntos domésticos. Cala-se.

Mas ele prossegue: —

“Deixe-me contar. O marido n.º 1 era um jovem asno gladiatório. Morreu. O n.º 2 foi aquele aventureiro Bartemius. Fugiu para o mar. Se voltar, haverá mais um caso de Enoch Arden. O n.º 3 foi aquele Cícero, de cabelo comprido e meio tolo. A pneumonia deitou-o abaixo depressa. O n.º 4, John Dorcus, fugiu para Indiana, obteve de si o divórcio e agora vai bem como Médico Magnético. Do n.º 5, o velho Joe Eversole, a senhora obteve divórcio por adultério. O n.º 6, esse desprezível Bill Fracus, com quem vive, é ilegal, pese o que pesar.”

A mulher censurada fica, naturalmente, demasiado confusa e assustada para dizer uma palavra em sua defesa. Mas ele, continuando a puxar do charuto, prossegue, virtuosamente:

“Se os apelidos dos seus sucessivos maridos, juntamente com o do seu atual amante, fossem anexados ao seu nome de solteira e impressos, por extenso, no New York Herald, onde a senhora merece ser exposta e desmascarada, ler-se-ia assim: Sra. Amelia Aisop-Bartemius-Cicero-Dorcus-Eversole-Fracus!

“Não, madame — não me venha falar, no seu estilo fascinante, das ‘doces águas da verdade’! Não me venha solicitar ajuda financeira para mandar abrir um poço artesiano espiritual, cujas águas cintilantes, diz a senhora, ‘jorrarão para a vida eterna’! Não venha com as suas encantadoras obscuridades metafísicas!

“Não, madame! Eu sou um espiritualista de alto padrão, puro e simples, e não se esqueça disso. Não há muito de bom na senhora, ou não teria sido casada tantas vezes! A senhora não vale a pena salvar para o Espiritualismo. Que disse Jesus à mulher apanhada em adultério? ‘Vai, pecadora, vai! embora, mulher, para a infâmia e discórdia eternas — embora para o pandemônio preparado desde as fundações do mundo para as hostes de diakka e para todos os espíritos desregrados e anjos caídos!’

“Ufa! mulher — ouça só como soa quando lido em verdadeiro estilo oratório — Sra. Aisop-Bartemius-Cicero-Dorcus-Eversole-Fracus!

“Fora daqui, madame! Saiba que eu sou um limpo, virtuoso, cristão espiritualista!”

Um associado do espírito Galeno, um dia, aludindo à experiência de muitos nos males da sociedade, disse: “Cum fortuna manet, vultum servatis amici; cum cedit, turpi vertitis ora fuga,” querendo dizer que alguns amigos, enquanto a tua fortuna é propícia, te sorriem; mas mudam as tuas circunstâncias e esses mesmos amigos desertam-te e consignam-te à desgraça.

Que o leitor bondoso destas páginas contraste a pose virtuosa do hipócrita com a sublimidade infantil daquela “caridade que não suspeita mal”. Solitário e só estava o homem pálido de Nazaré. Ruidosos e atarefados são os profissionalmente virtuosos.

Para o céu sobem as preces e a pessoa da alma que disse à mulher abatida, adúltera e desencaminhada: “Nem eu te condeno; vai e não peques mais!”

Mas cairão no esquecimento para sempre a memória e os ditos de pessoas que, com indignação assumida, decretam o ostracismo social e os seus castigos infernais mesmo sobre o menor, o mais baixo e o mais vil da humanidade.

CAPÍTULO XXXVII

VISITAS DE FÉRIAS AO CAMPO

“A verdura ondulante rola pela planície,
E o vasto bosque tece,
Para acolher de novo os seus companheiros brincalhões,
Um dossel de folhas;
E da sua sombra que se adensa flutua
Um jorro de notas trémulas.”

Tendo concluído os meus trabalhos oficiais para o colégio, senti-me livre, pela primeira vez, em 26 de agosto de 1884, para aceitar um convite de um residente de Hyde Park, Massachusetts, para o acompanhar numa viagem de férias entre as incomparáveis colinas da Nova Inglaterra.

Chegado à mansão de terras altas deste cavalheiro, lá no alto da Fairmont Avenue, vindo do Depósito de Providence, percebi que uma “viragem” no meu longo caminho pelo vale se encontraria dentro de poucos meses.

“Parece estar de boa saúde”, disse ele, “mas parece-me invulgarmente abatido.”

Ele ouvira que ocorrera algum mal-entendido ou deturpação em Nova Iorque, mas não tinha informação definida quanto à natureza ou extensão. Não respondi. Resolvi que não faria das minhas perturbações tema de conversa. Assim permaneci hermeticamente fechado para com ele durante muitas semanas, até 12 de novembro; de modo que, se estivesse espiritualmente destinado que este cavalheiro tomasse parte na minha história, não fosse de modo algum influenciado pelas minhas opiniões e desejos pessoais.

Sobre a individualidade do Sr. Giles, julgam-se apropriadas algumas observações. As suas contribuições para a literatura do Espiritualismo não assinalaram o seu profundo e prolongado interesse pelo assunto, porque, na maior parte, a sua pena e influência foram exercidas em favor da Liberdade — na consciência, na teologia, na medicina, na política, nos costumes, no casamento, em todos os departamentos da vida individual; mas mesmo sobre estas questões vitais os seus escritos se confinam a alguns ensaios lógicos, jurídicos e muito bem pensados, publicados em forma de folheto.

Foi um estudante aplicado, consciencioso e bem-sucedido na Brown University.* Sob a influência majestosa e a força intelectual do Presidente Wayland,

o Sr. Giles ficou profundamente impressionado não só com as admiráveis pesquisas da ciência e da literatura, mas também com as doutrinas mais profundas da ética e teologia ortodoxas. A grande erudição, sinceridade e nobreza de ânimo do Dr. Wayland gravaram caracteres indelévels nos talentos e temperamento impressionáveis do Sr. Giles; e, ao graduar-se na Universidade, a sua mente possuía uma formação decidida no sentido do mais invencível conservadorismo teológico.

Mais tarde, porém, depois de o Sr. Giles ter adotado a profissão de advogado e se ter tornado um praticante bem conhecido e muito respeitado na cidade de Boston, iniciou um curso de leituras e investigações na Filosofia Harmonial e nos factos do Espiritualismo. Seguiu-se o resultado habitual: ficou perfeitamente emancipado das fortificações da teologia ortodoxa. À medida que se desdobrava nesta nova liberdade, na mesma medida se afastava e denunciava, sem poupar, as correntes populares que por tanto tempo o haviam mantido em cativeiro.

Retirou-se do exercício da advocacia há vários anos, devido à sua constituição física inadequada e saúde debilitada; e, tendo adquirido fortuna suficiente para gozar uma vida tranquila, tornou-se cidadão de uma das muitas belas aldeias de Boston.

* Francis Wayland, LL.D., foi durante toda uma geração Presidente da Brown University, situada em Providence, Rhode Island.

Quadros, retratos e diversos testemunhos de arte e amizade cobrem literalmente todo o espaço apropriado nas paredes desta modesta habitação. Intercaladas entre os quadros e numerosas prateleiras (estas carregadas com os melhores livros de prosa e verso, dicionários, enciclopédias e volumes de saber em inglês, francês, latim e grego) encontram-se pinturas japonesas em painéis, lanternas decorativas e ainda outros arcanos de arte e artifício chineses.

Tudo isto fica perto de Boston* — a reconhecida capital da literatura e da arte; mas está longe de Nova Iorque, a conhecida capital de todo o capital disponível e o centro de pressão progressivamente emergente do futuro dos Estados Unidos.

A vida doméstica deles é simples, elegante e ordeira. A Sra. S. R. H. Giles, sua estimada esposa, é uma senhora de educação superior e fino gosto. As suas contribuições são apreciadas por muitos editores. Gosta de pintar e desenhar da natureza, e o seu amor pela música é a mola mestra da sua rara execução tanto no órgão como no piano.

Em religião, permanece firme e fiel às suas primeiras impressões evangélicas. De modo que, embora me dê invariavelmente um acolhimento bondoso e nunca arrefeça no exercício das suas graciosas atenções, eu sou, evidentemente, hóspede dele durante a minha permanência no seu lar. Mas ambos harmonizam perfeitamente em estender-me as suas generosas hospitalidades.

Eles, em conjunto, um dia, mobiliariam e decorariam apropriadamente uma câmara superior na sua agradável mansão; e, ao meu regresso de uma breve ausência, fui conduzido ao quarto alto, que achei reunir ao mesmo tempo os confortos de um dormitório e os acessórios de um gabinete de estudo.†

Ao dar-te, caro leitor, estas poucas frases sobre o Sr. Giles, explico-te que fui sabiamente conduzido à própria habitação local onde, durante o meu período próximo de retiro de todo o trabalho público, poderia encontrar a proteção necessária, o repouso perfeito e uma completa independência pessoal.

** Uma tarte, sendo circular, representa, como qualquer outro círculo, 360 graus. Em Boston ou arredores, jantando sob ambientes estéticos, fizeram-me a pergunta: “Quantos graus?” Se gostava daquela tarte em particular, eu respondia: “90 graus, se faz favor.” Mas, geralmente, limitava-me a 45 graus! Em Nova Iorque, basta dizer que “quer uma fatia”, e servir-vos-ão com a mesma exatidão matemática! O diakka chamado Notsob tem uma cidade notável idêntica a Boston.*

† O meu amigo Giles, dado a fraseologia poética, chamou-lhe de imediato “A Câmara do Profeta”. Neste salão sob o céu, este volume foi escrito e aqui também foram recebidas comunicações celestes.

A seguinte nota breve do Sr. Giles, que revela o seu coração verdadeiro e fiel, recebi-a numa época de grandes conflitos (ver capítulo XXII), e quando a ternura das suas palavras me pareceu bálsamo dado a um peregrino ferido: —

HYDE PARK, Mass., 31 de dezembro de 1878.

“AMADO A. J. DAVIS:

Esperando que esta nota te chegue no primeiro dia do Ano Novo que se aproxima, eu, embora ausente em corpo, mas presente contigo em espírito, saúdo-te a ti e aos teus com cordiais e amorosas saudações. Se estivesse no meu poder, não só este dia de Ano Novo, mas cada dia subsequente da tua permanência terrena seria sereno, e a felicidade seria o teu quinhão. Mas, muito mais claramente do que eu, sabes que não está no homem que caminha dirigir os seus passos, quanto mais fixar a felicidade de outros.

“Aos teus escritos, aos teus conselhos e sugestões, e ao permitido familiar convívio contigo, devo melhoria do meu espírito, mente e corpo — mais, muito mais, do que posso exprimir...”

Sinto gratidão, e desejo exprimir-te e materializar-te a minha gratidão. Ficaria contente se soubesse como — e se fosse capaz — de te fazer tanto bem a ti, ou por ti, quanto tu me fizeste a mim e por mim.

“Na esperança de que, no futuro, como no passado, me seja concedida a graça de familiar correspondência e amizade contigo, fico, como sempre,
Teu amigo,
ALFRED E. GILES.”

No que precede, o leitor encontrará o verdadeiro fundamento das muitas e agradáveis férias que tenho passado com este erudito e amplamente conhecido cidadão da Nova Inglaterra. Ele nunca hesita, quando a ocasião se apresenta, em sublinhar as suas convicções e em colocar-se em defesa da liberdade individual. Já o vi ser mal compreendido, para seu prejuízo. Mas, por uma longa e íntima convivência com ele, em casa e fora dela, tenho a certeza de que o seu espírito é reverente e amante da verdade, e que os seus hábitos e a sua vida, física e mental, são honrosos, salutareis e puros.

O meu cordial amigo, na plenitude da sua generosidade, desejava que eu consultasse mapas, guias e excursões para turistas às White Mountains; e que fixasse qualquer itinerário que me parecesse mais apto a proporcionar o maior conforto e entretenimento. Agradecendo-lhe, disse: “A minha inclinação vai para um refúgio numa quinta, rodeado de campos férteis, perto de pomares de maçãs, onde possamos ter abundância de leite fresco, manteiga, bagas, legumes, frutas e cereais.”

No dia 3 de setembro, apenas uma semana depois de eu ter deixado a metrópole abafada, chegámos à confortável casa de campo do Sr. George Brooks, um agricultor abastado, não longe da histórica Concord, onde Emerson abriu à humanidade os altos caminhos da verdade e onde os filósofos livres se reuniram recentemente e falaram.

Mas nós recolhemo-nos e vivemos a vida do campo, à boa maneira campestre, durante uma semana. Depois fomos (a 9 de setembro) para a chamada “Wilder Mansion”, perto de Bolton, onde me foi dado o quarto que se diz ter sido outrora ocupado pelo general Lafayette, mas que me interessou ainda mais quando me informaram que fora o local de nascimento de Thomas Wentworth Higginson.

Daí seguimos para Princeton, uma vila histórica elevada, de onde se oferece por toda a parte uma vista pitoresca de montanhas e vales. Deixámos esta elevação atrativa e chegámos ao Hotel Wellesley, a 23 de setembro, onde nos juntou a Sra. Giles; regressando à sua casa em Hyde Park, no dia 31, onde o Sr. Giles e eu permanecemos uma semana.

Ao longo de todas estas semanas, os meus sentidos espirituais permaneceram selados. Nenhuma sensação, nenhum som, nenhum pensamento fora da vida comum. Esta é a vida que a maioria das pessoas vive do nascimento à morte.

A poucas milhas de Boston, na linha de via estreita para Lynn, há uma estância balnear chamada “Crescent Beach”. O Sr. Giles propôs passarmos lá um dia e uma noite. Fomos. A brisa salgada do mar foi um refresco delicioso e um contraste, depois de um mês inteiro de ar campestre.

Sozinho, vagueei para cima e para baixo na praia semeada de conchas, contemplando a rede de fibras finíssimas de algumas plantas marinhas que tinham dado à costa com a maré, quando, eis!, uma voz soou de cima, dizendo: “Anula o laço legal; o tempo há de chegar em breve.”*

Foi no dia 4 de outubro. Depois de ouvir por longo tempo, mas sem obter nada mais, regressei ao hotel. O Sr. Giles percebeu prontamente — pois eu não lho disse — que eu não estava pronto para voltar a Nova Iorque. Na verdade, eu não vislumbrava qualquer mudança possível na minha posição ou circunstâncias. Eu continuava a ser seu visitante, e não lhe dei oportunidade de, no meu caso, “despedir o hóspede que parte”!

Assim, seguindo os seus arranjos, chegámos à casa de pensão da quinta do Diácono Wilson no dia 8 de outubro. Esta casa de campo retirada fica numa elevação perfeitamente pitoresca, a cerca de duas milhas de Wilton, entre as muitas montanhas de New Hampshire.

Outubro andava ocupado a pintar a folhagem dos bordos e das faias; ardiam e coravam com todos os tons e cores brilhantes possíveis; e, ao longe e ao perto, pelas encostas e pelas grandes elevações, a beleza e a glória enchiam a paisagem. Todos os dias eu caminhava até ao correio e de volta, subindo e descendo colinas, ladeado por essas árvores em chamas de beleza.

Regressámos a Hyde Park no dia 22 de outubro. Ainda assim, para surpresa dele, talvez, não fiz qualquer movimento para partir. Então expliquei-lhe

candidamente que eu andava às apalpadelas num vale escuro; e que ainda não conseguia ver o meu caminho, nem qualquer trabalho distinto que exigisse as minhas energias.

No dia seguinte, ele, generosa e muito ternamente, convidou-me a permanecer com eles, e pelo tempo que eu quisesse; que eu teria liberdade de ir e vir, de me juntar a eles na sala, ou de ficar no meu quarto; que era plenamente bem-vindo a continuar hóspede deles até sentir uma atração a chamar-me nalguma outra direção.

Este convite para ficar foi-me expresso com perfeita sinceridade na manhã logo após o pequeno-almoço, em 8 de novembro de 1884; e uma hora depois, enquanto meditava no meu quarto, a bem conhecida voz do guardião Galeno disse: “Podes escrever a Mary que nada te tentará a regressar a Nova Iorque até que tu e ela estejais a caminho da liberdade pessoal legal.”

** O leitor recordar-se-á desta mensagem, registada na longa carta, capítulo XVI.*

O significado e a importância prática desta notável mensagem, dada imediatamente após o Sr. Giles ter expressado a sua generosidade, serão melhor apreciados pelo leitor quando as circunstâncias forem explicadas.

O meu período de férias, desde 1879, fora fixado pelos administradores para começar no segundo domingo de junho e terminar no segundo domingo de setembro. Assim, adiar o meu regresso sem indicar qualquer causa inteligível — estando a minha saúde invulgarmente excelente — causou entre os membros da minha congregação considerável inquietação, e muitos deles começaram, por carta, a instar-me a voltar e a retomar os meus discursos. Não compreendiam a natureza do meu recolhimento — que eu ia Tateando o meu caminho por uma passagem psíquica coberta entre altas montanhas — e, sendo esta experiência intrinsecamente um mistério para a maioria, eu não podia explicar a ninguém, com clareza, a minha posição.

A ponte que ligava o começo ao fim das minhas férias não era visível para os meus melhores amigos. Neste ponto, quando eu não conseguia dar razão definida para prolongar a minha ausência e o meu silêncio, os céus abriram-se e, eis!, desceu uma voz com uma explicação prática.

CAPÍTULO XXXVIII

QUESTÕES DE TEMPO E ETERNIDADE

“Porque este anseio, suspirando sempre assim,
Pelo longínquo, não alcançado e vago,
Enquanto o belo, deitado em redor de ti,
Oferece o seu baixo hino perpétuo?”

Dia após dia, por cartas, ou diretamente das bocas de pessoas sérias que por acaso encontro no vale, chegam inúmeras perguntas.

A natureza humana pergunta naturalmente a partir de todos os departamentos da sua organização. Perguntas físicas nascem de sensações corporais — como calor, frio, fome, sede, fraqueza, peso, carências, paixões, apetites. Perguntas intelectuais procedem de sensações mentais — como ignorância, curiosidade, inquisitividade, desejo de saber, ambição, orgulho, poder. Perguntas afetivas emanam das sensações dos vários amores — filial, fraternal, parental, conjugal e amor-próprio. E a variedade e número das perguntas equilibrar-se-ão exatamente com o número e variedade das sensações de que esses amores são suscetíveis.

Perguntas espirituais brotam, como pombas de asas brancas, das sensações sublimes despertadas nos belos recantos das faculdades superiores.

Por vezes, uma pessoa capaz de formular e compreender uma profunda pergunta intelectual é, ao mesmo tempo, incapaz de perceber e compreender uma resposta espiritual, por causa do seu desenvolvimento desarmónico — possuindo, talvez, superior alcance e poder intelectuais, mas sendo vazia e cega como pedra nas faculdades espirituais.

Esta regra aplica-se, de modo igual e invariável, a todas as outras partes da natureza humana. Nada pode ser mais insatisfatório, por exemplo, do que uma resposta intelectual a uma pergunta que nasceu das faculdades espirituais.

As perguntas significam carências fugazes, ou desejos profundos, ou talvez necessidades absolutas, daquela porção da organização humana de onde emanam. Muito das amargas animosidades, das querelas sem sentido e das perseguições cruéis nas tristes tragédias da história humana se deve a esta única causa: mal-entendidos que surgem do facto de as perguntas serem feitas por um conjunto de faculdades e respondidas (talvez corretamente) por outro conjunto, no qual os

perguntadores eram subdesenvolvidos e, portanto, deficientes — de onde tiravam conclusões injustas.

O intelecto exige argumento, ilustração, factos; as faculdades espirituais apenas necessitam de afirmação clara e da virtude da verdade.

Se quiseses progredir nos caminhos da verdade e da inteireza (santidade), deves aprender a discriminar entre as fontes das perguntas e as fontes das respostas.

Quando o antigo oficial romano colocou ao nazareno pálido, espiritual, a pergunta intelectual “Que é a verdade?”, não foi respondido intelectualmente. Porque o reformador divino compreendia bem que o intelecto não é capaz de compreender as verdades do espírito imortal, que fala, ouve e vê apenas a partir das porções coronais da mente humana.

O velho dito de que “as coisas espirituais discernem-se espiritualmente” continua tão verdadeiro como sempre; e não menos verdadeiro é o outro registo antigo: “cada coisa segundo a sua espécie”.

Entre um grande exame de perguntas, seleciono e respondo às seguintes:

O que é a clarividência?

A visão do olho interior, que pode ser aberto pela sujeição dos órgãos corporais. Esta sujeição pode ser alcançada quer pela morte, quer pelo profundo sono magnético.

Como conversam os espíritos?

O discurso vocal é uma invenção do intelecto. A fala só é espiritual quando flui dos movimentos e emoções do íntimo. Para esses sentimentos não há sons possíveis, nem linguagem escrita.

Os espíritos respiram?

Fluxo e influxo — ou respiração e pulsação — são modos de vida corporal no espírito.

O que é a Ressurreição?

A elevação do espírito acima do corpo. Esta experiência é certa na morte; mas, para os espiritualmente puros, esta exaltação pode ocorrer durante a jornada terrestre.

Como comem os espíritos?

Comem e bebem não com dentes e garganta, mas por inalação, respiração e absorção; exatamente como ouves o som da alma da música e sentes a beleza do coração do belo.

A memória é imortal?

A recordação de sensações físicas é perecível. Memórias imperecíveis são mudanças ocorridas no progresso do espírito.

O que é a Terra do Verão?

O céu onde a primavera e a abundância de colheitas são perpétuas. Circunda e ofusca uma imensidão de mundos habitados, cada um dos quais é um vestíbulo espiritual para o templo infinito “não feito por mãos”.

O que é a Terra?

Uma terra é um planeta onde o espírito imortal, pela primeira vez, recebe permanentemente a “imagem e semelhança” dos Pais Infinitos.

O que é a verdade?

A verdade é a integridade imutável e eterna dos Pais Infinitos. Quem vive e fala em harmonia com essa integridade vive e fala em unidade com a vontade e o amor imutáveis de Deus.

Quem são os Pais Infinitos?

A sabedoria infinita chama-se “Deus” e o amor infinito chama-se “Natureza”.

O que é, então, a matéria?

A substância material é a expressão ou condição mais externa e mais lenta do espírito.

O que é o espírito?

Espírito é o nome que damos à expressão ou condição mais elevada e mais sublime da substância.

O que é a vida?

Quando a essência imortal começa a revestir-se das primeiras formas de animação, chamamos-lhe “vida”.

O que é o amor?

O amor é a flor perfeita da vida. É superior à vida porque é consciente da sua própria consciência — o Sol que brilha sobre tudo e em tudo; e que aquece tudo até florescer com beleza imortal.

Pode o amor governar-se a si mesmo?

Sim, em última instância; porque a sabedoria é a flor perfeita do amor. Tudo o que é consciente de si é capaz de autogoverno.

Como aparece um espírito?

Um espírito aparece invariavelmente em forma humana, mas com rosto e vestes exatamente indicativos da condição e estado das afeições. Os anjos mais elevados nunca aparecem com vestes exteriores.

Pode um espírito enganar?

Um espírito verdadeiro e puro não pode. Mas as belas-artes, bem como as artes mágicas da psicomетria psicológica, são praticadas por certos espíritos intelectuais sobre os suscetíveis na Terra.

O intercâmbio com espíritos é benéfico?

Sim, quando é mantido sobre uma base pura e desinteressada. Nada pode ser mais produtivo de dano quando é procurado para promover vantagens mundanas. A pena pode tardar em chegar, mas é certo que cairá sobre o malfeitor.

O que é o egoísmo?

Aquilo que promove o teu próprio poder pessoal e o teu bem-estar à custa das justas posses dos teus semelhantes.

É egoísta procurar desenvolvimento?

Não; porque a melhoria da tua condição é um benefício conferido à humanidade; e, especialmente, o teu desenvolvimento superior é uma bondade concedida a todos os que contigo convivem ou têm relações contigo.

Quem são os verdadeiros espiritualistas?

Os que procuram primeiro o reino da verdade que está no espírito.

Quem são os materialistas no Espiritualismo?

Os que procuram exclusivamente as demonstrações maravilhosas, que os espíritos executantes e os seus médiuns gostam de exhibir, sem fins nem propósitos nobres.

Opões-te a essas demonstrações?

Não, quando são procuradas como provas positivas de uma vida humana natural após a morte.

As pessoas procuram-nas com algum outro fim?

Sim; milhares de pessoas que há muito foram libertas de toda a dúvida quanto à imortalidade continuam a visitar os círculos de materialização como espécie de dever religioso ou passatempo.

Qual é a pena?

Todos os levianos são punidos, por fim, ao encontrarem enganos e artimanhas desconcertantes suficientes para os levarem a perder toda a sua anterior fé deliciosa. No fim, portanto, todo o seu assim chamado “conhecimento positivo” acerca da imortalidade escapa-se da mente como a areia movediça que estava sob a grande casa junto ao mar.

Como nos tornaremos espirituais?

Procurando sabedoria quanto ao alcance e significado dos princípios eternos; e vivendo, tanto quanto possível, neste mundo, em harmonia com tais princípios.

O que são princípios eternos?

Verdade, Amor, Justiça, Beleza, Liberdade, Crescimento — estes são princípios, e também a fruição de princípios, que venceriam todo o mal e enchê-lo-iam mundo de doce alegria: paz, felicidade.

Uma outra, e totalmente diferente, série de perguntas surge dos vales sombrios. Algumas delas (como a seguinte) são da mais alta importância para o progresso humano: —

A loucura continua a afligir as mentes após a morte?

Como princípio fundamental para compreender a origem, a natureza e a duração do erro, da doença, do mal e do crime, debes ter isto presente, a saber: a saúde é o certo, a doença é o errado; o bem é positivo e permanente — o mal é negativo e fugaz; a justiça é inerente e eterna — o crime é aderente e temporal; e tudo isto é verdadeiro porque o Deus absoluto e imutável (o BEM) vive em todos os centros e abrange todas as circunferências, contra quem e contra o qual nenhuma influência ou personalidade demoníaca pode, por muito tempo, contender com êxito.

Aceitando o que precede como princípio de juízo, o leitor está plenamente preparado para responder à sua própria pergunta — no sentido de que, embora

defeitos e perturbações mentais possam sobreviver à sepultura por algum tempo, não o fazem, porque (pela sua própria natureza) não podem continuar por muito tempo a afligir o indivíduo na Terra do Verão.

Não são os insanos possuídos por espíritos maus?

Os espíritos maus que causam e alimentam estados de loucura são, simples e somente, aqueles “elementos” psíquicos desarranjados e perturbados que existem em cada indivíduo, entre o espírito mais íntimo e o corpo físico exterior.

O que são esses elementos, expliquei-o noutro lugar; assim como que função desempenham durante a vida e após a morte.* Que esses elementos são os demónios potenciais, os espíritos maus, as mentalidades depravadas, que são a causa e o suporte imediatos da loucura, pode ser demonstrado estudando analiticamente as várias causas remotas e próximas que resultam em perturbação mental. Exemplos ilustrarão o meu sentido: —

Primeiro exemplo: Uma senhora, notável pela delicadeza da fala e pelo requinte do porte, tornou-se subitamente obscena na linguagem e vulgar na conduta. E porquê? Por causa da perturbação dos princípios espirituais (ou “elementos”) em toda a sua organização — causada por uma febre puerperal ardente, que sobreveio muito pouco tempo depois de dar à luz o seu primeiro filho.

** Ver o volume intitulado O Templo.*

A sua insanidade foi súbita e violenta, e parecia como uma infestação de inteligências diabólicas.

Inverteu imediatamente as manifestações do seu carácter doce, refinado e espiritual.

E dessa inversão brotaram obscenidade, blasfémia e comportamentos chocantes.

Em três semanas foi curada por tratamento magnético, o qual restabeleceu plenamente o equilíbrio perdido.

Se tivesse morrido naquele estado, as maravilhosas transformações químicas da morte tê-la-iam igualmente curado; de modo que, à sua chegada à Summer-Land, amada e assistida pelos seus gentis guardiães, o único sintoma remanescente teria sido a debilidade causada pela doença; pois é impossível que a doença, ou qualquer outro mal, quanto às suas causas produtivas e perpetuadoras, sobreviva às radicais mudanças químicas e psíquicas que invariavelmente ocorrem na separação final da alma e do espírito unidos do organismo formativo terrestre.

Segundo exemplo:

Um homem de meia-idade e instrução razoável foi violentamente atirado do cavalo; ao bater com a cabeça, o crânio ficou contundido e ligeiramente deprimido sobre o cérebro.

Contudo, o crânio não se fraturou e, em poucas semanas, parecia estar tão bem como antes.

Subitamente, porém, numa manhã, surpreendeu a esposa dedicada e a família com uma manifestação de carácter e disposição inteiramente diferente.

Antes do acidente, o seu temperamento era afetuoso, gentil e bondoso, em grau assinalável, e era indulgente e caridoso para com todos.

Agora, porém, os seus sentimentos tornaram-se cruéis e amargurados, e os seus pensamentos enchiam-se das mais negras suspeitas.

Em poucos dias afastou-se dos amigos mais íntimos; tratava brutalmente a esposa e os filhos; e precipitou-se na mais repugnante intemperança, embora anteriormente se tivesse absterido conscienciosamente de todas as bebidas alcoólicas.

Tornou-se obstinado, combativo e ingovernável.

«Espíritos malignos», dizia ele, seguiam-no, torturando-o e tentando-o, dia e noite.

Queixava-se também de influências infernais que lhe invadiam todo o corpo.

Foi levado, a contragosto, para o asilo, e considerado pelo médico como irremediavelmente louco.

Por fim, porém, mediante a insistente solicitação e influência de amigos abastados, o cirurgião trepanou o crânio, aliviando a «ligeira depressão» causada pelo acidente; e eis que, em menos de um mês, este chamado «homem perseguido por espíritos malignos», este homem vingativo, brutal e amargurado, recuperou a maior das bênçãos humanas — recuperou a sua antiga razão equilibrada!

Outras bênçãos se seguiram; pois, com o regresso da sua natural bondade de carácter, a esposa amorosa e a família foram-lhe restituídas; e o lar também foi plenamente recuperado, que a sua desgraça mental e brutalidade selvagem haviam tornado tão terrível e desolado.

Que lição retiramos destes dois exemplos?

Ambos são exemplos de lesões cerebrais.

Centenas de casos desta insanidade traumática são conhecidos pelos médicos esclarecidos.

Estes dois casos ilustram o princípio dominante:

Que qualquer perturbação dos princípios espirituais (isto é, dos «elementos» vitais ou psíquicos entre o corpo e o espírito) é certamente seguida por doenças e insanidades, quer físicas quer mentais.

E a lição adicional é que tais doenças e insanidades são, ou podem ser, causadas por acidentes (discordâncias) resultantes da desordem das funções vitais, ou podem resultar de uma predisposição hereditária infeliz.

Em suma, a insanidade, seja física seja mental, é da terra, terrena.

E é pouco menos que superstição flagrante (ou ignorância deliberada das causas terrestres) afirmar e acreditar que espíritos malignos originam tais perturbações pessoais.

Mas não são frequentemente os loucos médiuns?

Sim; nada pode ser mais certo (e os médicos não podem dar-se ao luxo de ignorar o facto) do que o de que os loucos são «sensitivos» num grau refinadamente doloroso.

Este elevadíssimo estado de impressionabilidade nervosa desenvolve nos sofredores aquilo a que chamo «mediunidade psicológica», pela qual a pessoa insana experimenta (de forma exagerada) as reais condições espirituais, mentais, sociais e físicas dos indivíduos próximos.

E as horríveis sugestões, sensações e personificações mentais que daí resultam são frequentemente chamadas pelo louco de espíritos malignos, demónios, bruxas, etc., os quais (acredita plenamente) vêm com o propósito funesto de o tentar, atormentar e torturar na sua condição de cativo e desamparado.

Qual é, então, o verdadeiro tratamento para os loucos?

Já desenvolvi plenamente esta questão no volume anteriormente referido; mas acrescentarei aqui que, devido à intensa impressionabilidade psicológica acima explicada, é uma desumanidade imperdoável confinar e tratar os loucos com violência; e é, pela mesma razão, a mais elevada expressão de brutalidade erudita obrigar uma pessoa mentalmente doente a passar as horas horríveis em contacto estreito com mentes igualmente desarmoniosas.

O verdadeiro princípio de cura é magnético e progressivo nos seus detalhes.

Este magnetismo curativo pode ser comunicado sob a forma de alimentos e bebidas, e administrado, como medicina invisível, através do toque curativo da mão humana amiga e afim.

Mas não se estendem outras formas de insanidade para além da sepultura?

A principal causa de grande parte da insanidade humana é o Individualismo Anormal.

Mas o remédio nasce com a própria doença.

O individualismo saudável — uma mente bem equilibrada, verdadeiramente esclarecida, autossustentada e reverente — evoluirá certamente com o tempo (após a morte).

Assim o ensina o princípio infatigável do progresso.

Um homem pode morrer nas insanidades do individualismo anormal; assim como pode morrer com os paroxismos da hidrofobia a percorrer toda a constituição molecular dos seus fluidos corporais; mas imaginareis, por isso, que ascende ao Paraíso delirando com qualquer dessas perturbações?

É verdade que os efeitos e defeitos consequentes das perturbações espirituais acompanharão o indivíduo na sua jornada pós-morte, e durante algum tempo farão parte da sua fraqueza e marcarão a sua imperfeição; mas a Ordem Divina — o grande Bem positivo — é progressivamente triunfante em todas as esferas ao longo dos anos eternos, e a saúde e a integridade (santidade) acabam por reinar supremas sobre as miríades de formas de doença e miséria nascidas da terra.

Mas que sucede aos «elementos» espirituais que causaram a insanidade?

Os elementos vitais e psíquicos, no momento da ressurreição final — que ocorre sobre cada leito de morte — deixam instantaneamente as corrupções abaixo e entram diretamente na constituição do corpo espiritual incorruptível.

Transportam eles os germes e causas da doença para o corpo espiritual?

Esta pergunta responde-se melhor com outra:

É a doença ou a insanidade inata?

São os átomos essencialmente depravados?

São os elementos intrinsecamente corruptos?

Se não (e deveis saber intuitivamente que não o são), segue-se que devemos procurar as causas na esfera das relações — isto é, deve haver algo errado nas relações entre sólidos e fluidos, ou um erro nas funções dos órgãos e das forças.

Por exemplo, na hidrofobia, as perturbações existem nos «elementos» ou (na nossa linguagem) nos princípios espirituais que ligam espírito e corpo; mas, aprofundando a investigação, encontramos uma alteração real na constituição molecular das influências corporais do paciente.

Aprofundando ainda mais, verificamos que essa alteração foi causada por um veneno superficialmente introduzido e superficialmente absorvido.

E, abrindo caminho lentamente até às raízes dos sistemas membranoso e nervoso, este veneno reconstruiu (alterou) rapidamente os fluidos e forças em termos relativos; então, inesperadamente, surgem os horríveis sintomas de uma insanidade — meio nervosa e meio mental — que rapidamente altera os sentimentos, inverte os pensamentos e transforma as manifestações de carácter do infeliz indivíduo.

Assim, a perturbação espiritual é profunda.

Qual foi a causa?

A minha resposta é: primeiro, um animal gerou, por uma indigestão prolongada, um alcaloide venenoso que saturou os seus fluidos corporais.

Segundo, num momento de frenesi insano, esse animal, por intermédio da saliva e dos dentes, injetou esse alcaloide nos fluidos circulantes de um dos nossos mais gentis, cultos e melhores cidadãos.

Terceiro, este veneno permeia e penetra todos os «elementos» vitais e psíquicos que existem e atuam momentaneamente entre o corpo exterior e o espírito interior.

Quarto, as relações harmoniosas anteriormente existentes são rompidas — as alterações moleculares ocorrem silenciosa e progressivamente — e eis que, subitamente, o até então tranquilo, amável e refinado concidadão se transforma num animal humano uivante, mordaz e perigoso!

Direis que se tornou médium para manifestar as brutalidades e maldade de um canídeo maligno?

A hidrofobia não é, afinal, senão uma insanidade paroxística — assim como quase toda a forma de insanidade (com poucas exceções) é apenas uma espécie de psicofobia prolongada.

E, na morte, quando o veneno se torna impotente — quando as alterações anormais na constituição molecular dos fluidos e elementos já não podem perturbar as relações entre corpo e espírito — não vedes que as causas da insanidade morrem com o corpo?

Não observais que apenas os efeitos e defeitos das tristes experiências — não as potências perpetuadoras das mesmas — acompanham o indivíduo para além do vale, para a vida que viverá acima da terra?

E, visto que as causas terrestres não entram, porque não podem entrar, no Paraíso, também os efeitos e defeitos, desprovidos das causas que os manteriam vivos, começam a decompor-se e finalmente desaparecem da vida e do carácter do indivíduo.

CAPÍTULO XXXIX

OS FUNDAMENTOS DO CÉU E DO INFERNO

«A Ti, cujo templo é todo o espaço,
Cujo altar é a terra, o mar e os céus,
Que todo o Ser eleve um só coro!
Que suba o incenso de toda a Natureza!»

Os olhos interiores de Swedenborg penetraram nos mais profundos segredos das bem-aventuranças celestes, em contraste com a lúgubre miséria do estado infernal.

Ele transmite a verdadeira filosofia das condições mentais e espirituais opostas.

Um dia, um cavalheiro de espírito doce e melancólico procurou-me para conhecer as minhas impressões acerca do Céu e do Inferno.

Ao longo dos vales, dia após dia, encontro almas melancólicas.
Algumas choram o Passado; outras receiam o Futuro sombrio.

A humanidade tem sofrido mais de males imaginários do que de todas as causas reais de tristeza combinadas.

Na Cristandade, o assunto mais solene é a «condenação e os mortos»; ou, qual será o destino eterno de uma grande parte da família humana?

Há «mal»; portanto, há malfeitores.

Há «vício»; portanto, há caracteres viciosos.

Há «pecado»; portanto, há pecadores.

Há «crime»; portanto, há criminosos.

O Céu é bom demais para tais pessoas; portanto, existe um lugar apropriado para os ímpios, e chama-se «Inferno» — a penitenciária eterna do Senhor.

É extremamente importante escapar-lhe; e é perfeitamente natural desejar a «salvação» dos próprios filhos e parentes queridos; por isso, os homens constroem igrejas, obedecem às regras fundamentais da salvação, escritas no catecismo, contratam pregadores e praticam religião e também moral, tanto quanto possível.

Instintivamente, toda a mente pensante acredita que a felicidade eterna é o destino justo dos alegados «virtuosos», dos «puros» e dos verdadeiramente «justos».

Está claramente escrito em certa Bíblia que «os ímpios irão para o castigo eterno», enquanto os justos e perfeitos «entrarão na vida eterna».

Na mesma Bíblia está igualmente escrito que o Senhor «não tem prazer na morte daquele que morre» — o que, visto sob a melhor luz, não passa de um interesse negativo e impotente pelo destino dos ímpios.

Os pregadores asseguram-nos solenemente que, no seu coração, o Senhor deseja a perfeição e a felicidade de toda a alma humana.

«Convertei-vos e vivei» — é o conselho amistoso do Criador.

Ele diz, na prática:

«Meu filho, não quero que vás para o inferno. Não! não! Pelo contrário, minha alma querida, preferiria ter-te comigo no céu — nos jardins sempre verdes da alegria e da bem-aventurança perfeitas — mas que posso eu fazer? O melhor que posso é abrir-te um caminho e apontar-te a porta estreita.»

Estes males imaginários afligem centenas de milhares de homens e mulheres honestos, fracos de espírito, desesperançados e naturalmente inclinados ao desespero.

E é verdadeiro amante da humanidade e seu mais sábio amigo aquele que ajudar a lançar por terra estas horríveis doutrinas.

Que todo o mundo das pessoas de bem una as suas forças no esforço de derrubar os prodigiosos templos do erro.

E, contudo, como filósofos espirituais, devemos contemplar o facto de que existem males, pecados, perversidade e crime; e, como filantropos, não podemos reprimir sentimentos de simpatia e solicitude pela condição triste de uma grande parte da raça humana.

A existência pessoal de um ser humano é um facto que envolve e desenvolve um mundo de problemas perplexos.

Quando começou este facto humano?

Nenhuma mente pode compreender plenamente, em detalhe, quando ou onde, ou por que cadeias de causas e efeitos.

No corpo do homem encontramos vestígios das miríades de massas de órgãos instrumentais através dos quais ele foi fisicamente evoluído; e encontramos nas suas faculdades mentais — e mais obviamente nos detalhes das suas propensões e apetites — traços distintos das mentalidades precedentes e das potencialidades vitais que lhe serviram de progenitores.

A existência pessoal de um homem ergue-se como um facto sobre a montanha de causas incontáveis.

Ele é o resultado imediato da união de um homem e de uma mulher; mas quem pode contar as inumeráveis formas e forças que, atuando no pai e na mãe e através deles, culminaram na sua vida individual?

Este problema perplexo, encontrado à própria porta da vida individual, é a base de todos os templos existentes do erro e do medo.

Nesses templos, sacerdotes contratados, ministros e médiuns da superstição governam as mentes fracas como com vara de ferro.

O Swedenborg portador da Bíblia — caminhando pacientemente como um camelo carregado através do árido deserto da velha teologia — impõe o jugo do desespero sobre o indivíduo mal orientado.

Ele resolveu o enigma do inferno, como supôs, sem comprometer os atributos de Deus.

Ensinou que o Criador dotara a alma humana de «liberdade» e de «racionalidade».

Isto é aceitável como dogma doutrinal; mas não resiste à luz da ciência e do facto.

A doutrina poética de que —

«A alma é o seu próprio lugar, e pode fazer

Um céu do inferno, um inferno do céu» —

é filosoficamente falsa; e, contudo, esta falsa concepção da liberdade da vontade do homem e do seu poder inerente de criar e perpetuar o mal é considerada doutrina perfeitamente sã na teologia.

Os teólogos mais rigorosos admitem que o poder do homem de agir neste mundo é limitado; mas sustentam que o poder de escolher — a eleição entre o bem e o mal — é um produto da racionalidade e da vontade individuais.

E sobre esta última suposição todos os profundos teólogos da Cristandade, incluindo os seguidores de Swedenborg, fundaram e, arquetonicamente, construíram as intermináveis mansões do inferno.

Mas digo-vos que o homem não é livre — não é livre sequer para escolher, exceto na medida em que as suas faculdades foram cultivadas para ver, e o seu coração é intuitivo para compreender; mas tal cultura e tal intuição são, na maior parte dos casos, efeitos da sua herança e das circunstâncias que o rodeiam.

Os anjos não são formas de afetos puros, nem os demónios são formas de afetos maus.

A verdade é que «anjos» são os nomes que damos a pessoas que vivem nos planos mais elevados da vida, e «demónios» são os nomes que damos às pessoas, onde quer que existam, que geram mais discórdia do que harmonia.

E, na medida em que cada um de nós, no quotidiano, emite cem discórdias por cada som harmonioso, não seria um uso injusto da linguagem chamarmo-nos uns aos outros «demónios», e nunca «anjos».

Na verdade, não somos nem anjos nem demónios; pois somos filhos da mesma Fonte Central de Amor e Sabedoria — apenas nascidos, excessivamente juvenis em tudo, transbordando de impulsos indisciplinados — meras promessas, dificilmente douradas; e, no entanto, todos vamos envelhecendo e avançando irresistivelmente ao longo da grande estrada para o melhor e para o ótimo.

O fundamento do inferno no homem é a sua mente — as suas afeições, as suas paixões, as suas propensões voluntárias para gerar discórdias; assim

também o céu do homem se funda na sua mente — no seu amor pela verdade, na sua pureza, na sua justiça, na sua paz e na sua boa vontade universal.

Mas não é verdade sustentar que o homem seja, individualmente, o criador da sua miséria, por um lado, nem que seja o autor da sua felicidade, por outro; porque, se olhardes atentamente, vereis que «nenhum homem vive para si» — que ele não vive sozinho entre causas e efeitos como seu senhor e mestre — mas que o homem é apenas parte de um todo estupendo e tem de mover-se com o todo.

No tornado de febre amarela no Sul — que era o indivíduo, homem, mulher ou criança?

Uma simples palha no sopro da pestilência.

Nova Orleães estava carregada de veneno proveniente das fontes de corrupção; o mesmo sucedia com Memphis e com outras localidades que acolheram e entretiveram o visitante mortal; e o inferno individual — a grande massa de sofrimento para além de toda a expressão — foi uma evolução da estação, da situação e das circunstâncias, tudo combinado.

Assim também nas cidades. O inferno do indivíduo é a discórdia acumulada das causas e efeitos na sociedade, dentro dele e fora dele.

Ele é parte da irresistível máquina social; parte da vida política positiva; parte do rio interminável da vida humana, que reflui e afluí em todos os canais, tanto do bem como do mal.

E assim o homem, como parte e não como criador, como médium e não como força original, experimenta todo o inferno que alcança a sua consciência; e assim também o homem goza do pouco céu que consiga insinuar-se, por entre as malhas das discórdias, até ao seu coração expectante.

Portanto, se deixardes a vossa razão conduzir-vos com inteligência aos planos mais elevados — para lá do túmulo, até às vastas esferas espirituais que cintilam sob as estrelas — vereis uma verdade: é que o indivíduo está no inferno ou no céu em certa medida, de acordo com a sua condição real e com o que o rodeia.

As suas faculdades de vontade e racionalidade são factores importantes, mas não são causas — não são criadores projetantes — dos seus companheiros e do seu cenário no Paraíso.

A racionalidade e a força de vontade do homem, repito, são agentes e factores inseparáveis no desdobramento e fixação da sua condição e experiências presentes e futuras.

A perpetuidade do inferno à esquerda e a duração do céu à direita não dependem do indivíduo; mas tudo quanto possa haver de verdadeiro nestes termos depende do sistema da Mente Divina, que é «harmonia não compreendida».

Caro leitor, permiti-me que vos imprima isto: a nossa humanidade comum foi e é tornada indizivelmente miserável pela influência de falsas doutrinas sobre a natureza e a extensão da responsabilidade individual e sobre a possível existência de um inferno no mundo futuro.

Resolvamos, pois, fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para remover da mente humana estes falsos ensinamentos; e, assim, façamos a nossa parte para alumiar o coração humano e libertar milhões destas tristes antecipações e destes males imaginários.

CAPÍTULO XL

NASCIMENTO DE UM VERDADEIRO SALVADOR

«Ó Deus! nosso auxílio em eras passadas,
Nossa esperança para os anos vindouros,
Nosso abrigo contra o vendaval da tempestade,
E o nosso lar eterno!»

«Vê que fracasso é a raça!» disse um vizinho verdadeiramente religioso, ao estender a mão fraterna, na noite de Natal de 1884, perto da residência onde ainda me era permitido permanecer.

«A menos que venha o milénio», continuou ele, «que está prometido, quando o Senhor reunirá os seus de todas as nações da terra, não vejo fim para a discórdia, a guerra, a doença e a miséria.»

«A minha alma inteira», respondi, «reza pela era da paz na terra. Gostaria que o espírito onipotente do Senhor viesse imediatamente. Mas, meu amigo», acrescentei, «é minha impressão que a “era de paz” vem apenas para a alma privada e dentro dela; que não vem, nem virá, por meio de uma vinda literal do Jesus pessoal.»

Pensei que o meu amigo sincero não apreciou a minha impressão. Mas, sendo tempo de Natal, pareceu-me apropriado considerar o assunto de forma abrangente.

Assim, para tratar o tema com justiça, que o leitor venha comigo por esta linha de meditação.

Entendamo-nos e evitemos, assim, a discórdia mental e a consequente luta de sentimentos.

Desejando a vossa emancipação incondicional da superstição, não pretendo privar-vos de coisa alguma que seja verdadeiramente — e essencialmente — sagrada.

Temos agora poucas festas e demasiados dias de servidão e desânimo.

Eu desejaria, portanto, tornar a vossa vida mais sagrada; e, para esse fim, desejo que todos os dias sejam um sábado, cheio de liberdade e cheio de alegria.

A lei e o costume dão-nos cinquenta e dois domingos por ano.

Mas eu autorizaria a humanidade a desfrutar, doravante, de duzentos domingos por ano; e instaria à adoção final de cada dia como «sagrado», dando assim trezentos e sessenta e cinco feriados, durante o tempo em que a terra dá uma volta completa ao redor do glorioso Sol.

Mas que direi dos dias especiais?

Não há dias mais luminosos, mais amáveis, mais sagrados, mais memoráveis do que outros?

Em verdade, há tais dias na vida do indivíduo; e também na poderosa vida do mundo humano.

E, em seguida, passaremos a considerar este facto.

Milhões de cristãos aceitam o Natal como o aniversário do nascimento do Salvador do mundo.

Mas o facto de existir o dia é uma coisa; e a certeza do acontecimento de que o dia é suposto aniversário é outra questão.

Não existiu, entre os cristãos, qualquer dia chamado «Natal» até ao começo do segundo século.

E só no quarto século houve algum acordo acerca do nascimento de uma personagem chamada «o Salvador».

Quanto mais os líderes cristãos se afastavam do feriado que decidiram nomear e celebrar, mais se tornavam definidos, mais certos, mais dogmáticos e mais legisladores.

Cerca de quatrocentos anos após o acontecimento, os principais eruditos e teólogos das igrejas do Oriente e do Ocidente realizaram uma convenção — após muita investigação das tradições e histórias de tempos e lugares — e, por fim, resolveram unanimemente que o «Salvador do Mundo» nascera numa manjedoura, por volta da meia-noite, a 25 de Dezembro; e assim temos o que universalmente se denomina Natal.

Mas tão incertos estavam os primeiros Padres quanto ao facto (de tal nascimento) que as festividades foram muitas vezes marcadas nos meses de Abril e Maio.

Acabou, contudo, por se verificar que os homens que menos sabiam dos factos presumiam saber mais; e assim o mundo religioso avançou dogmaticamente.

As igrejas das diferentes seitas na América celebram o Natal com as austeras solenidades legadas pelos severos puritanos.

Os de Plymouth Rock, na Nova Inglaterra, cerravam o sobrolho aos alegres folguedos, às brincadeiras e aos cânticos, às ornamentações de verdura, e às celebrações ruidosas, que tiveram origem e durante muito tempo foram populares tanto na Alemanha como em Inglaterra.

Na velha Inglaterra, acreditava-se geralmente que, uma vez que o Salvador nascera na presença de gado, todos os bois do mundo se ajoelhavam em cada véspera de Natal!

Em pinturas desses tempos representavam-se um boi e um burro em atitude suplicante, porque se acreditava que estes animais domésticos tinham estado presentes no nascimento na manjedoura.

Esta conceção tem sido fecunda em exemplos, se julgarmos pela longa linha de crenças acríticas que ajudaram a perpetuar um acontecimento sobre o qual nenhuma alma humana jamais teve — nem jamais poderá ter — a menor partícula de conhecimento absoluto.

A verdade é clara: para o crente de mente literal, o 25 de Dezembro (Natal) é um facto religioso literal; enquanto, para o de mente espiritual, o acontecimento chamado «o Nascimento de um Salvador» é significativo de um possível facto interior — isto é, um acontecimento que pode ocorrer, e que deveria ocorrer frequentemente, na história mais íntima do coração individual.

Para uma classe em cada comunidade — para os cristãos de toda a seita e matiz — as manifestações físicas registadas como ocorridas no nascimento, as assombrosas maravilhas vistas nos céus acima e na terra abaixo, são as provas oculares e históricas da origem milagrosa e das pretensões sobrenaturais do Cristianismo.

Para outra classe, em toda a comunidade culta, o verdadeiro e único Natal possível é aquele dia e hora em que uma nova verdade elevadora, um princípio salvador, se revela de súbito — talvez na vida privada, talvez no coração de toda a fraternidade humana.

Tal Salvador, quando plenamente nascido, traz um verdadeiro Natal ao espírito.

Tal Salvador santifica para sempre toda a vida privada e pública e constitui o único fundamento seguro e firme sobre o qual pode ser erguido o templo eterno de uma verdadeira Religião Espiritual — a Igreja eterna...

«Natal» é o nome do dia designado pelos primeiros teólogos cristãos em que o Senhor do céu fez a sua primeira aparição entre os homens.

Mas, após um lapso de quase dois mil anos, soa um novo alarme.

Cristãos materialistas reuniram-se, não há muito, num dos nossos templos mais ricos, dedicado ao serviço «do manso e humilde».

Estes eruditos senhores compuseram uma nova, ou repararam uma velha, tábua da plataforma cristã: a segunda aparição do Senhor do céu e da terra, em perfeito corpo e carne, nas nuvens (a menos que se prove ser um dia sem nuvens), com grande poder e grande glória.

Um grande grupo de crentes puramente evangélicos — um grupo extremamente aristocrático e completamente formado em colégios — surgiu recentemente à frente com este anúncio que dilacera a alma, ao pecador.

Caro leitor, já perguntaste a ti mesmo: por que razão a vinda de um gentil filho do Altíssimo é universalmente temida?

Por que temer o advento do Mestre eterno do amor universal e da boa vontade para com o homem?

Naturalmente, esperaríamos sinais premonitórios como, por exemplo, o cessar da discórdia entre partidos políticos opostos; o rápido abrandamento de todas as animosidades entre vizinhos; o desenvolvimento súbito de afeto entre inimigos de longa data; e a imediata abolição de todas as diferenças prevaletentes entre seitas na Cristandade — amor adornado com paz universal!

Em vez de tais sinais, porém, dizem-nos alguns senhores (que na realidade nada sabem sobre o assunto) que a segunda aparição do Senhor será anunciada por uma série das mais horripilantes e trovejantes transformações.

Sabemos que há um bom número de estudantes da Bíblia que encontram alívio do medo destas catástrofes físicas lendo um sentido figurado ou espiritual na letra dos Testamentos.

Mas tais leituras não libertam a grande multidão de crentes bíblicos, que dizem: «Deus deu-nos as suas palavras e promessas, e em linguagem simples, para que quem corre possa ler.»

Tomado literalmente, parece então que o Senhor não pode sequer pensar em visitar este infeliz planeta uma segunda vez sem causar de imediato uma série das mais terríveis perturbações terrestres.

Uma sucessão de espantosos terremotos foi ordenada para assinalar o seu primeiro passo nessa direção.

Os trovões da imensidão serão soltos; e os relâmpagos de incontáveis baterias saltarão instantaneamente para um fogo consumidor.

(Pois está escrito: «Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo»; por isso, não seria prudente que todos se mantivessem o mais longe possível dessas mãos?)

E o segundo passo do Senhor, saindo do céu e vindo em direção à terra, será acompanhado pelo gemer e vomitar de todos os vulcões há muito adormecidos.

Ele dá mais um passo, com as suaves chamas da gentileza e do amor infinito a arder-lhe no peito, e eis que a primeira das nações crentes na Bíblia subitamente esmagará os gentios numa horrível guerra de massacre.

Todos temem naturalmente o passo seguinte em direção à terra.

Pois não será o quarto passo imediatamente acompanhado pelo irromper (mesmo entre cristãos devotos!) da peste destruidora que de súbito dissolverá e devastará famílias amorosas e arruinará belas cidades, como pela fome e pela chama?

Mas ainda há um bálsamo em Gileade para os cristãos dominados pelo horror.

Segundo a conferência profética e as melhores leituras dos evangelistas da «Segunda Aparição», o Senhor ainda não iniciou a sua peregrinação para esta terra.

Há, contudo, um conforto extremamente frio nesta garantia, porque os mesmos senhores dizem: «Ele pode vir a qualquer momento!»

Assim, tudo fica envolto em incertezas.

Ora, é insuportavelmente horrível imaginar a milionésima parte das perturbações que acompanhariam a sua aproximação iminente.

Pensai na cena!

O Senhor dos exércitos vindo em forma corporal, completamente materializado, em plena luz do dia — dotado de grandes poderes — rodeado de anjos — rasgando as nuvens!

Este sempre foi um acontecimento, um quadro, demasiado esmagador para o cristão mais sereno o contemplar com calma.

Os astrónomos não o suportariam.

Os autores de geografia perderiam a orientação; pois «haverá um vale muito grande, e metade do monte se moverá para o norte, e metade para o sul»; e, assim, também os geólogos locais ficariam totalmente confundidos.

Na verdade, pergunta-se: «Quem poderá suportar o dia da sua vinda?»

E de novo: «Quem poderá subsistir quando Ele aparecer?»

Os espiritualistas, que são excessivamente apreciadores de materializações, «subsistirão», se alguém puder, pois frequentemente querem mais uma «manifestação» para fixar de vez as várias evidências exibidas no último «teste» satisfatório.

Terramotos, vulcões, maremotos, tornados, ciclones, guerras, fome, peste, pestilências, falta de trabalho, baixos salários, desfalques, desmoralizações — estas várias e contraditórias «manifestações» dos primeiros passos do Senhor rumo a uma segunda materialização corporal são suficientemente boas e convincentes, dentro do que valem.

Mas o cristão materialista de primeira linha, tal como o melhor espiritualista materialista, não olha e anseia por um «teste» que não possa ser contestado pelo filósofo e pelo cientista crítico?

Para tais mentes, é simplesmente horrível — e, no entanto, indizivelmente fascinante — antecipar algum fenómeno estupendo e sem paralelo nos céus.

«Eis que vem o dia que arde como um forno!»

Os astrónomos ficarão atónitos ao ver o firmamento dilatado enrolar-se de repente como um pergaminho.

As súbitas transformações — entre o sol, a lua e os planetas — assombrariam toda a humanidade.

Quase se poderia rezar para que o Senhor dos Exércitos mudasse novamente de ideia e acabasse, por fim, por omitir totalmente a sua segunda vinda, por causa das perturbações universais que a sua materialização corporal inevitavelmente criaria.

Mas já nos demorámos demasiado nestas especulações teológicas exteriorizadas.

O meu único propósito, caro leitor, foi apresentar à vossa razão o absurdo total de tomar tal acontecimento à letra.

Há, contudo, um dia festivo vosso que merece ser comemorado.

O vosso dia de Natal, meu leitor sincero, chega verdadeiramente e apenas quando uma nova verdade redentora nasce no coração da vossa razão — coração esse a que se chama Intuição.

Um salvador nasce para vós — sobre cujo modesto nascimento os anjos puros cantam e se regozijam — sempre que percebeis e sentis claramente um princípio de Verdade que vos liberta de todo o medo e superstição.

Sim, acreditai-me: todos os verdadeiros salvadores nascem no espírito e do espírito, e o nascimento de cada um destes seres santos vos traz o vosso verdadeiro e único Natal.

E o dia e a hora desse nascimento devem ser recordados e devidamente celebrados por vós, pois é o vosso verdadeiro e belo feriado.

Para os verdadeiramente e profundamente religiosos — para os puros e de mente espiritual — a ostentação do poder de operar milagres é palha comparada com a posse consciente de uma verdade única e elevadora.

O nascimento de um salvador significou, e significa, o desdobramento (nos recessos do espírito) de uma Verdade exaltada, carregada de céu, abençoada por anjos, inspirada por Deus!

Esta Verdade sublime, sempre que chega ao vosso espírito mais profundo, deseja materializar-se em pensamentos mais verdadeiros e em atos mais nobres.

Começais uma vida nova de veracidade pessoal, de utilidade, de amor, de justiça, de gentileza, de trabalho, de boa vontade para com todos os homens — eis a prova do nascimento de um verdadeiro salvador EM VÓS — cuja influência vos trará diariamente alegria, grande júbilo do espírito e uma bem-aventurança de sentimento que nenhuma linguagem pode exprimir.

Procurai a Verdade e começai já a vossa vida nova.

Não espereis que o vosso amigo vos acompanhe.

Amanhã nunca chegará.

Agora, caro leitor, é o momento de iniciares a tua experiência melhor.

Que nenhuma mera teoria obscureça a tua razão e enfraqueça a tua vontade; e, acima de tudo, afasta as tuas superstições religiosas — afasta os teus horríveis receios e incertezas inculcadas pela educação acerca do advento físico de uma personagem teórica chamada o Senhor.

E afasta também os teus crescentes apetites de materialidade nas tuas buscas.

Deixa que a luz universal brilhe no teu espírito; que a perfeita «liberdade» dos filhos de Deus nasça na tua Razão e na tua Intuição — e eis que nasce em ti um

salvador que é o teu verdadeiro Cristo; e esse acontecimento, e esse dia, serão o teu verdadeiro Natal.

CAPÍTULO XLI DEPRESSÕES E ÂNIMO

«Belo é o sono da morte
Dos que bravamente lutam
Na santa causa da pátria
E perecem pelo Direito.»

A posse do Cajado Mágico — não se deixar deprimir em circunstância alguma, nem exaltar sob qualquer influência — é indispensável ao verdadeiro crescimento no amor e na sabedoria divinos.

Um estimado cavalheiro envia-me a seguinte nota, que se explica por si mesma:

«Ler as suas Respostas a Perguntas encoraja-me a procurar em si uma solução para algumas das minhas próprias experiências mentais. Nada nas minhas circunstâncias ou na minha saúde física poderia explicar a depressão do último ano por que passei. Durante anos anteriores, a minha mente esteve acesa com os deleites de novas ideias, e fiz o que considero progressos substanciais na nova filosofia de Spencer e Darwin. Mas uma escuridão mental caiu agora sobre mim, levando-me a duvidar do que antes supunha positivamente sabido; de tal modo que exclamei, em tristeza: “Oh, estou cego!” A minha cegueira mental não é total; mas esta penumbra ou depressão eu desejaria removê-la, se possível.»

Expliquei-lhe que a sua condição mental é a reação aos anos anteriores de investigação ininterrupta, fascínio e elevado prazer.

A felicidade sem fim é tão impossível como a miséria sem fim.

Todos os estados mentais têm um termo.

Os seus olhos intelectuais estiveram tão abertos e tão constantemente atentos que agora a Mãe Natureza considera que devem fechar-se por uma estação prolongada de repouso.

Ele chama-lhe «cegueira» e «depressão».

A Natureza chama-lhe «reação» e «restauração».

Ele aspira a subir as grandes montanhas do pensamento e da filosofia.

A Natureza manda-o caminhar humildemente e sozinho no vale discreto do sentimento e da recuperação.

Pode sentir-se abatido e desanimado; pode tropeçar e cair no vale; mas o amor universal da Mãe Natureza não o abandonará, e a Sabedoria divina, no tempo certo, elevá-lo-á novamente.

Todos os dias alguém me traz perguntas.

«Para fins de crescimento mental», pergunta um amigo, «qual me aconselharia a escolher como melhor — a companhia de homens instruídos e cultos, ou a leitura de livros reflexivos?»

A tal pergunta dou a resposta mais simples: escolhe os livros e faz deles teus amigos.

Socialmente, a vida e os hábitos dos homens instruídos não tendem a elevar os teus sentimentos ou o teu carácter.

Quando não estão no estudo — ou, melhor dizendo, quando estão «fora de serviço» — os chamados «eruditos» estão longe de ser exemplares no estilo da sua fala e das suas ações.

Mentes supersticiosas imaginam que os clérigos estão acima das tentações comuns.

Mas os próprios ministros não se entregam a superstições quanto à sua superioridade face às fraquezas humanas.

Vai ao teu melhor livro para obter força e amizade duradouras.

E qual é o melhor livro?

O melhor livro não te poupa ao esforço de pensar.

Evita livros que explicam tudo.

Lê um livro que te obrigue a pensar.

A tua razão deve ser inspirada e libertada; não convencida, deleitada e adormecida pelo que lês.

O meu vizinho, por exemplo, é um carácter enfadonho.

Esgota a imaginação com a sua literalidade incessante.

Escurece a esperança, deplora todo o esforço generoso e despoeva o cérebro de todo o pensamento alegre.

E, no entanto, segundo o mundo, é um «bom homem».

É como um livro agnóstico que parte do materialismo e te mergulha num sono interminável na terra insensível.

Em vez de tal vizinho, dá-me um livro sincero, tocado aqui e ali pela mão imortal da verdade — cheio de linguagem angélica — elevando as esperanças a uma esfera mais alta, onde o pensamento é livre para voar e unir-se ao que é eterno e divino.

Os bosques tranquilos e os ribeiros povoados de anjos da Summer-Land ganham vida nos verdadeiros livros inspirados.

Tudo o que é imperecível em Shakespeare, Milton, Bacon, Spencer, Huxley e Darwin é aquela verdade nas suas obras que faz pelas tuas faculdades mais íntimas o que o sol, a semente, as tempestades e as ferramentas fazem pelos jardins e campos que florescem em abundância ao teu redor.

Oh, a glória e a beleza dos livros inspirados!

Deles irrompem as doces harmonias das terras celestiais da eterna juventude.

Os seus regatos luminosos fluem das fontes eternas.

As árvores da floresta, cheias de pássaros cantores, são os capítulos dos bons livros com as suas páginas brancas.

Exorto-te, caro leitor, a ler sempre livros inspirados.

Um livro inspirado é um livro de verdade honestamente escrita.

Contém a sugestividade e envolve-te com os encantos dos princípios eternos.

Uma fábula agradavelmente narrada, no interesse da verdade, é muitas vezes tomada por verdade literal.

Mas um facto, se contado ao serviço da falsidade, felizmente cedo deixa de influenciar a mente humana.

Um livro é o teu melhor amigo quando te obriga a pensar, liberta a tua razão, acende as tuas esperanças, vivifica a tua imaginação, dissipa a escuridão do materialismo e torna mais leves todos os fardos da tua vida quotidiana.

CAPÍTULO XLII

COMEÇAR UM NOVO ANO NA NOVA INGLATERRA

«Aquieta-te, coração triste, e deixa de lamentar;
Por detrás da nuvem o sol continua a brilhar;
O teu destino é o destino comum de todos,
Em cada vida deve cair alguma chuva,
Alguns dias hão de ser sombrios e tristes.»

Esta é a minha primeira experiência de um Dia de Início na Nova Inglaterra.
Os Dias de Jejum e o Natal são aqui épocas de recolhimento.
Mas os dias memoráveis e alegres nas famílias são o Dia de Ação de Graças e o início de um Novo Ano.

A sociedade no Leste está a ser gradualmente reconstruída.
A frígida e meio congelada verticalidade puritana do antigo carácter da Nova Inglaterra — a solenidade inflexível e santarrona das gerações de Plymouth Rock — está a desaparecer constantemente, ou a sublimar-se numa fina cultura estética e mental, e muito da antiga austeridade manifesta-se agora nas graças elásticas de uma hospitalidade afável.

A consciência era o poder central, a mola mestra, de todos os primitivos habitantes destes Estados:

«O que a consciência me dita fazer,
Ou me adverte a não fazer,
Ensina-me mais a evitar que o inferno,
E a buscar mais do que o céu.»

Nada há aqui de ostensivo; nada de pomposo; nada dito ou escrito com grandiloquência.

Nada sugere patrícios ou plebeus; todos são soberanos independentes sob o império da liberdade igual na política e na religião.

A manhã do Novo Ano de 1885 abriu-se sombria.
Nuvens cobriam o alto céu; uma chuva fina e gelada caía intermitentemente; a neve derretia; bancos de nevoeiro repousavam sobre as colinas distantes.
A vida ao ar livre não era atrativa.

E, no entanto, interiormente, tudo era luminoso, quente, alegre, até espiritualmente jubiloso, e cada acontecimento e sentimento era significativo de um novo ano próspero.

Todos os presentes de amizade são geralmente reservados, nesta região, até à manhã do primeiro de Janeiro.

Nalguns Estados e países, o Natal é a época das misteriosas visitas do Pai Natal.

Aqui, a graciosa deusa das dádivas visita os escolhidos no início do Novo Ano.

Na Câmara do Profeta, a mão da afeição fraterna e da generosidade foi estendida com graça.

Durante a tarde recebi alguns cartões de saudação vindos dos antigos países — de Wilhelm Besser e Max Griesing, de Leipzig, Prússia — e uma carta do Sr. John Clemens Flezel, de Dresden, prometendo enviar-me um exemplar antecipado do seu novo folheto, O Apóstolo da Temperança — todos três dedicados à tradução, estudo e difusão da Filosofia Harmónica na grande vida do mundo alemão.

O meu primeiro irmão mencionado, o Sr. Besser, dedicou muitos anos a esse laborioso trabalho.

Considerou melhor, para promover as ideias na Alemanha, publicar traduções de alguns dos meus volumes, em certa medida diferentes das anteriormente feitas pelo dedicado e erudito Dr. G. C. Wittig, outrora de Breslau, cujos trabalhos meticolosos foram e são apreciados e sustentados pelo culto e abastado russo Sr. Alexander Aksakof, de São Petersburgo.

É, no mínimo, uma notável coincidência que a eloquente introdução do Sr. Besser a O Arauto da Saúde, datada de 1 de Janeiro de 1877, estivesse sobre a minha mesa aqui na Nova Inglaterra, com a minha mão estendida repousando sobre a tradução do Sr. Helmer da mesma obra, nesta manhã de Ano Novo de 1885.

Nunca tinha lido uma linha dela, nem sabia do seu conteúdo; mas a minha mão não se afastava do papel!

Não habituado a tal perda de controlo sobre os meus membros, e sentindo algo que sugeria uma paralisia dos nervos do movimento, confesso que temi subitamente a aproximação de alguma enfermidade física.

Os dedos da minha mão esquerda fecharam-se firmemente sobre o manuscrito, que veio muito perto dos meus olhos.

Decidi então usar a outra mão, desdobrar o papel e ler o que o Sr. Besser escrevera.

(O indulgente leitor perdoará o calor da expressão pessoal.)

Chamo-lhe o meu presente de Ano Novo vindo de além do Atlântico; e não hesitarei em colocá-lo perante o mundo, em cujo interesse todos estes esforços foram feitos:

ARAUTO DA SAÚDE PARA A HUMANIDADE DOENTE

«De tempos a tempos, na história, surgem seres da nossa espécie que, por assim dizer, encarnam em si o génio da humanidade, aparecendo neles a semelhança da Divindade de modo puro, não adulterado e transfigurado.

Tais génios, porém, vivem mais para o futuro do que no presente, pois, ai de nós!, são quase sempre incompreendidos pelos seus contemporâneos.

O seu espírito perfeito contempla o futuro harmonioso, vê os ideais, os fins da raça e vê a humanidade na sua plenitude.

Porque empunham na mão a tocha luminosa da Verdade e assim cegam os olhos dos contemporâneos que laboram na noite e no erro, eles — os génios da harmonia — são considerados inimigos da ordem e, por isso, são crucificados corporal ou espiritualmente pelos seus irmãos cegos, em benefício dos quais viveram e trabalharam.

Tal ser elevado de luz foi aquele homem puro, Jesus de Nazaré, que, há quase dois mil anos, sacrificando-se no mais nobre Amor divino pelos seus irmãos, selou com o seu sangue o seu zelo pela Verdade, desafiando a morte.

Ele certamente apareceu demasiado cedo na terra para ser plenamente compreendido pelos seus irmãos imaturos.

Milhares de anos passaram sem que surgisse outro igual; e uma posteridade admirada, para quem tanto amor e pureza num mortal eram incompreensíveis, exaltou como Deus aquele que se revelou o mais nobre entre os seus semelhantes.

Jesus foi o primeiro que quis elevar os princípios da fraternidade universal e da justiça universal como leis fundamentais da vida e da sociedade humanas; e os efeitos divinos desses princípios chamou-lhes “o Reino dos Céus na Terra”.

Soube descrever com maravilhosa eloquência aos seus contemporâneos os efeitos desses princípios divinos; mas não pôde explicar os meios de os alcançar a um povo grosseiramente ignorante das leis naturais.»

Depois de quase dois mil anos, durante os quais a humanidade penetrou em todos os campos do conhecimento e suficientemente fundo nas oficinas secretas da Natureza — depois de a relação misteriosa e íntima entre espírito e matéria ter sido claramente demonstrada e reconhecida — surge de novo outro ser humano, saído das choupanas da mais amarga pobreza, e que se dedica ao bem-estar dos seus irmãos sofredores.

Com coração puro como o de uma criança e alma carregada de amor, e ainda rapaz, começou a obra de outros.

Este jovem fez do problema (do dever) da sua vida ensinar e manifestar o princípio do mais puro amor fraterno e da mais rigorosa busca da verdade.

Sob a influência deste santo motivo, o seu espírito juvenil desabrochou nas Revelações Divinas da Natureza.

Tal obra assemelha-se a uma nascente de montanha inesgotável, eternamente fresca e límpida, que faz correr de todos os lados ribeiros para um mar poderosamente crescente, em cujas vastas profundezas se espelham todos os reinos da Natureza, toda a vida e movimento da humanidade — até o grande Passado — bem como o Céu com a sua imensurável zona de estrelas.

Muitos milhares de seres humanos já beberam destas correntes refrescantes conforto e força celestes.

No Amor Divino e na Verdade, milhares encontraram cura para todas as suas doenças, tanto do corpo como da alma.

«Andrew Jackson Davis é o nome deste amigo e mestre da humanidade.

Sem ter recebido os ensinamentos de qualquer escola humana, ergue-se, contudo, nos mais altos píncaros da ciência moderna.

Não a partir de livros, salas de aula ou bibliotecas, mas no grande templo da própria Natureza é que ele colhe o seu maravilhoso conhecimento.

Com o olho aberto do espírito interior, penetra em alturas, profundezas e distâncias.

Todo o Universo, o grande livro do passado, estão abertos diante dele; sim, até o véu do futuro se levanta ao seu olhar.

«Mas, em vez de se considerar uma autoridade infalível ou especialmente eleito, ensina antes: “Que todos os homens são iguais, chamados a um destino igual, isto é: a um desenvolvimento eterno até à mais alta perfeição; que não há pecado, apenas erro; não há vingança, apenas a sequência natural de causas naturais; não há outro caminho para a verdadeira felicidade e verdadeira bem-aventurança senão o reconhecimento progressivo da própria Verdade.

A maior felicidade na terra é um coração puro; o mais grandioso fim é a Harmonia Universal, cuja expressão é a saúde do corpo e da alma. Todo o ser humano traz dentro de si o serafim imortal, que, mais cedo ou mais tarde, desdobra triunfantemente as asas acima de todas as provações e erros da vida terrena, para ascender a esferas superiores do ser. Em suma: quanto mais um homem encontra a sua felicidade no refinamento e melhoramento dos outros, mais completo, puro e bem-aventurado será o seu próprio espírito eterno.”»

«Este irmão tornou-se mestre da humanidade em quase todos os ramos da ciência e enriqueceu o mundo com obras incomparáveis.

Em mais de trinta volumes desenvolveu os princípios da Natureza em Anatomia, Fisiologia, Química, Geologia, Botânica, Zoologia, História, Filosofia, Medicina, Astronomia, Ciência Social, etc.; em suma, sente-se em casa em cada departamento da investigação humana e percorre cada campo com mestria incomparável.

Fala aos corações dos homens numa linguagem maravilhosamente clara, nobre, simples, belamente poética, sempre casta e pura; olhando sempre para o eterno, para o mais alto fim, e para os caminhos e meios práticos da sua consecução; e não é abandonado por um instante pelos seus guias espirituais, aliados da Verdade, da Justiça e do Amor.»

** O autor, mais tarde, frequentou e concluiu o curso no Colégio de Medicina, por razões já explicadas.*

«Assim, as suas obras tornaram-se uma mina inesgotável de magníssimos tesouros espirituais.

Que pode ser mais útil, elevador, progressivo e benéfico do que aquilo que abrange o homem inteiro — os seus mais altos fins, o seu corpo e a sua alma, e tudo o que ama e preza, agora e para sempre?

«A presente obra deste autor (Harbinger of Health), que, por assim dizer, explica mais amplamente a matéria abundante contida em The Physician (Vol. I, The

Great Harmonia), contém uma rica abundância das mais importantes verdades e informações acerca do restabelecimento e preservação da saúde; e merece, no mais alto grau, a atenção mais próxima e a adoção de todo o pensador e filantropo.

«Chamamos especial atenção para a ideia fundamental que atravessa toda a obra: que todas as doenças do homem (quanto às primeiras causas) não são senão uma perturbação no equilíbrio do princípio espiritual mais interior; e que toda a verdadeira cura pode ser realizada por esse mesmo princípio — como que uma vontade santa, vinda de dentro, dirigida ao restabelecimento da harmonia perturbada.

Isto é idêntico ao poder de cura natural ensinado pela higiene moderna.

A saúde nunca pode ser restaurada apenas por medicamentos internos e externos.

Mas meios externos, tais como água, ar, luz, movimento, nutrição, vestuário, eletricidade e magnetismo, podem apoiar eficazmente e acelerar os esforços curativos do princípio interior.»

CAPÍTULO XLIII

ACONTECIMENTOS NA CÂMARA DO PROFETA

«Há força

Bem escondida nos nossos corações, de que mal nos damos conta

Até que as setas do céu tenham trespassado

A sua frágil morada.»

«Tempestade após tempestade!», disse para comigo.

Uma sabedoria superior diz-me que devo deliberadamente forçar uma batalha legal.

Acostumado como há tanto tempo estou a estes combates, por que hei-de eu temer tanto este próximo encontro público?

E ainda por cima com alguém com quem tantos anos ocupados foram passados em paz e agradavelmente?

E, contudo, há razões mais profundas pelas quais eu não devo desviar-me do caminho marcado da «liberdade pessoal legal».

Há a possibilidade de grande publicidade nos jornais.

Mas, por outro lado, todos os pequenos cães de guarda da sociedade — que são regularmente mimados e lavados e embrulhados em flanela, e penteados e encaracolados pelas mãos ternas de jovens amorosas — começarão a ladrar-me aos calcanhares.

As raparigas dos patins rir-se-ão; os rapazes da escola gritarão; as matronas respeitáveis lançarão um olhar de censura com força de coruja quádrupla e dirão: «Oh, como pôde? Tão pouco próprio do Sr. Davis! Há algo terrivelmente errado.»

Mas todo o homem inteligente dirá: «Não sei nada disso. Ele sabe do seu próprio assunto. Com razão ou sem razão, não é coisa minha.»

O caminho era tempestuoso e o fim estava oculto na obscuridade.

Mas resolvi avançar.

Em primeiro lugar, tinha de escrever à Mary, dizendo-lhe dos futuros processos legais, da mera possibilidade dos quais eu, naquele momento, não tinha o mínimo conhecimento prático.

É certo que alguns cavalheiros da lei e outros tinham aludido, sorrindo, à fragilidade da nossa condição segundo os estatutos matrimoniais e decisões recentes no estado de Nova Iorque.

No nosso caso, porém, não havia querela, nem abandono, nem circunstâncias criminais sobre as quais iniciar uma ação de «descasamento».*

Que farão os mexeriqueiros?

Que dirá o povo?

Dirão que é absurdo afirmar impulsos de consciência:

«Uma dissolução legal do laço matrimonial por princípio! Absurdo, impossível.»

«Nenhum juiz, nenhum júri, considerará jamais o princípio causa suficiente!»

Estes ditos são sintomas da imoralidade popular.

Dignitários de púlpito («sepulcros caiados», demasiadas vezes) lançarão anátemas sobre todos os que tentem o descasamento por princípio.

«O que Deus» [isto é, o ministro investido de autoridade legal] «ajuntou, não o separe o homem.»

Só uma mente superior, impregnada de princípios elevados e enobrecedores de refinamento e retidão, poderia, sem querela ou sentimentos hostis para com o outro, aconselhar a «anulação do laço legal».

É um fenómeno social!

Uma pessoa assim, homem ou mulher, vale uma longa viagem apenas para a ver!

Passo a passo, caro leitor, fui-me preparando para escrever e enviar a longa carta a Mary, a qual, para refrescar completamente a tua memória, podes reler (no capítulo XVI) com compreensão muito mais esclarecida.

Nessa comunicação nada há de «novo» para ela, salvo a perspectiva de um processo legal, corporizado nas duas mensagens recebidas em circunstâncias já descritas.

No dia doze de Novembro, cerca de uma hora depois de começar a carta acima referida, procurei o meu amigo Giles e, pela primeira vez, solicitei uma entrevista privada acerca da minha situação embaraçosa.

** Termo francês recente para «divórcio», no sentido em que é usado neste volume.*

† Neste volume não será apropriado discutir as questões do casamento e do descasamento. Mas a «guerra» há de certamente vir.

‡ Há trinta anos, numa visita a amigos em Boston, eu disse que caminharia quinhentas milhas para ver tal pessoa. Agora, com três exceções do meu conhecimento, as ilustrações opostas têm sido tão marcadas que acrescentarei mais duzentas milhas à minha caminhada para contemplar tal fenómeno.

Li-lhe a mensagem de Galeno e disse: «Como é possível anular esta relação pela lei?»

Ele não respondeu a isto, mas perguntou: «Consegue explicar os seus fundamentos para desejar processos de descasamento?»

Respondi que me compreenderia melhor se eu me explicasse do ponto de vista moral.

«Muito cedo», disse eu, «logo após o nosso casamento em 1855, descobri que, quanto aos temperamentos centrais, éramos perfeitamente harmoniosos.

Mas descobri também que, conjugalmente, não pertencíamos um ao outro.

E, no entanto, não deixei de esperar, em privado, que, com o tempo, a nossa sábia associação fraterna pudesse talvez desabrochar numa verdadeira união conjugal.

Mas anos de experiência apenas confirmaram a realidade da minha descoberta inicial.

Portanto, a nossa associação era realmente fraterna, o que, comparado com a vida matrimonial da maioria das pessoas, tinha toda a aparência de uma conjugação ideal.»*

Aqui o meu amigo observou que «essa era a impressão geral».

«Sim», respondi eu.

«Mas deve lembrar-se que sou professor e praticante na Escola da Filosofia Harmónica, que inculca o mais alto padrão possível de ética social.

À luz clara desta Filosofia, que é também uma verdadeira Religião, sei, absolutamente, que é imoral — isto é, quando pesado na justa balança do Universo Moral, é um mal — que um homem, hipocritamente, finja ser marido de uma mulher quando sabe que não o é; e aí da mulher que pretenda ser esposa de um homem quando sabe que não o é.

Mesmo parecer viverem juntos como marido e mulher amorosos, quando não se consideram mutuamente verdadeiros COMPANHEIROS ESPIRITUAIS, é uma imoralidade e um pecado social.

E isto — seja universalmente conhecido — é o meu fundamento, a minha razão última principal, para procurar colocar-nos, tanto quanto possível, entre as inumeráveis coisas tortas deste mundo.

Na verdade, irmão Giles, sentindo como sinto o impulso avassalador de um Princípio, sou irresistivelmente compelido a dar este passo nos mais altos interesses da retidão social.

Por isso, se fosse possível, eu apelaria de imediato e recorrería à lei, mesmo tão tarde na minha vida e mesmo que soubesse que viveria na terra apenas dez dias depois de o conseguir — recorrería, repito, à lei como meio (pelo menos no nosso caso) de atingir os fins da justiça fraterna de si e universal.

Parece-me que deve haver algum modo de obter um direito privado, interior e pessoal ao gozo de uma liberdade maior.

E essa liberdade maior, se alcançada pela lei, deveria ser assegurada e gozada igualmente por ambos.»

«Ao seguir este caminho, que agora vejo apontado diante de mim, sinto-me plenamente persuadido, na mais profunda consciência, de que não estou apenas a agir com sabedoria e justiça, mas que também estou a obedecer ao sublime mandamento — “vence o mal com o bem”.»

«Quanto aos pontos legais», respondeu o Sr. Giles, «nada tenho a dizer (pois nunca os estudei), mas agrada-me a sua fundamentação moral, e creio que ela é a sua verdadeira fundamentação.»

«De acordo com a lei da Justiça», repliquei eu, «que está na base, permeia e governa o Universo Moral com um governo infalível — de acordo com essa lei, a Mary é, e sempre foi, apenas minha irmã, e eu fui, e sou, apenas seu irmão.

Na infinita sabedoria do Desenhador Divino, portanto, ela é a “esposa” de algum outro homem, assim como eu sou o “marido” de alguma outra mulher.

Tendo o conhecimento interior desta lei superior como guia para a verdade absoluta, deveríamos continuar a viver juntos?

Devemos aparecer publicamente como legal e conjugalmente um só?»

«Não me compete», disse ele, «decidir tais questões por qualquer pessoa.»

«Certamente que não», respondi.

«Mas eu decidirei por toda a humanidade, por princípio.

Uma relação como a que acabo de descrever não seria nada menos do que uma transgressão persistente de uma Lei Divina demonstrada, e os nomes dos crimes mútuos seriam incesto e libertinagem.

«Encontrará este Princípio plenamente exposto em ambos os meus volumes, A Gênese e a Ética do Amor Conjugal; e também no mais abrangente O Reformador — conhecido como o quarto volume da Harmonia.

Sou defensor da perfeita liberdade individual, mas não sou libertino.

Sou inteiramente a favor da liberdade das afeições, mas não sou “free-lover” (no sentido licencioso do termo).

Se eu fosse uma coisa ou outra, não teria escrúpulos de consciência quanto a qualquer relação em que homens e mulheres escolhessem entrar.

Não consultaria nem a opinião pública nem a lei estatutária.»

O que precede contém a substância de diversas entrevistas com o meu paciente amigo.

Ele concordou comigo em todas as proposições éticas, como eu supunha; mas, ainda assim, pouco disse em tom de aprovação e, quanto ao lado legal do assunto, permaneceu absolutamente não comprometido.

Vez após vez chamei a sua atenção para a injunção de Galeno, «anula o laço legal», e também para a mensagem subsequente a escrever à Mary:

«Como hei de proceder segundo a lei, se não houver lei justa que cubra o nosso caso?»

Em resposta, disse: «Arranje-me todos os papéis legais e eu analisá-los-ei.»

Com o tempo, pude entregar-lhe: (1) o divórcio do Indiana; (2) o certificado de casamento assinado por Joseph Pratt; (3) a subsequente ação de divórcio do Sr. Love; e (4) o decreto que concedia a sua petição.*

Dois dias depois de enviar a minha longa carta à Mary, o Sr. Giles devolveu-me os vários papéis e, com eles, a seguinte declaração: —

** No Cajado Mágico, todos estes procedimentos são expostos com verdade, com as razões que prevaleceram em cada caso.*

«HYDE PARK, Mass., 20 de Novembro de 1884.

Dr. A. J. Davis:

Meu caro senhor: — De memorandos recentemente trazidos ao meu conhecimento, resulta que:»

[A linguagem da lei não será perpetuada neste volume.

Ela define como crimes alguns dos atos mais inocentes na vida de cidadãos naturalmente superiores até à tentação do crime.

Uma biblioteca de direito é uma catacumba de formas sem vida, arrumadas em ordem legal, em câmara ardente e a morrer na igreja; e, no entanto, para encontrar regras, códigos, precedentes e decisões, um advogado é constrangido, dia após dia, a habitar lá em baixo «entre os túmulos».

O meu amigo Giles entregou-me o seu «resumo», redigido em linguagem muito apropriada, mas aqui apresento apenas uma sinopse.

Embora eu tivesse conhecimento do que considerava ser apenas a situação técnica — a que não dei atenção e, portanto, não atribuí peso — devo confessar que as investigações e conclusões do Sr. Giles me encheram de inquietação.

Pela primeira vez, a partir da sua pesquisa de factos e estatutos, soube:

1.º que o nosso casamento, em 1855, era ilegal, porque o divórcio anterior da Mary, obtido no Indiana, em 1854, não era suficientemente válido no Estado de Nova Iorque, onde, de perfeita boa-fé, nos casámos;

2.º que, em consequência do divórcio que o Sr. Love obteve posteriormente da Mary, em 1856, a nossa relação era considerada adúltera e (da parte da Mary) bigamia, de acordo com uma decisão recente (em Abril de 1883) do Tribunal de Recurso, no caso *People vs. Faber*, 92, N. Y. R., 146;

3.º que, pela lei, a Mary está proibida de contrair casamento durante a vida do Sr. Love.*

Assim, ao tornar-se Sra. Mary F. Davis, a lei diz que ela cometeu o crime de bigamia; e a lei decreta ainda que qualquer relação conjugal entre nós é adultério.

De modo que, segundo as leis do Estado de Nova Iorque (onde nos casámos), se continuássemos a viver juntos como marido e mulher, por mais castamente que vivêssemos relativamente, a nossa associação seria declarada adúltera; e, por mais

estritamente fraternal que vivêssemos como irmão e irmã (como vivemos durante tantos anos), o facto jurídico permanece: a Mary é considerada culpada de bigamia.

Esta é a minha sinopse.

O cavalheiro conclui o seu «resumo» assim:]

«Não é improvável que o senhor, sendo residente de Nova Iorque, pudesse manter com êxito uma ação nesse Estado, para que se adjudique como nulo e inválido o seu suposto casamento com Mary F. Robinson, perante Joseph Pratt, J. P., em 15 de Maio de 1855.

Com toda a deferência para com outras pessoas mais versadas nas leis de Nova Iorque, subscrevo-me,

Seu, com sinceridade,
ALFRED E. GILES.»

* Sou credivelmente informado de que esta proibição não se estende para além do Estado de Nova Iorque; de modo que a Mary tem liberdade para contrair legalmente outro casamento em qualquer outro Estado da União.

O leitor lógico perceberá imediatamente que a admoestação de Galen, «anula o laço», antecipava todos os factos que só muitas semanas depois chegaram ao meu conhecimento.

Assim, em 1 de Dezembro de 1884, fiz instaurar uma ação com base nos fundamentos acima definidos.

O decreto foi obtido em 3 de Fevereiro de 1885, numa sessão especial do Supremo Tribunal do Estado de Nova Iorque:

«Ordena-se e julga-se que o casamento entre o autor, Andrew Jackson Davis, e a ré, Mary F. Davis, também conhecida por Love, também conhecida por Robinson, é totalmente nulo e sem efeito a partir da data deste julgamento, e que as referidas partes ficam para sempre libertas das obrigações dele decorrentes.»

Sobre esta «estranha e movimentada história» a cortina está prestes a descer.

Poucos dias depois de eu receber uma cópia certificada do referido decreto, do meu capaz e estimado patrono em Nova Iorque, o correio trouxe-me o seguinte: —

«ORANGE, N. J., 8 de Fevereiro de 1885.

ANDREW J. DAVIS, M. D.:

O meu advogado, E. D. Barlow, Esq., enviou-me os papéis que mostram que o Tribunal concedeu a sua petição.

Sinto que está em harmonia com o bom gosto e com a lealdade que eu agora abandone o apelido “Davis”, e não tenho dúvida de que a sua opinião coincidirá com a minha neste ponto.

Os meus queridos pais deram-me o nome da amada e venerada mãe da minha mãe.

A minha inicial F é o nome de família dela, Fenn.

Passarei a usar este como apelido.

Portanto, peço-lhe — e pedirei a todos — que, doravante, me tratem por

Sra. Mary Fenn.»

E a seguinte resposta foi-lhe imediatamente enviada: —

«HYDE PARK, Mass., 10 de Fevereiro de 1885.

Minha querida irmã, Sra. Mary Fenn:

A retoma, ou adoção, do nome da sua avó, após tantos anos de ausência da árvore de origem, estou certo de que trará consigo frutos bons e curativos — promotores do seu bem-estar social e espiritual, em muitos sentidos.

Alguém enviou-me um exemplar do New York Graphic, contendo uma nota agradável acerca de si e referindo a ação elevada e sustentadora da Sorosis — a tudo isso eu, com prazer, secundarei a moção e responderei de coração: “Ámen!”

E quero agora que saiba, de uma vez por todas, que a nenhuma alma viva, durante todas estas perturbações, eu alguma vez sussurrei o que quer que fosse para o seu descrédito.

É costume, em todos os processos desta natureza, que as partes se ataquem mutuamente com amargura e afirmem muitas coisas de sério prejuízo para a outra parte.

Por isso, tenho sido, até esta hora, firme e sinceramente leal à sua vida e ao seu carácter; e confio que nada jamais me levará a desconsiderar a sua utilidade pessoal e felicidade, ou a deixar de obedecer aos nobres Princípios de amor e sabedoria que defendemos para encorajamento e orientação de outros.

Nos mais santos laços de Arabula, permaneço,

Fielmente seu irmão,
A. J. DAVIS.»

CAPÍTULO XLIV

COBARDES MORAIS ENTRE OS DE CORAÇÃO DE LEÃO

«Foi um tempo de tristeza, e o meu coração,
Ainda que conhecesse e amasse a melhor parte,
Sentiu-se cansado do conflito e da luta
E de toda a disciplina necessária da vida.»

Monte Harmonia!
«Estás tão perto e, contudo, tão longe.»

Seguindo para sul no vale de longos estirões, com os Montes Utilidade, Justiça, Poder, Beleza e Aspiração à minha esquerda, e as alturas celestes do Monte Harmonia à minha direita — o rebanho disperso e errante sob as sombras — os céus a abrirem-se e as vozes angélicas a descerem apenas em longos intervalos, quando a intervenção providencial era a minha maior necessidade (nunca quando eu apenas desejava tal auxílio) — assim cercado e assim avançando, descobri que a minha jornada estava sobrecarregada de nuvens ameaçadoras de tempestade e de relâmpagos que brincavam alarmantemente ao longo do caminho.

Por vezes, durante três ou quatro horas, o sol brilhava glorioso.
(Um doce convívio com algum amigo fiel, ou cartas de bondade amorosa e de boa vontade duradoura.)

Mas subitamente o céu toldava-se à tarde; e aguaceiros pesados apanhavam-me muitas vezes, acompanhados de rajadas frequentes e de bátegas de neve; e na manhã seguinte, não raras vezes, todo o panorama aparecia magnificamente vestido de uma geada branca, rica e espessa.

Na cadeia de montanhas à esquerda, a neve caíra meses antes.

As escarpas e picos rochosos, e as ravinas profundas, tinham acolhido e guardado a neve branca e fria, parte da qual descera furtivamente em pleno Verão.

E as pessoas diziam:

«Irmão Davis, o que se passa? Parece congelado!»

«Sim», eu respondia, «alguns dos afluentes do meu rio interior de vida estão congelados, e por isso não correm.»

Houve um tempo na história em que as magníficas flores da humanidade eram cultivadas e contadas entre os cavaleiros da Europa.

Até as mais delicadas damas da civilização cristã consideravam a distinta Cavalaria sinónima de virilidade, e esses anjos femininos não se opunham a alinhar sob as bandeiras sangrentas da guerra e da conquista.

Nas minhas provações e contendas recentes com a sociedade, incluindo grupos de conhecidos pessoais, procurei em vão, à minha volta, os descendentes da era da cavalaria. Entre os supostos de coração de leão encontrei cobardes morais; entre os reputados liberais cristãos encontrei fanáticos da antiga dispensação; entre os chamados filantropos encontrei cínicos de coração entristecido.

Certos prudentes amantes da justiça deram a entender a sua disposição para me concederem uma apresentação justa, especialmente depois de tudo estar terminado e os factos do caso ficarem determinados sem sombra de dúvida. A todas essas e semelhantes pessoas recomendei a resposta do grande lexicógrafo inglês, que, com justiça e com o acabamento de mão de mestre, registou uma repreensão eterna a todos os filantropos condescendentes, tímidos e de coração tardio.

Talvez o leitor não se recorde do caso.*

O Dr. Samuel Johnson escreveu o seu grande dicionário, diz ele, «em meio de incómodo e distração, na doença e na tristeza». Enquanto assim trabalhava, na extrema pobreza e quase sem amigos, visitou e procurou ajuda do grande Lorde Chesterfield, «mas foi repellido à sua porta». Depois de a obra de Johnson ter sido publicada e quando toda a Inglaterra, como uma só voz, ressoava com o seu louvor, o nobre Lorde prestou-lhe também homenagem, escrevendo críticas favoráveis para o principal jornal literário.

* Ao narrar estes episódios insignificantes e estes assuntos incidentais, não pretendo abalar a fé de ninguém na humanidade. São simplesmente instrutivos, pelo caminho. Um forte macho uma vez deu um coice num pequeno rapaz negro,

por cima de uma vedação. Assim que pôde, ele levantou-se e exclamou, enquanto esfregava o sítio dorido: «Ai, meu Deus! Pelo menos ganhei a experiência, de qualquer maneira!»

Johnson, ao notar este aplauso de última hora de Lorde Chesterfield, dirigiu-lhe uma carta digna e patética em 7 de Fevereiro de 1755. Após algumas frases de introdução penetrante, prossegue:

«Sete anos, meu lord, já passaram desde que esperei nas suas salas exteriores e fui repellido da sua porta; durante esse tempo tenho levado a minha obra através de dificuldades de que é inútil queixar-me, e trouxe-a, por fim, à beira da publicação, sem um ato de assistência, uma palavra de encorajamento, um sorriso de favor... Não será um patrono, meu lord, aquele que olha com indiferença para um homem a lutar pela vida na água e, quando ele chega a terra, o estorva com ajuda? A atenção que V. Ex.^a se dignou dispensar aos meus labores, se tivesse sido cedo, teria sido bondosa; mas foi adiada até eu me tornar indiferente e já não poder gozá-la; até eu estar só e não poder partilhá-la; até eu ser conhecido e já não precisar dela. Espero que não seja uma aspereza demasiado cínica não confessar obrigação onde não se recebeu benefício, ou não querer que o público me considere devedor a um patrono daquilo que a Providência me permitiu fazer por mim mesmo.»*

* *De Life of Dr. Johnson, de John Hays, Londres, 1884.*

Apesar de tudo, porém, encontrei senhoras e senhores perfeitos; ornamentos cravejados de jóias na coroa da humanidade; ilustrações imortalmente luminosas e belas no grande e santo livro da Natureza Humana escrito por Deus; anjos de ternura, de bondade amorosa, de caridade, de graça, de beleza, de aspiração, de harmonia.†

E, com percepção não toldada, continuo a ver a gloriosa imagem interior de beleza suprema e perfeição na natureza da mulher — tal como na do homem — de modo que não sofro perda alguma do ideal de excelência por causa destas manifestações inglórias e fracas.

† Há, entre pessoas de cultura mais elevada, uma teoria segundo a qual os assuntos conjugais são «estritamente privados e confidenciais» entre as partes diretamente interessadas, e que terceiros não devem interferir. Mas todas as classes da sociedade, na prática, ignoram por completo esta teoria plausível. Durante estes últimos problemas, recebi aproximadamente o mesmo número de cartas de homens e mulheres, na sua maioria em posições sociais superiores. Mas a diferença de temperamentos entre eles foi marcada e evidente. Alguns inclinavam-

se para o despeito e a condenação precipitada — imputando-me algum motivo indigno ou impuro como causa da ação; outros, sobretudo homens, escreveram para fazer uma indagação franca, sem exprimir opinião, desejando que prevalecesse o direito, oferecendo-se para prestar qualquer auxílio necessário e transmitindo garantias de amor fraterno.

Um dia, ao atravessar o parque histórico central de Boston — embelezado com árvores, monumentos, lagos e belos caminhos — encontrei um cavalheiro afável, que educadamente manifestou desejo de conversar comigo alguns minutos.

«Pelos jornais», começou ele, «soube que tem tomado algumas medidas legais para se ajustar em assuntos sociais. Correm várias histórias; mas desejo, da sua parte, conhecer os factos.»

«A cavalaria do Sul», respondi, «tem um “código de honra” (creio que assim lhe chamam), que por vezes leva os seus adeptos a extremos sanguinários e a consequências fatais. Não haverá um código correspondente de honra, num plano social elevado, entre civis do Norte, que deva levar os seus seguidores a uma vida nobre, aos melhores modos, e ser seguido pelas mais salutares consequências?»

O cavalheiro pareceu confuso e respondeu: «Não vejo exatamente a aplicação.»

Então continuei:

«Que código de honra é esse, na sociedade, que o autoriza a fazer-me perguntas particulares acerca de assuntos que são tão perfeitamente privados?»

«Ah, bem... sabe, Sr. Davis», prosseguiu ele hesitante, «as pessoas vão falar de si... porque, bem... suponho que o consideram, em geral, uma espécie de propriedade pública.»

«Não tenho eu direitos privados?», perguntei. «Não tenho liberdades pessoais, sob as leis morais e estatutárias, para viver a minha vida privada? Estou eu em servidão a São Costume, só porque dou o melhor das minhas forças para promover um esclarecimento humano mais elevado?»

«Oh, certamente, Sr. Davis — certamente, sem dúvida, tem os seus direitos pessoais, deveres privados e liberdades privadas, e tudo isso; mas deve saber que há milhares e milhares de leitores dos seus volumes em todos os países civilizados que o têm na mais alta consideração; olham para si como um homem assinalado e

proeminente; e tais pessoas esperam de si as mais altas lições e os exemplos mais coerentes.»

«É um homem segundo o meu coração», respondi. «Terá a minha resposta mais franca; e a minha explicação (que aparecerá no volume que estou agora a escrever) * será para toda a família humana. No verdadeiro casamento monogâmico sou um crente perfeito. Sei que o meu espírito, acompanhado pela sua companheira, continuará a subir. Quanto aos meus futuros atos conjugais, não tenho informação a transmitir. Há, contudo, certas regras pelas quais todos os homens devem ser governados. Aplicando-as a mim mesmo, por exemplo, afirmo:

«1.º Que não me associarei conjugal e legalmente a qualquer mulher, a menos que eu acredite que ela é a minha verdadeira esposa espiritual.

«2.º E que me associarei legalmente àquela que eu acreditar ser a minha esposa eterna, assim que me for possível fazê-lo — amanhã, no próximo ano, ou quando nos encontrarmos no luminoso Raraíso.»

Depois de lhe dar esta resposta, prosseguindo na conversa, expliquei ainda que «todas as almas, mesmo pessoas que são conjugalmente uma, têm direitos individuais separados e absolutamente distintos, que ninguém tem direito legal ou moral de invadir ou restringir. Bebedeira, abuso, profanidade, vulgaridade, querelas, licenciosidade — são causas que (haja ou não haja filhos) devem conduzir ao descasamento legal. Eu desejaria que toda a mulher, assim como todo o homem, fizesse da justiça, da verdade e da sabedoria os anjos guardiães do amor conjugal.

Há barbaridades vulgares e crueldades verbais (a que a lei estatutária não chega) praticadas por homens e mulheres um contra o outro na relação matrimonial. Vejo que nenhum homem ou mulher na terra tem direito de impor miséria e injustiça a qualquer outro homem ou mulher na terra, esteja dentro ou fora da relação matrimonial. Ninguém tem o direito — legal, financeiro, conjugal, político, religioso — de impor a qualquer outra pessoa quaisquer males de infortúnio, servidão, infelicidade, descontentamento, desespero, doença.»

O cavalheiro prestou atenção rigorosa, mas pareceu algo surpreendido com estas posições.

* Dei-lhe o título deste volume, onde se encontra a minha explicação completa.

Notei que um sentimento de debilidade moral se apoderava dele, embora seja, em todos os aspetos, corajoso, autocontrolado e de coração de leão.

«Quer dizer que tenciona pôr em prática essas regras?», perguntou.

«Sim, meu amigo», respondi. «Estes princípios são o fundamento de toda a felicidade e contentamento nos lares; e promovem todo o verdadeiro progresso na alma individual. São amor, verdade, virtude, justiça, sabedoria, liberdade, e legitimamente fazem nascer “doçura e luz”. Eu defendo-os; e pratico-os; e ofereço-os, como mandamentos divinos, à humanidade universal.»

Separámo-nos — o cavalheiro de Boston e eu — com expressões mútuas de boa vontade.

CAPÍTULO XLV

DISTEMPERS SOCIAIS NA VIDA ALTA E BAIXA

«A coisa mais triste que pode acontecer a uma alma
É quando perde a fé em Deus e na mulher.»

«... Se eu perdesse estas joias,
Ainda que o trono do mundo estivesse vazio no meu caminho,
Eu voltaria a vaguear para a minha infância,
Procurando-as com lágrimas.»

«Não gosto dos meus semelhantes», disse-me um dia um filósofo do vale, e acrescentou: «A justiça obriga-me a admitir que eles parecem não gostar de mim.»

Eles não gostavam da sua sisudez; da sua franqueza brusca; da sua impaciência perante qualquer restrição.

Ele não gostava dos seus modos rastejantes; das suas convenções tolas; do seu mexerico e enganos; e das suas noções estreitas de certo e errado.

O resultado, no seu caso, foi este: tornou-se um asteroide insignificante, uma pequena estrela presunçosa de décima segunda grandeza — rolando numa órbita privada só sua — enquanto os ilimitados campos de estrelas e as grandes constelações da sociedade humana brotavam e floresciam ao seu redor, indiferentes até à sua existência abstrata.

Mas, para toda a alma sensível, a penalidade da não conformidade é severa.

Se te identificas com a sociedade em geral, ou mesmo com uma casta limitada ou associação de tipo clube, sentes uma proteção repousante; e, por necessidade, aceitas o seu padrão de vestuário, a sua fala, o seu estilo de cortesia e, especialmente, as suas opiniões.

As classes e castas caracterizam-se por alguma influência omnipresente e dominadora — ainda que muitas vezes efémera — ou por alguma convicção dominante.

Vestem-se e atuam de modo semelhante, e pensam e sentem de modo semelhante.*

Exemplos antigos são tão bons como os modernos.

No passado mais remoto, encontramos os fariseus, como clique social e classe religiosa — a classe eminentemente instruída e indubitavelmente moralista — a nutrirem padrões de verdade e virtude alarmantemente em desacordo com os que o Vidente de Nazaré ergueu por meio dos seus discursos divinos e de atos ainda mais divinos.

Ele expressou livre e destemidamente as suas impressões mais profundas.

Elogiou abertamente João, o Baptista livre e independente.

Disse que João era maior como profeta do que qualquer outro homem nascido de mulher.†

Nada poderia ofender mais o preconceito judaico.

Eles tinham, pensavam, os únicos profetas originalmente ungidos por Deus.

Depois, disse que João não era maior do que o menor habitante do reino interior.

Além disso, os hábitos higiénicos de João eram simples ao ponto da inanição. Era notório pela abstinência — «não comia pão nem bebia vinho».

Apesar desta temperança, os judeus denunciaram-no e divulgaram que João tinha o diabo dentro dele. Mas o Vidente de Nazaré não pretendia praticar a rigidez alimentar do Baptista...

**Esta psicologia de claqué ou de classe é por vezes corretamente chamada mania. Estas manias apoderam-se violentamente das mulheres e são, frequentemente,*

mais tristes do que divertidas nas suas manifestações. Um farmacêutico de St. Paul relata um exemplo de uma mania inofensiva:

«Quase todos os farmacêuticos mantêm um pouco de goma benjoim em stock. Na loja onde eu trabalhava então, tínhamos cerca de dez libras. Normalmente havia pouca procura do artigo, mas, de repente, surgiu uma grande procura de goma benjoim. As senhoras entravam literalmente em enxurrada na loja, cada uma para encomendar uma onça de goma benjoim e meia pinta de whisky. Farmacêuticos de várias partes da cidade enviavam-nos pedidos de fornecimento. Não sabíamos o que pensar. As dez libras esgotaram-se rapidamente e tivemos de telegrafar para o Leste para obter mais. Em menos de um mês, presumo que pelo menos 500 libras de goma benjoim foram vendidas a senhoras nesta cidade. Depois a mania desapareceu quase tão subitamente como surgiu. Quando fomos ao fundo da questão, descobrimos que estivera aqui uma mulher do Leste, a dar palestras apenas a senhoras, e recomendara uma mistura de goma benjoim, whisky e água para a tez.»

† Leia-se Lucas, capítulo VII, e compare-se o padrão da sabedoria com o dos fariseus moralistas. Vê, caro leitor, a diferença?

A sabedoria do Vidente era AMOR altruísta, que perdoa, levanta o caído e salva.

A virtude farisaica era Justiça impiedosa, que condena, derruba e destrói tudo o que cai sob o seu poder.

«Aqui estou eu», disse ele, «comendo e bebendo.»

E não era tão exigente quanto aos seus companheiros pessoais como os fariseus; e, por isso, denunciaram-no às suas esposas e filhos (e, naturalmente, todos concordaram com o que toda a gente dizia), que o pregador de Nazaré era «um homem glutão e bebedor de vinho», e que se associava abertamente como amigo com conhecidos e universalmente odiados «publicanos e pecadores». *

O homem espiritual por vezes dava aos fariseus um toque da sua ironia e sátira. Chamou-lhes, na cara, uma geração que buscava sinais e adúltera. Alguns dos mais curiosos tinham corrido ao local do batismo de João para ver um espetáculo «ou qualquer coisa»; ao regressarem, perguntou-lhes o que tinham ido ver ao deserto.

«Uma cana agitada pelo vento?», perguntou ironicamente.

«Que fostes ver?», voltou a perguntar.

«Um homem vestido com roupas delicadas?»

Era uma observação certa, dando ênfase ao traje de João, feito de peles de animais selvagens. Ainda assim, tentou pacientemente introduzir uma ideia nas suas cabeças densas; por isso perguntou pela terceira vez: «Que fostes ver?»

Fostes ao deserto ver «um profeta?»

E quando percebeu que não estava a conseguir penetrar-lhes o entendimento — e como que desalentado com aqueles espécimes presunçosos — perguntou (pensando em voz alta) a que compararia os homens daquela geração estúpida. «A que são semelhantes?» Ele próprio respondeu, numa frase:

«São semelhantes a crianças sentadas na praça do mercado» — a tagarelar, a discutir e a dizer disparates umas às outras — o que é uma tradução legítima das observações sobre tocar flauta e dançar.

** No capítulo VIII de Lucas temos alguma indicação dos seus companheiros. «Ele percorria todas as cidades e aldeias» — como um pregador errante das estrelas, e curador de doenças — e «os doze» iam com ele nessas jornadas. Também o seguiam «algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos malignos» — Susana e muitas outras, que o serviam com os seus bens — e Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes.*

Não desprezariam as respeitáveis mães e donzelas judias todo esse cortejo público e escandaloso? Porque não ficava a mulher do administrador de Herodes «em casa, a tratar das tarefas domésticas?» Exércitos de salvação nunca foram muito populares.

Logo depois disto, aceitou um convite para jantar com um fariseu virtuoso e justo. Estavam reunidos à mesa sumptuosa, prestes a começar a refeição, quando, eis que entra deliberadamente uma mulher bem conhecida, bela e afeiçãoada, mas de má reputação.

Com modéstia, aproximou-se e ficou junto aos pés do convidado espiritual. [Provavelmente, os presentes trocaram cotoveladas e piscadelas, dizendo interiormente: «Agora veremos como o nosso convidado trata esta intrusa sem valor.»]

Subitamente, ao sentir-se naquele ambiente, ela comoveu-se profundamente. Naturalmente começou a chorar, sob a pressão de emoções misturadas — tristeza e alegria, unidas à dor de um amor reverente. As lágrimas corriam; o coração subia-lhe à garganta, numa espécie de histeria, e não conseguia falar.

As suas abundantes lágrimas caíam sobre os pés dele. Ao notar isso, começou a enxugá-los com o seu longo e belo cabelo. Assim, literalmente, lavou-lhe os pés com as suas lágrimas. Depois beijou-os afetuosamente, diante de todos!

Trazia consigo um unguento (provavelmente perfumado). Com essa preparação agradável, ungiu e reconfortou os seus pés. [Os pés são centros magneticamente sensíveis, através dos quais tanto a saúde como a doença podem ser rapidamente transmitidas.]

A mulher compreendeu intuitivamente como o reconfortar através das plantas dos pés. Depois de os lavar com lágrimas, de os enxugar amorosamente com o cabelo, beijou-os e ungiu-os.

A sua própria vida estava cheia de sombras; mas sentia que este Vidente não a expulsaria.

Mas o fariseu distinto, em cuja mesa se desenrolava todo aquele gesto de bondade amorosa, disse consigo mesmo: «Se este homem fosse um verdadeiro profeta*, saberia imediatamente que esta mulher vil, que o toca e manipula e faz tal alarido com os seus pés, é uma pecadora.»

E o seu pensamento prático correspondente era: «Se ele soubesse quem ela é, faria o que eu faria: diria: “Senhora! Estas senhoras e senhores são cidadãos respeitáveis. Não tem direito de estar aqui. Retire-se imediatamente. Zebo, põe esta mulher má na rua!”»

** O termo profeta é o mesmo que vidente; tal como profeta e poeta são termos intercambiáveis.*

O Vidente percebeu imediatamente que seria melhor dirigir a sua explicação e justificação a Simão. «Vês tu esta mulher?» — e então contou uma história sobre devedores e credores. [Tentava, como vês, dizer algo que um grupo de mercadores pudesse compreender.]

Voltando-se para a mulher, disse: «Os teus pecados estão perdoados.»

O resultado foi espantoso para os judeus.

A sua única e suficiente explicação foi que ela fizera, com amor e sinceridade, para o seu conforto e felicidade, o que nenhum dos outros se oferecera para fazer — e «ela amou muito».

Ela entrara na sala acreditando que ele não a expulsaria por causa do seu passado errante, mas aceitaria as suas demonstrações com base no amor e reverência sinceros que sentia por ele.

Não se enganara.

Tinha uma percepção intuitiva do elevado carácter daquele homem de semblante triste.

«A tua fé te salvou», disse ele, quando ela estava prestes a sair — «vai em paz.»

Aqui começou a batalha universal entre a mania religiosa de uma classe rica e respeitável e a VERDADE proclamada por um espírito equilibrado.

As classes de homens e mulheres — juntamente com as suas teorias de governo e religião, as suas artes particulares e literatura, tal como os seus corpos e rostos — vêm todas por transmissão hereditária.

Muito acertadamente, um escritor recente afirma que, se a questão da hereditariedade fosse uma ciência exata — se pudéssemos saber exatamente quanta influência exerceram avós e avôs na formação dos filhos dos pais imediatos — o problema poderia assemelhar-se aos dos livros escolares:

«Se um certo número de homens, trabalhando durante um certo número de dias, pode abrir uma vala com tantas medidas de comprimento, largura e profundidade, quantos homens, trabalhando durante outro número de dias, serão necessários para abrir uma vala de tais e tais dimensões?»

Segundo essa regra, o problema da hereditariedade poderia formular-se assim:

«Se dois indivíduos, possuindo conjuntamente 17 por cento de bom senso e 183 por cento de tolice e obstinação, produzem um descendente com 84 por cento de bom senso e $9\frac{1}{2}$ por cento de tolice e obstinação, quantas gerações de tais pares serão necessárias para reduzir a percentagem de bom senso a uma fração insignificante, com nove zeros mais como numerador e dez zeros mais como denominador?»

O proponente deste problema descobrirá, como elemento essencial em todos esses cálculos, o facto interior de que a perfeição — e não a deterioração — de forma e força é a intenção secreta e o fim certo de todas as obras do infinito Pai e Mãe.

A ciência também propaga modas com grande êxito.

Nos assuntos externos, como alimentos, bebidas e vestuário, todos nós somos envenenados e morremos na infância.

Os nossos antepassados viveram longamente e prosperaram, porque viveram antes do reinado das adulterações no século XIX.

Assim fala a ciência. «O açúcar e os outros doces», somos informados, «são todos glicose e outras adulterações de natureza nociva.

A farinha, dizem-nos, é em grande parte argila branca, giz moído, etc. O chá é composto apenas de corantes, e contém uma quantidade interminável de arsénico e outros venenos.

O café estabeleceu agora a sua reputação de inferioridade, pelo menos igual à do chá.

A carne, dizem-nos, ou está doente quando é abatida no Ocidente, e depois ainda mais deteriorada pelo transporte após a morte, ou então é prejudicada pelo transporte viva para o Oriente e, quando aqui é abatida, já não está própria para consumo; e, além disso, contém uma tão variada coleção de passageiros, desde a triquina até à ténia, que não é segura para consumo enquanto não for cozinhada tão intensamente que os melhores dentes que se possam comprar não a consigam mastigar, e a melhor digestão também a rejeite.

«A manteiga e o pão, o chá, o café e o açúcar, as carnes e as mercearias em geral, todos caem sob a condenação da ciência moderna, com o seu olhar perscrutador.

De facto, as nossas roupas contêm vestígios de veneno nos corantes, e as nossas paredes podem estar revestidas de arsénico em vez de arte.

Os canos de esgoto conduzem ao coletor geral, que, como foi recentemente explicado, é menos um meio de afastar a imundície do que de fornecer gases mortais e propagar as piores doenças.

A cerveja, os vinhos e até as bebidas mais fortes são descritos como misturas de veneno, perigosas para a própria vida.

O tabaco é adulterado com substâncias ainda mais nocivas.

«Tal é a vida no século XIX.

Podemos muito bem encará-la e decidir se é vida ou morte.

Naturalmente, a julgar pelo quadro, dir-se-ia que é morte.
Quando comemos, comemos veneno; quando bebemos, bebemos veneno; quando respiramos, respiramos veneno.
A ciência revela tudo isto, e grande é a ciência.»*

A moda da «administração doméstica modelo» também causa frequentemente a morte de muitos cidadãos nobres e puros.
Nada menos do que uma plena apreciação desta causa universal de tristeza poderia ter levado Turner a escrever, de forma tão patética: —

«Um dia, enquanto vagueava, ouvi uma lamentação,
E vi uma pobre mulher, retrato da tristeza;
Ela fulminava com o olhar a lama à porta de casa (estava a chover),
E este era o seu lamento enquanto brandia a vassoura:

“Oh, a vida é um labor, e o amor é um tormento,
E a beleza há de murchar, e as riquezas fugir,
E os prazeres diminuem, e os preços aumentam,
E nada é como eu desejaria que fosse.

Há demasiada preocupação para um simples chapéu;
Há demasiado engomar para uma camisa;

Não há nada que compense o tempo que se perde com isso;
Nada dura senão a preocupação e a sujidade.”

“Em Março é lama; em Dezembro é lodo;
As brisas do meio do Verão vêm carregadas de pó;
No Outono as folhas amontoam-se; em Setembro abafado
O papel de parede apodrece e os castiçais enferrujam.

“Há vermes nas cerejas, e lesmas nas rosas,
E formigas no açúcar, e ratos nas tartes;
Há lixo ou aranhas que ninguém supõe,
E baratas devastadoras e moscas prejudiciais.

“É varrer às seis e tirar o pó às sete;
É preparar a comida às oito e lavar a loiça às nove;
É tratar de panelas e frigideiras das dez às onze;
Mal terminamos o pequeno-almoço já planeamos o jantar.

“Com gordura e sujidade, do canto ao centro,
Sempre em guerra e sempre vigilante.
Sem descanso por um dia, não vá o inimigo entrar, —
Passo toda a minha vida numa luta contra a sujidade.

“Ontem à noite, no meu sonho, estava destinada para sempre
A uma pequena ilha nua no meio do mar;
A minha única hipótese de vida era um esforço incessante
Para varrer as ondas antes que elas me varressem a mim.

“Ah! não era sonho — novamente o contemplo!
Rendo-me; sou impotente para evitar o meu destino!”
Arregaçou as mangas, dobrou o avental;
Depois deitou-se e morreu, e foi enterrada na terra!»

As influências psicológicas prevalecem nos estados mentais deprimidos.

No vale encontram-se passeantes, errantes e seguidores de acampamento;
alguns com enfermidades antigas; outros com «sete demónios», ou o que chamam
«ataques», «mau-olhado» ou «venenos».

Um caso desta última mania foi assim relatado:

«John F. Walter é um cidadão respeitável, já para além da meia-idade, que se retirou dos negócios com uma fortuna confortável.

A sua família era composta pela esposa e pela filha Ida, de vinte e quatro anos.
Na semana passada, o médico de família ficou surpreendido com a história relatada
por Ida e pela mãe, que compareceram no seu consultório em grande estado de
excitação.

Disseram que o Sr. Walter tentara envenená-las, e declararam que tinham
adoecido ao comer frango, e que ele colocara um ácido venenoso nas suas camas,
que descolorira as roupas e as fizera adoecer; e que o mesmo ácido fora colocado
nas suas roupas de uso diário e na alcatifa, e que, quando pisavam, queimava
através dos sapatos.

Declararam que colocaram o cão da família sobre um tapete onde a substância
fora espalhada, e que o animal adoecera tanto que quase morrera.
A mesma preparação, disseram, fora colocada nos seus ganchos de cabelo,
queimando-lhes a cabeça.

O médico tentou acalmar os seus receios, mas elas foram a outros médicos e
repetiram as declarações, que também fizeram ao Chefe da Polícia, ao Magistrado
da Polícia e ao Procurador Distrital, a todos os quais pediram a detenção do Sr.
Walter, que foi recusada.

No sábado abandonaram a casa e recusaram regressar.
O Sr. Walter e alguns amigos procuraram-nas até ontem à noite, quando foram
encontradas na residência de George Kramer.

Ambas tentaram fugir, mas a Srta. Walter foi contida, enquanto a mãe correu pela rua gritando «Assassínio!» e escapou.

Polícias, o Sr. Kramer e o Sr. Walter procuraram a mulher quase toda a noite. Cerca das quatro horas da manhã, o cão do Sr. Walter conduziu o grupo a um barracão pelo seu comportamento estranho, e ali a Sra. Walter foi encontrada pendurada numa trave.

Tinha rasgado uma das suas peças de roupa interior, atado e prendido os pedaços à trave e, colocando a cabeça no laço assim formado, empurrado a caixa sobre a qual se encontrava, estrangulando-se lentamente.

Não estava completamente morta quando foi encontrada, mas expirou pouco depois. A mulher estava, sem dúvida, insana, e a filha encontra-se na mesma condição.»

Certo dia, um médico, conhecendo as minhas impressões acerca de feitiçaria e possessão por sete demónios, entregou-me o seguinte:

«Louis Tiller, homem negro, marido da arguida, declarou: A minha mulher, nos últimos onze anos, tem estado doente por vezes; muitas vezes pensei que ela morreria. Durante o último ano tem estado frequentemente doente. À noite falava durante o sono de pessoas que a perseguiam. Nunca consegui perceber o que causava o problema. Queixava-se também frequentemente de que a cabeça não estava bem e dizia que pensava estar a enlouquecer. Acreditava em feitiços e pensava que lhe tinham lançado feitiços. Eu também acredito em feitiços. Eu próprio já fui curado por eles. Eu e uma cartomante curámos a minha mulher numa ocasião.»

A arguida aqui referida era uma mulher negra, ignorante e de bom coração, que foi presa e julgada por ter disparado contra um homem. O veredicto foi homicídio involuntário, e a pena dez anos de prisão. «Ela acreditava em feitiços.» Num desses delírios infligiu a lesão fatal a um semelhante. Era irresponsável; e, no entanto, foi condenada!

A sociedade deve proteger a vida, a liberdade e a propriedade dos seus membros. Por isso se instituem leis. E existem mecanismos para aplicar essas leis e punir os transgressores individuais. Quando a ignorância encontra a ignorância, «então começa a luta» da injustiça, da desumanidade e da miséria indizível.

Sensível, imaginativa, ignorante, de espírito fraco, esta mulher doente, esposa e mãe, foi facilmente influenciada psicologicamente pelos seus vizinhos mais afirmativos e engenhosos. Eles também acreditavam «em feitiços». E o marido era crente convicto. Declarou: «Eu e uma cartomante curámos a minha mulher numa ocasião.»

Assim, tinham a mania dos feitiços combinada com a ignorância; e os efeitos práticos foram superstição, medo, doença, ansiedade, infortúnio e crime. E o júri tornou tudo isto dez vezes, sim, cem vezes mais maléfico e criminoso ao acrescentar a sua ignorância coletiva sob a forma de um veredicto, pelo qual ela foi consignada a uma vida de isolamento sem esperança, longe do lar, do marido e dos filhos.

Em casos como este, espiritualistas esclarecidos poderiam intervir e trabalhar para o desenvolvimento da justiça e do amor. Mas, infelizmente, poucos deles são filósofos. Em vez de atribuírem estes «feitiços», ou manias, ao funcionamento das leis psíquicas entre os seres humanos, muitos precipitam-se para uma explicação extrema e dizem: «Ela está possessa», ou é um «caso de obsessão», etc.

Está a tornar-se um dogma, entre certa classe de espiritualistas, que espíritos, em algum grau de maldade, estão dentro, por trás ou na origem de quase todos os casos de perturbação mental e excentricidade. Que há casos de insanidade que são apenas uma forma de mediunidade, admite-se. Mas, com demasiada frequência, atribui-se uma causa externa, envolvendo mistério e superstição, como origem de muito do que é «da terra, terreno».

O juiz e o júri ignoravam tanto a psicologia como o intercâmbio espiritual. Assim, pouco puderam fazer pela justiça, e nada pela verdadeira misericórdia e pelo amor redentor.

O que precisamos enfaticamente, em primeiro lugar, é de um conhecimento científico esclarecido das leis exatas da psicologia — leis que se manifestam universalmente entre as mentes humanas, uma força frequentemente exercida de modo ignorante — e, em segundo lugar, precisamos de uma incorporação sábia e justa desse conhecimento exato em todas as leis, sistemas, penas e instituições que são concebidos pelo governo para prevenir ou punir o crime, ou que são planeados com benevolência para fortalecer e elevar a humanidade.

CAPÍTULO XLVI

MARCHANDO EM DIRECÇÃO AO MONTE HARMONIA

«Parece histórias da terra dos espíritos,
Se algum homem obtiver o que merece,
Ou merecer o que obtém.»

Esta eminência celeste é sublimemente bela entre as montanhas sagradas. A felicidade floresce em cada flor. Por toda a parte se desdobram inúmeras bênçãos e beatitudes. Mas está demasiado distante das exigências diárias da terra e dos deveres consequentes. Alcançar o cume desta elevada montanha é «abandonar o mundo». A morte, de modo semelhante, desprende os «grilhões da matéria» e revela os maravilhosos arcanos das posses espirituais.

Ainda assim, dos lugares elevados descem até mim convites angélicos; e, para os aceitar, devo continuar a marchar para diante e para cima. E cada passo em frente, até agora, envolveu uma história de esforço exterior — de progressivos esforços pessoais — para vencer oposições e embaraços tanto em mim próprio como nos outros.

Mas não foi cada pirâmide construída com pedras cheias das lágrimas e da agonia de homens, mulheres e crianças? Degrau a degrau, pedra após pedra, ao longo de seis a dez gerações de almas desamparadas e desalentadas, os poderosos monumentos, um após outro, foram erguidos e concluídos.

E agora, sobre essas elevadas montanhas feitas pelo homem, os viajantes modernos repousam, cheios de admiração silenciosa e inspirados por grandiosas e sublimes contemplações. Rei após rei, dinastia após dinastia, gerações sobre gerações, chegaram e floresceram, murcharam e partiram, durante a construção dessas maravilhosas montanhas humanas.

Todos os escravos foram forçados ao trabalho. Assim têm sido iniciados todos os grandes monumentos, e parcialmente construídos; depois abandonados por algum tempo, por falta de dinheiro, de patriotismo ou de trabalhadores baratos. Seguia-se então uma tempestade de condenação destrutiva vinda dos vales dos opositores — de que a estrutura era desnecessária — de que fora iniciada no local errado — de que o projeto original era arquitetonicamente defeituoso — de que constituía um imposto inútil sobre um tesouro já depauperado.

Depois, após um longo período de negligência e abandono absoluto do projeto, surgia subitamente um homem inspirador; a sua voz vibrante era ouvida por toda a terra; as mães e as donzelas respondiam; iniciavam-se subscrições e realizavam-se feiras; o dinheiro afluía de todas as bolsas patrióticas, e eis que o monumento era erguido.

Imediatamente após essa consumação vinha um dia de celebração universal do triunfo. Nenhum sussurro de censura! Todos participavam igualmente na magnífica realização.

O trabalho de parto da alma, saindo das suas discórdias hereditárias e circunstanciais — físicas, sociais, intelectuais, éticas — em direção aos lugares santos de Sião, sobre o Monte Harmonia, é acompanhado por experiências espirituais correspondentes.

Os alimentos e as bebidas exercem grande influência. Os companheiros exercem influência ainda maior. Pessoas que não são temperamentalmente afins são venenos mútuos. Alimentos que não são quimicamente compatíveis geram doenças.

É sobre estes últimos, em toda a progressão psíquica e exploração da verdade, que peço agora a atenção do leitor.

Mas primeiro, quanto aos companheiros: se deseja avançar com sabedoria, deve escolher sabiamente as suas companhias. Se forem verdadeiramente bem escolhidas, promoverão o seu crescimento em direção ao Monte Harmonia. Julgue por si mesmo. Se errar, que o seu erro seja absolutamente honesto; não resultado de paixão, fortuna ou capricho. Então, por uma lei divina, até o seu erro favorecerá o seu espírito.

Fisicamente falando, o jejum é, por vezes, promotor de visão. A jovem de Brooklyn, Srta. Fancher, devido a um ferimento sofrido há muitos anos, não pode comer. O Dr. Tanner, pelo exercício da sua vontade, absteve-se de qualquer alimento durante quarenta dias, em 1880, na cidade de Nova Iorque.

A primeira coisa que suscita ceticismo é a afirmação, que é verdadeira, de que a Srta. Fancher viveu durante anos sem alimento.

O verdadeiro estado espiritual é alcançado por uma completa subordinação do organismo físico, fazendo dele uma espécie de degrau para uma elevação mental tranquila. Os apetites são os impedimentos, as pedras de tropeço, no caminho para esse cume.

O caso de Daniel, o profeta, é uma boa ilustração. Os ministros leem o livro que relata a sua experiência e professam acreditar nele. Ele disse que jejuou três semanas completas, não tomou carne, nem vinho, nem pão saboroso; na verdade, foram três semanas de inanição voluntária, segundo o seu próprio relato, e ao fim desse tempo registou: «Eu, Daniel, tive uma visão.»

O seu cair em transe assustou os homens que estavam à sua volta; um grande tremor caiu sobre eles, e fugiram aterrorizados; mas ele «teve uma visão» e viu e

ouviu pessoas e coisas espirituais. Daniel nunca poderia ter tido tal experiência se não se tivesse quase totalmente absterido de alimento.

Por vezes, jejei três meses antes de poder iniciar as minhas investigações claridentes; e, durante o progresso dessas investigações, tive de continuar o sistema, embora não de forma tão extrema.

Sei que os peritos médicos afirmam que tais visões, induzidas pelo jejum, não passam de delírios da mente, nascidos da fraqueza do corpo.

Em resposta, direi simplesmente (quanto ao meu próprio caso de visão) que, durante os primeiros dois anos da minha experiência, fui continuamente submetido a testes da exatidão da minha visão clarividente na cidade de Poughkeepsie. O meu título nessa época era «O Vidente de Poughkeepsie».

As provas fornecidas por esses testes foram do carácter mais palpável e indubitável — como ler o título de um livro específico colocado entre outros sobre a minha testa; indicar a hora exata marcada no mostrador de um relógio oculto no bolso de alguém; dizer o que havia numa sala contígua, ou o que ali estava a ser dito ou feito, e até o que se passava em salas do lado oposto da cidade — salas preparadas e mobiladas expressamente para desafiar qualquer conjectura e expor qualquer engano.

Não restou dúvida alguma quanto à absoluta certeza de que eu possuía o poder de ver com exatidão, no estado clarividente, aquilo que de outro modo não me poderia ser conhecido. Ainda hoje existem vários cidadãos de Poughkeepsie que se lembrariam dessas experiências.

Viver sem alimento durante um longo período é possível ao homem, porque o HOMEM (no seu íntimo mais profundo) É UM ESPÍRITO; mas uma mera alma e corpo, como um animal no campo ou na floresta, rapidamente murcharia e morreria.

Na fisiologia, os tecidos celulares são os geradores naturais, protetores e alimentadores de todas as membranas do sistema. Eles constroem os órgãos vitais. E esses tecidos exsudam dos gânglios simpáticos mais íntimos; estes, por sua vez, emanam das forças psíquicas e dos princípios espirituais.

Existem milhares, sim, centenas de milhares dessas células vivificantes perto da superfície e por todo o sistema, e há centenas de milhares de pés de nervos. Esses nervos delicados cooperam com os tecidos como protetores e alimentadores de todo o sistema membranoso e vital.

O caso da Srta. Fancher, a julgar pelo meu próprio, é um de alimentação por nervos e tecidos celulares, que torna o uso de alimento mastigado quase totalmente desnecessário.

Mas não é necessário alimento substancial para manter vivos os nervos e os tecidos? Esses tecidos e nervos são produtos de elementos e essências totalmente desconhecidos dos químicos e dos cientistas físicos. No momento em que chegamos a esse limite, deslizamos para o espiritual.

Uma célula não pode ser organizada sem uma potência exatamente qualificada para tal trabalho, e o nervo é produto do que eu chamo «o princípio espiritual».

Ora, o que necessita de ser alimentado? Não o tecido e o nervo, mas as essências ou princípios que desenvolvem ou evoluem nervos e tecidos; e essas essências ou princípios podem ser recebidos de várias maneiras. Podem ser inalados e ingeridos com água pura ou leite em quantidades muito pequenas, ou podem ser absorvidos por toda a superfície da pele.

Um magnetizador, como eu sei — pois durante vários anos fui magnetizado duas vezes por semana — pode comunicar essas potências e princípios vitais. Os magnetizadores alimentavam as minhas energias vitais. Assim também uma pessoa em jejum é alimentada pela respiração, pelo sistema nervoso e pela cutícula absorvente.

A força do magnetizador, por um processo de cooperação, entrava nos meus poderes vitais e mantinha o coração a bater, conservando certo grau de calor corporal; de modo que a minha mente ficava inteiramente emancipada da necessidade de executar aqueles processos corporais em que todos estamos constantemente envolvidos em condições ordinárias.

De facto, a razão pela qual muitos de nós não podemos comandar os nossos poderes é porque estamos demasiado ancorados à terra, ou sobrecarregados, por assim dizer, por esses poderes vitais sempre famintos que consomem as nossas energias mentais.

Assim que a mente é emancipada da necessidade de impedir que o sistema corporal morra, os seus sentidos interiores abrem-se e fortalecem-se, tal como podem abrir-se alguns momentos antes da morte.

A Srta. Fancher, por exemplo, encontra-se muitas vezes na fronteira do outro mundo; e, sempre que ali está exatamente, pode ouvir sons completamente inaudíveis para ouvidos comuns e ver cenas que nenhum olho humano pode discernir.

Mas quando volta a instalar-se na sua circulação, músculos e nervos, desce do que chamamos estado lúcido e torna-se novamente uma doente, experimentando provavelmente muitos sintomas.

Então sobrevém a histeria; mas o que é a histeria? É uma discórdia psíquica, não física; uma doença estranha, e além do controlo tanto da paciente como do médico.

Surgem agora outras questões quanto aos possíveis usos — aos fins que poderiam ser alcançados — por este estado clarividente e clariaudiente.

As pessoas têm curiosidade em saber por que razão, se ele existe como se afirma, não pode ser aproveitado para algum fim prático. Por que não ganhar dinheiro com isso?

A minha resposta é: há algo de muito estranho nesta emancipação do mental em relação ao físico. Torna-se impessoal. Os apetites e as paixões ficam todos em repouso. Esse estado elimina completamente o egoísmo da mente como motivo de ação.

Se o interesse próprio pudesse ser mantido, um clarividente poderia dedicar-se a todo o tipo de trabalho detectivesco, à procura de pessoas e bens perdidos. Mas, quando o elevado estado de lucidez é alcançado, a pessoa é verdadeiramente residente de outra vida, e passa então a interessar-se ampla e desinteressadamente pela humanidade e pela verdade em geral, e pelo avanço de princípios nobres.

Interesses mesquinhos e sórdidos não são simplesmente subordinados; parecem deixar de existir. Não sei como poderia ser possível, nesse estado, dedicar-se a um objetivo egoísta.

Penso que essa condição foi concebida para, e realmente adaptada ao, estudo das ideias, ao progresso da ciência, ao desenvolvimento da filosofia, à educação espiritual do mundo, e não está, de modo algum, adaptada a usos comuns, aqueles que muitas pessoas chamariam «práticos».

Tal tem sido a minha experiência. Quando era jovem, muitas pessoas vinham pedir-me que tentasse ver onde se supunha estar dinheiro enterrado, e outros serviços semelhantes, prometendo recompensas generosas se tivesse êxito. Eu era ainda rapaz e não via razão para não o fazer, pois realizava diariamente coisas igualmente difíceis, e as recompensas oferecidas tentavam-me, porque o egoísmo ainda estava presente no meu eu comum.

Mas descobri que, quando entrava na vida interior, não podia ser movido por tais motivos. Todo o sentimento e conhecimento desses propósitos mundanos desapareciam.

Estas considerações são indispensáveis para todos os que desejem caminhar em direção ao Monte Harmonia.

Além disso, períodos de solidão (comunhão consigo mesmo) devem ser procurados com reverência. Pertencem à vida do espírito.

Por exemplo: os descendentes religiosos do profeta persa Zoroastro construíram maravilhosas estruturas de pedra como depósitos para os mortos. Afirma-se que cinquenta mil desses adoradores do Fogo residem em Bombaim, na Índia.

Cobriram o cume da Colina de Malabar com as árvores e arbustos mais sagrados. Nesse jardim encantado crescem misteriosas palmeiras, ciprestes pacíficos, plantas floridas, trepadeiras festonadas e todos os arbustos que possam realçar a beleza sagrada do lugar.

E, no meio de toda essa atração sagrada, os reverentes Parsees construíram o que se chama «Torres do Silêncio» — nas quais depositam os elementos dos mortos, que assim são reverentemente devolvidos a Ormuzd, o Supremo Governante do Universo.

Suponhamos agora que traduzimos o que precede em experiências espirituais, assim: o espírito de cada homem é capaz de exaltação. A sua entrada nas solenidades da Condição Superior seria a sua introdução no jardim sagrado no cume da bela colina. Ele eleva-se como o sol, muito acima da terra. As sombras do mal não o seguem. Os demónios das suas personalidades, as tentações do seu egoísmo, não podem entrar com ele. Na supremacia do espírito, ele habita nas sagradas «Torres do Silêncio». A beleza e santidade deste santuário trazem uma realização do Céu, tornada evidente até às faculdades de pensamento.

Mas, para o homem do mundo, tal Silêncio seria horrível. Seria, para ele, um lugar terrível de mortos sem voz e sem coração. Mas, por outro lado, o verdadeiro homem espiritual seria elevado acima do mundo. Poderia olhar para baixo, imperturbável, e contemplar sem emoção os reinos terrestres e as atrações temporais, e, por algum tempo, estaria «morto» para eles: um habitante do templo, — um adorador na Torre do Silêncio, — e assim, enquanto a sua exaltação durasse, adoraria o Pai (Ormuzd) «em espírito e em verdade», em harmonia com o fluxo e o ritmo divinos dos princípios eternos.

Caro leitor, não seria supremamente sábio e produtor de pureza, poder e felicidade na sua vida se você, por vezes, se esforçasse por entrar no Silêncio e, assim, comungar com o Deus da verdade que habita em, e fala através, do centro do seu espírito?

CAPÍTULO XLVII

À PROCURA DOS SEUS FILHOS, MÃE NATUREZA

«Livre é o homem que a verdade faz livre,
E todos os outros são escravos...
Ele olha em redor, para o campo variado
Da Natureza, e, embora pobre...
Chama toda a paisagem deliciosa sua.
Suas são as montanhas, e seu é o vale,
E os rios resplandecentes.
Seus para desfrutar.»

A suscetibilidade do pensamento é a linguagem filosófica para a cogitação interior. O registo do pensamento é a memória do pensar subjetivo. A recordação do pensamento é a reunião e classificação de pensamentos que foram evoluídos pela cogitação interior. A reflexão é o raciocínio consciente sobre o que foi registado e recordado.

Assim, se a mente quiser crescer e expandir-se a partir das suas próprias raízes e vitalidade, o seu possuidor deve cultivar a subjetividade do sentir e do pensar.

Toda a grande mente mestra do passado — Moisés, Isaías, David, Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Sólon, Jesus, João, Paulo, Cícero, Shakespeare, Bacon, Newton, Herschel; os grandes artistas também, e os grandes compositores — cada líder de cada época, foi um pensador subjetivo, honesto, persistente, subtil, profundo e sistemático. Ele sondou os vastos abismos do sentimento; explorou os campos ilimitados do pensamento.

Tal como um homem cresce fisicamente simétrico e belamente forte pelo exercício justo e constante das partes que compõem o seu ser corporal, assim o homem cresce espiritualmente, grandemente grande e harmonioso, pelo exercício sábio e frequente dos seus elementos interiores de amor e dos atributos da sabedoria.

Mas, se obedecer à voz da Mãe Natureza, que está sempre à procura e a ansiar pelos seus próprios filhos queridos, então deve separar-se das alianças enredadoras da sociedade humana. Terá cada vez menos seres humanos como companheiros, antes de obter muitas alegrias e inspirações de Deus.

Do Neander de espírito espiritual disse-se: «Platão era o seu ídolo e a sua palavra de ordem constante. Devorava esse autor noite e dia.» Porque Platão o instruiu a ver e a sentir a Natureza. Na medida em que recebeu o espírito da Natureza no santuário mais íntimo da sua própria alma privada, nessa mesma medida «aprendeu a olhar com indiferença para o mundo exterior».

Disse-se que ele viajou intelectualmente do Judaísmo para a Filosofia, e da Filosofia para o Cristianismo. A teologia não o interessava. Para a sua mente espiritual, Jesus estava mais perto de Deus do que Platão. Porque, em todas as naturezas profundas e elevadas, a fé (isto é, o amor intuitivo por, e a dependência infantil de, o Deus da Natureza) é bem-aventurança espiritual.

A crença, a incredulidade e a descrença são diferenciações do intelecto — resultados do raciocínio sobre evidências recebidas através dos sentidos externos. Pelo contrário, a fé é a afirmação inata do espírito imortal. Perder a fé é perder a infância, — é abandonar o espírito pelos sentidos, — é ser expulso do jardim do Paraíso para os domínios do materialismo.

Soa e parece inconsistente, um paradoxo, que um homem de fé profundíssima possa, ao mesmo tempo, ser um homem que, intelectualmente, duvidando e rejeitando tantas doutrinas populares, é chamado pelos seus vizinhos «um infiel». Mas a explicação vê-se na fé subjetiva, que é espiritual, e no ceticismo objetivo, que é intelectual e sensorial.

Bem-aventurado aquele cujas intuições e faculdades intelectuais falam a mesma linguagem! Na maioria das naturezas, ainda não equilibradas e uniformemente desdobradas, o conflito é constante e uma dor para toda a vida.

No vale, todos os dias, encontro almas a afastarem-se da Mãe Natureza. Ocupam-se de «coisas» que trazem as marcas de dedos humanos; não das ideias, das verdades vivas, palpitantes e fluorescentes com o espírito da Natureza. Caminham para cima e para baixo nas longas avenidas das cidades e das sociedades; mas raramente olham para cima, para as aberturas imensuráveis do universo que as abarca.

O templo material, com as suas belezas arquitetónicas e assentos almofadados, atrai-lhes a pessoa e a fortuna; mas são cegos ao templo da Natureza, onde cada árvore é uma oração ascendente e onde cada flor em flor é um cântico de louvor.

Os verdadeiros amantes da música amam e escutam os sons da Natureza; os verdadeiros artistas contemplam e adoram as obras vivas de Deus. Os artistas e músicos superficiais afastam-se da sua Mãe amorosa. Apresam-se a recuar para viver com os «velhos mestres». Os moralistas recuam para Séneca ou Epicteto; os religiosos procuram Jesus e João; os teólogos vasculham as obras dos primeiros Padres. Mas a Natureza chama a cada um: «Onde estão as vossas morais, meus amados filhos? Não tendes religião? Nada sabeis do vosso Criador?»

Eis, habitantes do vale! não penetrais as extensões ilimitadas para além do vale? Não contemplais, para além do vale, as montanhas imensuráveis do universo

espiritual? Não vedes que as constelações estelares são acordes na harpa sobre a qual a Mãe Natureza faz soar a música do seu amor eterno por Deus?

A beleza ondulante das vagas do oceano, — o canto das árvores e das aves e dos zéfiros ao longo das avenidas de arco alto de floresta e planície, — a glória do sol da manhã, as extensões intermináveis dos céus em redor, e as solidões da noite sonolenta, — não convidam estas belezas e glórias e atrações da vossa Mãe infalível a uma vida mais interior e subjetiva?

Em todo o mundo encontrais a vossa Mãe. Ela chama-vos igualmente em todos os países. Em todos os climas, em todas as eras, entre todos os povos, ela procura os seus. Em todas as estações também ela vos chama — no Verão e no Inverno, na sementeira e na colheita — ela ama-vos com o mesmo amor profundo, constante e santo. A sua voz é a voz de Deus. Ela diz que a vontade de Deus e a felicidade do homem são uma e a mesma coisa. Ela quer-vos «verdadeiramente livres». Os filhos da Natureza são os filhos de Deus. «A gloriosa liberdade dos filhos de Deus» significa a liberdade sem limites dos filhos da Natureza.

Para além do vale da servidão ao erro e à injustiça, contemplais, sobre o branco seio da vossa Mãe, um diamante imortal, — cintilando com o esplendor prismático de uma galáxia de sóis, — e o seu nome é Liberdade! Todo o esforço, toda a vida, toda a inquietação, todo o descontentamento, toda a energia despendida significam esforços inerentes pela liberdade. Disse o poeta: —

«*Consegues ler o cântico
Da abelha suplicante?
É uma alma de profeta
A pedir liberdade.»

Entre os aglomerados de estrelas no céu, contemplais um sol polar — a estrela que nunca falha ao ministro nem ao marinheiro — a luz fixa, alta, celeste, da Liberdade. E a terra das maiores liberdades é a América — o grande mundo do progresso, sob os decretos de Deus, assistido por hostes angélicas superintendentes — onde as mais altas flores humanas hão de florescer.

«Um novo povo num novo mundo», disse um patriota, escrevendo sobre arte e artistas, «com instituições livres e com um destino tão poderoso e de tão longo alcance que até uma débil sugestão profética da sua vastidão é tão sublime quanto assustadora, deveria procurar formular a sua grandeza na sua arte. É cedo demais para esperar completude de desenho, mas deveria haver pelo menos manifestações de um sentimento artístico original e vigoroso, e manifestações de mentes frescas e heroicas a lutar com pensamentos titânicos que um espírito livre as impele a exprimir.

«A história e a tradição americanas estão cheias de inspiração e de sugestão para a arte. Em todos os seus anais houve uma luta contínua pela liberdade. O homem lutando contra as opressões da tirania do Velho Mundo; lutando contra as forças formidáveis mas subtis do ar e do oceano; lutando contra a fera e contra o homem ainda mais selvagem que ocupava o país antes dele; lutando contra os invasores estrangeiros; e, finalmente, irmão lutando contra irmão, enquanto, ao longo de todo o tempo, o progresso é em direção ao objetivo da liberdade. Estes são os temas para os começos da arte americana; mas, entretanto, o americano pinta histórias do Velho Mundo, gente e costumes do Velho Mundo, tradições do Velho Mundo, heróis do Velho Mundo — todos eles já reclamados pelos lápis dos mestres do Velho Mundo que alcançaram um grau de excelência de que todos os que vierem depois ficam perpetuamente excluídos.»

Pessoas poéticas e devotas leem os Escritos de David com admiração reverente. Porquê? Não brilham o mesmo sol e as mesmas estrelas para si? Os seus olhos podiam discernir a adoração universal de todas as coisas animadas e inanimadas. Não pode ver o mesmo? Não balançam os mesmos mares nos seus leitos por si?

Ele contemplou a glória do firmamento — as falas do dia após dia e as manifestações da sabedoria divina noite após noite — mas você, sendo cego à Natureza, tem de ler e entoar os Salmos de David para ouvir o louvor das coisas a Deus!

A Natureza procura-o por toda a parte, caro leitor. Não se desvie nem se esconda em templos feitos pelo homem. O amor abrir-lhe-á o coração; e a sabedoria ensinar-lhe-á a perfeição e a paz de todos os seus caminhos.

CAPÍTULO XLVIII

UMA REPÚBLICA ESPIRITUAL PARA ALÉM DO VALE.

«Oh, filho do tempo que olha para trás!
O novo é velho, o velho é novo,
O ciclo de uma mudança sublime
Continua a varrer.»

A AMÉRICA, vista com sentimentos desalentados e com olhos voltados para baixo, está condenada. Parece, quando vista superficialmente, meio formada, desarticulada, injusta, rude, a revolver-se sobre si mesma. Mas, quando a América é contemplada com uma visão interior, olhando para além do vale, vê-se que ela é uma promessa superna da terra mais feliz — o fundamento e a profecia perfeita de uma verdadeira República Espiritual.

Aqui a humanidade encontrará a sua nova terra onde habita a justiça. Aqui a humanidade encontrará a sua terra prometida — «um novo mundo» transbordante de toda a coisa boa e perfeita — uma terra das mais grandiosas realizações e gloriosa de felicidade humana universal. Aqui, o Indivíduo livre e plenamente desenvolvido deverá estar em paz com os interesses ordeiros e a mais alta civilização do Todo combinado.

A América espiritual leva a Liberdade no seu grande coração — uma profecia de justiça sem limites, de amor e de harmonia. Mas, eis a América materializada: olhe-se para os Estados, para o governo e para o povo externamente, e vê-se um país cheio de inconsistências indescritíveis; um vasto salpico de paradoxos irreconciliáveis — um país de injustiça, ganância, contenda, barbaridades partidárias, ameaçando uma era de conflitos fraternos, animosidades locais e guerra civil.

Após uma ausência de muitos anos (ele «morreu» no início deste século), um americano patriota fala a partir da deliciosa luz do longínquo céu superior. Psicofonicamente, ouço os seus tons calmos e sinceros — inexprimivelmente carregados de amor, ponderados e alegres — dizendo:

«Procurem a liberdade na América. A procura é sabiamente mais atraente do que a própria liberdade da verdade. Os habitantes dos Estados procurarão riquezas por toda a parte — sob a terra, no mar, através do ar. Encontrarão tudo em abundância, exceto a própria verdade da liberdade. Por isso, os seus instrumentos de progresso multiplicar-se-ão e encherão o país de tudo exceto felicidade. As companhias ferroviárias e as instituições bancárias elevar-se-ão em poder, tornando-se preponderantes sobre os governos dos Estados.»

As corporações setoriais entrarão em conflito com a comunidade geral, e o Governo encarnará o partido no poder.

As questões políticas serão suplantadas por interesses menos intelectuais.

Como viver no luxo e na ociosidade sem trabalho, ou com apenas um pequeno esforço diário, será o fim procurado tanto pelos pobres como pelos ricos.

Contenda, violência, desorganização, suceder-se-ão no caminho desse esforço.”

Depois de estas palavras algo desencorajadoras terem caído do céu sereno (escritas tão depressa quanto eram ouvidas), saí para dar um passeio, meditando em espírito, perguntando-me o que tudo aquilo poderia significar.

O dia de junho era arejado e carregado de eletricidade. As verdes colinas distantes pareciam inchadas de colheitas. O ar estava impregnado da própria vida das flores. Rosas e madressilvas conferiam à atmosfera uma doçura sonhadora. Mas eu não conseguia desfrutar do pitoresco — nem me podia entregar aos encantos da fragrância — pois, recordando as palavras do patriota americano agora na Terra do Verão, o meu pensamento exclamava incessantemente: «Será possível?»

Por fim, detive-me sob algumas árvores numa alameda isolada. Refleti sobre a profecia.

De súbito, irrompeu no meu espírito este pensamento: «Ele fala a linguagem dos cínicos e pessimistas. Descreveu a América pelo seu lado objetivo — o lado da materialização!»

Então surgiram as perguntas: Pode um espírito adotar uma visão externa de alguma coisa?

E por que razão se detém um espírito nas discórdias temporais de um país?

Estando na condição espiritual, como pode um espírito olhar superficialmente para o que quer que seja?

Estas, e ainda outras perguntas, inundaram os meus pensamentos enquanto repousava sob as grandes árvores frondosas.

A resposta surgiu: o juízo de um espírito desequilibrado está sujeito a impressões erróneas — e, portanto, também a conclusões incorretas provenientes de raciocínios — tal como um espírito (isto é, uma pessoa) neste mundo está sujeito a impressões enganosas e a chegar a conclusões erradas, segundo o princípio de que a ignorância é um inimigo onnipresente ao qual a natureza humana universal está constantemente exposta, tanto proporcionalmente na idade adulta como na

infância — tão certamente nas esferas e estados inferiores após a morte como em qualquer terra habitada por homens no imensurável universo.

A questão da condição é uma questão sempre recorrente; pois de «condição» depende tudo quanto à sua formação e expressão.

Um espírito, após a morte, pode estar (no que respeita às verdades e princípios interiores) numa condição inferior e comum, enquanto um espírito (ou um indivíduo) na Terra, ainda no corpo, pode encontrar-se numa «condição superior» no que toca a princípios e factos, ideias e pensamentos.

Tal mente pode compreender essências imutáveis e as suas manifestações mutáveis.

Raciocinando assim, e concluindo interiormente desse modo, comecei de novo a desfrutar das belezas e variedades do mundo ao meu redor.

O pitoresco incomparável das montanhas verdes ao longe — o verdor enevoadado dos vales distantes — os vislumbres sugestivos de casas cobertas de vinhas e árvores nos campos abundantes — a deliciosa fragrância no ar, exalada pelas madressilvas e pela grande colheita de rosas — tudo isto voltou a transmitir-me alegria e a despertar um sentimento de gratidão, como se a América já fosse uma terra de amor, justiça, sabedoria, paz, progresso e felicidade.

Por um momento, esqueci-me das misérias de milhões da humanidade. Já não me lembrava dos abandonados, dos aterrorizados, dos meio famintos, dos oprimidos pela miséria, dos sem amor, dos sem abrigo, dos errantes destituídos.

Agora contemplava a verdadeira República Espiritual além do vale — o novo país milenar de paz e abundância — que há de surgir deste jovem continente-mãe.

«Ó minha pátria, é de ti
Doce terra da Liberdade,
Que eu canto!»

A América atravessará e cumprirá a profecia do poeta.

As possibilidades estão carregadas de poder e são múltiplas; portanto, as probabilidades podem vir sobre nós com asas velozes; e será necessária a sábia orientação de patriotas angélicos para conduzir o nosso navio para longe dos rochedos ocultos da destruição.

A América materializada é um quadro indescritível e altamente industrial. Está hoje a ferver com os males e as misérias da ignorância e da injustiça.

Com verdadeira perspicácia, o poeta afirmou que um verdadeiro lar não é aquela habitação materializada visível aos olhos do corpo. Disse que o verdadeiro

lar não consiste em «quatro paredes quadradas, ainda que com quadros pendurados e dourados... nem apenas em telhado e divisão», com as comodidades físicas e todos os melhoramentos modernos inventados para acelerar e simplificar os movimentos da vida corporal — mas antes que «o lar é onde o afeto chama — onde há alguém para amar e onde há alguém que nos ame».

Assim, a única América verdadeira é a República espiritual que está para vir.

As grandes tempestades começam em montanhas longínquas. Olhai para as antigas civilizações e observai as tempestades que se formam — Comunismo, Socialismo, Niilismo — e preparai-vos para elas quando irromperem nos pontos mais frágeis entre nós.

A América é elástica e jovem em cada articulação. As tempestades poderão descer, e o jovem gigante poderá dobrar-se sob elas; mas do seu leito erguer-se-á com a força profunda de um deus.

Um grande sofrimento está diante de nós; mas também uma grande alegria. Olhai para a América materializada, e estremecereis perante o quadro; mas olhai mais profundamente, vede a América na sua vida interior, e enchei-vos de esperança, alegria e gratidão.

CAPÍTULO XLIX

TODAS AS VICISSITUDES DO VALE VENCIDAS

«Não sabemos que os nossos mortos nos contemplam
De cima, com triste surpresa,
Repreendendo todas as nossas lutas de palavras
Com os seus olhos brandos e amorosos?
Afligiremos os santos anjos?
Ofuscaremos os seus céus abençoados?»

A pura Verdade eterna é o único verdadeiro pastor do homem. É a joia de diamante que só a vida de Deus pode tornar perceptível às mais profundas intuições.

Mas as mentes na condição comum precipitam-se sobre um cristal de quartzo apenas porque brilha como o verdadeiro diamante; e muitas vezes agarram-se a ele como se a sua felicidade eterna dependesse da sua posse.

Aquele que escreveu o nosso lema não via tudo isto? Não terá o poeta Whittier contemplado certos dos vossos vizinhos e conhecidos — mentes de capacidades apreciáveis, refinadas pela cultura escolar — a sustentar credos contra a ciência?

Ensinam mitologia aos seus filhos em vez de verdades conhecidas, e valorizam a riqueza passageira e a moda mutável acima daquela sabedoria que eleva a mente a uma posição apenas «um pouco inferior aos anjos».

«Mantém-te erguido! e permanecerás para sempre;
Vive pela Verdade, e ela jamais te abandonará.»

A Verdade é o nosso pastor; mas o seu espírito é Amor.

Quando o amor fraternal é invertido, invade e amarga a vida privada com desdém, sátira e animosidades maldizentes. Os desejos do eu ardem por gratificação. Toda a atmosfera em torno de tal pessoa parece carregada e envenenada por influências infernais.

Se o eu for demasiado tempo indulgenciado, inverte as mais nobres afeições da amizade e da família, e transforma rapidamente o lar num inferno de horrível discórdia. Tal casa está «dividida contra si mesma»; e nenhum pastor pode fazer harmonia a partir de elementos inerentemente incompatíveis.

Por vezes torna-se necessário deixar tais discórdias trabalharem por si mesmas até à reforma ou à destruição própria. Mas, por fim, de tudo isso, a Verdade eterna, a justiça e o amor ascenderão certamente para o bem universal.

Assim, a vitória coroa as batalhas do vale.

O Espiritualismo é um poderoso individualizador. Age como os raios do sol sobre todos os sólidos e fluidos na sociedade, na educação e na religião. Como um grande fogo, dissolve partidos, derrete credos congelados e faz emergir o indivíduo da massa; e, finalmente, coloca a pessoa teologicamente coxa firmemente sobre os seus próprios pés.

O indivíduo, assim emancipado, deve doravante usar e ver com os seus próprios olhos; deve pensar os seus próprios pensamentos; e deve construir a sua própria humanidade sobre os fundamentos sólidos de uma concepção pessoal da Natureza e da Razão.

E em toda esta revolução, que derruba os antigos templos do erro na sua mente — em todo este trabalho de lenta reconstrução dos seus pensamentos e sentimentos — a pessoa torna-se inevitavelmente solitária e amplamente responsável por si mesma.

O estado de «indiferença egoísta» é apenas transitório. Para construir lentamente a própria casa mental ou religiosa sobre um novo fundamento, é necessário parecer envolvido no isolamento rígido de um egoísmo reflexivo.

Ao edificar esta nova vida individualizada, podeis até cometer injustiças, e podeis parecer (aos outros) escolher o mal em vez do bem. Assim, os amigos confiantes de ontem podem tornar-se os vossos inimigos declarados amanhã.

Abandonais corajosamente o partido organizado e respeitável, composto pelos vossos antigos associados; e eis que o partido (com violência sistemática) se volta ferozmente para vos rejeitar, difamar e destruir «pela raiz e pelos ramos».

É certo, contudo, que finalmente se fará perfeita justiça; e a Verdade, nas profundezas do espírito individual, triunfará sobre toda a forma de erro.

É o auge da alegria cavalgar na maré ascendente da respeitabilidade; mas quem pode controlar a sua tristeza, a sua depressão espiritual, quando o mar recua e esvazia?

As crianças em idade, tal como os jovens em intelecto entre os adultos, são alegres e felizes quando uma prosperidade cintilante as eleva.

Mas todos os verdadeiros filósofos — aqueles que veem corretamente as leis da Natureza — harmonizam-se prática e alegremente com os decretos da Divindade absolutamente perfeita.

«A morte de uma religião antiga, consumida no seu tempo e que deu consolação a muitas gerações de homens», diz o professor Draper, «apresenta um espetáculo triste e solene ao espírito reflexivo.»

Mas se esse «espírito reflexivo» tivesse sido desenvolvido no conhecimento dos princípios harmoniosos de germinação, progressão, desenvolvimento, desorganização e representação num estágio mais elevado e superior, o seu possuidor nada veria de triste, nada de desencorajador; antes, toda a sua mente e as suas mais profundas afeições se elevariam à condição superior da harmonização e adoção prática, vivificadas pela melodia da ação de graças e da gratidão.

Não sou um admirador profundo do estado de botão das frutas e das flores. Dai-me antes a obra completa da árvore, e concedei-me a perfeita fragrância da rosa desabrochada; embora saiba que, tendo atingido o auge da perfeição numa direção, tanto o fruto como a flor rapidamente declinarão e desaparecerão.

Por que motivo tantas lágrimas sobre dogmas moribundos?

Por que lamentar a partida de religiões outrora veneradas e amadas?

Os poetas meditam sobre a decadência da perfeição das antigas inspirações.

Os artistas caminham para trás até Itália, Roma, Grécia, Egito, para encontrar aquilo que contemplam como as mais altas expressões e as mais perfeitas encarnações do génio humano.

Ministros formados em colégios, pelo mesmo plano, citam as antigas Escrituras como a única comunicação infalível jamais feita por Deus à humanidade.

Toda esta rejeição do presente — todo este apego e adoração do passado — é prova de que a era do superficialismo ainda não partiu.

E contudo, para aproveitar o bem que foi evoluído, admito que o passado e o superficial são indispensáveis ao enriquecimento do presente profundo.

O subsolo é desenvolvido e preparado para futuras colheitas por meio de uma abundante aplicação de adubo patente sobre a superfície extensa — seguida do arado que penetra fundo, guiado pela mão de quem consegue olhar para além da aridez presente e contemplar as grandes colheitas e vitórias do futuro.

Existe uma lei primordial e universal, o modo de uma Divindade imutável na constituição da Natureza, que opera de um lado para o outro, para cima e para baixo, subindo e descendo, pela qual toda a terra nasce, progride, se refina, amadurece e é destruída.

Toda a religião, igualmente, e todo o sistema de governo, toda a forma de inspiração, toda a fase de manifestação, é evoluída por esta lei; e por este mesmo princípio tudo é forçado a declinar, é prostrado, é desmembrado, é desmaterializado e, finalmente, é transformado no fundamento de um desenvolvimento diferente e, em muitos aspetos, infinitamente superior.

Quando aquilo que começou no espiritual desce tão profundamente que já não é procurado pelo espírito — mas é perseguido exclusivamente pelos sentidos do corpo — então a maré começa com vigor a recuar, e as divindades que comunicam a vida tomam para si asas de fuga.

A fome universal dos sentidos corporais pelo superficial — um apetite que recusa o alimento menos palpável do universo interior — tornar-se-á tanto mais materializada quanto mais for satisfeita.

A espiritualização é a grande maré montante da vida Divina que flui para a humanidade; mas a «materialização» é o refluxo — a deriva para trás e para baixo do mar; e eis que as suas margens ficarão juncadas de inúmeros destroços — duvidosos, agnósticos, cínicos, eremitas, detratores, pagãos.

Sobre toda esta escuridão e desespero crocitará o pessimista; os filhos do subdesenvolvimento clamarão em alta voz; os desiludidos uivarão de ira; o adorador mal orientado lamentar-se-á e tremerá; os ambiciosos voltar-se-ão para dilacerar o templo; os egoístas fugirão para a manada de porcos assustados; os indiferentes despertarão subitamente para o «que poderia ter sido»; mas, no meio de tudo isso, e através de tudo isso, imóveis e inalterados, permanecerão os verdadeiros Videntes da Natureza — as mentes harmoniais — cheias de afetos refinados pela Verdade — estes, e somente estes, atravessarão a fornalha ardente, serão coroados com vitória e sairão sem sequer o cheiro de fumo nas suas vestes.

CAPÍTULO L

AGRUPAMENTO DE CRIANÇAS ENTRE BELAS MONTANHAS

“Deus opera em todas as coisas; todas obedecem
Ao Seu primeiro impulso vindo da noite;
Erguei-vos! Despertai e vigiai; o mundo está cinzento
Com a luz da manhã!”

Byron

No vale, entre as belas montanhas, contemplo novas corporizações do Lyceum Progressivo das Crianças.

O plano do Lyceum é uma cópia imperfeita — perfeita tanto quanto foi possível nas circunstâncias — de um sistema sumamente celestial de grupos, que qualquer vidente pode observar (como muitos têm frequentemente visto) naquela região da Terra de Verão onde os pequeninos da Terra vão para receber cuidado doméstico, instrução amorosa, orientação no amor e desenvolvimento harmonioso na sabedoria.

O espírito do Lyceum é celestial; o corpo, com as suas inevitáveis imperfeições, é terrestre.

E, contudo, o espírito e a sua corporização prática são suficientemente coerentes e compreensíveis para serem realizados na Terra. Quando a minha saúde física era firme e, especialmente, quando as circunstâncias eram propícias na Cidade-Império, os seus amigos não tiveram dificuldade em proporcionar ao sistema inteiro uma manifestação muito benéfica e deleitosa.

Mas, quando a saúde partiu e, com a força necessária, também partiram as circunstâncias favoráveis, retirei-me relutantemente para o recolhimento.

Muito em breve, depois disso, várias pessoas talentosas e, sem dúvida, bem-intencionadas começaram a reformar e a melhorar o espírito original e, mais particularmente, a modificar o estilo e a condução do Lyceum.

Ver o Manual do autor, intitulado The Children's Progressive Lyceum.

Só pude esperar que essas alterações se revelassem verdadeiras melhorias. Mas o tempo demonstrou que o efeito prático foi uma perda, entre os amigos do Lyceum, da inspiração primitiva. Em Filadélfia introduziram-se novos arranjos de cores; alvos e insígnias de formas diferentes; novos arranjos de grupos com novos nomes, etc.; e, em Providence, R. I., as bandeiras nacionais foram arriadas e descartadas como “emblemas de guerra” e, em seu lugar, foram introduzidas as insígnias brancas da “paz”, transportadas pelos grupos nas suas marchas e evoluções; e livros adicionais, cânticos e exercícios catequéticos sucederam-se uns aos outros — muitos dos quais foram e são do mais desejável e eficaz carácter.*

Mas os traços originais do sistema tornaram-se cada vez mais indistintos; consequentemente, a inspiração original foi cada vez menos realizada.

Raramente alguém pode agora encontrar algo que se assemelhe ao Lyceum prático organizado em grupos que foi visível durante os primeiros quatro anos. Em quase toda a parte, com poucas exceções, a escola dominical comum foi substituída. E a questão principal passou muitas vezes a ser como “interessar os nossos jovens pelo Espiritismo”, em vez de como desenvolvê-los como bons pensadores e cidadãos saudáveis e harmoniosos.

O sistema do Lyceum contempla apenas o melhor desenvolvimento físico e a mais elevada cultura espiritual do jovem ou do adulto. Mas transformar os grupos em círculos para manifestações espirituais e exercer o poder de ensino da assembleia no sentido de converter as crianças a qualquer forma de religião é degradar não só os propósitos e intenções primordiais do Lyceum, mas também converter um instrumento outrora sublime numa máquina sectária — formando crentes em formas de fé, em vez de multiplicar as causas que resultam em corpos saudáveis e almas harmoniosas.

Objetei imediatamente e penso que todo o Espiritualista não sectário me ajudará a sustentar essa objeção.

Não posso exprimir a desilusão — a dor profunda e carregada de tristeza — causada não pelo fracasso do Lyceum, mas pela falta de interesse público por ele.

Quando me pediram a minha opinião, a minha resposta não continha uma palavra que pudesse dar a impressão de que considero que o próprio Lyceum tenha fracassado. Longe de mim dizer uma palavra contra aquilo que sei estar fundado na verdade.

A minha observação ao longo de anos convenceu-me de que o espírito e o propósito do Lyceum são ainda desconhecidos, se não “incognoscíveis”, para a grande maioria dos pais que deveriam ser os seus intérpretes e apoiantes esclarecidos.

Mas não abandono o bom combate e não tenciono, sob qualquer provocação, combater com ira nem com “armas carnis”, mas apenas com a espada de dois gumes do espírito.

Se a minha saúde permanecer firme e se as circunstâncias e as influências supernas forem favoráveis, os meus esforços poderão ainda contribuir para estabelecer uma obra na qual todo o amante das crianças espiritualmente inclinado sente um interesse imperecível.

Num discurso notável acerca dos trabalhos e diligentes esforços do autor ocorre esta passagem abrangente:

“Entre as obras da sua vida posterior, que certamente se incluem na categoria das revelações especiais, está o sistema dos Lyceums Progressivos para crianças — um sistema que, em visão espiritual, foi apresentado ao vidente como o que prevalece nas esferas espirituais.

E, embora os pensamentos relativos à vida humana e às várias etapas da existência espiritual para os adultos tenham sido certamente edificantes e benéficos para mentes maduras, nada conhecemos nas obras do Sr. Davis, nem em toda a sua vida, que tanto o credencie como vidente quanto esta revelação do sistema de educação nos céus; e não receamos afirmar que, se este sistema prevalecesse no vosso meio, em vez dos métodos enfadonhos das escolas e dos processos mecânicos que agora ocupam o espírito público, existiria um espírito mais sábio, melhor e verdadeiramente predominante de paz e amor, em vez daquele que hoje é meramente técnico e desinteressante.

“O sistema, na sua concepção, não tem falha. É uma exposição harmoniosa, adequada e poética dos verdadeiros princípios da educação. O sistema, na sua concepção, faz mais do que isso. Contém a ilustração simbólica de certas cores, formas e forças na Natureza que nunca antes foram corporizadas e são primordiais. As escolas do Kindergarten da Alemanha aproximam-se mais dele. Algumas partes poderão ter sido incorporadas em sistemas de educação ilustrativa. Mas aqui há um apelo não só ao intelecto e à mente da criança — não só se cuida da preservação do corpo — mas uma exposição poética dos verdadeiros princípios de crescimento e desenvolvimento, que autorizaria considerar o Sr. Davis um poeta se tivesse sido revelada sob a forma de verso em vez de um sistema de educação.

“Nada na sua obra de vida se recomenda mais ao juízo, à apreciação e à espiritualidade da mente humana do que este sistema. Durante os primeiros dez anos, pareceu ser recebido com alegria absoluta por todas as sociedades espirituais e por todos os pensadores nas fileiras do Espiritismo. Nos primeiros anos, a presença pessoal do Sr. Davis e da sua apreciada companheira fez do Lyceum das Crianças o elemento central de quase todas as sociedades espiritualistas e reformistas do país.

Não sabemos se a retirada da sua atenção pessoal também fez mudar a corrente ou se, o que é mais provável, a falta de esclarecimento acerca do sistema impediu os dirigentes e condutores dos Lyceums de saber plenamente o que ensinar, causando um declínio no movimento exterior. Mas é certo que outro século testemunhará um sistema de educação semelhante, se não exatamente coincidente, com o que o Sr. Davis ensinou. É certo que, no tempo vindouro, as crianças poderão crescer livremente e não serão forçadas a um sistema de aprendizagem; e nada é mais propício ao desenvolvimento e crescimento da mente

jovem — e também das mentes mais maduras — do que este mesmo sistema de ensino do Lyceum, tal como exposto pelo Sr. Davis.

Se ousássemos formular uma crítica, seria simplesmente esta: que o sistema não está suficientemente desenvolvido para formar uma exposição abrangente para mentes incapazes de o apreender; que a parte mecânica está suficientemente desenvolvida, mas a parte mental não. Assim, torna-se rapidamente uma rotina em vez de um alimento constante para a mente.

Se o autor desenvolvesse mais os significados dos diferentes grupos, a origem dos termos empregados para os nomes dos grupos e a teoria do desenvolvimento do espírito através deste método, incluindo reflexões sobre cor, forma, ordem, etc., seria o complemento mais adequado ao próprio método. Se a isso se acrescentassem exercícios e lições adicionais que incorporassem os mesmos ensinamentos, mas colhidos de toda a literatura, sob a supervisão do autor, isso constituiria um recurso adicional quando as mentes dos dirigentes e professores se encontram, por vezes, desprovidas de temas de interesse para as suas crianças.

“Esta é a única crítica, mas mesmo esta o tempo apagará, e o próprio sistema permanecerá tão perfeito como o sistema do firmamento estrelado, no qual o sol, as estrelas e os satélites se movem nos seus lugares designados, e mundos nascem por um sistema de leis governado pelo Infinito.”

O trabalho espiritual suplementar e interior para o Lyceum, o último dos quais é explicitamente mencionado nos excertos precedentes, poderá desdobrar-se quando a necessidade dele for sentida e pedida com entusiasmo por pais zelosos, esclarecidos e ponderados. Penso, de acordo com a lei da necessidade e do suprimento, que essas necessidades superiores especificadas não serão concedidas antes do tempo.

Para além do vale, porém, em alguns dos muitos bosques e vales isolados, e não longe das belas encostas basilares do Monte Harmonia, vejo que será fácil e natural reunir as crianças em grupos amorosos e em crescimento.

CAPÍTULO LI

DOENÇAS PROVENIENTES DE TRANSGRESSÕES CONJUGAIS

“Ó meus irmãos! ó minhas irmãs!
Quem dera que estivésseis perto,
Contemplando comigo as perspectivas
De uma tristeza estranha e sombria;
Quem dera que fôsseis ouvintes
Da voz que me parece ouvir!”

Nos capítulos precedentes denunciei as relações incestuosas entre pessoas legalmente casadas que não se amam conjugalmente e não permanecem unidas como UM só; e que, portanto, sentem, sabem e acreditam indubitavelmente que não pertencem conjugalmente uma à outra.

Tais pessoas não deveriam continuar a viver juntas e a gerar filhos.

Os vícios e misérias fisiológicas nunca produzem uma colheita de saúde e felicidade virtuosas. Semeai ao vento tempo suficiente — e “colhereis o redemoinho” como resultado legítimo.

Quão lenta é a humanidade em aprender esta lei imutável! Prossegue firmemente nos caminhos da transgressão, esperando escapar por meios lícitos ou ilícitos; mas, invariavelmente, o caminho do transgressor é árduo.

O mundo médico está repleto de “curas certas” para os pecados da transgressão fisiológica; e o mundo religioso está igualmente transbordante de “expições” infalíveis para os pecados da alma; mas há uma lei de Justiça imutável na constituição das coisas que demonstra a insensatez de tais remédios, conduzindo o transgressor lenta mas seguramente ao castigo.

Certa manhã, a minha mente foi conduzida à “Peste” que por vezes ameaça regiões da Europa, especialmente certas zonas da Rússia e da Turquia. Após um período de observação e análise da origem e natureza da pestilência, sinto-me compelido a proclamar as seguintes deduções:

O que se chama Morte Negra, ou Peste — que visitou a Europa em diferentes períodos nos séculos passados (e que é totalmente diferente do cólera e de outras perturbações eletricamente negativas dos fluidos e éteres humanos) — é efeito de transgressões humanas prolongadas na relação conjugal.

Sífilis é o termo geral; o nome do pai deste fatal (d)emónio.

Examinai os sintomas e convencei-vos. Todas as perturbações constitucionais demonstram a presença de um veneno nos fluidos humanos — o aparecimento e súbito desaparecimento de dores nas articulações, calor horrível, sensação de

sufocação no peito, arrepios e sede, grande depressão da força vital, perturbações mentais, apreensão, precipitação, frenesim, perda de coragem e esperança.

Agora observai os sintomas específicos — úlceras na garganta, manchas escuras na pele que amadurecem rapidamente em chagas carbunculosas e em tumores malignos sem núcleo, que desorganizam as membranas celulares e espalham rapidamente uma corrupção mortal por todo o corpo. Observai o ingurgitamento das glândulas linfáticas; a formação de chagas gangrenosas nas virilhas, chamadas bubões — sendo estes um dos sinais invariáveis de que o sangue está carregado de um vírus venéreo infeccioso que decompõe as glândulas linfáticas, consome os tecidos celulares, destrói a base calcária dos ossos e termina por derrubar a cidadela da vida pelo rápido redemoinho da morte.

E para o sofredor sob tal veneno infernal — que pode não ter qualquer conhecimento de existência além-túmulo — esta morte certa é horrível além do que as palavras podem descrever.

A transgressão das leis e condições do princípio conjugal é um pecado imperdoável. Na mais antiga fábula religiosa, este pecado trouxe o decreto de Deus que expulsou o primeiro par do Éden.*

Doenças, pragas, pestilências, mortes negras de toda a variedade inconcebível de horror seguiram-se imediatamente — todos filhos ímpios daquele (d)emónio que tentou a humanidade a transgredir a lei divina e as condições do amor conjugal.

Vemos a conjugação e proliferação de um homem e de uma mulher que se relacionavam apenas como irmão e irmã, e não como marido e mulher. Eram companheiros, é certo, mas não consortes conjugais. O seu primeiro filho cresceu até à idade adulta e tornou-se um vil assassino — um mal proveniente de relação incestuosa.

Todas as pragas têm três causas produtivas e multiplicadoras:

- (1) Desvio conjugal;
- (2) Imundície da pele;
- (3) Prisão de ventre.

As afeções eruptivas entre crianças e adultos — tumefações escrofulosas, manchas, furúnculos, borbulhas, chagas, erisipela, escarlatina, varíola — são efeitos (imediatos ou remotos) de transgressões da lei do princípio conjugal do amor santo e procriador.

Este juízo pode parecer injusto e repulsivo a muitos sofredores conscientemente inocentes. Mas diminuirá a dureza deste juízo acrescentar que a ignorância é geralmente a companheira inseparável do tipo de “inocência” aqui referido?

Desde tempos imemoriais, legisladores (como Moisés e Licurgo) emitiram decretos e maldições severas para regular a relação conjugal. Observaram e anteciparam os resultados das indulgências e transgressões.

As crianças recebem toda a força das violações e excessos dos seus progenitores. A inocência não é proteção; a ignorância não é amiga de nada humano; contudo, entre estas duas (ignorância e inocência) gerações inteiras conseguem crédito por manter um exército permanente de “doenças respeitáveis”.

Doenças respeitáveis! Palavras ocas e significados hipócritas. Não há doenças respeitáveis! Todas as doenças humanas são efeitos de transgressões — provas de vida errada, sentimento errado e ação errada.

E as mais horríveis, as mais rápidas, as mais demoníacas, as mais incontroláveis desordens são descendência de:

- (1) Desobediência conjugal;
- (2) Imundície da pele;
- (3) Corrupções no abdômen.

E a mais impressionante e aterradora ilustração destas três causas combinadas é este horror do mundo oriental chamado “Morte Negra”.

Os soldados e os cidadãos negligenciam igualmente os seus corpos e os seus intestinos; e violam mutuamente os laços mais sagrados entre os sexos. Cometem também todos os excessos na comida e na bebida.

À noite engendram os germes da doença. Estes transportam-nos nos intestinos; depois no sangue; em seguida no cérebro; depois nas essências mais subtis da procriação; e, por inoculação, o vírus adquire poder para produzir furúnculos, bubões, carbúnculos, corrupção, decomposição, morte — e de tudo isto resultam pestilências, miséria, loucura, suicídio, homicídio.

Podem sugerir-se remédios. Considerada quimicamente, esta Peste Oriental é uma doença alcalina do sangue, resultando numa rápida alteração e deterioração da sua condição e propriedades naturais.

Logo, o remédio deve ser um ácido — positivo, rápido e poderoso na neutralização.

Como prevenção, que todo o oriental ou europeu, residente ou viajante nas proximidades das zonas infetadas, adote imediatamente um banho de ácido carbólico, ou pelo menos uma lavagem das mãos, uma vez por semana. Lave toda a superfície do corpo com o ácido (diluído em água quente ou fria), tão forte quanto puder ser suportado. Experimente meia onça em dois galões de água.

Depois, para o sangue e os intestinos: a forma mais conveniente é um quilificador, ou comprimido pós-prandial; embora uma bebida catártica seja geralmente mais eficaz.

Nos prados húmidos de muitas regiões da Europa cresce uma planta perene, de propriedades curativas, com raiz bulbosa, florescendo como o açafrão, vulgarmente chamada “açafrão-dos-prados”, mas conhecida pelos médicos como colchicum.

Há ainda outra planta, de grande força medicinal, que cresce nos países tropicais, conhecida como aloés.

Estas devem ser combinadas com a simples exsudação resinosa daqueles arbustos que crescem nas margens do Mediterrâneo superior, pistacia lentiscus, cuja goma é vulgarmente chamada “mástique”.

Qualquer farmacêutico autorizado pode fornecer comprimidos com as proporções adequadas destes três remédios simples e conhecidos. Sugiro dois grãos de aloés, quatro grãos de colchicum e mástique suficiente para formar um comprimido firme.

Um destes comprimidos deve ser tomado diariamente, a meio da principal refeição. Em suma, durante a prevalência de qualquer forma de pestilência, febre ou praga epidémica, deve assegurar-se uma evacuação livre e completa do conteúdo intestinal diariamente.

Se inicialmente não o conseguir com um comprimido, tome dois ou mais até iniciar o efeito; depois mantenha a pele pura com um banho ácido perfumado; conserve o ânimo alegre; tenha cuidado razoável com mudanças súbitas de temperatura corporal; e quase certamente escapará às piores pragas que podem afligir a humanidade.

Mas, para tornar todos os remédios eficazes com bênçãos celestes, deve abster-se de toda infração da santa lei do amor conjugal.

CAPÍTULO LII

ACERCA DO CRIME E DA CURA DOS CRIMINOSOS

“Os caminhos de Deus parecem sombrios, mas cedo ou tarde
Tocam as colinas resplandecentes do dia;
O mal não pode suportar demora,
O bem pode bem permitir-se esperar.”

O presente é fértil em violência e grandes crimes. Os órgãos da combatividade, da discrição e da destrutividade parecem ser “muito grandes” nos pequenos criminosos; e, nos grandes criminosos, todas as faculdades superiores e auto-governantes parecem excessivamente subdimensionadas e fracas.

Há grande procura de doutores de antropologia.

Na peregrinação pelo vale, sou cada vez mais frequentemente questionado sobre todos estes pontos.

Por exemplo:

Qual é a origem e quais são as causas do crime?

Esta questão abre um problema de muitas cabeças, cuja solução ou mina ou sustenta todos os sistemas existentes de religião, política, ciência, sociologia e governo.

Há poucas semanas li a pergunta: “Estaremos a fabricar criminosos?”

Tal pergunta vai à origem primeira do crime, aos erros e males populares relativos à punição dos criminosos e à reforma e cura dos viciosos no organismo social.

Mas um correspondente, não plenamente satisfeito quanto a certas questões relativas às “causas do crime”, apresenta-me uma série de problemas que, com toda a brevidade justificável, tentarei agora resolver do ponto de vista harmonial.

A fonte primordial de toda a imperfeição humana e de todos os inúmeros males e misérias que dela resultam pode ser expressa numa só palavra:
IGNORÂNCIA.

Este desconhecimento — por assim dizer, esta pobreza de espírito, esta escuridão intelectual — começou com o nascimento da humanidade.

Podemos ver filosoficamente, olhando para trás ao longo dos vários caminhos da raça humana, que o progresso do homem foi essencialmente promovido por este inimigo sempre presente da sua paz, virtude e felicidade.

Escapar ao domínio e ao poder destrutivo deste demónio sombrio tem sido o esforço constante e doloroso da humanidade.

A IGNORÂNCIA (que é a fértil progenitora de todos os demónios e a arquiteta-mor de todos os infernos) deve, portanto, ser filosoficamente considerada como a origem primeira das condições que geram o crime.

Mas surge agora outra questão:

Não determina e escolhe a vontade do homem entre o mal e o bem?

Sim; a vontade do homem coopera conscientemente com a direção e eleição das suas inclinações.

Mas como se originaram as suas tendências más? Como passou ele a possuir inclinações que o arrastam irresistivelmente para práticas viciosas e criminosas?

Voltemos agora às fundações da família humana.

O mestre-pedreiro, o arquiteto supervisor — sob cuja direção os inúmeros grupos de artesãos e operários sempre trabalharam — foi aquilo a que chamamos IGNORÂNCIA.

Sob este construtor cego, perguntemos: que fundamentos construiu a humanidade?

O primeiro chamaremos Organização; isto é, através da parentela, uma criança é construída. É constituída, tal como hoje é organizado o descendente humano, com (1) um corpo; (2) um espírito; e com elementos intermédios que os unem, que podem chamar-se alma.

O segundo fundamento chamaremos Situação; isto é, o local de nascimento, incluindo as circunstâncias de solo e clima e todas as associações envolventes, humanas ou pré-humanas.

E o terceiro fundamento chamaremos Educação; isto é, toda a influência ou instrumentalidade que atua como poder desenvolvidor e orientador sobre os órgãos e faculdades físicas, sociais, intelectuais e morais do indivíduo.

Assim, antes que a vida do indivíduo comece espontaneamente a manifestar as suas inclinações e antes que o poder da VONTADE possa determinar definitivamente em que hemisfério de conduta o indivíduo viverá e se moverá e terá o seu ser — antes de toda a existência pessoal consciente — encontramos já construídos (1) Organização, (2) Situação, (3) Educação — o que significa que aquilo que seremos, onde estaremos e como sentiremos e pensaremos são questões que são (primariamente) respondidas por nós de forma absoluta antes de recebermos uma essência consciente de si e uma existência autodeterminada.

Quereis dizer com isto que todo o crime é hereditário?

Não, nem todas as formas e fases do crime; e, contudo, não deve ser ignorado nem subestimado o facto de que a Organização (ou o ser) precede a Situação e a Educação (ou o fazer).

Consequentemente, filosoficamente e cientificamente falando, nem toda a predisposição para o crime pode ser herdada; porque, pela parentela, o pior que recebemos é apenas um defeito, uma torção, um viés, uma inclinação ou certas tendências.

Se não fosse assim — se os germes de doença e de crime que herdamos fossem absolutamente incontrolláveis e irresistíveis no seu crescimento ulterior e nas suas manifestações externas — então, ai de nós!, a doutrina da depravação total ficaria estabelecida, e todos os esforços reformadores radicais para “vencer o mal com o bem” cairiam por terra como inúteis e vãos.

A maioria dos homens, é verdade, segue persistentemente a sua “inclinação”; mas isso acontece porque a maioria dos homens não gosta, moralmente, de se esforçar e de se punir a si própria.

Acredita no crime voluntário?

Em sentido estrito, não; mas acredito no crime consciente. Na prática, isto é bastante diferente da prática voluntária do crime. O impulso para cometer crime não é inato. O homem é construído com um princípio interior de Justiça. Mas o tom e a tendência da voz desta Justiça constitucional estão sujeitos ao viés da educação. Pode ser ensinada a “falar uma linguagem variada”; e assim pode ser influenciada a decidir de modos diferentes sobre o que é certo e o que é errado.

Mas a consciência inata de Justiça, que se desdobra com maior ou menor força a partir do princípio entranhado, que é mais profunda do que todas as subtilidades lógicas e que se eleva acima de todas as distinções educativas em conflito — essa consciência, que existia antes do temperamento e antes da vontade, é um protesto permanente e irreprimível contra a prática voluntária do crime; um protesto que vive para sempre na constituição espiritual de todo o ser humano.

E este princípio de Justiça inata e imperecível — por mais débil que seja como “consciência”, ou por mais imperfeitamente que o intelecto o perceba — torna impossível um crime voluntário puro.

Consequentemente, em todo o caso de crime, encontrar-se-á uma mistura de influências motivacionais por detrás das determinações finais da vontade, que imediatamente precederam e que (aparentemente) premeditaram o ato consumado; ato pelo qual a natureza humana universal instintivamente considera toda a natureza humana individualizada estritamente responsável.

Considero este princípio inato de Justiça como o princípio construtivo que transporta o cimento de amor divino e a gravitação central que atravessam e sustentam o fundamento de toda a ordem social e moralidade; e considero-o também como a Providência progressiva e redentora em tudo, que, amorosa e sabiamente, constrói e aperfeiçoa a superestrutura universal da humanidade.

Se um homem tem consciência do crime — isto é, sabe que ele é mau — porque não consegue abster-se do ato? E porque não se reforma?

Um homem não se reforma porque a vontade do homem não é, por natureza, reformadora. O poder da vontade sobre si próprio — a extensão do seu autogoverno — mede-se facilmente pelas suas limitações. O seu princípio de vontade é desenvolvido, moldado e dirigido (1) pela organização, (2) pela sua situação, (3) pela sua educação.

[Os três termos são aqui usados e pretendem abranger toda a força e toda a influência, herdada e circunstancial, que é conhecida, ou que se possa imaginar, como atuando dentro e sobre a natureza humana.] Por vezes acontece que a natureza humana é cega à justiça e o amor fraterno pode ser deficiente, tal como muitas pessoas são daltónicas ou surdas aos sons musicais.

As resoluções frias do intelecto e as determinações da vontade podem fazer pouco pela reforma ou cura de tais organizações mentais. Na verdade, a reforma por resolução raramente triunfa. “O homem resolve e re-resolve, e morre o mesmo.”

Uma organização intelectual poderosa e uma natureza afetiva muito bem desenvolvida podem, na mesma pessoa, estar associadas a uma fraqueza moral herdada e a um subdesenvolvimento espiritual.

Consequentemente, sob a influência de uma situação viciosa, somada à que advém de uma má educação, tal indivíduo é fortemente inclinado ao crime. E assim cede e cai no mal (como a própria idiotia) perante a mais forte tentação.

Sendo isto verdade tanto nos grandes como nos pequenos criminosos, a natureza humana não pode, em todas as circunstâncias, abster-se voluntariamente da prática de atos maus; embora eu acredite que a consciência inata do homem (do mal e da injustiça do crime), quando ele comete crime, é o verdadeiro e único fundamento sobre o qual a bela estrutura da sua cura (ou reforma) pode ser iniciada e progressivamente conduzida até à conclusão.

Se os criminosos nascem ou são feitos pelas circunstâncias, e se não podem reformar-se por nobres desejos e pela vontade, como podem ser prevenidos ou reformados?

A resposta verdadeira e prática a esta questão deve ser adiada. Exigiria mais espaço do que aqui pode ser destinado. Neste lugar, porém, pode sugerir-se que os criminosos não devem ser trazidos ao mundo (como agora o são) pelos mal-casados, que são os fabricantes legalizados de crianças demoníacas e os criadores, autorizados pela lei, de monstruosidades morais humanas.

E pode ainda sugerir-se, neste contexto, que estes aleijados morais, que também podem ser cegos à justiça e deficientes no princípio do amor fraterno, devem ser ensinados cedo a compreender e a apreciar o facto de que são deformados e doentes.

Antes de tais caracteres terem cometido crime, deverão tornar-se estudantes industriais e sistemáticos na Hospitalia — nos colégios filantrópicos do país — onde as insanidades morais herdadas e toda a falta de solidez na organização mental e social individual podem ser eliminadas por um processo psicológico e espiritualizante que uma civilização esclarecida deve e irá tornar eficaz.

Mas a verdadeira e mais elevada sabedoria, (ao sancionar apenas casamentos verdadeiros e científicos), preveniria a organização e o nascimento de criminosos.*

Tem mais simpatia pelos criminosos do que pela sociedade?

Sim; todo o meu coração está cheio de amor protetor por esses infelizes que escolhem e fazem o mal em vez do bem.

** A humanidade, nas suas associações societárias e gregárias e nos seus tímidos conservadorismos, aproxima-se da stirpicultura científica como moralmente cobarde de primeira ordem. Um frenologista muito cauteloso e “distinto” diz: “As pessoas estão a aprender a conhecer e a apreciar os cavalos. Nenhum assunto hoje é mais interessante para uma grande classe de homens e mulheres empreendedores e de bem do que o nobre cavalo. E, com este interesse crescente, vai-se disseminando e obtendo um melhor conhecimento deste próximo melhor companheiro do homem. À medida que o homem aprende mais sobre o cavalo, o cavalo melhora; e porquê não? Há setenta anos, uma milha em três minutos era um prodígio de velocidade. Há quarenta anos, o clássico ‘andar de 2.40’ foi canonizado, e agora regozijamo-nos com 2,09 $\frac{3}{5}$. De onde vem esta mudança? Criámos com vista à melhoria, à velocidade, à força, ao que queremos; temos melhores cavalos, sabemos melhor como os treinar, alimentar, tratar e conduzir.”*

[Depois de mais manifestações de receio dos sobrolhos de S.^a D. Costume, ganha coragem e termina com a seguinte sugestão ao sábio:] “Cavalos finos obtêm-se por bom acasalamento; porque não podemos livrar-nos do mau sangue, do carácter mesquinho e das condições de insucesso e infelicidade na raça humana POR SELECÇÃO CIENTÍFICA, tal como no animal favorito, o cavalo?”

Para ilustrar e reforçar a minha proposição de que está ao alcance humano “prevenir a organização e o nascimento de criminosos”, introduzirei a importante declaração do Prof. W. K. Brooks, que, no Popular Science Monthly de Maio de 1885, chama a atenção para um ponto em que o princípio da seleção natural está a operar numa extensão não antecipada:

“É que há uma tendência entre a população de surdos-mudos para se tornar uma classe distinta e perpetuar as incapacidades que os separam do resto da humanidade. Ensinam-lhes uma linguagem especial; aprendem a pensar nas formas do gesto; têm acesso relativamente reduzido ao mundo exterior; inclinam-se a casar entre si e, pouco a pouco, tem-se permitido que adotem a maior parte dos meios que tendem para a formação de uma variedade surdo-muda da raça humana. Basta tempo, tal como a educação especial dos surdos-mudos é hoje conduzida, para estabelecer uma raça permanente de surdos-mudos com língua e literatura próprias. Parece, a partir deste quadro, que os meios adotados para a melhoria das condições dos surdos-mudos tenderam, na realidade, a aumentar o mal que pretendiam diminuir. Este é um ponto e pode ser considerado pelos seus méritos.

Há outro: os factos que mostram a influência da hereditariedade, sob a orientação da seleção natural, sobre os surdos-mudos podem ser usados para provar que o homem pode ser modificado pela seleção tão prontamente como qualquer dos nossos animais ou plantas domesticados, e que um conhecimento acrescido nos permitirá, em última análise, produzir rápidas melhorias na família humana.”

A sociedade é rica e poderosa; está armada e pode proteger-se. Mas o praticante do mal — o criminoso nato — é pobre de espírito e moralmente desarmado. Está naturalmente contra toda a gente e toda a mão se ergue para o atingir. O seu espírito é íntimo e dorme profundamente; ainda não se fez ouvir; os seus princípios interiores de vida estão ainda dormentes; no máximo, sente e reconhece apenas uma vaga consciência de que as suas inclinações e atos são errados.

Mas uma fatalidade interna, autodeterminante, parece guiá-lo no que quer que faça. As circunstâncias parecem-lhe mestres perfeitos dos seus atos e destino; parecem-lhe irresistíveis; e ele obedece ao seu decreto fatal apesar de todos os seus medos e contra todos os seus melhores impulsos interiores.

Seria um filho obediente; seria muito bondoso para com a mãe e uma bênção para a sua família de irmãos e irmãs; mas, em menos de duas horas, surge entre eles um mal-entendido; inflama-se nas chamas infernais da ira — numa loucura selvagem — e, eis!, ele golpeia brutalmente uma das suas irmãs com os punhos cerrados em ferro e mata instantaneamente a mãe com um machado; e, apenas quatro horas depois de ter formado resoluções para viver uma vida pacífica e útil, “entrega-se” à polícia como homicida; é encerrado num covil de felões; fica sombrio e de sangue-

frio, indiferente, até audaz na sua ostentação de ausência de coração; recusa falar com repórteres de jornais; declara teimosamente e falsamente que “não sabe nada sobre os acontecimentos” — nada sobre as circunstâncias da alegada rixa e homicídio; e assim o negro ímpio do destino — uma espécie de fatalidade infernal entranhada — guiando-o e controlando-o como um demónio, parece inseparável da vida horrível do criminoso.

Ele ou ela merece toda a simpatia humana esclarecida possível; toda a proteção legal e outra proteção possível compatível com o bem-estar da sociedade; pois que maior dureza privada pode haver do que estar incessantemente inclinado ao mal ou ser um agente incurável e consciente de si para a prática do crime? *

* O tratamento dos criminosos deve ser totalmente independente de todas as teorias religiosas ou éticas que incluam nos seus sistemas punições retributivas ou aflitivas; pois as barbaridades e diabolismos das perseguições religiosas, martírios, suplícios, torturas, etc., são apenas outras tantas formas perversas de “punir” pessoas que se recusaram a obedecer aos éditos e decretos de papas ou tribunais.

“O Superintendente Brockway”, diz o *Standard* de Syracuse (N. Y.), “atribui o êxito comparativo que acompanha os seus métodos no Reformatório de Elmira (N. Y.) ao facto de que a melhoria, e não a punição, do infrator é o objetivo das regras sob as quais ele é colocado. Toda a dureza imposta pela lei humana por mera punição — por mais que se dignifique com o nome de justiça — é odiosa para aquele que a sofre e raramente contém qualquer virtude para a sua reforma. Mas convencei-o de que o peso que lhe é imposto visa o seu bem-estar e, mesmo que ele não esteja persuadido de que tal medida efetivamente o beneficia, a sua atitude muda da hostilidade e obstinação taciturna para a curiosidade ou, talvez, para a amizade; e assim que percebe que a regra a que está sujeito se relaciona com o seu bem, torna-se um cooperador voluntário do seu benfeitor.”

Mas não existem diferentes formas e graus de crime?

As fases e os graus do crime são numerosos; e caracteres diferentemente constituídos são tentados de modos diversos.

Entrai, por exemplo, num grande estabelecimento bancário. Observais cinquenta empregados absorvidos nas suas diversas funções; cada um tem pontos muito fortes e pontos muito fracos de carácter. Para começar, cada um provém de uma parentela medianamente boa; cada um recebeu boa educação, e alguns são diplomados por universidades; e, quanto à situação, considerais que cada um teve a fortuna de obter um lugar, com salário suficiente para viver, num banco de tal riqueza e influência dominante.

Desses cinquenta empregados, quarenta cumprem regularmente os seus deveres, frequentam a igreja todos os domingos, mantêm boa companhia e vivem

acima de qualquer censura. Dos dez restantes, um é tentado e cede apenas à intemperança; outro, embora detestando o álcool em todas as formas, adquire gradualmente gosto pelo jogo; outro, não tentado nem pelo vinho nem pelo jogo, rende-se à paixão por uma vida gastronómica luxuosa; outro cai sob o domínio desenfreado da atração conjugal; outro entrega-se às tentações das corridas e das regatas; outro, impaciente com um rendimento limitado, estuda a arte da falsificação de moeda; outro, movido por fortes desejos de possuir riquezas, torna-se exímio falsificador de assinaturas; sob tentação semelhante, outro aprende a falsear as suas contas e, sob essa cobertura, apropria-se furtivamente de milhares de fundos do banco; outro, vencido pela visão de enormes pacotes de dinheiro nos cofres, estuda a “combinação” de várias fechaduras e acaba por se tornar arrombador; e o último dos dez empregados, que durante anos foi honrado e digno de confiança, estimado e amado por todos os seus colegas, desempenhando fielmente as funções de pagador, subitamente “desaparece”, levando consigo um saco cheio de notas, roubando numa só investida uma fortuna imensa e tornando-se assim um ladrão.

Para recapitular: os dez empregados apresentam-se à sociedade como (1) um bêbedo, (2) um jogador, (3) um glutão, (4) um libertino, (5) um desportista viciado, (6) um falsificador de moeda, (7) um falsificador de documentos, (8) um ladrão, (9) um arrombador, (10) um salteador.

Não afirmo aqui, naturalmente, que cada um destes dez empregados permaneça imune às fases correlativas do crime. É quase impossível que uma forma de doença não atraia algum dos males aparentados consigo.

Mas aqui está uma ilustração de como dez caracteres podem ser fracos em certos pontos, enquanto são naturalmente fortes e inacessíveis noutros; e de tais nascentes não raramente brotam profundos cursos de crimes elevados e habilidosos, minando os próprios fundamentos da confiança na natureza humana e envenenando os mais puros regatos da vida social e da felicidade.

CAPÍTULO LIII

A BÍBLIA E OUTROS LIVROS INSPIRADOS

“Ó espírito inquieto! porque te esforças
Para além da tua esfera?
Céu e inferno, com a sua alegria e dor,
São AGORA, e AQUI.”

Inspirações relativas a temas de importância imperecível inundam naturezas impressionáveis.

Os peregrinos entre os Montes Aspiração e Harmonia são particularmente suscetíveis a tais inspirações.

Neste aspeto, como uma placa sensível à imagem, o sensório típico americano excede a impressionabilidade feminina e a delicadeza do mais exaltado cérebro da antiga Índia.

Ideias vivas acerca da sociedade, ciência, indústria, literatura, leis, guerras, governos, poesia, princípios, moralidade, imortalidade, Divindade — como aves de asas livres de canto variado, como correntes confluentes provenientes das mais elevadas montanhas psíquicas — deslizam e misturam-se com os nossos pensamentos, tanto de dia como de noite, fazendo inchar o grande oceano do Pensamento e trazendo das cavernas e costas da mais profunda obscuridade toda e qualquer ideia ou problema para a ampla luz do dia e para o mar aberto da razão, da agitação, da discussão e da solução.

Poderosos agentes na promoção desta impressionabilidade e agitação universais são as legiões de jornais, panfletos, revistas e folhetos que invadem a fortaleza privada de cada família e penetram, através dos olhos, em quase todo o cérebro vivo.

Por detrás destes agentes estão os vapores, os caminhos-de-ferro, os telégrafos, os tubos acústicos e as outras contribuições da ciência e da arte.

Há algumas semanas, um correspondente querido, que intuitivamente recua perante o férreo aperto do materialismo, para o qual sente estar a ser arrastado pela vaga das modernas descobertas científicas, dirige-me muitas perguntas:

Está certo de que aquilo a que chama Terra de Verão é uma realidade?

Sim; estou absolutamente certo de que a Terra de Verão é uma parte do universo espiritual; tão real, de facto, como o sol visível no centro do nosso sistema solar.

Como está certo?

O conhecimento particular que torna a Segunda Esfera Espiritual (sendo este mundo a primeira esfera) uma certeza foi adquirido progressivamente, como qualquer outro tipo de conhecimento.

Por exemplo: gradualmente adquiri o poder de uma visão certa e precisa das coisas espirituais e remotas, exercitando a vista interior todos os dias, durante muitos anos, sobre coisas comuns e terrestres.

Assim, foram continuamente fornecidas provas. Os objetos e coisas materiais eu podia vê-los, localizá-los e descrevê-los apenas vendo primeiro as suas forças animadoras e princípios vitais; e, a partir daí, via as formas, as figuras, as localizações e os usos ou fins para que existiam; e assim foi progressivamente demonstrado aos investigadores que eu podia discernir corretamente plantas, árvores, habitações, pessoas, os seus móveis e vestuário, doenças e remédios, e muitas vezes os próprios sentimentos e pensamentos dos indivíduos, quer presentes, quer a grande distância.

O pleno desenvolvimento deste poder de visão exata resultou em descobertas acerca da origem e estrutura do universo material e na aquisição progressiva de informação muito positiva acerca da situação e das paisagens dos universos espirituais interiores; por meio das quais a localização e constituição da vasta Terra de Verão se tornaram uma realidade literal, uma gloriosa certeza celestial; tão positiva e substancial como a honesta mãe-terra sob os nossos pés e tão fulgente e deleitosa de contemplar como a luz suavizada que incessantemente se derrama sobre ela a partir do círculo circundante de sóis e mundos habitados.

As descrições de Swedenborg não diferem amplamente das suas?

A diferença está mais na linguagem do que na essência.

Quando Swedenborg percebia e descrevia como clarividente independente, concordamos. Quando investigava e escrevia como filósofo independente, concordamos.

Permita-me ilustrar esta afirmação: Swedenborg, enquanto filósofo e cientista, concorda perfeitamente com os videntes modernos ao afirmar que o espírito do homem é puro e de origem divina.

Mas Swedenborg, enquanto teólogo e intérprete da Bíblia, discorda de si próprio e afirma que, após a morte, os bons espíritos humanos são purificados dos males que a eles se apegam, enquanto os espíritos humanos maus são despojados de todas as qualidades boas e assim preparados para desfrutar (?) nos infernos todos os graus de depravação, falsidade e maldade; e, contudo, segundo toda a lei conhecida ou imaginável de causa e efeito, está para além dos limites da

possibilidade que qualquer espírito humano, tendo tido origem no puro Coração Divino, possa ser despojado de “toda a qualidade boa” e assim convertido num demónio eterno.

Esta inconsistência fundamental em Swedenborg não é atribuível à sua clarividência independente, mas à sua sempre presente, dominadora, persistente e suprema teologia bíblica, que abrasou e distorceu as suas percepções despertas das coisas espirituais e, correspondentemente, torceu as suas descrições dos fenómenos dos mundos espirituais.

Numa palavra, Swedenborg e todos os clarividentes modernos superiores e médiuns esclarecidos concordam substancialmente — (1) quanto à natureza dupla do homem; (2) quanto às leis da matéria e da mente; (3) quanto à vida e à morte e à ressurreição; (4) quanto às leis e realidades da comunicação espiritual; e, finalmente, (5) quanto aos fenómenos gerais e ao governo moral dos mundos espirituais — mas, quando os videntes e médiuns modernos são confrontados com as declarações de Swedenborg enquanto comentador da Bíblia e teólogo ultra-ortodoxo, então surge imediatamente o “braço-de-ferro”; e, na luta das diferenças, é fácil ver que Swedenborg se coloca ao lado do poeta Dante e de algumas das doutrinas cardeais da Igreja Católica Romana, enquanto os médiuns e videntes de hoje cooperam espontaneamente e se harmonizam com os mais elevados princípios da filosofia espiritual e com as mais recentes descobertas e deduções mais lógicas da ciência progressiva.*

Em que pontos concorda Swedenborg com a Igreja Católica Romana?

Na Igreja-mãe romana encontramos todas as importantes doutrinas ou hipóteses teológicas que existem, de modo mais ou menos conspícuo, nos vários credos e sistemas de fé protestantes. Swedenborg (tal como os católicos romanos e os protestantes teológicos do nosso meio) recua até à aurora da história humana para encontrar a Idade de Ouro perfeita.

O dia mais brilhante do mundo ele encontra na manhã do mundo. A árvore da vida — o Éden da perfeição e do florescimento — a vida estival da humanidade — Swedenborg encontra-os (contrariamente a toda a ciência e filosofia) na aurora mais antiga da história humana.

Além disso: nas eras mais remotas, as próprias portas do céu estavam amplamente abertas (segundo Swedenborg); e anjos e homens conviviam livremente e cantavam juntos como as estrelas matutinas musicais. Mas muito em breve ele vê a transgressão e o pecado entrarem; segue-se então o eclipse total do Sol da Justiça; depois o próprio Deus, como grande Redentor, nasce e é publicamente executado; depois, após um longo período de dilúvio mental e de trevas, o “sentido interno” da Bíblia é revelado!

Ora, quando o mundo dos espíritos é descrito por Swedenborg, obtém-se apenas uma apresentação pesada e detalhada das brilhantes concepções do poeta-vidente e escritor de Itália, que deu expressão sublime e corporização ao Purgatório teológico, muito antes ensinado pelos eruditos Padres da Igreja Católica Romana.

O grandioso e nobre espírito de Swedenborg é superior a qualquer sensibilidade frágil perante estas críticas honestas. Como consequência das minhas interpretações dos seus ensinamentos, publicadas há cem anos, ele nunca manifestou qualquer falta de bondade, orgulho ferido ou sentimento de ofensa. Desde o início até agora tem sido o meu amado e venerado guardião celestial. Deve ser relatado que, não obstante o seu perfeito conhecimento das minhas divergências com os seus escritos quanto à validade dos Testamentos, ele tem invariavelmente vindo até mim nos momentos em que a sua influência e os seus nobres encorajamentos eram necessários para assegurar a continuação dos meus serviços à raça humana.

Quer dizer que o “Inferno” de Dante e o “Mundo dos Espíritos” de Swedenborg são o mesmo em substância?

Sim, com esta diferença: Dante desenvolve o inferno e o céu católicos romanos, enquanto Swedenborg desenvolve o inferno e o céu segundo os princípios da filosofia.

Não obstante a sua profunda absorção na teologia ortodoxa, o Vidente independente não pôde reprimir nem resistir ao apelo dos princípios sempre poderosos da ciência e da razão.

Por exemplo: Dante localiza o seu purgatório numa vasta montanha sob um mar meridional terrestre, e fixa as suas concepções das moradas dos bem-aventurados nas estrelas e planetas mais elevados dos céus. Mas o Swedenborg filosófico localiza corretamente os seus purgatórios (infernos) e céus na estrutura do universo espiritual, absolutamente separados (por graus discretos) de todos os sistemas de mundos materiais e dos seus fenómenos.

Dante faz dos céus alegrias eternas como recompensa pelos atos praticados no corpo. Swedenborg faz dos céus harmonias e felicidades entre os anjos e o Senhor; por meio das quais a progressão no conhecimento espiritual e no amor, sabedoria e bem-aventurança celestiais se torna perpétua.

Os infernos e purgatórios de Dante consistem em tormentos materiais e mentais, em sofrimentos corporais e em arrependimentos e remorsos indizíveis; mas os infernos de Swedenborg são estados de emancipação absoluta de tudo o que é bom e verdadeiro — uma espécie de fruição eterna (!) de uma vida voluntariamente totalmente falsa, totalmente má e totalmente depravada — para sempre e sempre afastada do Senhor e dos santos anjos!

Dos purgatórios de Dante existia sempre a possibilidade de escape; mas dos infernos de Swedenborg toda a redenção e escape ultrapassam os limites da possibilidade, pois os seus horríveis habitantes são despojados de toda a qualidade pura e boa.

Assim pode observar por si mesmo a diferença entre os ensinamentos do Vidente italiano — que poeticamente laborou e colheu sob as asas da Igreja Católica Romana — e as revelações do Vidente sueco, que trabalhou sob o fascínio dominador de um Espiritualismo teológico, nascido nas trevas egípcias e embalado nos esplendores pagãos de Roma.

Percebe facilmente também que Swedenborg, quando livre da sua teologia opressiva e quando via e escrevia como clarividente filosófico independente, está substancialmente em paz com todos os videntes modernos e filósofos espiritualistas. Mas, por outro lado, quando imerso no seu comentário auto-enredado sobre os Testamentos — aos quais todas as suas observações claridentes são constantemente subordinadas como servas — Swedenborg entra em guerra não só consigo mesmo, mas coloca-se em antagonismo com as leis fixas da Intuição, da Razão e da Ciência.

Os factos precedentes explicam as causas das discrepâncias entre os ensinamentos de Swedenborg há um século e as revelações dos videntes e médiuns da atualidade. Mas a esta explicação das causas das diferenças deve acrescentar-se invariavelmente as influências especiais decorrentes da organização, das peculiaridades temperamentais e do viés educativo de cada vidente e médium individual.

Considera a Bíblia um Livro Espiritual?

Certamente, a Bíblia é composta por um grande número de escritos diferentes, de diferentes autores; e um profundo e genuíno Espiritualismo circula através deles como o sangue no corpo humano.

Swedenborg não discerniu esse Espiritualismo na Bíblia?

Sim; e observará que todas as pessoas espiritualmente inclinadas veem invariavelmente a espiritualidade mais rica e os arcanos mais celestiais nos seus volumes sagrados escolhidos.

Assim, cada nação (os judeus, os chineses, os hindus, os muçulmanos, os cristãos) possui um Livro religioso especial que (para os que o adotam) é reverenciado como a “Palavra de Deus” dirigida a toda a humanidade, e cada nação acredita que a humanidade deveria ser compelida a aceitar o seu Livro Sagrado particular.

A Bíblia cristã foi escrita por médiuns?

Alguns dos livros foram escritos sob um influxo espiritual; outros não — sendo, em grande parte, biográficos e históricos.

Um livro é um registo, e nada mais. Um livro finito não pode conter a mente de um Deus infinito.

Mas, sob inspiração espiritual, a mente humana é impressionada com pensamentos acerca de Deus, Anjos, Céu, Recompensas, Punições, Verdade, Justiça, Amor, Dever; e tais pensamentos, transbordando com os grandes fogos da fé e do entusiasmo, abrem caminho ardendo até às mentes daqueles que os leem.

Como saberemos quais os livros inspirados e quais os que não são?

Pelo uso das mesmas faculdades com que distingue uma maçã sã de uma defeituosa. Olha, prova, sente, raciocina.

Pode assim traçar uma linha entre os escritos puros de Paulo e o conteúdo extraordinário do Salmo 109 de David. Pela leitura analítica atenta verá (ou poderá ver) que, enquanto Jó, Ester e Jonas são pura ficção, os escritos de Esdras, Neemias e Daniel estão cheios de acontecimentos históricos genuínos e experiências biográficas.

Ao pensar na Bíblia, pode guiar-se por três proposições fundamentais: (1) que Deus, como a Alma infinita do universo, nunca pode ser revelado num volume de papel; (2) que os escritos bíblicos são registos de inspirações individuais, recebidas em diferentes períodos, e que o crescimento (ou evolução) dessas convicções e inspirações religiosas se estendeu por vários séculos sucessivos; e (3) que a compilação atual, chamada Bíblia, foi ela própria uma obra de crescimento acumulativo extremamente lento e difícil.

Os eruditos (da Igreja) tiveram as suas mãos sobre e dentro desses escritos desde o primeiro dia até agora. E continuam ainda a fornecer novas revisões ou traduções.

Os capítulos e versículos, por exemplo, foram inventados pelos eruditos após o século XIII. Contudo, há milhares de crianças da escola dominical (incluindo os seus dedicados professores) que imaginam que os próprios capítulos, os versículos e até os resumos do conteúdo colocados no início dos capítulos foram ditados por Deus aos seus escribas escolhidos!

Mas o dia desponta em que os próprios capítulos serão compreendidos como nada mais nem menos do que inspirações honestamente escritas de pessoas mediúnicas inteiramente devotadas àquilo que acreditavam ser a verdade de Deus.

Como deve a Bíblia ser lida e considerada?

Como uma compilação dos escritos inspirados de indivíduos que viveram há muitos séculos.

Partes do livro são simplesmente registos de tradições e narrativas de trovadores; algumas passagens são esboços históricos circunstanciados de acontecimentos; outras porções são registos biográficos de lutas espirituais privadas, experiências e convicções consequentes; e as melhores partes são revelações misteriosas, proféticas de realidades e acontecimentos que apenas a clarividência, a mediunidade e os factos do Espiritualismo Moderno correspondem plenamente e explicam racionalmente.

CAPÍTULO LIV CRISTIANISMO E ESPIRITUALISMO MODERNO

“Olhei; a nuvem de pó afastou-se,—
O Destruidor era também o Construtor;
Erguendo-se do Velho arruinado
Vi o Novo.
Era apenas a ruína do que era mau,—
O desgaste do erro e do mal;
Tudo quanto de bom o tempo tivera
Permanecia vivo.”

Antes de responder a algumas questões recentemente apresentadas, submetem-se ao leitor as seguintes reflexões:

Primeiro. — As mentes intelectuais procuram energicamente SABER,— acumular e sistematizar “factos” acerca das coisas, das forças e das suas causas produtivas imediatas. O orgulho e a ambição supremos de tais mentes consistem na posse consciente do conhecimento,— pois o conhecimento, ou conhecimento classificado, chamado “ciência”, é o seu principal Deus; por isso, tais mentes admiram profundamente, quase veneram, aquelas raras e “dotadas pessoas” que, possuindo memórias retentivas e espírito pronto, conseguem fazer espontaneamente exhibições intelectuais brilhantes.

Segundo. — As mentes sábias, por outro lado, muitas vezes pouco intelectuais e sem educação clássica, procuram a sabedoria, ou aquilo que é necessariamente invisível, espiritual e eterno. Tais mentes são primorosamente sensíveis, intuitivas e, talvez, pouco práticas. Com demasiada frequência são desequilibradas, descentradas e desenquadradas da corrente e das circunstâncias da vida comum. Estas naturezas misturadas de anjo e de terra realizam por

momentos, como por um súbito clarão do que se chama génio, que a Sabedoria é uma flor imortal e celeste das afeições espirituais, de crescimento extremamente lento; e tais mentes não podem, neste mundo, vangloriar-se das suas grandes colheitas de factos intelectuais, que derivam das impressões e experiências recebidas pelos e através dos sentidos corporais externos.

A confissão byroniana — “Toda a minha vida foi um combate desde o dia que me deu o ser” — é o grito natural de tais mentes; e para tais o poeta disse: “Por vezes achei a luta árdua, e pensei em sacudir os meus laços de argila.” Individualismo anormal é o nome que esta condição mental sugere à mente mundana.

Que entende por causas espirituais?

As causas espirituais são as causas eternas; fluem da fonte divina dos princípios.

São esses princípios decretos de um ‘Deus pessoal’?

Não; pois os princípios são as correntes vitais imutáveis da própria essência do Espírito Infinito.

Como criam e mantêm, sem variação, estas correntes vitais (ou princípios) de Deus este universo harmonioso?

A própria ideia de um Princípio da Natureza inclui a mais secreta verdade a seu respeito.

Um princípio é constituído, na sua própria essência, pelo Amor eterno que transmite por toda a parte vida e beleza; e contém também a Sabedoria eterna que desenvolve ordem e forma ilimitadas.

É impossível restringir ou transgredir um Princípio natural; e é igualmente impossível que um Princípio natural erre, no tempo próprio, ao revestir-se de uma vestimenta material de constituições, órgãos, forças, leis subordinadas, funções e condições apropriadas.

“Criação” não é um termo correto. Originou-se na antiga hipótese de que tudo foi milagrosamente feito do nada. A palavra correta (a substituir) é formação.

Pode a mente humana projetar um pensamento de modo que ele possa ser visto externamente?

Sim. Pensar significa tornar coisa; isto é, há primeiro o pensamento; depois vem a coisa, que corresponde e representa o Pensamento. Mas não é frequente que as circunstâncias favoreçam a incorporação plena e completa de uma conceção. Daí a persistente decepção que permanece na maioria das mentes; o sentimento e a convicção de que poderiam ter superado aquela obra, se apenas “tivessem tido uma oportunidade justa”.

Qual é a diferença prática entre Intelecto e Sabedoria?

Despertai o Intelecto e colocai-o em atividade, e o efeito é ceticismo e agitação; desenvolvei a Sabedoria, e o efeito é fé espiritual nas coisas eternas.

Os romanos eram crentes nas leis e nas divindades visíveis; os cristãos eram crentes em Deus e nos anjos invisíveis.

O imperador Augusto reconstruiu os templos do paganismo, encheu-os de objetos de culto e instituiu ou reviveu formas e cerimónias religiosas que haviam sido longamente negligenciadas.

Mas, pouco depois, nasceu o homem espiritual de Nazaré, com poder intelectual moderado e sem ambição pela posse e exibição de conhecimento temporal; e, com o decorrer do tempo, ergueram-se (em corações longamente expectantes) os templos invisíveis de um novo culto, e os anjos iam e vinham, e a conceção de um Pai celeste e amoroso foi desdobrada na cúpula de muitas mentes infelizes.

Quem considera os reformadores mais verdadeiros no início do Cristianismo?

Havia três partidos em campo — representantes de fases sucessivas no progresso religioso — (1) os distintos Pagãos, (2) os práticos Estoicos, (3) os cristãos Espiritualistas. O Paganismo era intelectual e cruel; o Estoicismo era sábio e submisso; o Cristianismo era espiritual e devocional.

Jesus fez pelo espírito humano e pelas suas aspirações o que Augusto fez por Roma e pelas suas dependências. Entretanto, Cícero e Séneca, como Sócrates e Platão, trabalharam (estoica e filosoficamente) para iluminar, fortalecer sabiamente e edificar toda a vida e carácter individuais.

Estes mestres inculcaram e exemplificaram a obediência ao Bem pelo seu supremo valor intrínseco. Exortaram todos os homens a dizer a verdade e a viver a verdade, pelo seu próprio e querido valor divino. Por isso, foram, no seu tempo, os mestres mais verdadeiros e os reformadores mais sábios. Eram amigos autocentrados de toda a humanidade.

Se o Estoicismo era superior, por que não cresceu e triunfou?

Não afirmo a superioridade do Estoicismo; mas isto, — que os Estoicos, que ensinavam a obediência ao Bem por si mesmo, foram os reformadores mais verdadeiros e os mestres mais sábios.

Eles elevaram filosoficamente os padrões naturais e eternos da Verdade, da Justiça e da Retidão; e insistiram na devoção e obediência a estes princípios imutáveis, independentemente de quaisquer consequências, — indiferentes a recompensas ou punições que pudessem seguir-se a tal devoção e obediência.

Mas não ensinaram os cristãos a mesma obediência?

Não; os cristãos ensinaram uma misteriosa doutrina de recompensas celestes especiais pela prática da bondade, e que certos castigos indescritíveis e eternos seguiriam à prática do mal. E pareciam acreditar (alguns deles) que o pecado-mestre, que merecia as mais horríveis formas de punição eterna, era a rejeição do próprio Cristianismo.

Esta misteriosa doutrina (de recompensas e punições) exerceu uma influência imensurável e aterradora sobre as imaginações das multidões ignorantes. Foram psicologicamente dominadas. Apenas os Pagãos intelectuais, e os poucos Estoicos sábios e equilibrados, tinham poder para resistir à psicologia do Cristianismo.

E, no entanto, não afirma que o Cristianismo é superior ao Estoicismo?

Por Cristianismo, tal como aqui se emprega o termo, não entendo as doutrinas da teologia,— tais como a “Queda do Homem”, a “Expição”, o “Céu para o Crente” e o “Inferno para o Incrédulo”; mas, neste contexto, por Cristianismo entendo as doces humanidades, o amor espiritual e as ministrações angélicas que o Reformador de Nazaré inculcou oralmente e frequentemente manifestou durante a sua breve carreira.

Estes elementos celestes no Cristianismo são o segredo do seu triunfo entre naturezas e nações refinadas e filantrópicas; enquanto entre naturezas e nações ignorantes e egoístas o Cristianismo pode triunfar por causa das suas misteriosas doutrinas de recompensas e punições eternas.

Qual é a sua definição mais breve de Cristianismo?

O Cristianismo, no seu carácter mais elevado, é AMOR ESPIRITUAL. Contém os princípios da sabedoria, e contudo o Cristianismo não é tão sábio como foi o Estoicismo. O Paganismo, no seu sentido mais amplo, é intelectual e materialista.

É o Cristianismo a Religião final?

Nada é final senão a Verdade absoluta. O Cristianismo é a secção mais espiritual dessa totalidade divina que é tão redonda como a terra e tão infinita como a Mente eterna.

Que diz acerca da Segunda Vinda, ou Encarnação de Jesus?

Aceito a segunda (e também a milionésima) vinda de toda a Verdade que possa elevar, salvar e redimir a humanidade.

A segunda vinda objetiva de qualquer indivíduo (agora penso) é apenas o sonho do devoto.

A crença no reaparecimento do corpo de qualquer personagem histórica amada e adorada é a fé do coração imaginativo e saudoso do amante.

O devoto perfeito, na sua arrebatada adoração, não consegue separar a bela verdade da pessoa que lhe deu expressão. Cristo, João, Moisés, Buda, Jeová,— estes nomes, associados a outros, estão estampados em diferentes apresentações testamentárias de verdades espirituais,— mas (num sentido literal ou físico) nada menos que superstição é acreditar que a regressão negativa possa sobrepor-se ao progresso positivo; pois só admitindo tal absurdo se pode crer que deuses ou homens possam reaparecer, novamente revestidos de um organismo material.

Pode alguma Religião ser mais abrangente do que o Espiritualismo Moderno?

O Espiritualismo Moderno é um grande renascimento das evidências de uma vida futura e da comunicação espiritual. Na medida em que os seus factos servem para interessar materialistas e converter cétricos à crença na imortalidade pessoal, nessa medida é revigorante e elevador para toda a humanidade.

Mas quanto à sua abrangência, o Espiritualismo Moderno mantém para com esse vasto movimento aqui denominado Cristianismo a mesma relação que as chuvas, os orvalhos, os magnetismos e as eletricidades sustentam com as diversas produções e reinos que cobrem e embelezam o mundo.

Isto é: o Espiritualismo serve, e servirá, para vivificar e desenvolver tudo o que é verdadeiramente espiritual e verdadeiramente filantrópico.

Adotarão as igrejas o Espiritualismo?

Nada pode ser mais certo, até certo ponto.

Já as igrejas de diversas denominações possuem pregadores que ensinam livre e destemidamente o “ministério dos anjos”, e apelam sem hesitação a factos modernos bem comprovados.

Esta adoção, por parte do clero, das evidências existentes da imortalidade pessoal — para cuja receção têm preparado as suas congregações há trinta anos — atrai, em grande número, os espiritualistas de regresso aos bancos há muito abandonados; e assim, devido às vivificações universais derivadas do Espiritualismo Moderno, as igrejas florescem e multiplicam-se por toda a parte.

Qual será o resultado final?

Reforma de muitos credos; difusão universal de sentimentos nobres; amor mais fraterno e universal; derrube de antigas intolerâncias; destruição geral de superstições longamente acarinhadas, e maior liberdade mental.

CAPÍTULO LV

HARMONIA PARA ALÉM DO VALE

“Ó irmão homem! acolhe no teu coração o teu irmão;
Onde habita a piedade, aí está a paz de Deus;
Adorar retamente é amar-nos uns aos outros,—
Cada sorriso um hino, cada ato bondoso uma prece.”

Mais uma vez procuremos reunir o rebanho discordante.

Durante anos sucessivos andaram afastados; dispersos entre rochedos áridos e matagal. Alimentaram-se de cascas e mastigaram folhas secas. Caminharam na lama e beberam de poças turvas. Mas a sua sede constante não foi saciada; nem a sua grande fome satisfeita.

Uma trombeta de voz argêntea ressoa de novo entre as colinas.

Muito ao longe, sobre as montanhas áridas da investigação sensorial, ouve-se a voz amorosa do fiel pastor. Ele chama em alta voz os cordeiros fugitivos do progresso. Eles não escutam a sua voz; pois não têm audição espiritual. Não lhe dão atenção. Não o veem; pois não têm visão interior.

Dois anjos de luz, outrora residentes na Terra, estão de mão erguida para auxiliar todo o esforço verdadeiro. O espírito da VERDADE é o verdadeiro pastor. Ele fala apenas em sussurros. Detém-te e escuta! Só podes ouvir a voz da intuição quando estás tranquilo.

Deixa partir a materialidade dos sentidos. Deixa os fazedores de sinais para aqueles que querem sinais. Fecha por um tempo os olhos físicos. Permite que a pura e formosa Razão, bela como uma deusa imortal, pronuncie os oráculos da Verdade eterna. Deixa que os princípios imutáveis da vida façam vibrar as cordas das tuas faculdades superiores.

Eis que o pastor está nas belas colinas. O sol ilumina os vales interiores, e os ramos das árvores frutíferas movem-se ao sopro da brisa. Mas os membros desarmoniosos ainda correm de um lado para o outro, e frequentemente param para contender entre si. A beleza viva da Natureza nada lhes diz. Constroem santuários para os seus deuses estranhos,— ocultando-os por detrás de cortinas e estreitas aberturas.

Uma guerra de palavras, cheia de amargura, paira no ar. Contendas e desvios multiplicam-se à medida que as horas se precipitam para o passado irrecoverável. O bem do eu, não o bem da verdade,— não a própria verdade,— é a mola principal de toda esta luta, atividade e ciúme.

Deixa que o pastor te chame à ordem harmoniosa. Obedece ao espírito imortal; segue menos a autoridade dos teus sentidos. Pois eles cobrem-te de dúvida. A dúvida traz nuvens e trevas impenetráveis.

Espiritualismo, do Espírito,— não esta errância no deserto do materialismo,— é a lição do pastor para todos. As palavras deste mestre ouvi eu; e, grato e jubiloso, apresso-me para o seu lado. E, ao escutar, ouço uma multidão de vozes — um grupo de anjos à direita — repetindo as suas palavras: “Sobe-para-fora-das-trevas!” Gritam da Terra do Verão, muito além das montanhas. “Procura-a-verdade-na-luz!” é proclamado por lábios que falam a Verdade.

O caminho é reto, a porta é estreita; mas pés cansados podem encontrá-lo, e os de coração sincero podem entrar.

Um soluço ouve-se na câmara da morte. O pranto enche olhos outrora radiantes de alegria e esperança. Ainda não será reunido o rebanho. Rebeldemente saltam todos os obstáculos. Cada um quer ser líder de todos os outros. Em vão cada qual luta para avançar. Sobre penhascos e rochedos saltam, no zelo ambicioso dos independentes juvenis. Não contemplam a bela forma da Verdade. Princípios no espírito — não a voz de pessoas — devem guiá-los. Atendendo aos conselhos de peregrinos intrometidos (alguns sábios, outros tolos), extraviam-se por todos os lados.

Respondendo ao chamamento, entro de novo no ministério. Através das sombras contemplo as substâncias reais de que todos deveriam alimentar-se e beber. Através da escuridão circundante vejo as tonalidades da primeira luz da manhã. O meu coração está cheio de alegria. Uma grande felicidade enche a minha alma. O Espírito está destinado a transcender e a vencer. As manifestações de verdade, amor, justiça e sabedoria ofuscarão todos os sinais superficiais. Uma fraternidade harmoniosa silenciará esta guerra de egoísmo.

As mentes sairão das trevas. Naturezas belas, cegas pela dor — corações ansiosos por um testemunho dos seus entes queridos já partidos — sentar-se-ão e esperarão sob os braços protetores do Infinito. Nas suas afeições, os belos anjos deixarão cair orvalhos curativos das árvores da vida eterna. Mãos invisíveis também ondularão suavemente, com a delicadeza do amor puro; e a fronte ardente do sofredor será acalmada pelo sopro de médicos celestes. A evidência interior substituirá assim a evidência dos sentidos sempre incertos.

Pois está escrito que àqueles que vivem no reino da harmonia serão acrescentados todo o bem, toda a verdade e toda a alegria da retidão.

Tu, querido leitor, também ouves e atendes às vozes do Espírito imortal? Respondestes alegremente ao chamamento do pastor?

Em frente aos belos campos da Verdade contemplas uma guerra horrível. Irmão contra irmão, por causa dos deuses mortos e moribundos do materialismo. Contendas de mentes desequilibradas. Lá no alto das montanhas ouves os sons de um exército que se aproxima. As almas dos fortes — cheias do poder dos princípios — entrarão muito em breve nas tuas habitações. Varre as tuas loucuras e põe a tua casa em ordem.

CAPÍTULO LVI

BELAS MANHÃS ENTRE AS MONTANHAS

“Viajante em terra estranha,
Longe do teu próprio lar;
Enlutado, assombrado pelo som
De uma voz já partida deste mundo;
Cativo, em cuja estreita cela
O sol não tem licença de habitar;
Marinheiro, no mar que escurece,
Eleva o coração e dobra o joelho.”

Entre o dia quinze de Março e o dia vinte de Abril (1885) estive interiormente tranquilo e experimentei um sentimento profundo e doce,— completamente protegido das interrupções do mundo,— que continuamente fazia os meus pensamentos cantar: “Mais perto, meu Deus, de Ti! mais perto de Ti!”

Esta deliciosa elevação espiritual, ou antes, esta profundidade de sentimento, começava em mim ao nascer do sol e prolongava-se por quase quatro horas. As páginas seguintes estão cheias destas meditações matinais.

O meu primeiro sentimento era o de oração devocional,— um estado de aspiração reverente,— seguido de contemplações reflexivas ou de alguma comunicação imediata das Esferas interiores da Vida.

PRIMEIRA MANHÃ

Espírito do Universo! à luz que brilha em cada pensamento nobre que pensamos! ao Amor que vive na beleza e fragrância de cada flor! à Onnipotência que atua e impõe cada movimento na matéria, elevemos agora as nossas almas dependentes.

Elevemos agora os nossos pensamentos àquele Espírito que tudo permeia, que é UNO, embora infinitamente variado na manifestação; que é o Ser absoluto, ao mesmo tempo que enche o universo de existências e de inumeráveis relações!

Rogamos que o Amor Infinito inspire os nossos sentimentos com afeições divinas, para que todos os pensamentos que pensemos e todas as obras que façamos sejam angélicos e celestes. À fonte toda-viva da Vida elevamos os nossos desejos por todo o dom bom e perfeito.

Ó Mãe de infinita bondade! rogamos que o teu amor perfeito se torne o nosso amor, para que, em todas as nossas obras e caminhos, sejamos verdadeiros discípulos do teu santo coração,— levantando o que foi pisado,— salvando os solitários errantes,— amparando os órfãos e os escravizados.

E damos graças ao Coração Divino por todas as belas revelações do seu múltiplo afeto; pela infinita ternura com que envolveu os nossos espíritos num abraço imortal; pelos agradáveis e eternos caminhos do dever que preparou para os nossos pés; pela bondade amorosa e retidão com que enriqueceu e embelezou o universo infinito!

Damos graças à Sabedoria sempre presente pelas verdades enobrecedoras que nos chegam, dia após dia, através de todas as manifestações da natureza. Damos graças ao Espírito infinito pelas revelações da nossa humanidade comum; pelas vidas grandiosas de homens e mulheres sinceros em todas as épocas do mundo; pela comunidade inesgotável de almas na fraternidade sobre a Terra, e por todos os que vivem nas altas famílias para além dos mares estelares. Elevamos a Ti os nossos pensamentos! A Ti elevamos a nossa oração! Damos-Te graças para todo o sempre, Ámen!

Bem-aventurado é o homem que vê para além do vale. O seu coração transborda de alegria serena, e o seu espírito enche-se de meditações celestes. Para além do vale ele vê a era que há de vir, quando a ira, a contenda e a guerra terão desaparecido para sempre; vê o tempo em que calamidades, pestilências, dor, tristeza e morte já não serão conhecidas.

O intelecto é soberbo e só a si próprio adora. Mas o espírito é sábio e confia em Deus. Bem-aventurada é a alma confiante que canta: —

“Quando ventos e ondas contrárias se erguem,
E no meu coração suspira o desalento,
Quando a vida mostra a sua multidão de cuidados,
E a fraqueza se insinua no meu espírito,
Grato ouço o bondoso decreto
De que ‘Como for o meu dia, assim será a minha força’.”

A fraqueza acompanha o homem sem fé. O seu caminho diário está cercado de obstáculos intransponíveis. Ele cai sob o peso das suas cargas. Mas o homem de fé opera milagres. Ele eleva-se acima das credulidades da inexperiência. A sua voz é profunda de poder. É calmo; o som da sua voz é música; a sua presença é uma

inspiração. Fala palavras de justiça e amor. A retidão, a fidelidade e a bondade amorosa seguem-no, e vão adiante dele, anunciando a sua aproximação. Ele é um escudo; um profeta da paz; uma manifestação da imagem divina.

A beleza é a manifestação apaixonada do amor divino. Flores de beleza crescem e desabroçam por toda a parte,— no matagal emaranhado, no deserto, entre as ervas daninhas junto ao ribeiro lamacento, nos braços de escarpas rochosas, tão verdadeiramente como nos jardins e moradas encantadoras dos ricos. O tempo derruba as mais grandiosas estruturas erguidas pelo homem. A sua magnificência é demolida pela tempestade. Mas as violetas continuam de era em era,— as delicadíssimas miosótis sobrevivem a todas as tormentas,— pois brotam do seio do Amor Divino.

Oculto no fundo do insondável coração da Mãe infinita está o doce e secreto destino de cada coração humano. Entra nesse domínio luminoso do afeto imortal; aí lê as escrituras do teu nascimento e da tua vida, e toda a cadeia de causas da tua história passará diante dos teus olhos como as revelações sucessivas de uma memória eterna.

A beleza é infinita suavidade em manifestação. Feliz é aquele que pode ver na beleza a promessa da Sabedoria divina. É o único princípio de simpatia que atravessa e encanta todas as coisas. Ilumina todos os lugares sombrios. Entra com a alma nas solidões. À porta do sepulcro mantém cativo o amor da mulher. Pura como os orvalhos do Paraíso, pendura os seus emblemas no túmulo, sinais da amizade eterna do Amor.

É bela na ave suave, na fera mais feroz, no cordeiro tímido, no leão devorador. Nas sebes mais agrestes, nos vales mais profundos, sobre as montanhas mais altas, nos lugares pantanosos das terras mais baixas, ela desponta espontaneamente, com o afeto da Mãe divina a brilhar no seu rosto jubiloso.

A beleza é o nome da perfeição; enche o espírito até transbordar; é o testamento completo e derradeiro de Deus. Shakespeare entronizou a beleza como a mais poderosa revelação da perfeição infinita. Tentar

“Dourar o ouro fino, pintar o lírio,
Lançar perfume sobre a violeta,
Alisar o gelo ou dar outra cor
Ao arco-íris, ou com luz de vela
Procurar adornar o belo olho do céu,”

é profanar o espírito da bondade infinita universalmente manifestada na Beleza.

Bem-aventurado é o homem que pensa pensamentos belos. E feliz é aquele que vê o amor da Mãe infinita que se estende na pequena asa da ave,— que levanta as suas mãos jubilosas nas folhas das árvores,— que canta nos regatos correntes,— que exala através da fragrância de todas as flores,— que faz o firmamento arder com esplendores estelares, e que leva as próprias colinas do céu a unir as suas vozes ao coro das estrelas da manhã.

SEGUNDA MANHÃ

Espírito Eterno!

Rogamos-Te que possamos contemplar os milhões de corações felizes que vivem espiritualmente na luz dourada da tua sabedoria, como habitantes da tua casa de muitas moradas, que dura para sempre; para que, contemplando, possamos, nas profundas vigílias da noite, ou enquanto trabalhamos cansadamente no campo do dever quotidiano, sentir o coração elevado em fé perfeita, alegrar-nos e exultar, e ser movidos a adorar-Te e a venerar as tuas múltiplas perfeições.

Imediatamente depois de escrever o que precede, que foi a aspiração reverente que plenamente inundou o meu espírito, senti uma deliciosa sensação de sopro a banhar o meu lado esquerdo, começando na orelha e, depois, espalhando-se como um relâmpago sobre o rosto e a testa, descendo pelo corpo, incluindo a mão e o pé esquerdos, até às pontas dos dedos das mãos e dos pés. Uma vivificação desta natureza peculiar e abrangente — estranho dizê-lo — reconheci de pronto como emanando da presença do vidente sueco, Swedenborg,— sendo, em tudo, idêntica às sensações que senti proceder dele na sua primeira visita a mim, em 1843, conforme relatado em *The Magic Staff*.

Pela notável vividez e profundidade do magnetismo, soube, pela experiência passada, que ele estava pessoalmente muito perto da “Câmara do Profeta”, onde então me encontrava, ocupado na composição deste volume. Obedecendo a este conhecimento, desci à porta da frente, abri-a de par em par e recuei para a sala no mesmo piso. Uma atmosfera, contendo qualidades peculiares de calor, entrou como uma corrente de vento. Este movimento etéreo de ar mais puro entendi significar que ele entrara na habitação. Depois fechei a porta exterior e apressei-me para o meu quarto; mas, imediatamente, por uma respiração interna profunda que tive, soube que ele me precedera; e, então, entrei num estado espiritual correspondente, ficando assim preparado para o acolhedor encontro.

[Indicou, em poucas e nobres frases, que no dia seguinte tinha uma comunicação a transmitir em relação aos graus e aos usos dos sentidos internos.]

O que me espantou, nos primeiros instantes, foi a aparência de uma menina pequena, tímida e de aspeto frágil, que ele conduzia pela mão, encorajando-a com

modos paternais. Parecia paternal para com ela e aparentemente infundia-lhe força e coragem para abrir a boca e dizer-me alguma coisa.

“Que ela hesite é racional, dada a sua presente imaturidade, sem arcanos da sabedoria angélica”, disse ele. “O seu desejo de possuir os bens da caridade, que são os usos do amor no grau espiritual”, continuou, “e a sua vontade de evitar pecados e males no grau natural, onde os seus sofrimentos a oprimiram profundamente, ocupam e intimidam continuamente os seus pensamentos e afeições.”

Pouco depois, porém, ela começou o que chamou a sua “triste relação”, e foi como segue: —

“Todo este mundo me é estranho. O meu pai celeste [ergueu os olhos timidamente, suplicante e reverente, para o grande rosto luminoso do Vidente] cuidará de mim. Puseram-me nas costas, senhor, um pesado fardo de sofrimento. Fui esposa de um animal humano, senhor,— um bruto em força e crueldade, e pior do que um bruto em luxúria. Sou mãe de vinte filhos, senhor. [Aqui a sua voz tomou um som de lamento— um tom aflito e doloroso — que, não fosse o meu domínio, quase me incapacitava de ouvir mais.] Um crime revoltante, senhor, cometido contra mim por um bando da sua espécie, trouxe-me pela violência para o céu.”

“Vinte filhos!”, disse eu. “Tu própria és apenas uma criança.”

“Dois deles”, prosseguiu ela, “parecem naturalmente meus,— todos os outros, senhor, deram-me apenas dor e horrores enlouquecedores.”

“Sabe onde estão os seus filhos?”, perguntei.

“Dois, os meus próprios anjos queridos, estão comigo e com o pai no céu. Nada sei dos outros. Oh! senhor, um grupo missionário, um grupo de irmãs puras, veio e rezou comigo toda a noite. Eram raparigas encantadoras em trabalho missionário. O meu desespero e as minhas humilhações e durezas não compreenderam. Contudo rezaram por mim, deram-me algumas moedas e depois foram para a aldeia seguinte. Oh! senhor, fizeram-me chorar amargamente; mas, da próxima vez que vieram, a porta estava pregada e eu estava ao lado do meu pai celeste, lá em cima no belo ar, senhor, olhando para baixo para as raparigas missionárias quando encontraram o meu corpo ali pelos bosques, debaixo do mato. Ele trabalhava numa mina de carvão,— um bruto verdadeiro, senhor, e eu a sua escrava e enlouquecida.”*

* Ela cessou de falar nesta palavra. O caso era inteiramente novo para mim. Depois de pensar no assunto, lembro-me de um sentimento prevalecente, especialmente entre cristãos, de que uma esposa não deve abandonar o seu marido legítimo em circunstância alguma. Sobre este ponto, um relatório recente de

Inglaterra é enfático em sentido contrário: “O plano de permitir que maridos e mulheres vivam juntos em casas de trabalho inglesas não se revelou totalmente um sucesso. O assunto foi levado à atenção numa reunião recente do Conselho de Administradores de Mile-End Old Town, quando o presidente fez um relato melancólico do resultado de uma experiência tentada neste sentido. Quartos especiais, disse ele, foram preparados na casa de trabalho para casais casados, e as pessoas a quem se propunha conceder o privilégio de viverem juntas foram chamadas para se apurar a sua opinião sobre o assunto.

A primeira pessoa interrogada foi uma mulher; e ela, por meio de linguagem tudo menos agradável, expressou a sua decidida objeção a viver com o marido. A segunda mulher cuja opinião foi recolhida observou que fora por causa da embriaguez e crueldade do marido para com ela que buscara refúgio na casa de trabalho. A terceira pessoa chamada foi um homem, e ele objetou em termos igualmente fortes a voltar a viver com a mulher. Nestas circunstâncias o esquema foi abandonado.”

Um movimento significativo da sua mão, acompanhado de um brilho peculiar em torno dos seus grandes olhos azuis, disse claramente que agora se retirariam.

Imediatamente, ao recuperar o uso do meu corpo,— “o que a mente quer o corpo tem de o fazer”,— abri escancaradamente a porta e, como antes, retirei-me para a sala até voltar a sentir a agitação de uma corrente de ar, o que me provou que eles tinham saído e partido.

TERCEIRA MANHÃ

Grande Mente Positiva do Universo imperecível!

Queremos ir a Ti como criancinhas, pedindo o teu amor e a tua proteção eternos. Sentimo-nos desamparados na tua mão Onnipotente. Parece-nos que nos afastamos cada vez mais do paraíso primordial onde nascemos. Rogamos-Te que nos imprimas lições de fidelidade e contentamento. Como cordeiros que se tresmalham do pastor divino, elevamos as nossas vozes suplicantes. Dá-nos, pedimos-Te, uma comunicação responsiva da tua própria Mente Eterna. Com amor, misericórdia e paciência, guia-nos,— crianças teimosas e ignorantes como somos,— pela mão; guia-nos, para todo o sempre. Ámen!

Embora eu desejasse muito ardentemente uma repetição da visita pessoal do bom e grande Vidente, ele não se aproximou; nem sequer dentro da órbita da Terra, mas proferiu o seu discurso a uma distância imensa, e todavia sem a mínima demora ou correção, e era doce e fluente, como se desse voz a um contínuo curso de recordações harmoniosas. E, no entanto, o que era de maior importância para a minha escrita, a sua fala não era nem rápida nem indistinta. O meu registo segue-se aqui:—

“Aquele que ama as verdades e os bens da sabedoria e vive de acordo com aquilo que o seu amor, pela afeição, apropria, vive de acordo com os três graus a que a vida do homem corresponde,— o natural, o espiritual e o celestial; mas, em particular, a sua vida corresponde ao espiritual e ao celestial (ainda que vivendo na Terra), porque, vivendo assim, o seu entendimento natural e até as suas inclinações corpóreas se purificam pela sabedoria, de acordo com os bens e as verdades em que vive, a partir do amor mais profundo e da escolha das suas afeições.

Um homem assim elevado e purificado, onde quer que esteja e faça o que fizer, não comete transgressões nem pecados por impurezas, porque os seus pensamentos, ideias e atos procedem dos usos das verdades e dos bens da sabedoria, nos quais e pelos quais se associa aos amores e entendimentos elevados dos mais altos espíritos e anjos pertencentes à Terra onde ainda habita.

Todavia, a distinção de que o amor espiritual é diferente do amor celestial é fundamental para um entendimento correto,— que o amor espiritual ama a verdade, enquanto o amor celestial ama o bem; pois, na inteligência racional ou no entendimento natural, há para sempre de se usar o poder de querer ou o direito de escolher, segundo o qual, por este princípio de liberdade, o homem natural pode determinar se viverá no amor espiritual, se ascenderá ao amor celestial, ou se continuará a viver apenas no que é natural; o que significa que está em liberdade de escolha quanto a o seu amor se confinar à verdade e ao próximo, ou se, por purificação e auto-eleição, o seu amor se tornará celestial, o que quer dizer que, daí em diante, amará o bem da verdade e o espírito de Deus, o Amor e a Sabedoria divinos.

Os usos são as causas da formação no universo. Não há outra causa potencial ou geradora. Todos os usos procedem de Deus para fora, para formas e representações; depois, essas formas e representações têm também os seus usos. O amor celestial flui para baixo no amor espiritual; daí o bem da verdade e o amor do Divino condescendem a corporizar-se na verdade da inteligência racional e na amizade para com o próximo.

Em cada grau, os usos são as causas de todas as formas e manifestações, que, nas suas ultimações, são fins; e isto é verdadeiro quer no reino dos minerais, quer no reino dos seres animados, quer na raça humana, quer no mundo dos espíritos, quer nas sociedades e principados de anjos, tanto celestiais como celestes.

A inteligência procura a sua noiva no que se chama amor espiritual; mas a noiva da sabedoria é o amor celestial. Pois a sabedoria está muito acima das faculdades racionais do entendimento; e, entre as sociedades superiores, nenhum outro matrimónio é possível senão a conjunção do amor celestial com a sabedoria, enquanto a inteligência se conjuga com o amor espiritual; e, para que a diferença nestes graus separados possa ser apreendida, deve dizer-se que os atos do amor

espiritual procedem do amor da verdade, enquanto os atos do amor celestial nascem do amor do bem da verdade; assim, os usos destes amores — isto é, os fins pelos quais voluntariamente se conjugam e proliferam — tomam as formas de uso que correspondem a essa afeição celestial ou espiritual, e a ela, e representam o plano ou grau do Amor e da Sabedoria divinos, pelos quais todos os reinos e principados são sustentados e regulados.

O amor espiritual, portanto, procura o bem-estar dos outros, pelo qual a si mesmo se torna mais feliz; enquanto o amor exterior ou corpóreo procura por causa de si próprio; e tal homem substitui-se a Deus; e tal homem eleva e exalta o entendimento racional acima mesmo daquela sabedoria que é casada com o amor celestial, e que é o grau de sabedoria que vê o BEM (bem puro e, em si mesmo, bem) como o motivo primitivo e o fim de todos os atos e esforços.

“Imerso nos exteriores”, por vezes suspendes o justo exercício das tuas afeições celestiais para com aqueles que, correspondendo nas suas vidas e atos ao grau natural do amor de si, se combinam para formular e pensar coisas falsas e irracionais. Procuram atrair-te e prender-te às suas escravidões da racionalidade (exterioridade ou corporeidade) do grau em que eles próprios estão, por escolha, totalmente imersos.

Os seus amores são amores naturais e racionais,— isto é, os seus amores são naturais e sensuais; amam o mundo e amam-se a si próprios acima de tudo; e, por isso, procuram envolver-te nos seus juízos, esperando conjugar-te consigo mesmos por causa do seu amor imediato de si, e assim satisfazer as suas afeições que ainda não são espirituais,— ainda não concebendo amor e sabedoria no grau celestial,— pedindo-te que permaneças nas formas de transgressões canónicas para satisfazer o amor do mundo (que ainda não te foi dado em grau algum), e segundo as suas medições mundanas do que é justo e racional, e mais apropriado para tu pensares e fazeres à vista deles; retendo, por necessidade, de ti o bem da verdade e os usos da caridade, de que eles ainda nada sabem, seja por influxo, seja por afeições purificadas.

** Aqui o elevado Vidente dirige-se diretamente a mim, corporizando afeições celestiais e dando lições de sabedoria purificada,”*

“Todo o amor natural e corpóreo, que é cego e nada percebe do que seja espiritual ou celestial, estando inteiramente no amor do mundo e, sobretudo, no amor de si, desce sensivelmente cada vez mais até se tornar insano, convertendo-se num íman sensual para a apropriação do que é infernal. O entendimento corrompido torna-se o noivo desse amor descendente, que é corpóreo e auto-afetivo.

O amor mundano de si é a meretriz em toda a natureza não regenerada. Ela afasta-se das igrejas ou nelas entra, e nas sociedades também, conforme as suas afeições a inclinam a assegurar a companhia daqueles que existem numa conjunção natural e infernal correspondente e a desejam.

Neste engano comum, praticado pelos amantes do mundo entre si, e em conformidade com a lei de uma progressão comum descendente para esferas de discórdia, tornam-se e são todos semelhantes; e ainda assim contendem acaloradamente entre si na ausência de espectadores visíveis; todavia, na verdade, ninguém está jamais de tal modo situado que os olhos dos espíritos não possam penetrar até à sua morada e discernir os motivos do seu proceder.

Tens uma habitação firmíssima no corpo do Grande Homem,— onde se ouvem discursos celestes acerca de flores e lírios,— no espiritual inclinado ao celestial, onde as harmonias dos céus mais interiores procedem até ti. A associação é uma escolha confinada ao grau em que vives ou trabalhas por amor da verdade e para o progresso do teu próximo.

O matrimónio serve os seus fins mais elevados quando é a conjunção da sabedoria com o amor celestial. As conjunções naturais, mundanas e egoístas terminam no que é natural, mundano e egoísta. Melhor do que isso não é matrimónio algum. Pois com tais conjunções vêm a inveja, o ciúme, a discórdia; e o que é infernal nos infernos sociais infesta as casas onde tais pessoas residem.

Assim, é concedido ao amor espiritual encontrar contentamento na sabedoria espiritual; contudo, só se experimenta bem-aventurança em plenitude incomensurável quando o amor celestial se torna a noiva da sabedoria purificada. Mas é-me permitido, discursando contigo a partir do interior das verdades e dos seus usos, mediar e dar testemunho por ti na continuação da tua missão; porquanto, por esta presente comunicação, torna-se manifesto ao mundo o testemunho de que continuo contigo nos teus usos, para fim de afeição e encorajamento concedidos tanto de graus celestiais como celestes.”

QUARTA MANHÃ

Ao Todo-Perfeito no Céu elevamos os nossos corações em alegria e adoração. Espírito Eterno! Causa de toda a vida— cujas manifestações são a glória do sol, a beleza dos céus, a harmonia do universo. A Sua Beleza divina revela-se na formosura da Verdade, e o Seu Poder divino manifesta-se na vida sempre viva da Sabedoria. O Seu Amor é a inspiração de todos os corações,— o calor do sol,— a atração que liga o Universo num Todo Harmonioso.

Os reinos e as comunidades das nações habitam na concha da Sua mão. Os caminhos agradáveis da sabedoria conduzem às Suas moradas. As Suas perfeições infinitas são o deleite das mentes imortais. A infinitude do Seu Ser é a alegria de todos os anjos desenvolvidos,— o mar de princípios em que todos vivem e encontram a vida eterna.

A felicidade é o estado último da alma harmonizada. As emoções apaixonadas são passageiras. São o relâmpago do céu. São as expressões insubstanciais de uma essência substancial. Como o clarão do relâmpago está para o sol sempre resplandecente, assim está o fogo da paixão para o amor sereno do espírito.

A amizade é a recompensa do carácter. Mesmo a natureza humana mais humilde é leal ao seu cão fiel. Entre um cavalo bondoso e um homem pode haver perfeita compreensão. “Que haja verdade entre nós dois para sempre” é o lema fundamental da amizade. É a deliciosa comunhão e a liberdade mútua de dois corações honestos. A amizade que duvida é a contrafação.

Emerson disse: “É sublime sentir e dizer de outro: nunca preciso encontrá-lo, falar-lhe ou escrever-lhe; não precisamos de nos reforçar ou enviar sinais de lembrança; confio nele como em mim mesmo: se ele fez assim e assim, sei que foi correto!”

O amor fraternal é, assim, um amor sem paixão entre duas naturezas afins. Nas suas profundezas puras, as serpentes da inveja e os demónios do ciúme nunca podem existir. É o fundamento de todas as fraternidades na Terra do Verão;— os céus onde o amor reina supremo, e sobre os quais o sol da retidão brilha com eterno fulgor.

Ai daquele que finge ser amigo de outro quando sabe que não o é. A sua vida está em perigo. O próximo relâmpago pode incendiar a sua bela casa. Os seus sonhos são punições auto-impostas. Perde-se em campo aberto, e é ferido de cegueira pelo olho do dia. O Hades é o mundo subterrâneo construído pelos transgressores da amizade para sua futura morada.

As pessoas devem deitar-se nas suas próprias camas. A felicidade é um sonho que os maus nunca sonham; os bons dormem o sono dos justos e não sonham; os querubins do Todo-Perfeito são a serena e jubilosa tranquilidade que permeia os céus interiores.

Aqueles que escrevem a nossa melhor poesia são os mais prosaicos na vida quotidiana; mas aquele que nunca escreve poesia é provavelmente quem vive um poema do princípio ao fim.

Evita anjos profissionais de perfeição. Guarda-te de todos os funcionários filantrópicos. Os salvadores oficiais dos homens precisam de mais vigilância do que

os pecadores que procuram salvar. Os grandes e bons não anunciam as suas dimensões nem a sua aproximação. As ideias, como os mundos, estão na atmosfera. Os espíritos mais sensíveis têm primeiro conhecimento da pessoa ou do acontecimento que se aproxima.

A mente está mais delicadamente equilibrada no seu recipiente do que a agulha magnética sob a corrente elétrica. Se és bom, se és grande, o segredo será descoberto. Não lamente por um momento a cegueira e a falta de apreço dos teus semelhantes. Considera as aves do céu,— os lírios do vale,— as margaridas, as violetas e as pequenas miosótis,— todos vivem e florescem no seio do Todo-Amoroso e no sensorio do Todo-Perfeito.

QUINTA MANHÃ

O meu coração incha de oração às inumeráveis hostes de fraternidades celestes. Permitti-nos, ó anjos eternos, contemplar a flor consumada dos vossos mais luminosos templos de amor e beleza. Sois filhos da luz; iluminai a nossa escuridão. Dizei-nos: “Nunca vos abandonaremos nem esqueceremos.” Fostes outrora habitantes da Terra; dizei-nos, suplicantes vos rogamos, qual é a forma mais bela da verdade no céu? Onde está a vossa terra mais santa? Onde o mais belo jardim entre todos os jardins de Deus?

Longamente esperei, com os meus canais auditivos amplamente abertos, mas a voz de ninguém entra. Um mar de sons quebra-se sobre mim. Sinto-me como um promontório solitário,— uma árvore rochosa (petrificada pelas provações do Tempo), erguendo-se isolada numa ilha distante da praia arenosa. Contra mim as ondas de som investem e cantam.

Saudações perpétuas e despedidas perpétuas; as marés que entram e saem no mar infinito do Ser. Uma poderosa multidão de vozes no ar! Não uma, nem uma centena, mas milhares sobre dezenas de milhares. Não uma, nem cem, mas soa como um exército de anjos, cada um conversando com o outro; como milhões de aves entre as árvores da floresta. Não há algaravia; nenhuma nota discordante. Não ouço canto. Os sons fluem de um mar sem margens de palavras faladas. Não ouço sons solenes nem tristes,— nenhum murmúrio pesaroso; o profundo grave e o inspirador agudo misturam-se harmoniosamente, como se uma inumerável multidão de almas formosas e amorosas se tivesse reunido e estivesse a entrelaçar as suas saudações.

O meu deleite é moderado pela profundidade da minha gratidão. Não estou excessivamente jubiloso nem vencido; a alegria é demasiado sublime para emoção; a minha gratidão é demasiado jubilosa para expressão; sou, embora espírito na

minha audição, ainda habitante da Terra com as suas gravitações, e a harmonia não deve ser perturbada.

Pergunto-me se algum da multidão que passa responderá à minha fervorosa oração. Qual é a flor mais bela? Qual a forma mais perfeita da verdade? Onde está o mais belo jardim do céu? Longamente esperei; contudo, nenhuma resposta à minha oração.

O mar vivo continua a bater e a quebrar-se sobre o meu ouvido solitário. É inexprimivelmente harmonioso; doce e fluente; ondulando aqui e ali como o pulsar de uma maré tranquila ao longo da praia extensa; aqui e ali, grandes ondas montanhosas movendo-se maciça e majestaticamente e erguendo toda a humanidade, como se os milhões fervilhantes da Terra fossem penas a flutuar no seio de um oceano infinito da mais suave força; e, aqui e ali, ouço os mais doces sons de zéfiro e respirações eólicas, como se as águas dos rios concorrentes da vida fossem compostas de vozes humanas harmoniosas, cada uma contando à outra a história da sua peregrinação de eternidade em eternidade, em perfeitas improvisações de poesia inconsciente e de melodia cadenciada.”

Subitamente, um silêncio cobre a minha solidão.
O exército passou e seguiu para além do vale.
Para mim, hoje, nada mais há.

SEXTA MANHÃ

“Deus da montanha! Deus da tempestade,
Deus das flores, Deus do verme,
Deus da escuridão, Deus do sol,
Deus do belo, Deus de cada um!
Sopra sobre os nossos espíritos o teu amor e a tua cura,
Ensina-nos a contentar-nos com o teu trato paternal;
Ensina-nos a amar-Te, a amar-nos uns aos outros,
Cada irmão ao seu irmão, e faz-nos livres;
Livres das cadeias da tradição antiga,
Livres da censura do homem para com o seu próximo;
Ajuda cada um a cumprir a sua verdadeira missão,
E mostra-nos que é divino trabalhar.”

Contemplo um fogo universal,— o fogo do amor infinito, que arde para destruir todo o ódio, que dissolve todas as coisas para a sua purificação.

Sobre os belos campos da América,— sobre a grande terra de África,— sobre as montanhas eternas da Ásia,— sobre os vastos impérios e reinos da Europa,— contemplo as chamas que se acendem do todo-purificador FOGO!

Ele fala primeiro nos lugares mais baixos; é aceso pelo homem para o seu próprio conforto e progresso; pois o homem é a única criatura terrestre que pode originar e perpetuar um fogo; assim como é o único ser na Terra que pode originar e perpetuar palavras, assim é o primeiro a acender os fogos do inferno nas suas próprias moradas, e o primeiro, também, a procurar e obter do céu o fogo prometeico pelo qual as moradas plutônicas serão purificadas pelo amor e branqueadas pela sabedoria.

Contemplando este FOGO infinito,— que certamente há de derreter os reinos, impérios e males governamentais de toda a Terra,— regozijo-me sobremaneira e abraço a vida com entusiasmo inflamado.

As mais altas montanhas começarão a arder; as belas cidades dos vales serão consumidas; doces lares e corações amorosos dissolver-se-ão juntos; e o bem e o mal interpenetrar-se-ão e desaparecerão como gotas de orvalho que se dissipam nos chifres dourados do sol.

O espírito do homem está em fogo com os relâmpagos do progresso infinito. Apenas as suas faúlhas sobem hoje aos céus. Chamas brandas aqui e ali aparecem nas inspirações de oradores, poetas e escritores de escrituras.

Restaurar a religião ariana primitiva ao seu primeiro estado puro foi o fogo na fornalha chamada “Arya Samaj”, que começou e ardeu brilhantemente no seio daquele inspirado Filho de Deus na Índia, Dayananda Sarasvati.

Dele o fogo da inspiração foi transferido para muitas almas nobres e inflamadas na terra dos Sonhos do Oriente.

Ram Mohun Roy, com um fogo mais ardente e mais amplo a arder dentro de si, opôs-se e condenou toda a idolatria. Sob os seus raios e trovões de relâmpago, ídolos venerados dissolveram-se diante dos olhos dos seus adoradores. Hindus e Muçulmanos juntaram-se para extinguir o fogo consumidor, que flamejava por toda a parte com uma intensidade nunca sonhada pelo primeiro que o acendeu, Dayananda.

E também cristãos, cujos fogos de altar e velas sagradas foram originalmente acesos no sonhador Oriente, juntaram-se ao Muçulmano e ao Hindu nos seus esforços para extinguir a Nova Luz da Ásia.

Mas o fogo celestial aumentou e propagou-se. Inflamou a mente forte e elevada de Keshub Chunder Sen, cujas iluminações lançaram luz mais divina sobre

as hipóteses cristãs, tantas vezes obscurecidas, acerca do carácter e da missão de Jesus.

Mas as planícies e as colinas continuaram a arder cada vez mais intensamente, até que a mente transcendente de Mozomdar, o principal apóstolo de Chunder Sen, entrou em igrejas evangélicas cristãs e pregou perante congregações americanas.

Ministros conspiraram para apagar o fogo envolvendo-o com sedutoras hospitalidades de convites para púlpitos. O efeito foi apenas temporário. Evidentemente, as suas grandes chamas empalideceram e retraíram as suas línguas dissolventes na presença do patrocínio cristão. Mas a elevada mente ariana não havia de ser coberta com as cinzas de eras de superstição.

O fogo arde nos lares dos hindus, entre os muçulmanos, nos chefes rebeldes de África, nos palácios do Japão, nos pagodes da China, ao longo das costas do Atlântico e do Pacífico, nos corações de reis, rainhas e imperadores,— entre os sobrecarregados de trabalho, sobrecarregados de impostos, mal vestidos e mal alimentados em todos os países do mundo.

Os fogos que descem do céu são como relâmpagos, carregados de trovões que subjagam a alma, que nenhuma fortaleza à prova de bombas pode resistir, que nenhuma superestrutura à prova de fogo pode tornar inofensivos.

Os princípios estão ocultos; assim também os decretos eternos de Deus.

Na infância, primeiro apitos, depois tambores, depois cornetas, depois bandas de instrumentos, depois harpas, depois violinos, depois guitarras, depois órgãos, depois pianos,— por fim, e eternamente, a Voz.

Assim os homens, movidos pelos decretos do desenvolvimento progressivo, que são a vontade de Deus operando através da constituição ilimitada da Natureza, primeiro viveram em cavernas, depois em cabanas, depois em tendas, depois em choupanas, depois em casas, depois em mansões, depois em castelos, depois em palácios, depois em templos,— por fim, e eternamente, em Lares não feitos por mãos, nas Terras do Verão da infinidade.

Onde, pensas tu, cessarão de agir estes Princípios imortais e sábios da mente de Deus e do coração da Natureza?

A sua onipotência absoluta, a sua ilimitada vastidão, o seu Amor inesgotável, a sua Sabedoria onisciente,— quem pode impor limites à sua obra? Quem pode subjugar os seus fogos imortais? Quem pode resistir à justiça dos seus decretos? Quem pode escapar às suas penas inflexíveis pelas transgressões? Quem pode resistir às expressões de gratidão e amor reverente pela abundância e beleza das suas recompensas pela obediência?

O fogo é plutónico ou prometeico, conforme escolhas.

Desejas um “descanso” celestial no centro dos teus pecados; e eis que à tua porta bate um radical; admite-lo: uma reforma, pela qual se acende um fogo, não te dá paz. Anseias pelo bálsamo suave da quietude e do silêncio; e eis que, em vez do imutável, entram “mudanças” no teu pequeno palco, onde deves representar uma breve cena; e, quando a peça (obra) termina, vês que o que antes era apenas bom é agora “melhor”.

Rezas e anseias por comodidade e conforto tranquilo; e eis que a “dor” puxa a tua corda da porta pedindo hospitalidade; deixas que entre na tua vida mais íntima, e a deusa da saúde começa a desabrochar do espinho que a dor plantou no teu lado indolente, torporoso e impuro.

És um amoroso e indulgente “pacificador” em todas as tuas palavras e caminhos; e eis que a barbárie da guerra, e a própria guerra, entram pela tua porta aberta, lançando fogo, fumo e tempestades de morte; mas, do próprio centro do fogo infernal, contemplas os belos anjos da Justiça e da Liberdade caminhando amorosamente para toda a raça humana.

Assim, e deste modo, os fogos do céu desceram e subiram, e continuarão a descer e a subir, até que as famílias reais sejam quebradas na roda do Progresso,— até que os reinos se dissolvam e desapareçam para sempre,— até que as emoções e vibrações de Utilidade, Justiça, Poder, Beleza, Aspiração e Harmonia sejam transmitidas de pais para filhos,— até que haja fim da loucura, da doença, da mendicância, do furto, do suicídio, do homicídio, do crime, da inveja, do ciúme, da falsidade, da hipocrisia, da conquista, da guerra, do erro, do mal, da morte; e o inferno,— tudo, como uma massa de corrupção,— seja lançado na fornalha dos fogos dissolventes da purificação perpétua.

Em vez de loucura, Saúde; em vez de ídolos, Natureza; em vez de papa, Razão; em vez de vício, Virtude; em vez de ignorância, Sabedoria; em vez de ódio, Amor; em vez de discórdia, Harmonia; em vez de inferno, Céu; em vez de tristeza, Alegria; em vez de demónios, Pai Deus e Mãe Natureza.

Dou as boas-vindas à era do Fogo.

Para além do vale, depois que o fogo tiver renovado esta bela Terra, contemplo o ciclo da paz universal, da abundância e da felicidade.

SÉTIMA MANHÃ

Ó Tu, Fonte de Toda a Vida!

Queremos elevar os nossos corações e pensamentos em oração até Ti nesta manhã luminosa; queremos beber da fonte cujas águas nunca faltam, que jorram para a vida eterna, bebendo das quais nunca mais temos sede. Como rosas e violetas num

jardim bem regado, as flores das nossas aspirações brotam e desabrocham adorando-Te,— levando-nos intuitivamente a reconhecer a verdade da “ressurreição e da vida”; crendo na qual “nunca morreremos”, nem mesmo nas nossas mais sombrias contemplações das solenidades e perdas da morte. Queremos guardar os teus mandamentos e permanecer para sempre no teu amor.

No domínio mais elevado do carácter contemplamos a profecia celestial de que “o que havemos de ser ainda não apareceu”. Nos estados mais altos e majestosos da mente, nada senão as verdades da eternidade parecem dignas da nossa meditação. Toda a tranquilidade espiritual funda-se em realidades imortais.

Os momentos mais belos e sagrados são aqueles que elevam as nossas almas como o sol e a lua elevam as ondas dos grandes mares.

O poder da mente para entreter pensamentos de eternidade atesta a sua imortalidade inata. Um pensamento transcendente de vida eterna só pode florescer de uma flor que nunca pode murchar. Nenhum processo educativo pode implantar a ideia de vida eterna numa mente que seja naturalmente mortal. O figo nasce da figueira. A imortalidade floresce nas concepções de uma natureza imortal. As fontes determinam a altura dos rios.

Um caminho etéreo está preparado através dos domínios da imensidão para os passos dos filhos espirituais de um Pai espiritual. Será o filho de um Pai eterno desprovido da essência da vida eterna? Não herdam os filhos os atributos e tendências inerentes do seu Pai e da sua Mãe?

Em momentos sublimes, a alma desconsidera toda a dor e todos os perigos. O que está para além do vale, não aquilo que esteve antes dele ou que vive nele, é de interesse permanente para o homem. Ele lê o programa do espetáculo que há de vir.

O palco é estreito e confinado a um pequeno espaço; as cenas são grosseiras, transitórias e fugazes naquilo que sugerem; os atos são poucos, os incidentes vêm e vão com as emoções que excitam; os atores “afadigam-se e pavoneiam-se a sua hora” diante dos espectadores, que tanto assobiam como aplaudem conforme o capricho da sua fantasia inculta; o sino faz descer o pano, a música cessa, a luz e as grinaldas desaparecem, e desaparecem também todos os espectadores outrora excitados!

Para além do vale, no futuro desta vida, e muito longe, nos reinos para além das montanhas terrestres, os espectadores encontram-se e participam nos indizíveis deleites da vida eterna. Vislumbres de tudo isto surgem em momentos de coragem intrépida,— como quando o romano enfrenta o godo em batalha, quando mártires caminham a cantar para dentro das chamas, ou se ajoelham entre as garras

esmagadoras de feras selvagens,— quando a vontade é inconquistável, quando o olhar vê para além do vale, e quando o mortal se reveste de imortalidade.

A supremacia do homem não está na sua matéria organizada; está na sua mente, que não é ultrapassada por força química ou mecânica alguma. Todas as formas e todas as forças se encontram e acham a sua expressão final na organização mental do homem. O espiritual faz e molda o externo, o físico; e o espiritual é o invisível e o eterno.

OITAVA MANHÃ

Um jardim de fontes, uma terra que corre com águas vivas, é a tua Palavra, ó Deus! Nas tuas palavras visíveis, que são coisas no vasto império da matéria, contemplamos as tuas obras. Aladas são as palavras do teu espírito; voam pelos céus; são os planetas, os corpos dos mundos que voam com os relâmpagos; e cantam enquanto fulguram ao longo dos trilhos da infinidade. Perante a tua Palavra, ó nosso Deus, inclinamo-nos com as asas dobradas; ou, vivificados pela tua Palavra, erguemo-nos e partimos velozes para o teu Coração insondável. Queremos escutar as palavras da tua sabedoria; queremos seguir as atrações do teu Ser interior.

A fraqueza é mortal, uma doença; o poder é imortal, sendo saúde perfeita. Estamos sempre prestes a recomeçar pelos começos; avançamos daí para fins sem fim. No centro de cada ser, coisa, palavra e ato está o absoluto uno,— o “Eu sou”,— de onde todas as liberdades espirituais, revestidas de afeições imperecíveis, continuamente se desdobram.

O único verdadeiro movimento perpétuo é a mente que corre sem cessar; é esta consciência inerente que gera o sonho da possibilidade de tal invenção. Os significados insondáveis, recolhidos no interior de todas as palavras de Deus, tentam o espírito do homem a fecundar e adornar a vida comum com os encantos da imaginação. Daí vêm todas as conceções imortais da arte, da música, da poesia, da afeição, das religiões.

As obras morrem eras antes das palavras. “As palavras”, diz Byron, “caindo como gotas de orvalho sobre um pensamento, fazem milhares, talvez milhões, pensar.” As palavras de Deus são os pensamentos de Deus tornados fenómenos.

A sabedoria que se estende ternamente na pequena asa de uma ave é a mesma que arde no sol inacessível e floresce no belo corpo do mundo formoso no qual atravessamos as profundezas da imensidão. Bem-aventurado é o movimento rítmico da Mente Divina. Ação harmoniosa — movimento perpétuo e vida constantemente desdobrada — é perfeita bem-aventurança.

A alma cansa-se, dobra as asas, esconde-se na escuridão e entra em sono profundo. Não há sono, nem fadiga, nem escuridão no espírito. A alma transporta a

anatomia e o mecanismo fisiológico. Sente o peso da matéria pendendo de cada gavinha da sua consciência. Disso o espírito é para sempre independente.

O espírito da criança é tão velho como sempre será; e o espírito do velho é tão jovem como era quando nasceu. A alma é criatura do corpo e serve das circunstâncias; enquanto o espírito — o pivô “Eu sou”, o absoluto central — é gerado por Deus e é incansável como o seu Pai celeste.

Por isso o homem é uma contradição quando visto e medido superficialmente, porque é de dupla natureza, com dupla vontade, duplos desejos, duplo conhecimento, duplo destino. Sonhos dentro; atos fora. Exteriormente parece perdido num império de efeitos e causas; interiormente está em casa num mundo de últimos termos, fins e usos. O espírito vê e vive para fins; a alma vê apenas efeitos.

As palavras de Deus são realidades vivas e eternas para o espírito; a alma vê-as apenas como coisas, como formas e sinais “que nada significam”. Um homem de alma lida com coisas mortais; o seu espírito, quando desperto, lida com o imortal. É natural e apropriado que as faculdades da alma agarrem o lado mortal; e é também natural e apropriado que o espírito se apodere do imortal.

Assim, o filho mudo do rico Cresó falou subitamente quando viu a espada levantada de um inimigo prestes a descer sobre a cabeça do seu pai. “Homem! não mates Cresó”, gritou ele; porque, como o clarão do relâmpago, a sua alma elevou a sua língua à fala. Medo, ira, alegria, decepção são apenas incitamentos; é a alma que sobe e desce, que fala ou se cala.

A perfeita dualidade do ser e do agir do homem — a sua organização de dupla natureza — o seu corpo e alma fora, e o seu espírito e alma dentro — tornam-no apto a conhecer ambos os mundos, o terrestre e o celestial. As palavras de Deus são coisas fugazes para a alma; ao espírito elas comunicam as realidades imperecíveis da vida eterna.

NONA MANHÃ

Olhai do céu, ó vós que habitais nas moradas santas! Vinde a nós que vivemos nas cidades da planície,— a nós que erramos no deserto longe do amor e da bondade humanos,— vinde a nós, ó filhos angélicos da bela terra! Trazei-nos força para caminhar retamente em lugares escorregadios e colocai na mão de cada peregrino um Cajado Mágico— cheio de poder, paz e boa vontade universal. Conduzi-nos suavemente para fora da escuridão e pela estrada acima; sede connosco quando atravessarmos os regatos de curso rápido; dai-nos a beber das águas que descem das altas montanhas; mostrai-nos, ó povo do céu, o Caminho pela verdade e pela luz.

O espírito da Primavera está a sair em gomos inchados. A verdadeira religião do espírito é uma dependência reverente de Deus, com fé perfeita na imortalidade da alma. A verdadeira moral prática é a virtude de viver transparentemente, dia após dia, de acordo com a própria percepção da verdade e da justiça.

Mas é impossível governar todos os homens por um só padrão de ação. Nos últimos vinte e cinco anos houve muitas chamadas guerras cristãs (ou guerras conduzidas por nações cristãs dominantes) — a guerra russo-turca, incluindo a Rebelião dos Proprietários de Escravos na América; durante as quais 2.584.000 pessoas foram mortas ou destruídas por doença e violência, à custa de mil e trezentos bilhões de dólares.

E, no entanto, todos os homens e mulheres, exceto aqui e ali alguns defensores da paz, rezaram pelo sucesso dos seus maridos, filhos e amantes em guerra, e consideraram-se altamente religiosos e indiscutivelmente morais! Entre as cinco regras para a regulação da conduta humana, querido leitor, onde te colocas?

As cinco são: —

- 1.^a, regra de latão, mal por bem;
- 2.^a, regra de ferro, mal por mal;
- 3.^a, regra de prata, bem por bem;
- 4.^a, regra de ouro, bem por mal;
- 5.^a, regra de diamante, bem por si mesmo.

Toda a verdadeira religião espiritual brota de fontes espirituais. A intuição diz-te que estás ligado a um universo interior. As igrejas são os meios, na sociedade humana popular, das coisas espirituais. A mulher, sendo espiritual, apegase e sustenta as igrejas.

Há também acessórios espiritualizantes, caros a todas as igrejas, a saber: música, poesia, arte, eloquência, literatura e exercícios devocionais. Com estes, e sustentados pelo grande poder da mulher,* os ministros podem denunciar sem temor as barbáries da Ciência, da Filosofia e do Moralismo Estoico.

Vem aí uma luta entre o exército do progresso e toda a religião institucionalizada.

** Recentemente, uma viúva deixou 100.000 dólares à American Sunday-school Union, para serem usados na promoção de uma ordem mais elevada de literatura para a escola dominical.*

O cavalo alado de uma maior liberdade mental e de uma mais alta espiritualização religiosa saltará da velha cabeça da Medusa.

Religião antiga significa dependência; religião nova, independência. Religião antiga, exclusivismo; a nova, inclusivismo. A antiga abre a Bíblia e fecha a porta a

nova revelação; a nova abre o espírito à inspiração universal, que explica todas as Bíblias e traz verdadeira alegria à humanidade.

A doutrina da “expição” não foi logicamente ensinada até ser publicado o grande argumento do Bispo de Cantuária (Anselmo). Um Deus infinito, dizia ele, faz uma lei infinita que, sendo quebrada pelo homem, exige uma satisfação infinita. Daí o sacrifício do próprio Deus para ajustar a dívida da humanidade. Mas, com todo esse sacrifício (segundo estes mestres), a grande massa da humanidade vai para a perdição sem fim.

“Em discursos anteriores”, disse um clérigo popular, “procurei mostrar por que era conveniente que Cristo deixasse os seus discípulos, e muito frequentemente se pergunta: por que não ficou no mundo? Isto parece causar admiração a um grande número de pessoas. Ele partiu porque a crença do homem na sua justiça seria mais aumentada pelo seu sofrimento e ressurreição do que por continuar a pregar e a operar milagres. Era deixar o assunto nas mãos do Espírito Santo. Por ele os homens são levados a sentir que o pecado não está no mundo porque roubam, mentem e cometem adultério, mas por causa da incredulidade em Jesus Cristo. Isso é um pecado maior do que qualquer outro. O Espírito Santo também convence o homem da justiça de Cristo. Não poderíamos acreditar nessa justiça se Cristo não tivesse voltado para Deus. Em regra, o poder do Espírito Santo não é reconhecido como merece.”

“Temos de rezar a ele e receber o juízo da diferença entre o bem e o mal. Não se obtém isto da luz da natureza.”

Assim, a velha doutrina teológica selou os céus, tornando o acesso a eles possível apenas por e através da “expição” e da fé ortodoxa na “Bíblia”; ao passo que a nova religião vê as portas da luz entreabertas, por onde os anjos sobem e descem, livre e alegremente, sobre os rios brilhantes que ligam os Mundos de Verão a estas nossas terras de inverno.

DÉCIMA MANHÃ

Para além do Jordão, na estrada real das nações, ó Espírito Infinito, queremos abrir os olhos à tua verdade, que é para sempre reta, e à tua bondade, que é positiva e eterna. Todas as nações veem a luz da tua verdade e sentem a beleza da tua bondade. “O povo que andava nas trevas viu uma grande luz. Os que habitam na terra da sombra da morte, sobre eles resplandeceu a luz.” A tua bondade é a glória da tua verdade; a tua sabedoria é a flor do teu amor. Os nossos espíritos são puros, porque somos teus filhos. O nosso progresso é infinito, pois herdamos de Ti uma vida infinita. Os fins eternos são o fruto de todos os usos temporais. As trevas e provações do tempo abrem o caminho da eternidade, que conduz as incontáveis multidões ao adorável sol da tua justiça.

Regras para o cultivo da felicidade são desconhecidas na vida mais elevada. Corações felizes palpitam nos seios mais puros. “Reina uma monótona insípidez nas montanhas da boa natureza”, disse Kant. Apenas querer ser feliz — ou procurar estar livre das sugestões de interesse por qualquer coisa, em qualquer direção — é cair na indiferença e na inanidade clínica.

O interesse por alguma coisa traz consigo alguma ansiedade e exige esforços para a sua proteção e bem-estar. Numa esfera de imperfeições, como a Terra, que inclui esforço e ansiedade inevitáveis, o sentimento chamado “felicidade” pode, no máximo e no melhor dos casos, ser apenas momentâneo.

A verdadeira e duradoura consolação — e também a verdadeira e permanente felicidade — vem do fazer diário do bem, que é o teu DEVER. Este é o guia eterno para a paz.

Não adotes regras para negligenciar os teus deveres quotidianos. Cumpre-os! E a felicidade (por vezes) acompanhar-te-á e abençoar-te-á.

A natureza do homem é um composto de ouro, prata, cobre, ferro, pedra; é feito de ossos, sangue, órgãos, alma e espírito. Sente-os a todos. Órgãos de vida; órgãos de amor; órgãos de luz. É animal; é humano; é anjo.

O homem sábio é um homem harmonioso; o homem discordante é um tolo. No branco fundem-se todas as cores; no preto, todas as cores estão ausentes. O zero à direita nada vale; todo o valor reside no algarismo à esquerda. E, no entanto, o coração da vida está do lado esquerdo; o direito é a esfera do poder e da apropriação. O propósito e a potência do ser revelam-se no fim; não nos efeitos e preparações que conduzem à consumação.

As carências são os senhores de todos os que as desenvolvem e servem. Quase toda a servidão nasce do tirânico Rei que reina no Reino da Carência com vara de ferro. Escuta apenas as tuas necessidades absolutas. São pouquíssimas, se a tua natureza é elevada e fina; multiplicam-se na proporção da tua grosseria e descida.

Em baixo, há a necessidade de vinhos e aguardentes dispendiosos; em cima, só precisas das águas celestes que fluem de fontes perpétuas. Os vales pululam de incontáveis belezas,— com lírios e imagens de terras mais belas,— mas os barrancos sem sol geram plantas venenosas e toda a espécie de coisas rastejantes.

Sai, ó meu leitor! deixa que a luz do sol da sabedoria ilumine o teu caminho. Muitas das tuas carências mais perturbadoras e escravizantes hão de fugir. Mas necessidades nobres permanecerão contigo; e a Mãe acolher-te-á na sua harmonia.

DÉCIMA PRIMEIRA MANHÃ

Ó Tu, Luz eterna! ensina-nos a ser altivos de espírito, e não orgulhosos de mente; ensina-nos a amar-Te, a amar-nos uns aos outros e a não temer. Ensina-nos a saber que o espírito imortal mais íntimo é a fonte do amor; que a alma é o jardim onde existem plantas e animais; que as faculdades conscientes do pensamento são os meios de manifestação. O espírito corresponde ao coração; a alma às propensões; e o entendimento à razão. Enche-nos, rogamos-Te, dos mais altos benefícios e usos de toda a nossa natureza, para que sintamos e saibamos que n’Ele “vivemos, nos movemos e existimos”!

Sou uma realidade dupla para todo o universo de espectadores; e, na verdade, também o é o leitor sincero destas páginas. És de dupla natureza e de duplo destino. Pareces mortal e extremamente fraco; és, em realidade, imortal e inconquistável.

Somos totalidades perfeitas quando no isolamento da solidão; enquanto, em associação, no meio dos nossos semelhantes, percebemos que somos “apenas partes de um todo estupendo”; mas é este sentido inato do “todo” que gera o amor da individualidade e o desejo correlativo de independência pessoal.

Todas as almas ignorantes e pouco desenvolvidas se agarram e se apoiam pesadamente nos outros; por outro lado, a natureza elevada e desdobrada pode compreender e aceitar aquela liberdade de que gozam os filhos angélicos de Deus.

Mas o laço que une as naturezas leais em Fraternidades é, primeiro, o amor, depois, a sinceridade. Em grande parte, toda a gente é, ou pretende ser, absolutamente honesta. Os homens são naturalmente honestos, e têm fé perfeita em coisas diametralmente opostas umas às outras. Por conseguinte, segue-se que conforto, alegria e encorajamento podem ser derivados de fé perfeita em qualquer religião conhecida em qualquer parte do mundo.

Uma doutrina errónea, se plenamente crida, com toda a sinceridade, produzirá (por algum tempo) tanto conforto quanto a própria verdade. Porquê? Porque o espírito humano é recompensado com descanso e alegria pela sua lealdade ao que acredita ser honesto, justo, sincero e verdadeiro. Por isso, um gentio honesto, sincero e justo está tão confortável na sua religião como o judeu; e um cristão que não é honesto, sincero ou justo está desconfortável e até miserável, enquanto um pagão honesto, sincero e justo pode transbordar de alegria, paz e gratidão.

A verdade, ou retidão e integridade, é apreciada pelo intelecto bem equilibrado. Mas a bondade, o amor, a virtude, a honestidade, a sinceridade, a justiça, a beleza, a imortalidade,— estas são apreciadas pelo espírito mais íntimo. Nenhuma verdade, abstratamente considerada, traz felicidade por si mesma; nem

nenhum erro, em si e de per si, traz descontentamento e miséria; porque tanto a felicidade como a miséria nascem de condições, e não da consciência de posse.

Isto explica por que razão pessoas ficam contentes e felizes com religiões exatamente opostas, tal como ficam satisfeitas sob formas de governo antagónicas. A fé perfeita naquilo que cobrem com uma igreja é a causa secreta de toda a sua alegria e culto.

Sobrenaturalismo é outro nome para o infinitamente espiritual e incompreensível. Nenhuma razão humana pode, por um momento, aceitar inteligentemente quaisquer pretensões antinaturais do sobrenaturalismo. E, no entanto, olha em redor e observa quantos metodistas, quantos presbiterianos, quantos católicos romanos, quantos judeus, estão contentes e até indizivelmente jubilosos nas suas reuniões de avivamento sob as incompreensibilidades do seu sobrenaturalismo, no qual cada um acalenta, com toda a sinceridade, a mais inquestionável Fé.

É uma forma baixa de controvérsia descer a personalidades. Naturezas grosseiras e vulgares revolvem-se na lama para encontrar as suas razões para os motivos que movem os seus vizinhos. Ao criticar e expor sem concessões uma doutrina ou teoria, não é minha intenção atacar a sinceridade e honestidade das pessoas que possam advogar tal teoria ou doutrina.

A incapacidade de se elevar acima das personalidades é uma das mais deploráveis fraquezas do nosso subdesenvolvimento. Teólogos, cientistas, socialistas, políticos e religiosos entregam-se igualmente ao vício vil de se acusarem mutuamente de hipocrisias privadas e de intenção deliberada de fazer o mal.

Os pensamentos dos homens podem ser lidos por videntes, mas a visão não é muitas vezes tornada pública. Um milhão de pecados pode ser lavado — tornado “branco como a neve” e puro como a própria pureza — pela bondade amorosa do anjo registrador da sabedoria. Anjos de compaixão afastam-se tristemente de caracteres infieis e enganadores; mas não ardem facilmente com os fogos irados dos autodenominados justos.

Os motivos podem ser suspeitados, mas nem sempre podem ser verdadeiramente conhecidos. Ministros e sacerdotes são apenas homens, no melhor dos casos; e estão em situação moralmente comprometida. Se percebessem o erro dos seus ensinamentos, ou se vissem que outra coisa é mais verdadeira e desejável, ainda assim, a sua posição de pregadores pagos, da qual eles e as suas famílias dependem para sustento e educação, torna a mudança quase impossível.

Daí que apenas poucos ministros e sacerdotes, que aceitam uma nova verdade, se retirem das suas ricas congregações. A imoralidade da sua situação torna-se assim evidente. Podem ver uma nova verdade que, no presente, é

universalmente escarnecida; mas não podem “dar-se ao luxo” de a pregar dos seus púlpitos santificados.

Vê as lágrimas das suas esposas! Ouve os gritos dos seus filhos amados e indefesos! Portanto, nós (os reformadores) temos de fazer o duro, ingrato trabalho pioneiro. Quando o caminho estiver claramente traçado através do deserto, e depois de muitos peregrinos terem caído miseravelmente sem jamais se levantar ao longo da nova estrada, então, ó leitor, ergue os teus olhos amorosos e contempla os pregadores de capa e polidos que viajam por ali confortavelmente, e que são pagos para ensinar aquilo por que os pioneiros talvez tenham sido crucificados ou, de outro modo, assassinados às prestações.”

E, no entanto, não estamos justificados em proferir juízo sobre a honestidade ou a sinceridade das pessoas que assim seguem comodamente os descobridores e mártires de novas verdades.

DÉCIMA SEGUNDA MANHÃ

“A minha voz ouvirás de manhã, ó Senhor; de manhã dirigirei a minha oração a Ti, e estarei atento.

O meu coração está firme, ó Deus; cantarei e darei louvor.

Livra-me dos meus inimigos, ó meu Deus; defende-me dos que se levantam contra mim.

Conduz-me à rocha que é mais alta do que eu.

A rocha da minha força e o meu refúgio é Deus.”

Envia os anjos da bondade amorosa, as hostes da sabedoria e da justiça, para refrescar os corações de todos os homens. Que a luz do céu brilhe em lares escurecidos; em ouvidos surdos derrama a música imortal das tuas Perfeições. Que as montanhas unam as suas vozes aos vales cantando cânticos de ação de graças; que entoem hinos de gratidão, progresso e louvor; e que as estrelas acima e a terra abaixo, e tudo quanto vive nelas, unam as suas vozes a cantores imortais para interpretar o espírito da Harmonia infinita.

A dependência mútua constitui a harmonia do universo. Nada há que não seja necessário; nada acontece por acaso; tudo, em si mesmo, é reto e apressa-se para o seu lugar devido. De pé onde agora estou, na base adornada de beleza do Monte Harmonia, vejo que tudo é “Bom”; e, deste ponto de vista, compreendo que, na primeira aurora do universéclo, o Olho Divino viu a sua própria beleza e bondade refletidas em tudo; e, estando aqui, sinto espiritualmente que, no Coração universal, tudo foi concebido e nutrido, acariciado e sustentado, aperfeiçoado e embelezado, e elevado a posições e ofícios cada vez mais altos, no magnífico sistema de Causas, Efeitos e Fins.

Neste vale de beleza transcendente,— neste país claro e belo dos peregrinos psíquicos,— nesta esfera de caminhos celestes que conduzem às Terras do Verão interiores,— contemplo as variadas iluminações do Sol espiritual. O universo material é iluminado pelo sol dos céus exteriores; tal como o universo espiritual é iluminado pelo sol dos céus interiores. Assim como o sol visível brilha sobre os vales terrestres, assim o sol invisível difunde as suas influências celestes por todo o longo e vasto vale que, no desenvolvimento progressivo e íntimo do espírito humano, separa o Monte Aspiração, à esquerda, do Monte Harmonia, à direita.

Que ninguém imagine que estas peregrinações — estas lutas privadas da alma por vida e luz, por posse de si, e pelo gozo do conhecimento da imortalidade — possam ser evitadas passando indiferentemente, ou adiando o começo da viagem. Todos nascem na base do Monte Utilidade. Quase todos sobem a esta experiência fundamental,— frequentam este primeiro departamento na escola da vida,— mas quem tenta a ascensão do Monte Justiça?

As línguas, literaturas e religiões dos homens, de era em era, estão inundadas de descrições e exemplos de retidão. A alma justa! Onde a iremos procurar? Há naturezas justas, eu sei,— pessoas que, por meio de vontade e grande diligência, subiram as alturas sublimes da integridade,— videntes e amantes e praticantes da Justiça,— mas, ai, quão poucos!

Mas encontremo-los; e, ao observar a sua fraqueza e timidez, pergunto: “Subistes vós a montanha áspera do Poder?” Ai de nós! graduaram-se na classe primária da Utilidade; trazem as insígnias da Justiça espiritual nas suas couraças de retidão,— mas, faltando-lhes Poder para dar corpo e expressão prática, têm de recuar para as fileiras do subdesenvolvimento. Ó desespero destes desiludidos! esperavam herdar a fortuna do Poder sem esforço.

Na constituição infinita das coisas — que é a vestidura do Amor, da Vontade e da Sabedoria infinitos — encontramos mentes naturalmente potenciais. Nasceram sobre ou perto do cume do Monte Poder. Os seus pais foram montanheses espirituais, mas os seus avós nunca ascenderam acima das habitações do urzal. E, no entanto, embora nascidos muito alto, entre os picos elevados do Poder, estes audazes saqueadores e heróis de batalha caem muitas vezes muito abaixo do padrão da hombridade, porque lhes faltam experiências que só se obtêm por uma peregrinação às elevações anteriores, conhecidas do leitor como Montes Utilidade e Justiça.

Muito se poderia escrever acerca das leis e condições destas jornadas psíquicas; contudo, o que foi dito nas páginas anteriores considera-se suficiente para proveito e instrução. Homens de Utilidade! homens de Justiça! homens de Poder! Mas que dizer de uma alma rica nestes três princípios primordiais e, todavia, tão pobre como um deserto naquela influência gloriosíssima, perfeitíssima,

inspiradora, controladora e celeste, que só se pode obter ascendendo e habitando no Monte Beleza?

Sem este princípio na tua vida, sentimentos, pensamentos, hábitos, vestuário, maneiras, carácter,— sem a presença da Beleza em tudo e através de tudo,— a tua Utilidade, a tua Justiça e o teu Poder são como espinhos em comparação com flores, como quartzo em comparação com diamantes, como a fria luz elétrica da lua em comparação com os esplendores aurorais e a fulguração do meio-dia do sol eterno.

Da constituição da harmonia infinita, todos os elementos do Amor e todos os princípios da Sabedoria se manifestam plenamente; e Vontade é o nome da força-pivô — o meio central — da sua manifestação externa.

Vede quão belo é tudo! A formosura desdobra-se de uma formosura mais profunda; o belo revela-se a partir de uma fonte de Beleza. A esfera da Beleza é a esfera divina,— isto é, o equilíbrio simétrico, impregnado e palpitante de, e exalando, um espírito de doçura e formosura indescritíveis. Isto é uma manifestação de Beleza,— ou, em frase mais breve, um equilíbrio perfeito é perfeitamente belo.

A Justiça é paridade,— um lado tão pesado como o outro,— a balança de opostos, um equilíbrio; mas a Beleza é uma esfera, o abraço de duas partes de um todo harmonioso,— a interpenetração e a mistura harmoniosa de hemisférios. Assim, as belezas da terra são manifestações incipientes dos equilíbrios do céu.

Contempla o Monte Beleza, ó leitor fiel, como repousarias e adorarias o seio de Deus! Os seus princípios, prazeres e bem-aventuranças excedem toda a fala humana. Perfeitamente unidos uns aos outros, e mutuamente afetuosos e dignos de confiança, são todos os que absorvem e habitam no Monte Beleza.

Na Terra do Verão há uma sociedade,— uma grande federação de fraternidades consorciadas,— que, como uma só alma, corresponde e preside ao Monte sobre o qual fixaste o teu coração e habitação. Onde estás? Responde a ti mesmo, e darás a exata denominação das pessoas celestes que te correspondem e cooperam contigo.

Nos montes psíquicos, os Diakka nunca aparecem. Descendem às terras baixas da vida social,— às depressões, labirintos escuros, ravinas sem sol,— às cozinhas de cave e pocilgas dos hábitos humanos. Ficarão enquanto o teu estado for um convite.

Sobe, meu leitor! procura a altura ensolarada de qualquer um dos seis montes da Sabedoria, e os teus inimigos deixar-te-ão. Escuta-os enquanto piavam e uivam,— sorri para eles enquanto rosnam e discutem o teu avanço,— mas, ó alma

sábia, não voltes atrás para contender com os teus adversários. Olha em frente e ergue os olhos para o céu, pois nessa direção está o belo Monte Beleza.

E desta vida alta de perfeição, enquanto sentes a beleza da vida, começarás a discernir a elevação transcendente de todos os êxtases psíquicos, chamada Monte Aspiração.

O Fim a realizar é primeiro sentido pelo Amor; depois é visto pela Sabedoria; por fim é concretizado pela Vontade. Donde se demonstra que o Fim envolve tanto o sistema de Causas como o sistema de Efeitos. A Grande Primeira Causa, conseqüentemente, é Amor, que amorosamente procura um Fim.

Na nossa esfera humana de pensamento, o fim do estupendo universéculo é a individualização do espírito. As fontes de amor do Coração infinito desejaram algo para amar,— belos objetos de solicitude,— criancinhas para acalantar, descendência à sua própria imagem e semelhança. Aqui, portanto, estamos nós! Nós, os filhos do Coração infinito!

A vida está apenas a despontar para cada um de nós. Não há idade no espírito. Quanto mais espiritual, mais juvenil. Matéria e movimento envelhecem,— cansados, rígidos, feios, decrépitos, doentes, doridos; e anseiam por remédio e descanso, ou procuram aniquilação.

O Amor é a Causa de todos os Efeitos. E nós (como todos os espíritos e todos os anjos, que outrora foram mulheres e homens e nasceram nalgum planeta no espaço) somos os Fins do Amor.

O Monte Harmonia, quando tivermos subido as suas alturas celestes, revelará as inefáveis perfeições do Universo. Os homens veem hoje muito tenuemente a harmonicidade e a beleza divina das coisas; porque são surdos, mudos e cegos a tudo quanto está para além do vale onde se estabeleceram.

Sendo o Amor a Causa da nossa existência, e a Sabedoria e a Vontade a flor e a força, segue-se que o Fim, chamado Harmonia, só é possível por e através do Amor, como último termo de todos os Usos, Causas e Efeitos. A perpetuidade de qualquer fraternidade religiosa, a continuação bem-sucedida de qualquer associação espiritual, as prosperidades internas de qualquer combinação de crentes e cooperadores, dependem da perfeição e da plenitude do Amor que cada um acalenta pelos altos fins e propósitos da instituição.

“Amai-vos uns aos outros” não é suficiente. “Amai a Deus!” é um mandamento superior, se por “Deus” se entende o mais alto BEM da verdade, o mais alto BEM da justiça, o mais alto BEM do amor e o mais alto BEM da Humanidade.

Uma **Dispensação Harmónica** está a bater à porta.
Os anjos das fraternidades celestes proclamaram há muito a sua vinda,— “Glória a Deus nas alturas! Paz na terra! Amor universal! Boa vontade ilimitada para a raça humana!”

Leitor amado! por que não te levantas, abres de par em par a porta e acolhes o visitante?

Deixa-me dizer-te por que não o fazes.
Porque não vem à tua porta vestido com trajes da moda.
Porque insiste em reformas nas tuas opiniões pessoais e nos teus hábitos de sentir.
Porque não compreendes o pleno significado das suas três grandes palavras,—
Amor, Sabedoria, Liberdade.

Por “liberdade” entendes algo barato e de pouca importância, como a liberdade de imprensa e de expressão, o direito de ir e vir, a liberdade de comer e beber o que te apraz. Mas a conceção espiritual de **Liberdade** é o direito do indivíduo à vida mais livre e plena da sua própria vida, desde que a sua individualidade e as suas atividades não invadam os direitos e as liberdades correspondentes dos seus semelhantes; por outras palavras, a Liberdade é o Fim procurado pelo Amor desinteressado, por meio da Sabedoria divina.

Sem Amor perfeito, como Causa, não pode ser alcançado tal Fim como a “liberdade” espiritual. A ausência do Amor é o começo da servidão; a presença do Amor é o fundamento da liberdade; enquanto a Sabedoria, com ordem divina, desdobra as leis e condições adaptadas à realização dos mais altos Fins.

A Harmonia social é efeito da Harmonia individual.
A Harmonia individual é efeito do crescimento do espírito em Amor, Sabedoria e Liberdade.

Leitor amado, como companheiro de viagem nesta estrada real, apelo a ti. Aponto a mim mesmo o meu dever nesta marcha progressiva ao longo da via régia; e a ti também aponto um dever fundamental. Acabo de dizer que “a Harmonia individual é efeito do crescimento do espírito em Amor, Sabedoria e Liberdade.” Tu, caro leitor, deves promover o desenvolvimento deles em mim, e eu devo promover o desenvolvimento deles em ti. Este dever é justo, recíproco e prático.

Não tens o direito de colocar tropeços e espinhos no meu caminho para o Monte Harmonia; eu não tenho o direito de impedir o teu avanço, nem o direito de te deter, se desejas subir em frente e para cima. Mas lembra-te: eu vi o caminho, e a tua visão pode não ter sido tão longe aberta; percorri e atravessei esta estrada real. Tu podes ser um estranho nestes vales e montes psíquicos. Não deves arrogar-te a capacidade de dar instruções acerca de um caminho que desconheces.

Pessoas supraterestrres batizaram-me e deram-me um novo nome. Sou conhecido por elas neste batismo; e muitas vezes ouvi as suas vozes de acolhimento. O meu novo nome desce mais doce do que o canto do rouxinol ou do pardal, e dentro dele ouço um convite.

Portanto, amado, continuarei a minha jornada ascendente e celeste. Do vale das sombras sairei para os férteis campos de colheita da luz. Se te opuseres aos meus direitos individuais, se te aliares a outros para ditar os meus métodos pessoais, cedo serás visitado pela pena que traz consigo a separação dos nossos interesses mais profundos e ternos; e, por outro lado, se eu me opuser aos teus direitos individuais e te atacar nos teus métodos pessoais, também sentirei a pena, acompanhada de antagonismos vindos dos teus pensamentos mais elevados e dos teus sentimentos mais escolhidos.

Mas, amado, contigo ou sem ti, sou chamado pelo meu novo nome, e por isso não posso demorar-me mais, nem regressar aos velhos caminhos que deixei atrás de mim.

Se ambos amarmos profundamente “Deus”, seguir-se-á que também amaremos profundamente “uns aos outros”; e imediatamente o banquete será preparado, os convidados chamados; e as próprias águas frias serão instantaneamente transformadas nos vinhos sublimes da vida eterna.

Amando primeiro Deus [o Bem Perfeito] e, assim, amando-nos uns aos outros, em espírito e em verdade, veremos imediatamente o belo caminho que conduz para fora das discórdias terrestres às alturas povoadas de anjos do Monte Harmonia. Aí, amado, caminharemos juntos, lado a lado, com a felicidade do amor harmónico a florescer nos nossos corações.

Uma vez mais, com amor reverente e liberdade ilimitada a elevar e expandir a minha alma, volto o meu rosto para as terras altas da verdade impessoal. Para além do vale, o céu é um mar infinito de luz dourada; as suas profundezas e alturas insondáveis estão revestidas de todos os esplendores prismáticos; e a “estrela do meu destino”, com o seu brilho imutável, resplandece amorosamente sobre o Monte celeste.

Acompanhar-me-ás?

Tenho de avançar,— contigo ou sem ti. O meu rumo está fixado. O Cajado Mágico nunca está fora do meu alcance. A sua luz celeste continua a arder, a brilhar e a fulgir, e o seu resplendor ilumina os mais escuros labirintos da minha vida psíquica.

“Sob todas as circunstâncias, conserva uma mente equilibrada!”

Antes de depor a minha obediente pena e como saudação de despedida ao meu amado leitor, permiti-me registar o que agora vejo: contemplo as nuvens da

ignorância e da superstição a afastarem-se à medida que o céu mental do mundo se ilumina com o sol nascente da sabedoria e do conhecimento; contemplo que os habitantes celestes visitam com maior frequência os habitantes da Terra; e contemplo o despontar de um dia mais belo para toda a humanidade.